UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA DE LOURDES LEAL DOS SANTOS

**Docência e memória: elos da formação humanista das Faculdades Integradas
Santo Tomás de Aquino (1960- 1980), em Uberaba, MG.**

SÃO PAULO

2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA DE LOURDES LEAL DOS SANTOS

**Docência e memória: elos da formação humanista das Faculdades
Integradas Santo Tomás de Aquino (1960- 1980), em Uberaba, MG.**

Versão Corrigida

Tese apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo como parte dos requisitos
para obtenção do título de Doutora em Educação
Área de concentração: História da Educação
Orientadora: Prof^a Dr^a Denice Barbara Catani

SÃO PAULO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo (a) autor (a)
Bibliotecária da FE/USP: Nicolly Soares Leite - CRB-8/8204

SS194d
2020d

Santos, Maria de Lourdes Leal dos
Docência e memória: elos da formação humanista
das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino
(1960/1980), em Uberaba, Minas Gerais. / Maria de
Lourdes Leal dos Santos; orientadora Dr^a Denice
Barbara Catani. -- São Paulo, 2020.
288 p.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação
Cultura, Filosofia e História da Educação) --
Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo,
2020.

1. Formação docente humanista. 2. Memória e
história da educação. 3. FISTA: concepção
antropológica do currículo. 4. Carisma dominicano. 5.
Teoria sociológica de Bourdieu e o estudo reflexivo.
I. Catani, Dr^a Denice Barbara, orient. II. Título.

2020

Maria de Lourdes Leal dos Santos

Docência e memória: elos da formação humanista das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino (1960- 1980), em Uberaba, MG.

Tese apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo como parte dos requisitos
para obtenção do título de Doutora em Educação

Área de concentração: História da Educação

Orientadora: Prof^a Dr^a Denice Barbara Catani

Aprovada em 03 de novembro de 2020

Banca Examinadora

Prof. Dr^a Denice Barbara Catani (Orientadora) _____

Instituição: FEUSP - Prof. Dr^a Ana Laura Godinho Lima. Assinatura: _____

Instituição: PUC-SP – Prof. Dr. André L. Boccato de Almeida: Assinatura: _____

Instituição: UFU –Prof. Dr. Décio Gatti Júnior - Assinatura: _____

Instituição: UFU -Prof. Dr. Geraldo Inácio Filho. Assinatura: _____

Instituição: FEUSP - Prof. Dr^a Juliana de Souza Silva. Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Gratidão!

Eis o sentimento que perpassa toda a caminhada na realização de mais um sonho que foi possível com a presença, apoio, incentivo e comprometimento de vários atores.

Agradeço a Deus pelas inúmeras oportunidades de compartilhar valores e saberes, buscando sempre a Verdade, motivada em especial, pelo testemunho de vida de meus pais, Cota e Biluco (in memoriam) que sempre vivenciaram as raízes e legado da Família Leal.

À Prof. Dr^a Denice Barbara Catani por sua competência, seriedade acadêmica, disponibilidade, compreensão de minhas limitações e incentivo que possibilitaram novos olhares e luzes no campo da pesquisa. Sou privilegiada de tê-la como orientadora.

Às Irmãs Dominicanas da Congregação de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, em especial a comunidade de São Paulo, minha eterna gratidão, pelo incentivo, apoio logístico, hospitalidade e acolhida, sem os quais seriam impossíveis as idas e vindas a USP durante estes quatro anos.

Aos meus filhos, Camila e Guilherme pela presença amorosa em diferentes momentos que tornou a trajetória leve e significativa, a quem deixo um testemunho: não desistam nunca de seus sonhos.

À Coordenação Nacional da Fraternidade Leiga Dominicana, às Irmãs Dominicanas da Congregação de Santa Catarina de Sena pelo incentivo e apoio nas pesquisas e congressos realizados em Fátima e Lisboa, Portugal.

Aos funcionários e colaboradores do Museu da Capela e CETA, em especial a Carina, Marisa e Déborah que não mediram esforços em disponibilizar os acervos nestes espaços dominicanos.

Aos docentes e colaboradores da Pós-Graduação da FEUSP (Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo) pelas contribuições ao longo desses anos.

Aos membros da banca de qualificação, em especial ao Prof. Dr. Décio Gatti, que de forma significativa sinalizaram os percursos e aprofundamento dos saberes e práticas da investigação: gratidão e carinho.

Às minhas amigas uberabenses, sem nomeá-las, porque são muito especiais, sempre torcendo e rezando para que o Espírito Santo me iluminasse e protegesse nas estradas do saber... “*Tudo vale a pena, quando a alma não é pequena*” Fernando Pessoa

RESUMO

SANTOS, Maria de Lourdes Leal dos Santos. **Docência e memória: elos da formação humanista das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino (1960- 1980), em Uberaba, MG.** Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2020, 288 p.

Esta pesquisa tem por objetivo compreender e analisar as concepções e práticas predominantes na história da formação docente humanista das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino, FISTA, de Uberaba, Minas Gerais, única instituição confessional de ensino superior no Brasil, criada e administrada pelas Irmãs Dominicanas, da Congregação Nossa Senhora do Rosário de Monteils, com origem na França. As concepções de homem, de sociedade, de mundo e educação eram evidenciadas no currículo humanista em que o estudo reflexivo e a prática pensada já se colocavam como princípios fundamentais. Quais eram os sujeitos? Quais os valores que permearam a prática institucional da FISTA? O que era feito em relação à formação docente universitária? Por que se fazia? Quais as formas de condução das práticas num movimento que traduzia (singular movimento) as relações de saber e poder? Nessa perspectiva, os depoimentos foram fundamentais e reveladores de uma memória coletiva, com aspectos significativos dos campos social, econômico e cultural. Os relatos autobiográficos provocaram inquietações sobre a memória, as representações de docência, *habitus* e valores assumidos pelos ex-alunos e ex-professores da FISTA na construção de suas identidades profissionais. À luz da teoria sociológica de Bourdieu apreendemos conceitos como *habitus*, prática, estratégia, campo, capital cultural, violência simbólica e reprodução social que ampliaram a análise das práticas e saberes vivenciados pelos egressos, assim como da história da Igreja, do ensino superior, da ditadura militar no recorte temporal de 1960 a 1980. Acredita-se que este estudo possa contribuir com uma concepção antropológica de currículo em que o conhecimento, o saber e a cultura tendem essencialmente a humanizar as relações entre os sujeitos. As instituições escolares inserem-se no campo que não as deixam perdidas no tempo ou espaço. Constituem fontes de pesquisa por meio das histórias conectadas, do diálogo entre as culturas, saberes, interdependências, avanços e desafios que ligam o passado ao presente.

Palavras-chave: Formação docente humanista, FISTA, memória

ABSTRACT

SANTOS, Maria de Lourdes Leal dos Santos. **Teaching and memory: links in the humanist education of Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino (1960- 1980) in Uberaba, MG.** Doctoral thesis. São Paulo: Faculty of Education, University of São Paulo, 2020, 288 p.

This research aims to understand and analyze the prevailing conceptions and practices in the history of humanist teaching formation of the Saint Tomás the Aquino Integrated Faculties, FISTA, of Uberaba, Minas Gerais, the only confessional institution of higher education in Brazil, created and administered by the Dominican Sisters, from the Congregation of Our Lady of the Rosary of Monteils, originating in France. The conceptions of man, society, world and education were evidenced in the humanist curriculum in which reflective study and thought practice were already placed as fundamental principles. What were the subjects? What values permeated FISTA's institutional practice? What was done about university teacher education? Why was it done? What are the ways of conducting practices in a singular movement that translated the relations of knowledge and power? In this perspective, the statements were fundamental and revealing a collective memory, with significant aspects of the social, economic and cultural fields. The autobiographical reports provoked concerns about the memory, the representations of teaching, habitus and values assumed by FISTA's students and teachers in the construction of their professional identities. In the light of Bourdieu's sociological theory, we grasp concepts such as habitus, practice, strategy, field, cultural capital, symbolic violence and social reproduction that broadened the analysis of the practices and knowledge experienced by the graduates, as well as the history of the Church, higher education, military dictatorship in the time frame from 1960 to 1980. It is believed that this study can contribute to an anthropological conception of curriculum in which knowledge, knowledge and culture tend to essentially humanize the relations between the subjects. School institutions are inserted in the field that do not leave them lost in time or space. They are sources of research through connected stories, dialogue between cultures, knowledge, interdependencies, advances and challenges that link the past to the present.

Key words: Humanist teaching formation, FISTA, memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Aula inaugural da FAFI, em 07 de março de 1949, ministrada por Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, bispo diocesano de Uberaba e membro fundador da instituição.

Figura 02 - Publicação do Jornal “ *O Diário*” de Belo Horizonte, 18/05/1957.

Figura 03 – Missa Inaugural da FISTA em março de 1949, em destaque: Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, Madre Maria Ângela da Eucaristia, Irmão Lourenço Esteves, Ir. Maria Virginita, Ir. Maria Loreto Gebrim e vários irmãos maristas

Figura 04 - Madre Georgina durante seu curso na Universidade de Coimbra, em 1965. Dia do julgamento dos frades dominicanos: da esquerda para a direita: Frei Fernando Brito, Frei Betto, Frei Ivo e Frei Tito Alencar. Acervo das Irmãs Dominicanas de Monteils.

Figura 05 - Vista parcial da entrada da FISTA

Figura 06- Alunas internas da FISTA (1968) com a diretora Madre Maria Georgina e ao centro (de óculos) Irmã Regina Lúcia Fuzisaka.

Figura 7 - Momento do julgamento (1969) dos frades dominicanos: da esquerda para a direita: Frei Fernando Brito, Frei Betto, Frei Ivo e Frei Tito Alencar. Acervo Particular das Irmãs Dominicanas de Monteils.

Figura 8 – Livro organizado por Frei Betto: Diário de Fernando

Figura 9 – Registros de Ir. Loreto referente a seu trabalho de organização do Museu, 2015

Figura 10- Acervo de rochas e minerais - Ir. Loreto, no Museu da Capela

Figura 11 - Ir. Loreto, Pierre Deffontaines e Ir. Virginita numa das excursões do XVIII Congresso Internacional da União Geográfica. – Acervo particular de Irmã Loreto

Figura 12- Alunos em visita ao Museu observam a exposição geomorfológica de Irmã Loreto

Figura 13: Museu da Capela – Colégio Nossa Senhora das Dores

Figura 14 - Amostra dos animais em taxidermia do Museu da Capela – CNSD

Figura 15- Etiqueta dos animais em taxidermia, origem D’Emile Deyrolle- Paris

Figura 16 – Material didático de Irmã Loreto: confeccionado por ela. – Museu CNSD

Figura 17 - Material pedagógico de uso diário de Irmã Loreto – Museu da Capela

Figura 18 - Irmã Loreto na sala de aula, na década de 70

Figura 19 – Irmã Loreto ministrando aulas em 1968

Figura 20 – Biblioteca da FISTA- A bibliotecária, postulante, na catalogação dos livros.

Figura 21 – Quadro da Turma de 1968 - Única formanda de Filosofia: Elsie Barbosa

Figura 22 – Convite da peça “Morte e Vida Severina” encenada em 21 de novembro de 1975, na “Noite da Poesia Brasileira da Modernidade”, pelos alunos do Curso de Letras.

Figura 23 – Artigo publicado em A Gazeta, de São Paulo, em 15/05/1959, relativo ao Curso de Jornalismo da FISTA.

Figura 24 - Fachada da entrada do Externato São José, localizado ao lado do CNSD.

Figura 25 – Alunas do Externato São José na década de 60 - Momento do lanche

Figura 26 – Alunas do Externato São José – educandário gratuito que acolhia às filhas de trabalhadores rurais e urbanos. Várias, estudaram posteriormente na FISTA, como bolsistas.

Figura 27 – Capa do primeiro volume da Revista “Série Estudos”

Figura 28- Irmãs de Coro em estudo durante o noviciado - 1957

Figura 29 - Convite de formatura da turma- 1953

Figura 30 - Relação das alunas Formandas: 1ª turma:1949-1953

Figura 31- Grupo de alunos em círculos de estudo na Biblioteca da FISTA- 1968

Figura 32– Turmas de 1973, em estudo na Biblioteca da FISTA

LISTAS DE TABELAS

Tabela 01– Histórico de Leis e Decretos de autorização para funcionamento e de reconhecimento da instituição FAFI/FISTA

Tabela 02- Teses e dissertações defendidas no Brasil – 1997-2016, na área da Educação, em Universidades Públicas e Privadas

Tabela 03- Número de dissertações e teses sobre formação de professores – 1990 /1996 – ANPED

Tabela 04 - Autores de concepções de pesquisa formação referenciados nos trabalhos de ANPED de 2003 a 2007.

Tabela 05 - Distribuição das funções acadêmicas das religiosas em 1976

Tabela 06 - Autores de concepções de pesquisa formação referenciados nos trabalhos de ANPED de 2003 a 2007.

Tabela 07 - Os principais colaboradores da “Série Estudos”, de 1972 a 1986

Tabela 08 – Os principais colaboradores da “Série Estudos”, de 1972 a 1986

Tabela 09- Conselho de Redação. Periódico: “Série Estudos”

Tabela 10- Núcleo Central de Colaboradores da “Série Estudos”

Tabela 11– Temática das publicações - “Série Estudos”

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1. AC- Ação Católica
2. ALN – Ação Libertadora Nacional
3. ANPED- Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa
4. CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
5. CELAM- Conferência Episcopal Latina Americana
6. CENIMAR- Centro de Informação da Marinha
7. CETA – Centro de Espiritualidade Tomás de Aquino
8. CIMI- Conselho Indigenista Missionário
9. CNBB- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
10. CNSD – Colégio Nossa Senhora das Dores
11. DOPS- Departamento de Ordem Política e Social
12. ELN- Exército de Libertação Nacional
13. FAFI: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino
14. FISTA: Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino
15. ISTA- Instituto Santo Tomás de Aquino
16. JAC- Juventude Agrária Católica
17. JEC- Juventude Estudantil Católica
18. JOC- Juventude Operária Católica
19. JUC- Juventude Universitária Católica
20. OP – Ordem dos Pregadores
21. PUC – Pontifícia Universidade Católica
22. SNI – Serviço Nacional de Informação
23. UFMG- Universidade Federal de Minas Gerais
24. UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro
25. UFU – Universidade Federal de Uberlândia
26. UNICAMP – Universidade de Campinas
27. UNIT – Universidade Integrada do Triângulo
28. USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I: MEMÓRIA, HISTÓRIA E FORMAÇÃO DOCENTE	

HUMANISTA DOS EGRESSOS DA FISTA À LUZ DA HISTÓRIA DA IGREJA	36
1.1- Sombras e luzes na formação docente universitária a partir do Vaticano II	47
1.1.1- A Igreja na era dos populismos (1930-1959)	47
1.1.2- Renovação da Igreja sob o signo de Medellín (1959-1972)	49
1.1.3- A Igreja e os regimes de Segurança Nacional (1972-1984)	57
CAPÍTULO II: HISTÓRIAS CONECTADAS: ELOS DE TRANSFORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SABERES E PRÁTICAS ENTRE OS EGRESSOS DA FISTA	
2.1- Curso de Altos Estudos Geográficos: essencialmente de Estudos Comparativos, além-fronteiras	86
2.2- Pierre Deffontaines, mediador de saberes e relações!	88
2.3- Fundação Rockefeller: Cooperação Internacional	91
2.4- Museus pedagógicos e escolares: espaços de difusão dos saberes na FISTA.	95
2.5- A pedagogia do olhar presente nos museus escolares	97
2.6- A difusão dos saberes e os museus escolares	103
2.7- O “museu da capela”, espaço de construção do conhecimento.....	110
CAPÍTULO III: A CULTURA E A CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO DOCENTE HUMANISTA DAS FACULDADES INTEGRADAS SANTO TOMÁS DE AQUINO	118
3.1- Luzes na formação docente humanista	121
3.2- Revista “Série Estudos”: marco referencial na formação docente da FISTA	143
3.2.1 – Memória e formação docente universitária	143
3.2.2 - Considerações sobre as relações de forças vigentes	146
3.3 - O ciclo de vida da revista “Série Estudos”	148
CAPÍTULO IV - PERSPECTIVAS DA FORMAÇÃO DOCENTE HUMANISTA À LUZ DA PRESENÇA FEMININA NO CAMPO EDUCACIONAL	165
4.1- A percepção da identidade feminina nas instituições religiosas e na construção do “ser sujeito”.....	
4.2- Memória da vida intelectual de mulheres negras no âmbito da FISTA	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	187
REFERÊNCIAS	200
APÊNDICE	
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

A história das instituições escolares é construída com a presença de sujeitos sociais que empreendem uma prática em um tempo e espaço sociais. As instituições permanecem ou não, a partir das relações com as pessoas, com os valores que perpetuam, com o conhecimento que é construído de acordo com suas concepções de homem, de mundo e de sociedade. A FISTA, Faculdades Integradas ‘Santo Tomás de Aquino’, de Uberaba, Minas Gerais, foi a única instituição confessional de ensino superior no Brasil, criada e administrada pelas Irmãs Dominicanas, da Congregação Nossa Senhora do Rosário de Monteils, com origem na França. Iniciou suas atividades acadêmicas em 1948, denominada FAFI- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, com três cursos: Filosofia, Geografia e Letras Clássicas, com 23 alunos efetivamente matriculados. Com o decreto nº 26.044 de 17 de dezembro, publicado no Diário Oficial em 28 de janeiro de 1949, assinado pelo General Eurico Gaspar Dutra, foi aprovado o funcionamento da instituição. No dia 08 de março de 1949, iniciam-se as aulas nas salas de aulas cedidas pelo Colégio Nossa Senhora das Dores.

Figura 1-Aula inaugural da FAFI, em 07 de março de 1949, ministrada por Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, bispo diocesano de Uberaba e membro fundador da instituição.

Fonte: Acervo do Museu da Capela do CNSD.

Os primeiros professores foram: Dr. José Mendonça, Prof. Santino Gomes de Matos, Monsenhor Juvenal Arduini, Padre Prata, Padre Eddie Bernardes, Irmã Maria do Precioso Sangue, Frei Baio Muno Cintra, Irmã Virginita, Irmã Loreto Gebrim, Irmã Laura Chaer, Irmã Zeny e Irmã Heloisa Seixas Leite. De acordo com as atas de memória da instituição, registra-se que, para organização do espaço acadêmico de qualidade, as gestoras realizaram um trabalho junto ao Instituto Nacional do Livro, às Editoras, às Livrarias, Embaixadas e Consulados para o acervo da Biblioteca. Várias Secretarias Estaduais de Educação e Cultura, Embaixadas da Austrália, Japão, Canadá, Holanda e Itália encaminharam filmes. Foram doadas várias obras literárias, culturais, mapas, bandeiras, fotografias, bonecos vestidos a caráter, quadros típicos, objetos folclóricos, hinos, artesanatos, obras de arte, partituras musicais, escudos e outros. Esses materiais foram organizados em salas ambientes, laboratórios e na Biblioteca. Em 1951, com o Decreto Lei 30.344 os cursos foram reconhecidos e consequentemente a expansão da obra demandou uma sede própria. Em 15 de novembro de 1956 foi lançada a pedra fundamental em terreno doado pela família Barbassa. Em 07 de março de 1961, instalou-se em sua sede definitiva, concretizando sua consolidação, adequando o nome para FISTA. Em 1973, eram 1.175 alunos presentes nas unidades integradas de ensino e pesquisa dos Institutos de Filosofia e Ciências Humanas, Instituto de Letras, Instituto de Ciências, Faculdade de Educação e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, de acordo com seu Regimento Integrado.

Um dos documentos que nos chamou atenção foi o Parecer nº82, do Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Comissão do Ensino Superior, datado em 26 de março de 1951, com os relatórios do Inspetor Federal Dr. Jorge A. Frange referentes aos 1º e 2º períodos letivos de 1949 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberaba. Ressaltavam que os cursos autorizados cumpriram integralmente os programas, os alunos eram frequentes com “*entusiasmo e dedicação*”. Em cada semestre os alunos apresentavam um trabalho prático sobre um assunto escolhido ou proposto. Os temas debatidos nos seminários foram: “Conhecimento Científico” o “Inteligível”, o “CEU”, “A História entre as Ciências”, “Arte Grega”, “Crítica Literária e Épicos Brasileiros”. Destacaram também as excursões feitas às Grutas de Palhares e às Termas de Araxá, “*exigindo-se relatórios dos alunos sobre estas úteis iniciativas.*” Outro aspecto relevante foi a questão da gratuidade no primeiro ano de funcionamento, visto que a educação de ensino superior tinha a finalidade de reunir a elite cultural e social de Uberaba. O parecer informava que a Faculdade concedeu 05 matrículas gratuitas no Curso de Filosofia, 02

no Curso de Geografia e 04 no curso de Línguas Clássicas “ o que faz 62% dos matriculados em Filosofia, 17% no de Geografia e 43% no Curso de Línguas Clássicas. ” Ao finalizar o parecer registrou-se: “ Em conclusão, só merece elogios o funcionamento desta Faculdade de Filosofia em seu primeiro ano de funcionamento. Oxalá as outras Faculdades do país consigam imitar seus proveitosos exemplos. ” (DIÁRIO OFICIAL, 26/03/51, Processo nº 74.328/49)

A FISTA foi uma instituição confessional que representou inúmeras conquistas para o Triângulo Mineiro e para diversas regiões considerando sua filosofia de educação, seu corpo docente qualificado e sua formação humanista, com repercussão até os dias de hoje. É um marco referencial na história da educação brasileira. Constatase o pioneirismo das Irmãs Dominicanas, pois a primeira universidade particular reconhecida no Brasil foi a Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 15 de janeiro de 1946, destinada a ser um Centro Nacional de Cultura Católica. É importante assinalar, na trajetória da educação católica no Brasil, a instalação, no final de 1945, da Associação de Educação Católica do Brasil (AEC), pois anteriormente as escolas católicas não contavam com uma entidade de âmbito nacional que as congregasse.

Tabela 01- Histórico de Leis e Decretos de autorização para funcionamento e de reconhecimento da instituição FAFI/FISTA:

	ANOS	CURSOS	DECRETOS
Decretos e Leis de Autorização para Funcionamento:	1948	Filosofia, Geografia, Letras Clássicas, Neolatinas e Anglo-germânicas.	Decreto Nº 26.044 de 17/12/1948.
	1949	Pedagogia	Parecer nº 309/49, Decreto nº27.280 de 30/09/1949.
	1951	Didática	Decreto
	1957	Matemática, Física, Química, História Natural, Ciências Sociais e Jornalismo.	Decreto nº 41.212 de 27/03/1957.
Reconhecimento	1951	Filosofia, Pedagogia, Letras Clássicas, Letras Neolatinas, Letras Anglo-germânicas	Decreto nº 30.344 de 26/12/1951

	1953	Didática	Decreto nº 34.393 de 27/10/1953
	1961	Matemática, Física, Química, História Natural e Jornalismo	Decreto nº 50.163 de 1961.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir de documentos oficiais.

Em 1957, a imprensa mineira de Belo Horizonte, publicou no jornal “*O Diário*”, na seção Educação e Ensino, em 18 de maio de 1957, artigo onde registrou o pioneirismo da FISTA pela autorização de funcionamento do curso de Jornalismo. Ressaltaram que a Capital de Minas aguardava idêntica autorização: “*Todos os papéis e requerimentos foram encaminhados há meses ao Ministério da Educação. No entanto, parece que Belo Horizonte terá de esperar mais algum tempo, em face dos complicados mistérios burocráticos.*” (O DIÁRIO, 18/05/1957)

Figura 02: Publicação do Jornal “O Diário” de Belo Horizonte, 18/05/1957.

Fonte: Arquivo particular de Irmã Glycia Maria Barbosa

Vale ressaltar que de 1948 a 1956 houve a criação da União Católica das Enfermeiras do Brasil (UCEB) como estratégia de luta das enfermeiras católicas, possibilitando o aumento expressivo de Escolas de Enfermagem vinculadas às congregações religiosas. Seus objetivos eram difundir os preceitos católicos, bem como inculcar o *habitus* religioso na prática da enfermagem, numa perspectiva humanista. (GOMES, 2005). Em Uberaba, a Congregação das Irmãs Dominicanas de Monteils,

fundou a Escola de Enfermagem Frei Eugênio, em 30 de maio de 1948. Contaram com o apoio do bispo local, Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, auxiliado pelas Irmãs Maria Ângela da Eucaristia (primeira diretora da FISTA), Irmã Maria Angélica, Irmã Alzira Lopes Barros, enfermeira diplomada que assumiu a direção da Escola, com a Irmã Maria Adelaide Silva e da Diretora da Escola Ana Nery, do Rio de Janeiro, Dr^a Waleska Paixão. De 1948 a 1955 funcionou no prédio da Santa Casa de Misericórdia. Em 19 de março de 1956 instala-se em sede própria, construída por Madre Angelina Rezende. Ela, como diretora, criou em 1955, o curso de graduação de nível universitário com duração de três anos, reconhecido pelo Governo Federal – Decreto 41.466, em 07/05/1957. Ao término do curso, o aluno tinha a oportunidade de realizar um ano de especialização, sendo algumas disciplinas ministradas por professores da FISTA, habilitados com formação docente em outros países, como Irmã Nívea Padim, Ir. Loreto Gebrim e Irmã Maria Georgina Santos.

O curso funcionou no período de 1948 a 1966, com os critérios legais da Reforma do Ensino Superior de 1962, formando 16 turmas de enfermeiras, totalizando 100 (cem) concluintes. Em janeiro 1967, o curso de graduação foi suspenso por tempo indeterminado, em virtude do número reduzido de alunas. A Escola permaneceu com o Curso de Auxiliar de Enfermagem que funcionava desde 1955 a 1970 formando 14 turmas de Auxiliares, num total de 157 concluintes.

Em março de 1970, foi criado o Curso Colegial Técnico de Enfermagem- 2º grau, com a duração de 03 anos, reconhecido e autorizado pelo Conselho Federal de Educação. Durante sua atuação de 1970 a 1980 formou 09 turmas de Técnicos de Enfermagem, totalizando 171 concluintes. A Escola de Enfermagem “Frei Eugênio” formou aproximadamente 500 profissionais que estão espalhados por todo o Brasil. O depoimento de uma ex-aluna registrado nos documentos oficiais da Congregação demonstra a memória institucional; assim como o poder da simbologia expresso pela lembrança, pelo reconhecimento dos valores presentes na formação humanista e na profissionalização dos membros egressos:

Na Escola de Enfermagem “Frei Eugênio” recebemos lições de vida, oriundas da fonte do amor para nosso enriquecimento espiritual. Ela foi o nosso melhor aprendizado, não só profissional, mas para nossa experiência como um todo. Daqui saímos para o exercício pleno da profissão, nos mais diversos rincões desse querido país. E o que sei é que as ex-alunas do “Frei Eugênio”,

discípulas das Dominicanas, exercem com brilho e dignidade cristã, essa missão de servir, onde quer que estejam
. (1997, p.16)

Pode-se inferir a existência de aspectos comuns na criação e consolidação da FISTA e na Escola de Enfermagem “Frei Eugênio”, num contexto histórico e social favoráveis à ampliação do ensino superior em Uberaba: o apoio do bispo local Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, a necessidade de qualificação profissional no campo da saúde e da educação e a política nacional da reforma universitária de 1968: Lei 5.540/68. Durante o período de 1948 a 1980, a direção da Escola esteve com: Madre Alzira, Madre Angelina, Irmã Rosa, Irmã Flávia, Irmã Isabel, Irmã Elcias e a leiga Abigail de J. Bracarense. No dia 30 de dezembro de 1980, encerra suas atividades com 32 anos de existência.

Percebe-se o mesmo ciclo de vida da Escola de Enfermagem Frei Eugênio (1948-1980) e a FISTA, tendo Madre Maria Ângela da Eucaristia, assumido a direção das duas instituições, com apoio de outras religiosas de referência acadêmica como Irmã Maria Virginita, Irmã Maria do Sagrado Coração de Jesus, Irmã Loreto Gebrim e Irmã Maria Rafaela. Educação e Saúde, dois campos distintos que transitavam no contexto local com as mesmas concepções e desafios.

Outro órgão de importância na definição dos rumos da educação católica foi a criação, em 1949, da Federação Internacional das Universidades Católicas, com o objetivo de associar as Instituições Católicas de Ensino Superior existentes nas diversas partes do mundo com vistas a um auxílio mútuo para o cumprimento dos objetivos comuns. A gênese e consolidação da FISTA como centro de irradiação de cultura é fundamentada na ética cristã. As concepções de homem, de sociedade, de mundo e educação eram evidenciadas na ação evangelizadora e no currículo em que o estudo reflexivo e a prática pensada já se colocavam como princípios fundamentais. Em 1980, foi encampada a FIUBE, Faculdades Integradas de Uberaba, atualmente Universidade de Uberaba.

Figura 3 – Missa Inaugural da FISTA, em março de 1949, com a presença de autoridades eclesiais, irmãs dominicanas e irmãos maristas – fundadores da FISTA

Fonte: <http://www.josemendonca.com.br>

É fundamental evidenciar que o interesse pela história da formação docente das Instituições Escolares surge a partir da experiência acumulada como aluna egressa do Colégio Nossa Senhora das Dores, fundado pelas Irmãs Dominicanas, em 1885, dedicadas à educação feminina. Iniciei meus estudos no Externato São José, educandário criado pelas Irmãs, em 1945, com a finalidade de acolher as crianças empobrecidas e filhos dos trabalhadores do Colégio. Como diversas outras alunas, obtive a oportunidade de estudar no Colégio Nossa Senhora das Dores, como bolsista do sistema de filantropia. Posteriormente, assumi a docência no Colégio e tive possibilidades da continuidade dos estudos na FISTA, no período de 1977 a 1981. Entretanto em 1980, a faculdade foi “incorporada” pela FIUBE, hoje, Universidade de Uberaba, sem que os alunos tivessem clareza das razões econômicas e políticas desse acontecimento. A transferência dos cursos para a FIUBE, Faculdades Integradas de Uberaba, aconteceu de forma restrita à administração das Irmãs Dominicanas, sem abertura para o diálogo com os Departamentos e professores da Instituição. Alguns diretores de Departamentos chegaram a sugerir às religiosas uma gestão colegiada para que não fosse necessário se submeter às novas exigências da época. O jornal local *Lavoura e Comércio*, publicou no dia 26 de setembro de 1980, a manchete: “*FISTA e FIUBE se unem para a criação da Universidade de Uberaba.*” (SANTOS,2006). O

fato afetou profundamente no cotidiano dos alunos e docentes que mudaram substancialmente a prática vivenciada nos espaços educacionais da FISTA. O ambiente e a relação professor aluno tornaram-se distantes nos espaços da FIUBE, pois vários professores foram demitidos, outros transferidos ou assumiram a docência em universidades nas cidades de São Paulo, Uberlândia, Brasília e Goiânia. O último ano de minha graduação foi realizado na FIUBE, com muitos desafios e frustrações com o “fechamento” definitivo da FISTA. São vários os vínculos familiares que me entrelaçam à Congregação Dominicana. Laços que me oportunizaram reinterpretar as fontes primárias e secundárias que retrataram inúmeras peculiaridades da trajetória histórica da Ordem.

A gênese e a consolidação da FISTA, como ponto de referencial regional na formação de professores, foi objeto de investigação de Mestrado em Educação, do Professor Ms. Sebastião José de Oliveira, pelo Centro Universitário do Triângulo, UNIT, em agosto de 2003. O título da dissertação: “*A criação e consolidação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, em Uberaba, Minas Gerais: uma experiência singular da Congregação Dominicana no Brasil (1948-1961)*”. Segundo os relatos do trabalho a Faculdade preocupava-se com a formação de intelectuais religiosos e leigos com sólido conhecimento humanístico e científico, disseminando a Doutrina Social da Igreja¹. Outro trabalho investigativo foi a dissertação do Prof. Dr. Eustáquio Donizetti de Paula, pela UNIUBE (Universidade de Uberaba), em 2007, intitulada: “*Regime militar, resistência e formação de professores na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino em Uberaba/MG*” (1964 - 1980). O estudo objetivou compreender e analisar como ocorreu a interferência do regime militar brasileiro sobre o processo de formação de professores da FISTA, no recorte temporal de 1964 a 1980, quando foi encampada pela FIUBE/ UNIUBE. Como referência regional na formação de professores foi também objeto de pesquisa histórico-institucional da dissertação da Prof. Ms. Gleicimar Barcelos de Carvalho, da UNIUBE, com o título: “*A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras São Tomás de Aquino - FISTA e o curso de pedagogia em Uberaba, MG (1949-1955): história, educação e contextualização*”. Nesta

¹ Doutrina Social da Igreja é um documento que apresenta de forma abrangente e orgânica os ensinamentos sociais da Igreja relativos aos aspectos teológicos, filosóficos, morais, culturais e pastorais elaborado pelo Pontifício Conselho de Justiça e Paz, após ampla consulta. Apresenta-se como um instrumento para o discernimento moral e pastoral dos complexos eventos que caracterizam o tempo histórico, torna-se um guia com subsídios para inspirar nos planos individual e coletivo, comportamentos e opções que permitam aos homens olhar para o futuro com confiança e esperança, enfim, uma busca da antropologia cristã (Compêndio da Doutrina Social da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2005).

perspectiva histórica e curricular encontra-se a pesquisa da Prof^a Mariana Bernardo Menon: “*História da disciplina acadêmica Geografia em Uberaba (MG): a contribuição do relato oral da professora pioneira na formação de professores de Geografia na região do Triângulo Mineiro*”, da UFTM, em 2014. O trabalho faz uma reflexão histórica da disciplina, a partir do relato biográfico de Irmã Loreto Gebrim, diretora da FISTA em 1948 e primeira professora de Geografia do ensino superior na região: fonte de cultura, de saberes e práticas educativas.

Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, Bispo de Uberaba, com influência e prestígio nos meios acadêmicos, registrou na primeira ata da Congregação da Faculdade, datada em 11 de fevereiro de 1949 que a FAFI- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino era o “*germe de uma possível Universidade Católica do Brasil Central*.” Sua visão profética quase se tornou realidade ao longo da trajetória acadêmica da FISTA. Entretanto, no final da década de 70, muda seus rumos à luz dos apelos da Igreja Católica com as novas determinações do Vaticano II, as quais serão analisadas ao longo desta pesquisa.

O fechamento da FISTA e as novas concepções no campo da História da Educação despertaram-me para o aprofundamento das reflexões com o desenvolvimento da dissertação de Mestrado em Educação, na Universidade de Uberlândia, UFU, em 2006, sob a orientação do Prof. Dr. Geraldo Inácio Filho, com o título: “*Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino: um marco humanista na História da Educação Brasileira (1961-1980)*”. Os depoimentos de ex-alunos e ex-professores egressos confirmaram a relevância da formação humanista diante de uma sociedade capitalista em pleno contexto da ditadura militar. A referida dissertação analisou a gênese e consolidação da instituição como marco referencial na História da Educação por meio da seriedade intelectual de seus egressos e gestores, explicitada na frase de Monsenhor Juvenal Arduini durante a celebração dos 50 anos de fundação do estabelecimento: “*A FISTA não foi, a FISTA é, permanece viva no testemunho de seus egressos em diferentes caminhos.*”

Os 15 (quinze) relatos autobiográficos coletados na construção da dissertação, nos anos de 2005 e 2006, suscitaram novas inquietações sobre a memória e as representações sobre a docência. Na revisitação e aprofundamento dos valores presentes nas histórias de vida e das práticas educacionais, percebi a necessidade do acréscimo de mais duas entrevistas com alunas egressas que tinham um convívio intenso com o carisma dominicano anastasio da Congregação das Irmãs Dominicanas de Monteils. Uma delas,

Paulita Vasconcelos, a primeira aluna negra da Faculdade, em 1950, filha natural de uma empregada doméstica que fica órfã aos 15 anos, venceu desafios, perseguições e preconceitos raciais conquistando na carreira docente, altos cargos na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Sua história de vida conduz à resiliência, ao sentido da identidade profissional pautada na fidelidade aos princípios de sua formação. A outra entrevista foi realizada com a professora universitária da PUC/RJ, Dr^a Zélia Maria Assunção Theodoro, ex-freira dominicana, (Irmã Nely), que após 18 anos de profissão religiosa, deixou o convento em 1970, diante os conflitos e incertezas advindas do Concílio Vaticano II e contradições institucionais vivenciadas no interior da Igreja Católica. Assim, as inquietações, registros, estudos e pesquisas realizadas nos trabalhos conclusivos das disciplinas do Doutorado foram delineando o percurso desta investigação. Nesse sentido, procuro reinterpretar a trajetória desta instituição, como espaço de formação docente universitária, a partir dos relatos autobiográficos, visitas aos arquivos do Museu da Capela das Irmãs Dominicanas, da Casa Provincial em São Paulo, aliados aos diálogos informais com frades e freiras que conviveram com os educadores e colaboradores da FISTA, no período de 1960 a 1980, pois foram reveladores de saberes e práticas vivenciados na instituição. Procura-se ao longo dessa pesquisa analisar as concepções predominantes na história da FISTA, como elas repercutem na memória dos seus alunos egressos e como tais concepções concorreram para a construção de suas identidades profissionais.

Os relatos autobiográficos provocaram inquietações que desencadearam esta tese que se propõe a uma pesquisa investigativa sobre a memória, as representações de docência, *habitus* e valores assumidos pelos ex-alunos e ex-professores da FISTA. Neste estudo, *habitus* é entendido de acordo com as proposições de Pierre Bourdieu (1983) como um sistema de disposições ou predisposições para a ação que seria incorporada pelos indivíduos, a partir do acúmulo histórico de experiências de êxito e fracasso.

A FISTA não foi uma instituição que ficou perdida no passado, ela se presentifica com os fatos e histórias construídas por educadores e ex-alunos. Aprofundar estas relações tornou-se um desafio. Precisava ir além das constatações feitas no percurso do mestrado. Tornou-se necessário ter conhecimento da organização histórico-social da instituição, desvelar quais as forças que foram mobilizadoras a fim de empreender uma formação docente humanista com qualidade acadêmica. Era urgente e necessário compreender os caminhos metodológicos que traduziam uma prática institucional.

Segundo MARÍN-DÍAZ (2015), a historicização de uma prática é a forma de se pensar numa determinada época, um modo de praticar a educação, que revela a instrução escolar dos sujeitos. A prática nos indica como e onde os sujeitos agem de acordo com uma concepção filosófica. Assim, somos instigados a buscar fontes que nos ajudem a construir estas elucidações: Quais os valores que permearam a prática institucional da FISTA? O que era feito em relação à formação docente universitária? Por que se fazia? Quais as formas de condução das práticas num movimento que traduziam as relações de saber e poder?

Nessa perspectiva, os depoimentos são fundamentais e reveladores de uma memória coletiva, com aspectos significativos dos campos social, econômico e cultural. São histórias de vida que estabelecem uma coerência, traduzem laços afetivos e posturas pedagógicas. As mesmas nos impulsionam a buscar elos com a memória, o gênero e a autobiografia, pois estes nos possibilitam o redimensionamento das experiências de formação das trajetórias profissionais que tendem a traçar novas buscas e modos de conduzir o ensino (CATANI, 2003).

A relevância deste processo esteve no desafio de desvendar as entrelinhas, em ler o passado a partir do testemunho do presente. Explorar as possibilidades de leituras, de análise da realidade local, regional e nacional que impedem de deixar no esquecimento, pessoas e fatos que são primordiais para a reconstrução da história.

Os relatos autobiográficos revelam múltiplas experiências, nos permitem refletir sobre a instituição escolar como espaço social e cultural que interfere no comportamento dos sujeitos sociais e históricos. O sentimento de pertença traz à tona uma memória coletiva e reforça a coesão social pela adesão política a um grupo de estudantes que se torna uma comunidade. As atitudes de vanguarda abrem caminhos. Muitos estudantes envolvidos na militância sofreram inúmeras pressões diante da sociedade uberabense, considerada pela imprensa da época como conservadora. A Faculdade abria espaços para grupos de estudos, criação de jornais, revistas, cursos extracurriculares e debates polêmicos como as reformas sociais de base, a universitária e a agrária.

Destaco ao longo desta investigação depoimentos publicados na dissertação de mestrado em educação (2006) que se tornaram fontes de pesquisa. Saliento o testemunho do ex-aluno e ex-professor da FISTA, Dr. Eduardo Roberto J. Guimarães, ao referir-se à formação docente humanista vivenciada na instituição. Atualmente, ele é membro da reitoria da UNICAMP, com atuação em universidades internacionais na área de linguística:

[...] “*Você precisa escolher certo tipo de valor para poder se movimentar nessas relações políticas, sociais. Seguramente isso é um traço que vem daí. Não só, mas seguramente a vida, o modo de estar na universidade.... Outra coisa é certo rigor do trabalho intelectual, a necessidade do cuidado, da atenção, do detalhe, de não transgredir nas formulações (não ser efêmero, passageiro), ou seja, não facilitar. Nem para você mesmo*”. (30/05/2006)

Na concepção de Marín-Díaz (2015) o estudo da prática educativa elucida perspectivas dialogais de pensamento que nos ajudam a analisar a prática como foco de experiência. O campo de experiência é um horizonte amplo que permite escrever as práticas de governo. Um movimento dinâmico que nos faz traçar o caminho da pesquisa, do inusitado, do exercício de pensar o tema pela perspectiva da pesquisa da prática.

O depoimento da ex-aluna e ex-professora da Instituição, Maria Teresinha de Sousa Pádua, é provocativo e nos auxilia a traçar este caminho. Traz elementos que sinalizam categorias de análise ao pensamento filosófico acerca da construção da cultura escolar presente no cotidiano da Faculdade:

“As nossas leituras básicas eram Jacques Maritain, Emmanuel Mounier, Karl Marx: (Educação e Utopia), sendo que de Filosofia eram leituras dentro da linha francesa. Bourdieu já chegou a nós, em 1981, com a teoria da reprodução. Chegou ao Brasil, a tradução dele, em 81. Eu li e peguei Bourdieu em francês, usei algumas ideias dele porque o meu professor tinha chegado da França e tinha associado a algumas leituras ao conhecimento do poder, educação e ideologia, educação como poder, educação e hegemonia. Ele trouxe estas quatro linhas para eu fazer a minha tese. Mas eu tinha que traduzir todos os livros”. (26/03/2006)

Segundo Maria Teresinha (2006), os professores eram em sua maioria religiosos com especializações na França ou Portugal, o que lhes garantia a apropriação de uma cultura histórica escolar capaz de despertar nos alunos nova mentalidade, hábitos e procedimentos específicos na prática escolar.

Para melhor compreensão do caminho metodológico da investigação, ressalto duas disciplinas que cursei na USP, ao longo do curso, que foram essenciais para a construção do objeto de pesquisa. A disciplina: *Memória e História da Profissão Docente*, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Denice Catani, trouxe contribuições para a análise sócio histórica do trabalho e da profissão dos professores, à luz de Pierre Bourdieu (1930-

2002). Com a Prof. Dr^a Diana Gonçalves Vidal, a disciplina *Museus Pedagógicos e Escolares no Final do Século XIX: Aspectos de Uma História Transnacional da Educação* refletiu sobre museus pedagógicos e museus escolares no âmbito das exposições universais, durante a segunda metade do século XIX, evidenciando a diferença entre estas modalidades de museus, as iniciativas públicas e privadas, existentes no Brasil e no exterior.

Além de outras disciplinas cursadas, atividades complementares foram realizadas. Cabe assinalar as mais relevantes para minha formação e para a divulgação dos trabalhos desenvolvidos:

- ✓ Apresentação de pôster intitulado “*Revista “Série Estudos”: memória e formação docente humanista*”, no evento “Seminário Inovações em Atividades Curriculares”, ocorrido nos dias 1 e 2/12/2017, na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.
- ✓ Comunicação intitulada: *Revista “Série Estudos”: Memória e formação docente humanista* no 7º Seminário Internacional de Linguística, III Congresso Interdisciplinar de Cortesia, II Simpósio de Linguística Textual, de 12 a 15 de setembro de 2017, na Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo.
- ✓ Em 2016 a 2018 atuei como articulista no Jornal da Manhã, de Uberaba, com artigos referentes à história das Irmãs Dominicanas, em comemoração aos 800 anos de fundação da Ordem Dominicana. Os meus artigos e demais foram organizados em um livro, lançado em coautoria com um frade dominicano, em 2017: “*Passado e Presente, uma aventura da Família Dominicana em Uberaba*”, Maria de Lourdes Leal dos Santos e Frei Luís Antônio Alves OP, Editora e Gráfica Pinti, Uberaba, 2017.
- ✓ Atuação por 07 meses, em 2017, como Consultora do MEC/UNESCO na elaboração de documento técnico, contendo proposta de metodologia para subsidiar a análise dos conteúdos da Base Nacional Comum Curricular – BNCC para a área de conhecimento Linguagens, componentes curriculares Português e Inglês. Os produtos elaborados tiveram como finalidade subsidiar os gestores das áreas de Currículos das Secretarias Estaduais e Municipais a assumirem uma prática dialógica pela construção de um currículo na área de Linguagens que traduzisse as premissas por uma educação de qualidade: equidade, igualdade de direitos e oportunidades para todos.

- ✓ Em 2018, participei como representante do Brasil, em Fátima, Portugal, do III Congresso Internacional de Leigos das Fraternidades Dominicanas, de 04 a 10 de outubro de 2018.
- ✓ Neste período, de 09 a 11 de outubro de 2018, participei do Colóquio: *Rastos Dominicanos: de Portugal para o mundo*, 600 anos da Província Portuguesa pelo Instituto São Tomás de Aquino, ISTA, coordenado pelos Dominicanos em Portugal. Neste encontro tive a oportunidade de dialogar com outros historiadores e traçar ligações históricas entre o Brasil e Portugal, a partir de fontes presentes nos acervos das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena. A fundadora, Madre Teresa de Saldanha, acolheu as primeiras religiosas francesas, em seu convento, para que as mesmas aprendessem a língua portuguesa antes de virem para o Brasil. Histórias conectadas que foram criando laços de pertença à Ordem Dominicana e impulsionando a fundação de instituições escolares em São Paulo e outros países.

Acredito ser válido ressaltar a importância dessas atividades relativas à linha de pesquisa a qual me insiro: *História da Educação e Historiografia*.

As ações relativas à sistematização e análise das informações aliaram-se a realização de leituras com vistas à fundamentação teórica, incluindo-se livros e artigos de diversas áreas como, por exemplo, Sociologia (Pierre Bourdieu), História Cultural (Roger Chartier, Michel Certeau), História da Educação (António Nóvoa, Justino Magalhães) entre outros.

O percurso de elaboração da pesquisa concretizou-se a partir das revisões das entrevistas, coleta e sistematização das informações, dados referentes às produções sobre as instituições confessionais de ensino superior e à formação docente humanista. Num primeiro momento, apresentaremos um levantamento das produções (teses e dissertações) na área, com descrições e breves análises dos textos selecionados.

No processo de levantamento da produção existente sobre a questão realizei consultas à base da CAPES, *Dédalus* (USP), *C@thedra* (UNESP), *Lumen* (PUC/SP), *Acervus* (Unicamp), *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (ANPEd- Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação), *REDE ESTRADO* (Rede Latino-Americana de Estudos sobre o Trabalho Docente), *Cadernos de Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas) e *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (INEP).

A pesquisa educacional brasileira e, em especial, as investigações sobre a formação de professores têm crescido muito com as informações fornecidas pelos

mapeamentos da produção científica. Foi fundamental recorrer às sínteses integrativas para acompanhar o processo de constituição da área do conhecimento, em questão.

Na base da CAPES, referente ao período de 1997 a 2016, deparamos com um total de 675.971 documentos. Deste montante restringiu-se a consulta para a Área do Conhecimento das Ciências Humanas que contemplam: Antropologia, Arqueologia, Ciência Política, **Educação**, Filosofia, Geografia, História, Psicologia, Sociologia e Teologia.

Nesses levantamentos, como entrada, foram utilizados os seguintes descritores que nortearam a busca de teses e dissertações sobre a questão: formação docente no ensino superior, instituições católicas, escolas confessionais, história da profissão docente, currículo humanista, dominicanas de Monteils, dominicanos ditadura e ensino superior humanista. As plataformas da CAPES, ANPED e *Dédalus* (USP) disponibilizaram inúmeros trabalhos que foram agrupados, por critérios estabelecidos nas tabelas, em anexo, elaboradas para melhor compreensão do modo como os descritores foram trabalhados.

O catálogo de teses e dissertações da CAPES apresenta na área do Conhecimento de Ciências Humanas, IES e PPG, no recorte temporal de 1997 a 2016, um quantitativo de 79.402 produções, dentre estas 30.264 são da área da Educação. No catálogo, refinamos a pesquisa, procurando evidenciar a produção do conhecimento nos Estados brasileiros, com a presença das universidades públicas e privadas.

Tabela 02: Teses e dissertações defendidas no Brasil – 1997-2016, na área da Educação, em Universidades Públicas e Privadas

Teses e dissertações defendidas no Brasil, quantificadas por Estados/ Educação, 1997- 2016			
Estados	Teses	Dissertações	Total
São Paulo	2.199	4.708	6.907
Minas Gerais	567	2.929	3.496
Rio G. do Sul	995	2.501	3.496
Rio de Janeiro	639	2.185	2.824
Paraná	535	1.741	2.276
Santa Catarina	210	1.413	1.623
Dist. F. (UCB e UNB)	242	535	777

Pará	128	564	692
Goiás(PUC e UFG)	160	418	578

Fonte: <https://catalogodeteses.capes.gov.br>

Dentro da vasta produção existente no campo educacional nota-se uma maior produtividade nas universidades das Regiões Sudeste e Sul que se preocupavam com suas funções básicas: a de desenvolver a pesquisa científica e de formar profissionais. Após a década de 30, a partir das reformas de ensino implementadas por Francisco Campos com relativa autonomia universitária, os gestores procuram desenvolver um ensino mais adequado à modernização do país, com ênfase na formação de elite e na capacitação para o trabalho (FÁVERO, 2006). Apesar da tendência centralizadora surgem nesta época universidades de excelência acadêmica: Universidade de São Paulo- USP, em 1934; a Universidade do Distrito Federal – UDF, em 1935. Anísio Teixeira, segundo FÁVERO (2006), fundador da UDF nos chama a atenção para uma das características essenciais do ensino superior: ser *lócus* de investigação e de produção de conhecimento. Para tal, uma das exigências para a efetivação desta função era o exercício da liberdade e a autonomia universitária. Estudos apontam que para ter a denominação de universidade deveriam tornar-se um foco de cultura, de disseminação de ciência adquirida e de criação da ciência nova (ABE, 1929).

A despeito da pesquisa universitária que traz a educação como objeto de pesquisa e de especialização temática nos referendamos às reflexões de CUNHA (1992) que considera a Sociologia da Educação como campo fecundo de produção de conhecimento nos anos 1950 e 60. Neste período, as condições sociais de produção universitária, ligadas à organização interna do ensino e da pesquisa, contaram com a atuação de Anísio Teixeira no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos- INEP. Por meio do Centro Brasileiro e dos Centros Regionais de Pesquisas Educacionais tornaram-se uma rede de produção no campo da Sociologia pela revista Educação e Ciências Sociais, editada pelo CBPE com 21 números publicados de março de 1956 a dezembro de 1962. Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, sancionada pelo Presidente João Goulart, em 20 de dezembro de 1961(lei 4.024) o INEP foi transformado em uma agência de intermediação de recursos, provocando a desativação dos centros de pesquisas no Rio de Janeiro, Recife, Belo Horizonte, São Paulo e Rio Grande do Sul. Para CUNHA (1992) as condições políticas da implantação da Reforma Universitária de 1968 não favoreceram a criação de uma universidade onde o ensino e as pesquisas estivessem dissociados.

Muitos programas foram financiados ou assessorados pela USAID- Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional- restringindo a postura crítica da educação diante das propostas do órgão gestor.

A Reforma Universitária de 1968, mediante a lei 5.540 e o Estatuto de Magistério Superior Federal (lei 5.539/ 68) propiciaram condições institucionais para a criação de universidades no Brasil, apesar das críticas à política universitária dos anos 70 com o regime militar. Neste contexto, há o surgimento das organizações sociais e políticas que buscam a democratização da sociedade e do Estado. Quanto à estruturação institucional a Lei definiu dois princípios: o regime departamental e a faculdade de educação. Esta nova medida, segundo CUNHA (1992) oportunizou a “*criação de condições organizacionais para que a universidade se libertasse da mediocridade técnico-científica e do clientelismo acadêmico*” (Cunha,1992, p.171). A Faculdade de Educação considerada como Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) das universidades, foi fragmentada para uma unidade especializada na formação de professores para o ensino de 2º grau e de especialistas em educação.

As mudanças advindas dessa Reforma foram amplamente discutidas em diferentes simpósios, centros acadêmicos e parte de inúmeras pesquisas referentes à formação de professores, como podemos observar no quadro abaixo.

Tabela 03- Número de dissertações e teses sobre formação de professores – 1990 /1996 – ANPEd

	DESCRITORES				
ANO	Formação de professores. Inicial	Professores leigos	Professores primários	Formação em serviço	Teses e dissertações no período
1990	14	--	14	--	28
1991	25	01	06	--	32
1992	30	01	--	08	39
1993	27	--	--	04	31
1994	31	--	--	07	38
1995	52	02	--	02	56
1996	54	--	--	06	60
TOTAL	233	04	20	27	284

Fonte: Formação de professores no Brasil (1990-1998) / Organização: Marli Eliza Dalmazo Afonso de André. – Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002. 364 p.: il. (Série Estado do Conhecimento, ISSN 1676-0565, n. 6)

Segundo Marli Eliza D. Afonso de André (2002), as dissertações e teses produzidas na década de 90 sobre formação de professores, a maioria se concentra na formação inicial avaliando os cursos como o Normal, as Licenciaturas e o curso de Pedagogia que é pouco investigado. Os conteúdos estudados relacionam-se nestas produções sobre os temas transversais, como educação ambiental, saúde e educação. Em relação à Formação Continuada, com poucos materiais de ensino diversificados. Quanto a Identidade e Profissionalização Docente surgem como tema emergente dos últimos anos, abrindo debates e perspectivas sobre a busca da identidade profissional do docente, a relação do professor com as práticas culturais, questões de gênero e organização profissional e sindical. Referindo-se aos conteúdos abordados, grande parte dos estudos, se concentram em analisar cursos, disciplinas, um programa ou proposta específica de formação, voltados para conhecimento das realidades locais, pautados em opiniões restritas, em entrevistas ou questionários. Para Marli (2002), “[...] *deixam abertas muitas indagações sobre aspectos abrangentes da formação docente, como, por exemplo, que processos e práticas de formação seriam mais efetivos no contexto atual da educação brasileira e que políticas deveriam ser formuladas para aperfeiçoar cada vez mais essas práticas e processos?* ” (ANDRÉ, 2002, p.10)

O GT8- *Formação de professores* da ANPED teve como ponto de partida a mobilização da categoria que busca legitimidade nos canais de debate e participação nas decisões do Estado autoritário. Os educadores mantinham afinidades com as causas e reivindicações da greve dos trabalhadores. Neste contexto, formaram uma frente de resistência ao modelo de formação dos professores, instituindo em 1983 o GT Licenciaturas, na busca de novos caminhos teóricos- metodológicos, na articulação de estudos que envolvessem a formação, o trabalho e a identidade docente. Com a mudança no campo da pesquisa, altera-se o GT para Formação de Professores objetivando o estudo do processo de construção, desenvolvimento e aprofundamento do conhecimento e das competências da profissão docente.

Em relação aos artigos de periódicos, André (2002) analisou 70 trabalhos apresentados no Grupo de Trabalho (GT) Formação de Professores, da ANPED, no período de 1992-1998. Sabemos que para serem enquadrados na categoria Trabalhos da ANPED, os textos devem fazer referência a resultados de pesquisas teóricas ou empíricas,

evidenciando elaboração teórica e rigor conceitual de análise. Neste sentido, foi o Cadernos de Pesquisa, da Fundação Carlos Chagas, que apresentou um maior número de estudos com um total de 24 (20,8%), seguido pela Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, com 19 (16,5%), Tecnologia Educacional, com 16 (13,9%), Revista da Faculdade de Educação da USP, com 12 (10,4%), Teoria & Educação, com 10 (8,6%), Cadernos Cedes, com 9 (7,8%), Educação & Realidade, com 8 (6,9%), Educação & Sociedade, com 7 (6%), Em Aberto, com 7 (6%) e Revista Brasileira de Educação, com 3 (2,6%). Os temas mais enfatizados nos periódicos foram: Identidade e Profissionalização Docente, com 33 artigos (28,6%); Formação Continuada, com 30 (26%); Formação Inicial, com 27 (23,4%); Formação de Professores no Brasil 11 e Prática Pedagógica, com 25 (21,7%). Percebe-se que a distribuição dos artigos de acordo com as temáticas está mais equilibrada do que as teses e dissertações que se concentraram na categoria Formação Inicial. Há uma preocupação significativa com a preparação do professor para atuar na Educação Básica, séries iniciais e Ensino Fundamental, com poucos estudos sobre a formação docente no Ensino Superior. A autora André (2002) conclui que na década de 90 há: “[...] um excesso de discurso sobre o tema da formação docente e uma escassez de dados empíricos para referenciar práticas e políticas educacionais”. (ANDRÉ, 2002, p.13)

Em relação aos estudos de concepções e práticas de formação de professores presentes nos trabalhos apresentados no GT-08 da ANPEd no período de 2003 a 2007, nos deparamos com a análise de Luís Eduardo Alvarado Prada – UFSCar, Vânia Maria de Oliveira Viera – UNIUBE e Andréa Maturano Longarezi – UFU. Eles apresentam uma relação de autores que são referenciados com mais frequência nos 64 trabalhos do período e analisam se as concepções e citações dos mesmos são compreendidas pelo autor ou apenas fragmentos dos textos. A incidência dos referendados observa-se na tabela abaixo:

Tabela 04 - Autores de concepções de pesquisa formação referenciados nos trabalhos de ANPED de 2003 a 2007.

AUTORES	2003	2004	2005	2006	2007	TOTAL
NÓVOA, Ant.	6	6	7	7	1	27
TRDIF, M.	3	4	3	3	4	17
ANDRÉ, M.	--	1	3	5	4	13
FREIRE, P.	4	1	2	2	2	11

SCHON, D	4	4	4	--	--	12
ZEICHMER, K	1	--	3	3	3	10
MARCELO GA	2	--	5	--	--	07
PIMENTA, S.	3	--	4	--	--	07
PERRENOUD,P	--	2	--	3	2	07
LUDKE, M	--	3	--	--	2	05
CANDAU, V	--	--	2	3	--	05
ELLIOT, J	3	--	1	--	--	04
CARVALHO, A	2			2		04
SCHULMAN, L	--	2	--	2	---	04
ARROYO, M	--	--	2	2	--	04
SACRISTAN, J	--	3	--	---	--	03
GARRIDO, E	--	--	3	--	--	03
Outros	90	83	173	87	119	552

Fonte: <http://anped.org.br/sites/default/files/gt08-5836-int.pdf> > Acesso em 16/08/ 2019

A equipe pesquisadora da análise dos trabalhos do GT-08 da ANPEd, nos 05 anos acima citados, conclui que os autores mais referenciados são norte-americanos, europeus, principalmente, de Portugal, Espanha e Inglaterra. Poucos são os autores latino-americanos citados, dentre estes os brasileiros. As citações dos autores são feitas mais como “amparo” às ideias dos pesquisadores sem que os conceitos autorais sejam aprofundados ou questionados, revelando a ausência de novas concepções e práticas na formação de professores. A maioria dos trabalhos se preocupa com o rigor científico afastando-se da discussão de novas metodologias que atendam às necessidades do cotidiano e busquem a transformação social. O discurso do professor reflexivo, pesquisador, transformador da realidade, presentes nos trabalhos, está focado nas práticas e discussões acadêmicas. As discussões teóricas mantêm a mesma roupagem em sua essência, não revelam uma reflexão sobre a prática de formação dos professores como nos sinalizava autores latino-americanos durante outras décadas. A equipe encerra sua análise com um questionamento pertinente e com afinidades às categorias que investigamos neste trabalho:

[...] que lugar a academia tem dado às dezenas de autores latino-americanos, que nessas décadas produziram sobre pedagogia da libertação, a formação política dos cidadãos, a participação e o

desenvolvimento comunitário e que elaboraram teorias e metodologias de pesquisa como a pesquisa militante, a pesquisa-ação, a pesquisa participativa, a pesquisa coletiva e outras?
(ALVARADO PRADA, 2006, p.45)

Em relação ao debate em torno da avaliação educacional na formação dos professores da educação básica, no GT8 – Formação de Professores nas Reuniões Nacionais da ANPEd, no período de 2005 a 2015, encontra-se a pesquisa de Helena Rivielli de Oliveira, Diovana Paula de Jesus e Eliane Borges Medeiros, publicada na Revista Docência do Ensino Superior, v.9, em 18/06/2019, intitulada: *As pesquisas sobre formação de professores nas reuniões nacionais da ANPEd: que espaço há para avaliação?* Elas analisam os 335 trabalhos e pôsteres apresentados no GT8 nas dez edições mapeadas, e concluem que nenhum teve por objetivo discutir a avaliação educacional no contexto da formação de professores. Percebem que há uma cultura dos cursos de treinamento profissional para docentes e gestores, com apropriação de resultados, sem um olhar para a avaliação da sala de aula.

Elas destacam oito aspectos na produção do GT08 no período analisado: a metodologia de história de vida para encontrar traços constitutivos da identidade docente; a pesquisa sobre necessidades formativas dos professores; a preocupação com o estágio como momento da formação; a relevância do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) para a formação inicial dos professores; o acompanhamento dos anos iniciais da docência e seus desafios; o distanciamento entre as vivências da formação e da prática docente; a reflexão sobre o desenvolvimento profissional dos professores; as responsabilidades do professor-formador de professores. Concluem que a escola está sendo “bombardeada” por programas, projetos, políticas e ideias que os docentes não conseguem dialogar, desencadeando um distanciamento entre a universidade e a escola. (OLIVEIRA, 2019)

Nesse aspecto, nos lembramos de António Nóvoa (1991) que sustenta sobre os desafios do trabalho e formação docentes. Ao rever o processo de profissionalização dos professores vê-se um percurso de desmoralização e desgaste social. A profissão docente perdeu prestígio e está submetida a tensões. Para Nóvoa, há 03 realidades que referenciam este desgaste, a saber: as políticas públicas erradas em relação ao professor, os interesses privados das grandes multinacionais que assumem o campo educacional sem nenhuma preocupação com a formação e valorização do trabalho docente; a tecnologia digital que traduz um novo modelo de escola que exige o repensar da profissão docente, uma nova maneira de estar na escola. É necessário formar o professor enquanto profissional docente,

que traga uma ligação intrínseca entre o ser e o fazer. “*Ninguém nasce professor*”, é necessária autoconstrução, densidade cultural e pessoal. O desenvolvimento profissional não pode ater-se a moldes, cursos esporádicos, passageiros, sem aliar-se a um grupo de pesquisa. “*Ninguém é professor sozinho*”. O trabalho docente se concretiza no espaço coletivo, na troca, na partilha com o outro. O docente é um organizador do trabalho dos alunos para que estes possam resolver problemas, pesquisar, criar e buscar o conhecimento.

Segundo Nóvoa (1991), o percurso da profissão docente “*pressupõe a articulação entre o processo de formação, as instituições onde se atua, os conhecimentos, as condições para o exercício da docência e os diálogos da categoria com o Estado*” (NÓVOA, 1991, p. 22). Ele situa a profissionalização perpassando de forma profunda o contexto onde os sujeitos estão envolvidos nas relações de produção e manutenção da ordem social.

Nesse contexto, para dar subsídio ao desenvolvimento da pesquisa quanto à história da formação docente e política do Ensino Superior nos reportamos ao GT11 – O GT DE POLÍTICA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR, na base da ANPED. Os grupos de trabalho da ANPED foram instituídos em março de 1981, com o objetivo de promover debates, troca de ideias sobre resultados de pesquisas, trabalhos e estudos realizados, problemas relevantes a serem objeto de investigação, questões teórico-metodológicas e intercâmbio de informações bibliográficas. Entre os oito primeiros grupos de trabalho criados encontra-se o de Educação Superior, que realizou, como os demais, seu primeiro encontro na 5ª Reunião Anual, em 1982.

O Banco de Dados da Universitas/BR congrega o trabalho realizado no Projeto Integrado de Produção Científica sobre Educação Superior no Brasil (1968-1995): Avaliação e Perspectivas, em que foram lançadas duas coletâneas: a primeira, em 1998, organizada por Marília C. Morosini e Valdemar Sguissardi, intitulada *A Educação Superior em periódicos nacionais* (Vitória/ES:FCAA) e a segunda, em 2000, organizada por Maria do Carmo de Lacerda Peixoto, sob o título *Educação Superior: avaliação da produção científica* (Belo Horizonte: Imprensa Universitária da UFMG). A primeira coletânea apresenta um estudo da história social tendo como fonte de dados 26 periódicos nacionais com uma diversidade temporal e editorial, porém, considerados de valor acadêmico. Durante a década de 60 são citados 04, 11 na década de 70; 09 na década de 80 e dois na década de 90. Os periódicos que publicam primordialmente documentos sobre a educação superior são: Educação Brasileira, Estudos e Debate, Cadernos Andes

(Associação dos Docentes do Ensino Superior), Cadernos Nupes, Universidade e Sociedade, InfoCapes.

Segundo o IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, as primeiras escolas de ensino superior chegaram ao Brasil junto com a família real portuguesa, em 1808. Até o final do século XIX era privilégio da elite dominante: não havia mais que 10 mil estudantes em 24 escolas. Com a Constituição Republicana de 1891 a iniciativa privada ganhou espaço no campo educacional e multiplicou a oferta de vagas, principalmente em São Paulo - em três décadas, o número de instituições de ensino superior atingiu 133. O processo de ampliação das universidades para o interior do Brasil começou nos anos 1950, de forma tímida, *“e só ganhou maior fôlego na década de 1990 quando o número de universitários brasileiros alcançou a casa de 1,5 milhão. De lá para cá, chegamos, de acordo com o Censo Escolar da Educação Superior de 2008, a 5,8 milhões de estudantes em 2.252 estabelecimentos de graduação espalhados por todo o País”*. (FERREIRA, 2010, p.39)

Os interesses econômicos, culturais e religiosos em jogo são características que influenciaram o movimento de construção da profissão docente em Portugal e no Brasil. Antonio Nóvoa (1995), ao fazer uma análise sobre a história da profissionalização docente conclui que:

Inicialmente, a função docente desenvolveu-se de forma subsidiária e não especializada, constituindo uma ocupação secundária de religiosos ou leigos das mais diversas origens. A gênese da profissão de professor tem lugar no seio de algumas congregações religiosas, que se transformaram em verdadeiras congregações docentes. Ao longo do século XVII e XVIII, os jesuítas e os oratorianos, por exemplo, foram progressivamente configurando um corpo de saberes e de técnicas e um conjunto de normas e de valores específicos da profissão docente. (NÓVOA, 1995, p. 15-16).

A compreensão sobre a evolução da organização docente como uma ramificação dentro do conjunto de atividades religiosas sinaliza a presença da filosofia cristã na concepção do educador como um voluntário, alguém com uma missão sacerdotal, o ato de ensinar por amor, aceitando os desafios sem questionar. É fundamental ressaltar que a superação acontece de forma gradativa pela secularização da sociedade. Mudanças como a ação coletiva da Lei nº5692/71 que provocou um aumento na demanda de docentes. A Escola Normal passou a se chamar Habilitação para o Magistério, tornando-se um curso de nível médio, frequentado em maioria exclusiva por mulheres. Houve a expansão do ensino obrigatório para 08 anos. A estruturação do ensino por níveis ou etapas contribuiu

na construção de identidade dos trabalhadores de ensino, na categorização de cargos e salários e na luta pela unificação das organizações de classe. (LUGLI; VICENTINI, 2009)

No levantamento sobre as teses e dissertações sobre a prática docente relativa ao currículo humanista a CAPES sinaliza para PUC/SP com o maior número de produções: 241 trabalhos, em segundo lugar a UFRGS com 189 e a UFRJ com 150. Na FEUSP, as produções no âmbito das instituições confessionais católicas, em especial à Congregação Dominicana de Nossa Senhora do Rosário de Monteils são pouquíssimas produções. Percebe-se que carece de investigações na perspectiva antropológica do currículo humanista. Isto nos leva a reafirmar que não foram encontrados estudos que apresentassem semelhanças com o trabalho que propomos, pois, em nenhuma delas os esforços estiveram concentrados no estudo do tema sob a perspectiva da memória e história da formação docente humanista.

Portanto, situamos no tempo e espaço a instituição em questão, a partir da análise das histórias conectadas, do diálogo entre as culturas, os saberes, interdependências, avanços e desafios que ligam o passado ao presente. A historicização de uma prática institucional vai se delineando, gradativamente, ao longo da tese, por meio de aportes teóricos e conceituais que permitem circunscrever o objeto de estudo e delinear as perspectivas de análise.

Nesse sentido, a investigação descrita nesta tese, organizou-se a partir de um olhar sociohistórico sobre as fontes de pesquisa relativas à Instituição, constituída por um conjunto de diferentes materiais históricos relacionados à discussão teórico-metodológica do campo. Como afirma Magalhães (2004), “*a instituição é contexto, representação, materialidade e é apropriação*” e dentro dessa perspectiva que considero este objeto, buscando problematizar as concepções na formação docente no ensino universitário e suas implicações na construção das identidades profissionais dos alunos e educadores egressos. Acredito que as informações advindas da pesquisa abrirão caminhos para uma visão mais crítica do conhecimento histórico e dos espaços formativos da docência do ensino superior. Procura-se auxiliar na compreensão acerca das possibilidades de uma formação docente humanista que garanta uma concepção antropológica do currículo assim como a implementação de práticas inovadoras no cotidiano escolar. Inúmeras reflexões nos possibilitaram conceber os professores como sujeitos, inseridos num lugar, tempo e espaço, que conquistam passo a passo a liberdade de renovar, reinventar seu lugar e questionar o vigente. São questões de luta por concepções, modos de ser, pensar e agir: a construção da identidade profissional.

CAPÍTULO I: MEMÓRIA, HISTÓRIA E FORMAÇÃO DOCENTE HUMANISTA DOS EGRESSOS DA FISTA À LUZ DA HISTÓRIA DA IGREJA

Figura 05- Vista parcial da entrada da FISTA

Fonte: Arquivo do Museu da Capela

A história e consolidação da FISTA no campo educacional brasileiro estão intimamente ligadas às concepções e doutrinas vivenciadas pela Ordem Dominicana. Há uma sintonia entre as raízes da instituição e os princípios fundamentais testemunhados por São Domingos de Gusmão, o fundador da Ordem. Vários dados históricos da vida e do carisma do Fundador constituem um ponto de referência indispensável para o conhecimento das fontes da formação docente humanista assumida pelas congregações religiosas masculinas e femininas que integram a Ordem dos Pregadores (OP).

Atualmente no Brasil, a presença de leigos, frades e religiosas dominicanas em vários Estados formam a Família Dominicana. Constitui-se por um mosteiro de monjas contemplativas, milhares de leigos pertencentes às Fraternidades e grupos ligados à espiritualidade e à missão dominicana; centenas de frades reunidos na Província Frei Bartolomeu de Las Casas e mais de seiscentas irmãs dominicanas de vida ativa, pertencentes a 15 Congregações. Dentre estas, destaco a Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, instituidoras da FISTA (1949-

1980), do Colégio Nossa Senhora das Dores (1885-...), da Escola de Enfermagem “Frei Eugênio” (1948-1980) e do Hospital São Domingos (1960-...), em Uberaba, MG. As dominicanas de Monteils marcaram sua presença no Brasil com atuação nos colégios, em obras assistenciais como creches e asilos nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, Goiás, Pará, Mato Grosso e Tocantins. Sempre atentas ao carisma dominicano, em comunhão com as necessidades de seu tempo, as irmãs foram empreendedoras também na área da saúde.

A criação desta Congregação tem origens, na França, em Bor, com Madre Anastasie que, no início do século XIX, ao conviver com o analfabetismo, transforma sua casa em centro de formação para a vida religiosa apostólica. Os relatos e documentos dos arquivos da Congregação constam que a função docente era prioridade de Anastasie, preocupada com a competência das irmãs para a evangelização e profissionalização, com as limitações da época. Este apelo à formação pelo estudo configura-se nas origens da Ordem Dominicana, com os princípios constitucionais instituídos por São Domingos, aprimorados pelos Mestres da Ordem e que são vitais até o tempo presente: 800 anos de fundação de 1216 a 2016. (LOPES, 1986)

Frei Timothy, um dos mestres da Ordem, em sua carta sobre “*Liberdade e responsabilidade Dominicana*”, publicada em documentos de subsídios de formação dominicana, caracteriza a estrutura e os valores democráticos na dimensão profética de São Domingos:

Domingos nos fascina por sua liberdade, a de um pregador pobre e itinerante, liberdade para fundar uma Ordem diferente das que existiam até então. Sentia-se livre para dispersar a pequena e frágil comunidade que tinha reunido em torno de si mesmo e de enviar os frades às Universidades e era livre de aceitar as decisões dos irmãos em Capítulo, mesmo quando não estava de acordo com eles. Era a liberdade de um homem de compaixão, que ousava ver e responder. (FORALOSSO, 2010)

Frei Carlos Josaphat (1981,) ressalta em um artigo de formação da Família Dominicana a presença de 03 Mestres dominicanos, pioneiros da Teologia, que nas assembleias deliberativas prescrevem um conjunto de itens de suma importância para o progresso da instituição; são eles: Santo Tomás de Aquino, Santo Alberto, bem-aventurado Pedro de Tarantaise (Papa Inocêncio V). Como conhecedores das falhas e fragilidades do sistema educativo universitário, os mestres determinam na Constituição de 1259 um fator que se cumpre até os dias presentes: “*é indispensável antes de tudo proporcionar aos professores e alunos tempo e ambiente favoráveis aos estudos*”. (JOSAPHAT, 1981, p.58) Mesmo diante das obrigações de trabalho na comunidade ou

ofícios da Igreja são dispensáveis para que se priorize o estudo. Percebe-se que as Constituições primitivas prescreviam a necessidade que cada frade tivesse, não só no período de formação, mas ao longo de sua vida, uma cela ou quartos particulares que lhes garantissem condições especiais para a organização dos estudos, recolhimento e concentração. Esta prescrição constitucional perpassou por todas as Congregações masculinas e femininas até o presente.

Nas Atas do I Capítulo da Província Nossa Senhora do Rosário, realizada em São Paulo, no período de 16 a 23 de dezembro de 1970, chamado o Capítulo de *Aggiornamento*, consta no Relatório, na página 07, a presença de duas representantes da FISTA: a vice-diretora Irmã Heloisa Seixas Leite e a docente Irmã Antônia Ferreira Nonato. Registra-se a expansão do número de alunos (1.175) da FISTA diante da abertura de novos cursos com o ensino tipo clássico e humanista. Este crescimento exigiu a construção da residência das Irmãs, separada da Instituição a fim de liberar as salas que lhes serviram de moradia até o ano de 1969. Houve a ampliação do apostolado em áreas populares, por meio da promoção humana (alfabetização de adultos). Na Secção IV, do Estatuto da Província Nossa Senhora do Rosário de Monteils, relativa à Formação Permanente estabelece que as prioras cuidem de estimular e possibilitar a participação das Irmãs em cursos de atualização e especialização, mesmo que tenham que se afastar de suas atividades habituais. Este preceito, já instituído pelos Mestres da Ordem, reafirmava a fidelidade ao estudo nas universidades de excelência acadêmica entre os docentes da FISTA, tais como:

- ✓ Irmã Maria Georgina – Universidade de Coimbra, Portugal – Mestrado em Literatura Portuguesa – 1965.
- ✓ Ir. Maria de Loreto Gerbrim, doutora em Geomorfologia pela Universidade de Sorbonne, em Paris, e doutorado em História e Geografia pela PUC do Rio de Janeiro - 1960
- ✓ Ir. Heloisa Seixas Leite – 1973, um ano de reciclagem em Linguística, na Europa;
- ✓ Ir. Osana Ferreira Nonato – Curso de Planejamento em Educação pelo CELAM, no Chile, em setembro e novembro de 1971;
- ✓ Ir. Regina Azevedo Soares, Curso de Planejamento em Educação pelo CELAM, Chile, em setembro e novembro de 1972;
- ✓ Irmã Zélia de Moraes, Curso de Planejamento em Educação, Santiago do Chile, em 1974;
- ✓ Ir. Glycia Barbosa da Silva, Pastoral Catequética, em Bruxelas, 1974;

- ✓ Ir. Regina Lúcia Fusizaka, Teologia da Vida Religiosa, em Bruxelas, 1974;
- ✓ Ir. Elina Vasques, Aprofundamento Doutrinal, Friburgo, em 1974.
- ✓ Ir. Beatriz Manna – Instituto Lumen Vitae – Bruxelas- 1976

Conhecer a doutrina de Santo Tomás de Aquino (1225-1274) torna-se, neste estudo investigativo, imprescindível, pois há aspectos de seu carisma em sintonia com as concepções e práticas educativas vivenciadas no âmbito da FISTA desde sua criação até o presente, evidenciadas na profissionalização docente de seus egressos.

Santo Tomás de Aquino foi um intelectual medieval com *“uma visão original e criativa, fundada em uma metafísica do conhecimento, fiel à grande tradição filosófica e atenta à observação do dinamismo da inteligência”*. (JOSAPHAT, 2016, p.11) Para o dominicano Frei Carlos Josaphat (2016) Tomás de Aquino buscou a comunhão universal na verdade, no amor, no diálogo com o mundo, com as coisas e as pessoas: falar de Deus e com Deus. Enfrentou o desafio da inteligência fundamentando-se na convicção e no respeito às diferenças. Este enfrentamento provinha das novas formas de desenvolvimento da cultura num contexto de crise na Igreja e na sociedade. Com audácia e discernimento, ele propunha uma prática diferente: *“cultivar a inteligência, dar prioridade ao estudo e guiar outros jovens na busca de um novo modelo de humanismo”*. (JOSAPHAT, 2016, p. 23). Ele percebeu que a humanidade enfrentava um desafio global, com interpretações divergentes, antagônicas em novas instituições que surgiam, abrindo possibilidades de aprimorar, de emancipar pessoas, de construir uma nova sociedade. Estas instituições, nos fins do século XII eram *“as universidades de estudo, de estudantes e de professores”* (JOSAPHAT, 2016, p. 25). que abalavam as estruturas da cristandade feudal acomodada, onde jovens e adultos analfabetos viviam nas ruas, nos castelos e nas cortes. Forma-se uma elite cultural que amplia e desperta nas pessoas de todas as classes sociais, a consciência de sua condição de marginalização na família, na sociedade e na religião. Uma nova humanidade que se dedicava ao estudo, ao saber e à cultura como forma de emancipação do indivíduo e do povo. Ele se empenha em fazer triunfar a razão, a sabedoria teórica e prática, preservando a cultura e a educação da falsidade ideológica.

Para Josaphat (2016) Tomás de Aquino: *“Reconhece e ensina, na sua linguagem teológica, que a educação deve entrar no processo de revolução cultural e social, acompanhando a marcha e o interesse crescente da humanidade pela ciência e a técnica.”* (JOSAPHAT, 2016, p.27). Nas Universidades e conventos dominicanos por onde atuou ensinava e promovia o ensino visando uma educação integral, atento ao presente e ao futuro da religião e da humanidade. Para ele, a educação integral exigia uma

visão global da natureza e do processo do conhecimento, considerando a complexidade de seus elementos e de suas instâncias. Ele explica em suas obras, principalmente, no tratado das virtudes, na Suma Teológica, II-II, Questões 166-167 e 188, uma análise refinada da aprendizagem, da postura do educador e do educando reconhecendo este, como sujeito responsável pela aprendizagem. Tomás de Aquino, segundo JOSAPHAT (2016) compreendeu o surgimento de uma nova humanidade afoita ao estudo, ao saber, à cultura das ciências e da sabedoria. Ele trabalhou pela cultura da inteligência, demonstrando uma originalidade e “*insistindo sobre o valor do estudo para a verdadeira emancipação do indivíduo e do povo.*” (JOSAPHAT,2016, p.27). A Suma Teológica tornou-se o texto de base para os professores universitários, no início do século XVI, época de renovação nas universidades com especialização em línguas (hebraico, árabe e grego), o apostolado entre os árabes e judeus oportunizando a integração da cultura humanística.

Nessa perspectiva, veremos adiante que este projeto de educação humanizadora será retomado com o Concílio Vaticano II, na década de 60, assumido pelas instituições confessionais católicas. Santo Tomás de Aquino tornou-se referência diante de seu empenho em responder aos desafios de seu tempo por meio do culto da inteligência e pela promoção do estudo como direito e exigência para todas as pessoas, sem distinção. Ele foi canonizado em 1323, reconhecido por sua autoridade doutrinal na Ordem e nos meios universitários, diante de sua lucidez criativa num momento histórico de crise. Sua originalidade abalou a cristandade medieval sendo um mestre rigoroso e compreensivo, pois apostou na inteligência, no estudo e na universidade propondo um novo paradigma de educação. Percebeu a maior mudança qualitativa por meio da circulação do conhecimento que atingia as demais atividades humanas. (JOSAPHAT,2016). Diante da crise cultural, política e religiosa da cristandade, Tomás de Aquino prioriza a missão da inteligência e elabora um paradigma renovador do estudo e da aprendizagem.

Para Santo Tomás de Aquino a Verdade é a conformidade entre o intelecto e a realidade. Essa é a novidade: ao mesmo tempo em que acolhe a objetividade do ser que se evidencia diante da inteligência humana, ele retrata a importância do processo cognitivo humano que é capaz de apreender a essência desse ser. Percebe-se assim que questões filosóficas discutidas por Santo Tomás perpassam da corporeidade do homem aos fundamentos teológicos de nossa cultura, enfatizando, os desafios da relação linguagem -ser. Sabemos que o conceito central no pensamento dele é de participação ("ser" em oposição a "ter"). Sua filosofia é considerada realista, pois apresenta como

fundamento a ordenação ao real, a realidade em profundidade, na essência. Portanto, apreende-se uma correspondência entre a inteligência e a sensibilidade para acessar a *Verdade*, a qual refere-se às capacidades cognitivas. Assim, o homem é concebido de forma integral, inteiro. Em tal ponto, o filósofo se afasta da doutrina aristotélica, porque reconhece uma verdade do ser, verdade que tem como princípio um Ser supremo, Deus, o qual, por ser a própria perfeição, dá a inteligibilidade aos seres e a cognoscibilidade aos homens. São Tomás de Aquino pressente a mudança qualitativa com a circulação do conhecimento atingindo as demais atividades humanas. O saber entra na história como forma original de poder.

No campo educacional universitário destacou-se também o Mestre Eckart, cuja mística teve ampla repercussão na Alemanha. Mestre Eckart (1260-1329) é considerado um modelo para os educadores dominicanos, um místico que durante suas aulas ou sermões recorria intensamente a uma variedade de fontes filosóficas e teológicas, citando grandes pensadores, de modo explícito ou não, como cristãos, judeus, mulçumanos e pagãos. Esta atitude lhe garantia profundidade no conhecimento, a busca da verdade em diferentes campos da espiritualidade universal. Segundo RUTA (1997), por meio de sua pregação, ele expressava sua própria experiência de Deus. Seu estilo e sua linguagem repleta de imagens e objetos divinos de formas originais, férteis, repletos de *insight* são práticas metodológicas que garantem a atenção de seus alunos ou ouvintes. Não procura apenas transmitir informações, vai além, com a originalidade das imagens, a inventividade e ousadia transmite a experiência do mistério da realização humana, que só pode ser alcançada na plenitude do conhecimento. Seu lema, que muitos educadores dominicanos procuram vivenciar em sua prática educativa, expressa: “*passar a outrem o que eles contemplaram*”, um compartilhamento do próprio autoconhecimento. Este ideal intelectual significa que o educador deve buscar a profundidade do conhecimento, a essência e transmiti-lo ao próximo. A busca da sabedoria por meio do estudo contemplativo, reflexivo e em sintonia com a realidade.

Outro dado determinante na Ordem que prescreve até o presente é a preocupação com o sistema de ensino que garanta uma cultura humanística. Um sistema que seja enriquecido pelas histórias da teologia, da filosofia, das artes aliadas à renovação universitária. Neste contexto de “mestres dominicanos” que implementaram renovação nos centros universitários europeus, Josaphat (1981) analisa a atuação de Francisco de Vitória OP, Mestre Vitória, como um homem-síntese. Ele é um discípulo de Saint-Jacques, aonde vai estudar e ensinar a renovação universitária: abordar as “questões

novas” com “novos argumentos”. Ele leva para Salamanca, Espanha, o estudo rigoroso, a sensibilidade de um humanismo compreensivo e a visão ousada das questões da realidade imediata. Tinha prazer em ensinar, tendo como referência a Suma Teológica, a qual “*ditava a sua aula, dando tempo ao aluno para copiar-lhe os cursos.*” Anotar, refletir e explorar de modo exaustivo em diferentes campos. Percebe-se neste Mestre, a atitude dominicana que se torna uma característica da formação humanista, do um currículo humanista experienciado pelos egressos da FISTA: “*fidelidade inquebrantável, que sabe basear nos dados da Tradição, para equacionar os problemas da Igreja e do mundo de hoje.*” (JOSAPHAT,1981, p.77)

Não podemos deixar de situar outro frade dominicano, com grande influência na formação humanista, situado nos fins do século XVII e início de XIX foi Lacordaire (1802-1861). Considerado inovador e revolucionário pois, fundamentava-se no apoio da opinião pública, bem como na defesa dos direitos do homem e da liberdade de associação. Ele restaurou a Ordem Dominicana, na França, num contexto de crise revolucionária onde as ordens religiosas e instituições de ensino, como as Universidades Católicas, eram *desmanteladas* pela Revolução Francesa e outros conflitos internos. Lacordaire propõe uma volta às fontes, revisita a intenção primeira da obra de São Domingos, em especial ao estudo da tradição científica e a vida apostólica. Ele realizou uma sistematização clara e argumentação rigorosa, com sensibilidade e criticidade perpassando “*a tradição complexa dominicana pelos séculos e compreendendo práticas e comportamentos por vezes heterogêneos*”. (JOSAHAT,1981, p.77) Para ele, ser dominicano não bastava conhecer e praticar a disciplina estabelecida nas Constituições. Sua visão a respeito do estudo e da missão intelectual da Ordem está explícita em uma carta que redige ao Mestre Geral, datada de 04 de fevereiro de 1840, na qual reflete:

“*É necessário ainda que sejamos iniciados à ciência de que ela é depositária e que ela recebeu do Doutor mais perfeitamente realizado, que Deus deu a sua Igreja. A doutrina de S. Tomás de Aquino é a seiva que corre nas veias da Ordem e lhe conserva a poderosa originalidade. Quem não a estudou a fundo, pode ser um dominicano pelo coração; não o será jamais pela inteligência.*” (JOSAPHAT, 1981, p.77)

Na concepção de Lacordaire, a renovação dos estudos científicos, tendo S. Tomás de Aquino como referência deveria ser visto, segundo Duval ² (1961, p.335 apud JOSAPHAT, 1981, p.77) como “*astro que os ilumina como sempre aconteceu, ensinando*

² DUVAL, A. *Archivum Fratrum Praedicatorum*, XXXI, 1961, p.335.

com convicção, mas sem idolatria, supersticiosa que não permite nada enxergar fora dele, e que faria de sua letra um limite, ao passo que ela é um fogo vivificante. ”

Pode-se concluir que a vida intelectual dominicana tem como princípio a vida comunitária, em comunhão na oração, estudo e testemunho apostólico. O testemunho apostólico entendido com a vida dos apóstolos, manifestada no Novo Testamento, como fonte inesgotável de motivação e inspiração. O apóstolo é um ser enviado, não pertence nem está ligado a um lugar específico. Está sempre disponível, pronto para caminhar de novo, um peregrino itinerante que busca vencer o desafio contemporâneo da vida comunitária. A questão cultural dos anos 60 até os dias de hoje é a comunidade humana, a vida em sociedade, o aprender a arte de viver juntos. Assim, a nova referência de vida apostólica está nesta busca de novos modos de vida comum, que não exclui a formação pessoal, o trabalho eficiente e produtivo. Agrega a estes elementos o que lhes é prioritário: formar laços comunitários.

Cada instituição dominicana encontra um estilo comunitário de reflexão e de pesquisa, dotado de uma qualidade técnica que seja capaz de responder aos apelos da Igreja e da sociedade atual. As instituições dominicanas, de congregações masculinas ou femininas, criadas ao longo destes 800 anos são exemplos deste esforço, assim como a presença dominicana nas Universidades que se diferencia de outras Ordens monásticas que visam uma edificação espiritual. O estudo dominicano procura ser útil ao próximo e insere-se num diálogo cultural com o campo, de acordo com o tempo e lugar, estimulando uma Teologia viva, *sem pretensões de preservar-se das correntes e manifestações do pensamento atual*. Para Frei Carlos Josaphat OP (1981) a Igreja “*manifesta hoje maior confiança na inteligência humana, exalta e pratica o diálogo, deseja e promove o contato das culturas, estimula a pesquisa e a reflexão teológica, com grande largueza de vista e notável abertura de espírito.*” (JOSAPHAT,1981, p.81)

A história da educação católica foi profundamente alterada pelas novas diretrizes da Igreja, advindas do Concílio Vaticano II, iniciado em 11 de outubro de 1962 e encerrado em 08 de dezembro de 1965. Foi um dos fatos históricos mais importantes de todo o século XX, para as instituições confessionais. É pertinente fazermos uma análise dos acontecimentos que marcaram e interferiram na formação docente universitária no recorte temporal de 1960 a 1985.

O Papa João XXIII convoca a Igreja Católica a reencontrar os caminhos da união das Igrejas cristãs e das linguagens para levar o Evangelho ao mundo. Renovar a Igreja, atualizá-la, *Aggiornamento*, como diz a expressão italiana, a partir de uma leitura

dialogada dos “sinais dos tempos”. O contexto da época sinalizava para acontecimentos como a Guerra Fria, ideológica e estratégica que atingia a Europa, a Ásia e América Latina. A corrida armamentista, a arma termonuclear, os frutos do desenvolvimento econômico, a explosão demográfica, a liberação dos costumes e a secularização foram algumas das preocupações que assolaram este período. O grande desafio da Igreja era tornar-se capaz de *“infundir nas veias da comunidade humana de hoje a energia inesgotável, vital, divina, do Evangelho”*, segundo a fala do Papa João XXIII, em seu discurso oficial. Desta forma, o Concílio Vaticano II surge como um acontecimento histórico que faz uma nova leitura e propõe mudanças de paradigmas, *“visando acelerar ou retificar a marcha da humanidade em vias de globalização.”* (JOSAPHAT,2013)

Documentos oficiais da Igreja registram que foram três anos de consultas e trabalhos preparatórios, quatro sessões anuais, 168 assembleias plenárias, com a presença de aproximadamente três mil bispos dos cinco continentes, observados por 28 Igrejas cristãs e auditores leigos, dentre os quais 13 mulheres. São históricos os seis documentos produzidos sobre a definição e constituição da Igreja, sobre o ecumenismo, sobre o judaísmo e as religiões não cristãs, sobre a liberdade religiosa, sobre as alegrias e esperanças do mundo. Entretanto, em pleno decorrer do Concílio, Papa João XXIII faleceu, em 03 de junho de 1963, sendo eleito para sucedê-lo ao cargo Papa Paulo VI que deu continuidade aos rumos dos trabalhos. Para a Educação Católica no Brasil, o Concílio Vaticano II representou o esforço da Igreja para adequar-se ao mundo moderno, marcado por constantes mudanças, em ritmo cada vez mais acelerado da ciência e da tecnologia.

No Brasil, um representante do clero que se destacou e deixou um legado foi Dom Hélder Câmara (1909- 1999), arcebispo de Olinda e Recife. Era considerado o homem da palavra, de engajamento evangélico a serviço do mundo e da Igreja. Durante o Concílio Vaticano II redigiu 290 “Circulares” as quais eram socializadas em diferentes idiomas, marcando uma etapa essencial na história das relações da Igreja com o mundo. Suas cartas circulares revelavam o desejo de construção de uma Igreja servidora e pobre, com linguagem clara e concisa. Elas mesclavam reportagens, anedotas, retratos, diálogos, temas problemáticos, meditações, “complôs”, pactos, angústias, testemunhos de um místico ativo.

Dom Hélder foi um articulador de união entre as Igrejas. Segundo José de Broucker (2008): *“... agiu com clarividência e firmeza nas relações entre a Igreja e o Estado; ele possui dons extraordinários de comunicação; ele encarnou a caridade evangélica e a opção preferencial pelos pobres”* (BROUCKER, 2008, p.35).

Historiadores como Oscar Beozzo (1984) e Broucker (2008) afirmam que Dom Hélder era solícito em responder aos questionamentos dos jornalistas nas entrevistas, programas de televisão e conferências de imprensa. Ele entendia a imprensa não apenas como instrumento para transmitir o que se passava no Concílio, contudo, como veículo para lançar novas ideias, exercer indiretamente uma pressão sobre a Assembleia Conciliar assim como interpelar aos governantes, entusiasmar os jovens e os formadores de opinião. Dentre os jornalistas a quem ele mais tinha confiança estavam: Henri Fresquet, do diário *Le Monde*, o protestante Georges Richard-Mollard, do *Reforma*, Francis Mayor e Jean Vogel, do bimestral *Information Catholique Internationale*, Roger Bourgeon, diretor da *Radio Luxembourg*, Israel Shenker, diretor do *Time Life de Roma*, o Pe. Bonnet, de *Fêtes et Saisons*, o Pe. Henri, de *Paroles e Missions* e outros. Ele afirmava:

Há momentos em que a gente não tem o direito de se calar”. [...] “Os jornalistas vêm de toda a parte para as entrevistas: da França, da Suíça, da Alemanha, dos Estados Unidos... falo-lhes de coração aberto, sem medo: é chegada a hora para a Igreja correr o risco da publicidade, se ela quiser atingir as grandes massas... (BROUCKER,2008, p.103).

Dom Hélder, neste período, exercia o arcebispado do Rio de Janeiro onde tinha contato direto com as Irmãs Dominicanas de Monteils, as quais dirigiam o Colégio Santa Rosa de Lima, no bairro de Botafogo. Uma das diretoras, Irmã Maria Virginita do Rosário, no ano de 1968, amiga de Dom Hélder, realizou com ele diferentes projetos sociais e eclesiais no Colégio e nas comunidades periféricas do Morro de Santa Marta e no Morro da Providência. Irmã Maria Virginita do Rosário OP foi uma das religiosas fundadoras da FISTA, em 1949, atuante em várias ações educativas em diferentes cidades por onde residiu: Uberaba, São Paulo, Curitiba, Prata e Cambará. Em seu depoimento (2006) Irmã Virginita revela concepções importantes que fundamentaram a prática pedagógica da instituição que enfrentou desafios e dificuldades em sua implantação. Como gestora da FISTA investiu na aquisição de uma biblioteca especializada aos cursos, construção de salas ambientes, espaços arborizados e adequados ao estudo e à pesquisa. Para tal buscou recursos e doações em vários Estados e Instituições enfrentando resistências dentro da própria Congregação. Para ela, “... *uma escola superior não pode viver sem uma biblioteca especializada... eu não sonhava em Faculdade. Meu sonho era universidade*”. Com este sonho, tornou-se ousada nas ações e ao diálogo com alunos e professores, abrindo espaços para momentos de interlocução sobre a vida acadêmica e pessoal. Ir. Virginita revelou uma das solicitações: “*A senhora nos dá esta alegria? Este*

é um presente, uma palavra semanal de como viver a vida, pois a senhora a vive diferente de todo mundo”. Ela não se considerava diferente. Sua forma de viver, de enfrentar os problemas com alegria por meio de sua religiosidade, sem imposição, eram elementos presentes em seu testemunho. Em sua prática pedagógica era essencial a autonomia, que cada um reagisse por si mesmo, com autenticidade. Uma ex-aluna sua revela: “*Eu não me esqueço de sua maneira de levar a gente a resolver ser melhor e a fazer o melhor (sic)*” (SANTOS,2006).

Padre Prata, ex-professor da instituição, em seu depoimento (2006) afirma que durante suas aulas fazia referências às circulares conciliares de Dom Hélder Câmara diante de sua postura crítica dos acontecimentos eclesiais. Assinalou que os educadores das áreas de Filosofia e Ciências Humanas eram “*apaixonados*” por Jacques Maritain, “*liam e discutiam com seriedade*”, entretanto seus livros eram proibidos pelo bispo Dom Alexandre Gonçalves do Amaral que o considerava “*avançado*”.

As diferentes práticas educativas aliadas às leituras, estudo permanente, diálogo com a realidade num contexto de efervescência política certamente contribuíam para o aprofundamento das concepções ideológicas e o envolvimento dos universitários nos movimentos sociais. Nos depoimentos autobiográficos (SANTOS, 2006) são citados nomes de alunos e professores que motivados pelas Irmãs Dominicanas complementaram seus estudos na França, Bélgica, Portugal e Estados Unidos, respectivamente, Elisa Angotti Kossovich e Neila Cecílio, Irmãs Rejane e Isolina, Madre Georgina; Irmã Loreto, Irmã Laura Chaer e Luís Alberto de Miranda. Todos estes reafirmam a seriedade intelectual construída ao longo da formação docente a qual lhes garante condições concretas de autonomia, tornam-se bem-sucedidos. Observamos que *o habitus* a que eles pertencem lhes deram condições sociais e culturais para que por meio das “*disposições incorporadas*” foram favoráveis e lhes garantiram o sucesso profissional. Para Bourdieu os determinantes estruturais da trajetória dos indivíduos não são compreendidos de forma isolada, é preciso identificar sua posição nas relações da sociedade, suas condições concretas de existência, os quais ele denomina como *capital social, capital cultural e capital escolar*.

Figura 06- Madre Georgina na Universidade de Coimbra, em 15/07/1965, em visita guiada com o Prof. Dr. Fernando Mendonça e colegas, dentre eles: Dr. Gilberto Mendonça Teles

Fonte: Acervo do Museu CNSD.

No período pós-concílio, a Congregação Dominicana de Nossa Senhora do Rosário de Monteils buscava a sua autonomia em instância provincial, assumindo novos rumos. As Irmãs deixam as obras assistenciais, Colégios e buscam as inserções populares, ao mesmo tempo, renovam e criam obras de promoção humana. Procuram seguir as trilhas abertas pelas concepções de educação e saúde advindas da ótica do Concílio Vaticano II. Sabe-se que desde as origens da Congregação os serviços de saúde e educação estavam estritamente ligados à função docente. No conceito do co-fundador das Irmãs da Congregação de Monteils, Padre Gavalda, as religiosas deviam dedicar-se ao magistério e visitar os doentes. Madre Anastasie, a fundadora, adotou este ponto de vista que aparece claramente no Estatuto da Congregação. Em suas cartas transparece sempre esta preocupação com a saúde das Irmãs e com o cuidado que estas deviam ter com os doentes da área onde estavam inseridas. O cuidado com a saúde aparece como uma extensão do trabalho educacional das instituições escolares. (BERNADOT, 2016)

Ao analisar as atas das Assembleias e documentos da Congregação percebem-se as alterações desencadeadas pelo Capítulo de *Aggiornamento*. O período pós-Concílio foi um tempo de estudo, de buscas e de tomada de consciência da identidade. Como religiosas estavam inseridas num mundo com duas formas distintas de sociedades: a capitalista e socialista. As mudanças e conflitos nestas sociedades provocaram alterações na maneira de pensar das pessoas. Desencadeou-se uma crise de valores em diferentes campos: político, econômico, social e ideológico. A Igreja e as Congregações vivenciaram essa crise de forma acentuada e crítica. Com o espírito de renovação, a

Congregação das Irmãs Dominicanas de Monteils, em 21 de setembro de 1970, recebem a autorização do Papa para a criação do sistema de Províncias, o que garantia a descentralização do poder nas relações entre as Irmãs da França e do Brasil. As grandes mudanças aconteceram em torno de três eixos: a descentralização do poder, a formação permanente das irmãs e a busca de novas expressões da vocação apostólica. Para se garantir a unidade e desenvolver a autonomia foram criados o Conselho Geral Ampliado às Províncias, os Conselhos Provinciais e Equipes de Assessoria nos países onde havia a presença das Irmãs: Brasil, Ruanda e França. As ideias e propostas que circulavam entre estes países, registrados em atas das Assembleias e Capítulos Gerais, foram: a renovação da vida religiosa e comunitária, o discernimento aos apelos da realidade e a construção e antecipação do Reino de Deus.

Nesse sentido, a Congregação desencadeou, no início da década de 70, um movimento rumo às periferias das cidades e interior, sobretudo no Brasil. Havia um esforço em colocar em prática as diretrizes assumidas pela II Conferência Latino-americana, realizada em Medellín, Colômbia, entre os dias 24 de agosto e 06 de setembro de 1968. Mais tarde foi reforçada pela III Conferência Episcopal de Puebla, México, no período de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979 que reafirmou a Teologia da Libertação, com profundas mudanças nas estruturas latino-americanas. Os religiosos, inclusive, as Irmãs Dominicanas diretoras da FISTA, Irmã Virginita, Madre Georgina e Irmã Glycia discutiam em suas instâncias novas formas de presença no mundo.

1.1- Sombras e luzes na formação docente universitária a partir do Vaticano II

Nesse contexto da História da Igreja, as Congregações Religiosas e Instituições Católicas de Educação foram influenciadas por três vertentes históricas percorridas pela Igreja Latino-americana, as quais serão elencadas a partir de alguns autores e teólogos com fatos relevantes para a educação católica, em especial às concepções e valores que permeavam a prática institucional do ensino superior, princípios que influenciaram na construção das identidades profissionais dos egressos da FISTA.

1.1.1-A Igreja na era dos populismos (1930-1959)

Este foi o período delimitado por dois acontecimentos: a crise econômica de 1929 e o anúncio de João XXIII de um concílio ecumênico. Foram três décadas de

confrontos, amadurecimento e modernização estrutural, que produziu frutos no período seguinte. O Chile é o país que mostra o caminho do modelo chamado “*Nova Cristandade*”, seguindo a linha francesa de Jacques Maritain (O humanismo integral, 1936) afastando-se do Partido Conservador e da oligarquia tradicional. A Igreja, diante do Estado populista e a modernização do capitalismo cria um modelo de compromisso secular dos leigos sob a direção da hierarquia episcopal: a Ação Católica. Fundou-se, na Europa, a Juventude Operária Católica- (JOC), Juventude Universitária Católica (JUC); Juventude Estudantil Católica (JEC), movimentos em que os jovens cristãos descobriram a necessidade do compromisso político, reformista e revolucionário na década de 60. Em 1952, Dom Hélder Câmara inicia a fundação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) durante a gestão do presidente Gaspar Dutra. Surge na Igreja brasileira um senso de autonomia perante Roma, uma identidade nacional. Tristão de Athayde, maritainiano, juntamente com outros intelectuais, institui na revista *A Ordem* um movimento de catolicismo direitista com simpatias fascistas, que se prolonga até a década de 80.

De 1959 a 1961, segundo Enrique Dussel (1989) a Igreja enfrentou a questão do ensino, fazendo pressão sobre o governo por meio da Associação da Educação Católica – AEC. A Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, Lei 4024, de 20 de dezembro de 1961 apresenta traços e objetivos que traduzem os pontos de vista da Igreja. Dom Cândido Padim, monge beneditino, desempenhou um papel fundamental na formação da intelectualidade católica brasileira. Ele foi um dos fundadores da Juventude Universitária Católica (JUC) no Brasil, presidiu o Departamento de Educação do CELAM (1967-1972) e em 1962, no governo de João Goulart foi membro do Conselho Federal de Educação.

O autor DUSSEL (1989), assevera que a direção da Ação Católica, sobretudo de seus movimentos estudantis JEC e JUC, ficou na mão de um grupo de religiosos progressistas que, em sua maioria, haviam sido formados na Europa. Com eles, os jovens teriam tomado consciência dos problemas sociais e despertado para a necessidade de mudanças radicais nas estruturas. Para ele, o grupo de padres progressistas era formado basicamente por dominicanos e beneditinos: Pe. Henrique Vaz, Pe. Luís Sena, Pe. Almerly Bezerra, os dominicanos Frei Carlos Josaphat, Frei Mateus Rocha, e o francês Frei Thomas Cardonnel; eram eles os padres mais ativos e mais avançados daquela época no Brasil.

Neste contexto, nasceu também a Juventude Agrária Católica – JAC; que demonstra lentamente a ruptura da Igreja com a oligarquia agrária e o apoio aos camponeses e sindicalismo rural, abrindo caminho para a transformação social. Começa no Brasil um grande movimento de educação radiofônica, a partir da experiência da Colômbia. De acordo com a obra de Thomas Bruneau (1974), que analisa o Movimento de Educação de Base (MEB), demonstra-se como se articulou a presença da Igreja Católica na sociedade civil. Essa articulação se deu, principalmente, quanto aos mecanismos que essa instituição utilizou para exercer influência na sociedade brasileira naquele processo de mudanças históricas.

1.1.2- Renovação da Igreja sob o signo de Medellín (1969-1972)

Nos arquivos e acervos particulares da Congregação Dominicana deparamos com vários livros que relatam sobre as mudanças instauradas na Igreja e instituições confessionais advindas da Conferência de Medellín. Há registros que em 23 de agosto de 1968, na cidade de Medellín, na Colômbia, o Papa Paulo VI veio à América Latina pela primeira vez e abriu a Conferência do Episcopado Latino-americano (CELAM), com orientações espirituais, pastorais e sociais a serem seguidas pela Igreja. A Conferência de Medellín teve como tema a aplicação à América Latina das diretrizes e decisões do Concílio Vaticano II. Elaborou dezesseis textos voltados essencialmente para o desenvolvimento e a libertação cristã. Um dos trabalhos de relevância para o campo educacional foi a Declaração sobre a Educação Cristã da Juventude, documento que explicitava a importância da educação na vida do ser humano e seu reflexo no progresso social de nosso tempo.

Ao final, os bispos enumeraram os nove grandes compromissos que assumiam diante da realidade latino-americana: Purifiquem-se, assim como todas as instituições eclesiais, adotar a pobreza bíblica, promover a família, dinamizar a educação, fomentar as associações profissionais dos trabalhadores, buscar uma nova evangelização e catequese que atingisse as elites e as massas, criar novas estruturas que fomentassem o diálogo e a colaboração entre os membros eclesiais e os leigos; colaborar com as outras confissões cristãs na construção da paz autêntica e da justiça social. Uma frase do Papa, ao final da Conferência leva a muitas mudanças e reflexões: *“Para se conhecer a Deus é necessário conhecer o homem”*... Para o teólogo, Francisco Catão (1998), a referência a este discurso sinaliza a legitimidade e o dever da Igreja de se

debruçar sobre o mundo criado por Deus, empenhar-se pela salvação de todos os homens em vista do Reino:

Passou a hora de refletir, é preciso agir. Assim, parte-se sempre da realidade dos fatos e se encaminha, depois para uma avaliação crítica, para a ação efetiva. Trata-se de o método ver, julgar e agir, que vai inspirar durante anos a pastoral brasileira. (CATÃO, 1998, p.266)

Francisco Catão (1927-2020) foi monge beneditino, frade dominicano, deixou a Ordem dos Dominicanos em 1965, casou-se, trabalhou com a reforma universitária, foi preso pela ditadura militar, em 1969 exilou-se na Europa. Ao retornar ao Brasil, retomou a teologia universitária. Durante sua formação teológica, no convento dominicano de Saint Maximin (departamento do Var, sul da França) leu, na íntegra e no texto em latim, a obra de Tomás de Aquino, na qual se especializou, sendo referência junto aos educadores e alunos da FISTA.

O depoimento de Dr. Eduardo Roberto Guimarães nos remete a prática educativa assumida pelos educadores na década de 60 oportunizando aos alunos disciplinas extracurriculares para a formação ética por meio de estudos de obras, debates com autores e congressos:

Tinha a disciplina de Lógica que permeava tudo [...]. A Teologia durou bastante tempo como uma disciplina que percorria o conjunto. Acho que chegou a ser retirada do currículo e as ações de formação ética eram buscadas por algum outro caminho. No fim da década 60 devem ter tirado a Teologia. Tinha um lugar de formação humana, político e humanística neste sentido geral, são as disciplinas sociais humanas. Além das disciplinas pedagógicas, tinha algo relacionado nesta ótica. Alguns autores estavam presentes nessa caminhada como Jacques Maritain; outro importante, católico, era Teilhard de Chardin, muito presente Monsenhor Juvenal Arduini gostava muito dele. Depois no interior das formações específicas, por exemplo, na Literatura, tem um autor português, Fidelino de Figueiredo confirmava a concepção de literatura que a gente recebia, como representação da realidade, um autor eminente para aquela época. Ligado a este movimento tinha o Amora, Mossaud Moisés, engraçado que eram pessoas que tinham muito a haver com este processo da formação literária. (SANTOS,2006)

Percebe-se a formação dos universitários pautada no estudo sistemático da realidade, na busca da autonomia de pensamento, em sintonia às teorias de Teilhard de Chardin que propunha construir uma visão integradora entre a ciência e a teologia.

Na América Latina, a “Aliança para o Progresso” (1961), em pleno movimento da “Década do Desenvolvimento” (1955-1965) indicava o momento de otimismo do capitalismo e a Igreja sinalizava para a opção preferencial pelos pobres. Neste contexto desenvolvimentista, surge uma corrente revolucionária que percorre a América Latina. Em Bogotá, destaca-se Camilo Torres, um sacerdote católico colombiano, pioneiro da Teologia da Libertação, co-fundador da primeira Faculdade de Sociologia da América Latina e membro do grupo guerrilheiro Exército de Libertação Nacional (ELN). Ele promoveu o diálogo e o sincretismo entre Marxismo e Catolicismo. Quando jovem teve contato com padres dominicanos franceses que entendiam o cristianismo aliado à criação de uma sociedade justa e igualitária; o que significava uma profunda revolução, que despojaria do poder aos ricos e donos (a oligarquia), para dar-lhe passo a uma sociedade socialista. Na Europa, Camilo atuou em diversos movimentos revolucionários e desenvolveu trabalhos de investigação e de ação social em bairros populares, que resultou na elaboração de um estudo sobre “A proletarização de Bogotá”, uma obra pioneira na sociologia urbana da América Latina. Esta obra consta nos apontamentos de professores de Filosofia e Sociologia, dentre eles Padre Prata e Monsenhor Juvenal Arduini. Outra obra de Camilo citada nos acervos bibliográficos da FISTA foi “Catolicismo e Revolução”, assim como artigos relacionados a sua atuação no *Jornal Brasil Urgente* editado pelos frades dominicanos no bairro de Perdizes, São Paulo.

Em abril de 1968, Marther Luther King foi assassinado, provocando revolta mundial, inclusive nos grupos estudantis da França. Logo após, em maio de 1968 iniciaram-se mobilizações realizadas por estudantes franceses na Universidade Paris, em Nanterre (região metropolitana de Paris). Segundo DUSSEL (1989), o fortalecimento do movimento estudantil na França e no mundo estava relacionado ao aumento no ingresso de jovens na Universidade e tinha relação com o desenvolvimento da Europa Ocidental no pós-guerra. O movimento se alastrou pelas classes trabalhadoras que passaram a exigir melhores condições de trabalho. A mobilização foi grande, provocando a greve de repercussão internacional. Dentre os temas da contestação universitária destacam-se: a recusa do caráter classista da universidade; a denúncia da falsa neutralidade e da falsa objetividade do saber; a denúncia da parcialização e tecnocratização do saber; a contestação dos cursos *ex cathedra*; a denúncia dos professores conservadores ligados à política do governo e outros.

Nesse contexto internacional e latino-americano, a Igreja, por meio do CELAM promove o Encontro de Pastoral Universitária em Buga, na Colômbia, em 1967,

propondo a reforma nas universidades católicas, permitindo a reestruturação de importantes centros intelectuais. No Brasil, realiza-se em maio de 1968, em Itapua, o Encontro de Pastoral Social, com discussões sobre o campo da educação que necessitava de profundas mudanças quanto aos investimentos, ampliação da educação básica e erradicação do analfabetismo. A partir desta realidade, em julho de 1968, o Departamento de Educação do CELAM realizou um seminário de educação, antecipando à Conferência no estudo do processo de alfabetização de adultos com uma visão humanista e cristã. Contaram com a assessoria do educador Paulo Freire cujas experiências nos meios populares eram conhecidas e valorizadas. Elaboraram critérios pedagógicos operativos para a renovação da educação à luz da realidade latino-americana, encerrando a fase de imposição dos modelos colonialistas de uma educação pautada nos padrões de culturas europeias. A esta nova concepção do agir educativo nomearam de educação libertadora: a que transforma o educando em sujeito de seu próprio desenvolvimento. A educação torna-se o meio para libertar os povos de toda a escravidão e dar-lhes a dignidade. Uma libertação que traduz a dimensão do comprometimento com os valores humanos e cristãos. Assim, de acordo com o texto oficial, as recomendações pastorais e pedagógicas do Concílio Vaticano II eram pautadas nos estudos e documentos para os leigos redigidos por Santo Tomás de Aquino: *Gravissimum Educationis*, n.10. Para ele, para se encontrar com Cristo era preciso mergulhar em seu mistério pelo estudo, a busca na Verdade por meio do estudo sistemático. Desta forma, para que as escolas católicas fossem abertas e democráticas as orientações do Vaticano II, abaixo relacionadas, a partir da análise de Dussel (1989) foram:

1. *“Ser uma verdadeira comunidade formada por todos os elementos que a integram;*
2. *Integrar-se na comunidade local e estar aberta à comunidade nacional e latino-americana;*
3. *Ser dinâmica e viva, dentro de oportuna e sincera experiência renovadora;*
4. *Estar aberta ao diálogo ecumênico;*
5. *Partir da escola para chegar à comunidade, transformando a própria escola em centro cultural, social e espiritual da comunidade; partir dos filhos para chegar aos pais e à família; partir da educação escolar para chegar aos demais ambientes educacionais.*

Quanto às universidades católicas, o documento lembra que devem ser órgãos superiores, consagrados à pesquisa e ao ensino, na busca da verdade. Devem estabelecer o diálogo entre as disciplinas humanas e o saber teológico, em sintonia com as exigências do ser humano e da sociedade, respeitando o método específico de cada disciplina. “As universidades devem estar integradas a vida nacional, responderem com criatividade e coragem às exigências e promover permanente avaliação dos métodos e estruturas”. (DUSSEL, 1989, p.93)

O Sumo Pontífice João Paulo II considerava responsabilidade da universidade, dedicar-se, sem reservas, à causa da verdade, acrescentando: “*Sem, de modo algum, desprezar a aquisição de conhecimentos úteis, a universidade católica distingue-se por sua livre investigação de toda a verdade acerca da natureza, do homem e de Deus*”. (Ex Corde Ecclesiae, Quatro, GARCIA, 2001).

Todo este cenário e acontecimentos refletiam nos programas e projetos universitários do Brasil, principalmente nas Instituições Confessionais e prepararam o caminho para o acontecimento fundamental da Igreja latino-americana do século XX: a Conferência Episcopal Latino-americana em Medellín, com o tema: “Presença da Igreja na atual transformação da América Latina”. “*O fenômeno da secularização, valorização das realidades temporais, suscitou um novo modo de ser religioso, mais próximo da vida do povo*” (OLIVEIRA, 1997). Os leigos, numa dimensão democrática e participativa, assumem a direção de várias instituições educacionais. As atas das assembleias provinciais elucidam as dificuldades enfrentadas nas escolas, em especial o Capítulo de 1973 aponta os seguintes desafios:

[...] a instabilidade dos dispositivos legais, o excesso constante das exigências profissionais atuais, as novas experiências que tornam logo ultrapassadas as aquisições pedagógicas adquiridas, os apelos que se sucedem e que muitas vezes, se contradizem tudo isto pesa fortemente na vida das Irmãs. (OLIVEIRA, 1997, p.43)

Diante deste contexto, observa-se uma turbulência agravada pela situação econômica e social do país, assim como uma redução significativa no número de educadoras na Congregação. Os motivos da diminuição elencados nos documentos foram: morte de várias freiras, a desistência da vida religiosa por parte de muitas jovens

e o grande número de Irmãs que deixaram as Instituições para assumirem as inserções populares.

As atas das assembleias apresentam algumas constatações: a maioria das jovens candidatas à vida religiosa era carente de formação de base, com um mínimo de cultura geral, o que dificultava o processo de formação, tendo em vista a necessidade da aquisição de hábitos de estudo e de reflexão. No período de 1971 a 1980, 60% das candidatas tinham curso superior; de 1981 a 1990 a porcentagem reduziu pela metade; em 1994 a única jovem que assumiu o compromisso não havia terminado o ensino médio. Havia uma grande preocupação com a ausência de vocação para a docência e as frequentes desistências. Em 1950 eram 38 jovens no noviciado, fase inicial de preparação para ingresso na Ordem. Em 1995 foram 14 jovens. A ata registra que nos anos de 1976 a 1978, somente na Província de São Paulo, 07 (sete) religiosas solicitaram afastamento definitivo. O número total de saída da Congregação nesta Província, no período de 1970 a 1995, foi de 35 (trinta e cinco) religiosas (OLIVEIRA,1997).

No Capítulo Geral de 14 de julho a 01 de agosto de 1977, composto pelas Províncias de São Paulo, de Brasília, da França, da França/Bélgica, registrou como metas da congregação: *“Anunciar o Reino, sobretudo pela Palavra; participar da transformação do mundo no sentido da missão libertadora de Cristo; promover a justiça.*” Uma das diretrizes da política geral que nos chama atenção, foi a integração dos valores franceses e brasileiros na vida das religiosas. Durante os anos de 1971 a 1977 foram criadas 24 (vinte e quatro) pequenas comunidades (*de tipo novo*) marcando uma nova etapa na história da Congregação. Consideram um fenômeno significativo inspirado pelo desejo de traduzir a vida missionária daquele tempo, porém não emitem julgamento sobre a validade de cada uma das experiências. O total de membros na Província de São Paulo era de 137 irmãs e na Província de Brasília, 133. No exterior, França e Bélgica totalizavam em 258 irmãs. Assim, o total geral estimava em 528 membros.

Na Província de São Paulo, em 1976, o quantitativo referente à formação das dominicanas apresentava um quadro que confirmava as preocupações citadas acima. Vejamos:

Tabela 05 - Distribuição das funções acadêmicas das religiosas no ano de 1976

Total	Prof.	Dire- toras	Enfer. e médicas	Coord. Pedagógicas	Bibliotecárias	Estudantes	Serviços Gerais
-------	-------	----------------	---------------------	-----------------------	----------------	------------	--------------------

137	37	08	11	12	05	15	49

Fonte: Elaborado pela própria pesquisadora

Ao consultar os documentos oficiais, como atas e relatórios dos capítulos, examinamos que no início da década de 80, 06 (seis) colégios e a FISTA encerraram suas atividades escolares. Fato que nos provocou a pesquisar o ciclo de vida destas instituições educacionais fundadas pelas Irmãs Dominicanas de Monteils, no início da década de 50. Esta década era designada como “Anos Dourados” marcada com o governo de Juscelino Kubitschek, que mantinha um plano desenvolvimentista, a abertura do país a multinacionais, facilitando a entrada de capital estrangeiro, a criação da Petrobrás, várias obras e empreendimento. O otimismo e esperança espalhados pelo mundo em razão da prosperidade econômica vivida pelos EUA com o final da Segunda Guerra refletiram em vários setores: música, arte, educação, teatro, comunicação e a indústria. Entretanto, na década de 80, os seguintes colégios e faculdade dominicana encerraram suas atividades educacionais:

- ✓ FISTA (1949- 1980);
- ✓ Escola de Enfermagem Frei Eugênio (1948-1980);
- ✓ Externato São José (1948-1980), em Uberaba (MG).
- ✓ Em Volta Grande (MG), o Instituto Nossa Senhora do Rosário, fundado em 1955 e desativado em 1981.
- ✓ Em Cambará do Sul (RS), Ginásio Imaculada Conceição, funcionou de 15 de março de 1954 a 24 de outubro de 1980.
- ✓ Em Belém, no Pará, Colégio Santa Maria de Belém, criado em 1952 e cedido para o Estado em 1983.
- ✓ Colégio Santa Terezinha de Marabá (PA) iniciou suas atividades escolares em 1952 com as irmãs na direção até 1984.
- ✓ Centro Educacional São Domingos, Torres (RS), iniciou-se em 1955 e mantiveram-se à frente da instituição até dezembro de 2005.

É importante ressaltar que as Irmãs Dominicanas também fundaram outros colégios no Brasil em diferentes localidades e Estados, com a preocupação de uma formação humanista. Dentre as onze (11) instituições confessionais criadas desde 1885, seis (06) permanecem em pleno funcionamento, pautadas nos princípios dominicanos anastasianos:

1. Colégio Nossa Senhora das Dores, Uberaba, Minas Gerais: 1885 -...
2. Colégio Sant’Ana – Cidade de Goiás- GO 1889 - 2014 (126 anos)

3. Colégio Santa Rosa de Lima – Conceição do Araguaia: 1903- 1979
4. Colégio Sagrado Coração de Jesus- Porto Nacional- 1904- ...
5. Colégio São José – Formosa – Goiás – 1908- 1938
6. Colégio Santa Rosa de Lima – Rio de Janeiro- 1936 - 2016
7. Colégio São Domingos, Araxá, Minas Gerais: 1928 - ...
8. Colégio Nossa Senhora do Rosário: São Paulo, SP- 1943 -...
9. Externato São José: Goiânia – GO: 1948- ...
10. Colégio Nossa Senhora do Rosário: Curitiba, PR – 1957-...
11. Centro Educacional Nossa Senhora do Rosário- DF- 1959- 2016

Constata-se que o deslocamento do campo educativo para o engajamento nas inserções populares desencadeou um processo de enfraquecimento das instituições escolares que procuraram apoio na atuação dos leigos em diferentes setores: cargos administrativos e pedagógicos, docência, assessoria e consultorias.

É importante ressaltar que neste contexto de mudanças de estrutura, de estilo de vida e esforço pela democratização da cultura, ações empreendedoras também foram realizadas por ex-alunas, professoras e diretora da FISTA. Dentre tantas experiências nas inserções populares, destacamos a realizada no período de 1977 a 1985, na Comunidade de Mundo Novo, no Mato Grosso do Sul. As Irmãs Glycia Maria Barbosa da Silva, diretora da FISTA (1967-1977), Cleonice Cardoso (docente do Curso de Letras), Alda de Faria e Aparecida Maria Affonso com o apoio de Madre Maria Georgina integraram-se num trabalho de promoção humana. Nesta cidade realizavam encontros da CPT (Comissão da Pastoral da Terra), Clube de Mães, movimentos de jovens e assistência a grupos de brasileiros (duas mil famílias) residentes no Paraguai, em condições precárias. As Irmãs Glycia, Cleonice e Vanda Resende solicitam ao INCRA um local para o assentamento das famílias “*brasiguaias*”, no norte do Mato Grosso, divisa com o Pará. Em maio de 1981 fazem a migração das famílias para os acampamentos na mata do Guarantã. Residindo junto aos brasiguaios formaram núcleos de liderança rural, comunidades, criação de uma escola, assim como o enfrentamento das doenças como a malária e a falta de recursos. Gradativamente os desafios foram superados pelo trabalho comunitário e esforços coletivos.

Em 1994, as Irmãs Glycia Maria Barbosa da Silva e Maria Marciano partiram para a comunidade de Vallejuelo, na República Dominicana, fronteira com o Haiti, onde se firmaram por 23 anos. Promoveram ações voltadas para a educação evangelizadora, fornecimento de água, melhoria na produção e comercialização de produtos da terra, reflorestamento das nascentes, recuperação e preservação do meio

ambiente. Em 2013, Irmã Glycia retorna a Uberaba e Maria Marciano continua a trajetória até a presente data.

Outra experiência de missão além-fronteiras do Brasil vivenciada por aluna egressa da FISTA aconteceu em Ruanda, África Central, no período de 1983 a 1994, com a participação de Irmã Regina Lúcia Fuzisaka, Irmã Zeny Vaz de Souza e Irmã Beatriz Manna. A missão foi desenvolvida em prol da educação da juventude e do desenvolvimento do país.

Figura 07: Alunas internas da FISTA (1968) com a diretora Madre Maria Georgina e ao centro (de óculos) Irmã Regina Lúcia Fuzisaka.

Fonte: Museu da Capela do CNSD.

Em 1983, Irmã Regina Lúcia, com o apoio das Irmãs Dominicanas de Namur e outras Congregações participou da fundação da Congregação das Dominicanas Missionárias da África. Por 11 anos, Irmã Regina Lúcia se dedicou à formação das jovens no noviciado de Byumba que depois de 10 anos contava com um número significativo de irmãs ruandesas. A guerra em Ruanda provocou a interrupção do trabalho missionário naquele país. (OLIVEIRA, 1997, p.124)

Ao longo desta análise é pertinente ter como fio condutor o questionamento inicial referente aos ex-alunos e ex-professores egressos da FISTA: Enquanto sujeitos do

processo de construção do conhecimento, como incorporam o mundo exterior aos seus pensamentos para que posteriormente passem a intervir na realidade?

1.1.3- A Igreja e os regimes de Segurança Nacional (1972-1984)

As lutas constantes entre o governo e as oposições civis e militares agravavam a crise política, na década de 60, segundo CATÃO (1998). As oposições acusavam o então presidente João Goulart de comunista. A classe média temia que o Brasil se transformasse em uma nova Cuba. Em 31 de março de 1964, um golpe militar derrubou Goulart e foi instalada uma república autoritária. Iniciou-se a “operação limpeza” e foram presos líderes sindicais, religiosos, estudantes e professores acusados de subversão. A partir de 1968, pelo Ato Institucional nº 5 foram sequestrados e torturados centenas de militantes cristãos.

Ao analisar diferentes documentos eclesiais, livros de religiosos dominicanos e registros do site de *Memórias Reveladas* do Ministério da Justiça, encontramos citações nominais de vários padres e bispos católicos que enfrentaram o estado militar de Segurança Nacional, os quais são mencionados ao longo desta pesquisa investigativa.

A dissertação de mestrado de Sara Carolina Duarte Feijó, com o título “Memória da resistência à ditadura: uma análise do filme *Batismo de Sangue*” (USP, 2011) analisa a atuação dos frades dominicanos, Frei Tito de Alencar e Frei Betto, pertencentes à Ação Libertadora Nacional (ALN) e à JEC. Eles padeceram quatro anos na prisão (1969 a 1972), provocando em Frei Tito o suicídio, em 1974. Frei Betto e Frei Tito faziam cursos complementares na USP o que os aproximou das lideranças estudantis. Em 1968, Frei Tito conseguiu um sítio em Ibiúna, para um Congresso clandestino da UNE – União Nacional Estudantil no qual foram presos mais de 700 estudantes. Registros bibliográficos e artigos jornalísticos traduzem o apoio dado nos conventos dominicanos e outras Ordens Religiosas aos guerrilheiros urbanos.

Segundo DUSSEL (1989), o cardeal Dom Paulo Evaristo Arns foi defendido em 24 de agosto de 1984 por 3.000 (três mil) professores do Ensino Médio Público em São Paulo, contra o ataque da imprensa de direita. Dom Paulo marcou presença nos movimentos de apoio aos operários das metalúrgicas assim como nos atos da juventude universitária. Defendeu os religiosos presos e torturados, dentre estes, Madre Maurina Borges da Silveira, irmã de Frei Manoel Borges da Silveira, dominicano

de Uberaba. Frei Manoel escreveu o livro *“A coragem da inocência de Madre Maurina Borges da Silveira”* em parceria com Saulo Gomes e Moacyr Castro, editado pela ABAP - Associação Brasileira de Anistiados Políticos. IPCCIC - Instituto de Identidades Culturais- em 2014. Após trinta e quatro anos passados da prisão sua irmã, dia 25 de outubro de 1969 – o Jornal do Brasil teve acesso ao processo MJ-56 773/71. Madre Maurina, era responsável pelo Lar Santana, em Ribeirão Preto, SP, o qual acolhia crianças carentes. Sem conhecimento político da realidade local, permitiu que um grupo de estudantes realizassem encontros periódicos em uma das salas no Lar. Ela não participava das mesmas, apenas os acolhia acreditando ser uma reunião de jovens universitários. Entretanto, foi considerada como subversiva e comunista, presa, torturada e exilada para o México. Todo o grupo de jovens foi preso e submetido a torturas. Para as forças repressivas, as razões de Estado predominavam sobre o direito à vida. *“A tortura visava imprimir à vítima a destruição moral pela ruptura dos limites emocionais”*, segundo os relatos do livro *“BRASIL, NUNCA MAIS”* (Editora Vozes, 1985), sob a coordenação de Dom Paulo Evaristo Arns, o Rabino Henry Sobel e o Pastor presbiteriano Jaime Wright.

Outro bispo que conduziu o movimento camponês no Araguaia foi Dom Pedro Casaldáliga que promoveu o V Encontro Intereclesial das Comunidades de Base em Canindé, de 04 a 08 de julho de 1983. Dom Tomás Balduino, dominicano e presidente do CIMI- Conselho Indigenista Missionário, defendeu a frente indígena onde a Igreja tornou-se a única força de defesa das etnias do Brasil.

Dom Tomás Balduino (1922- 2014) nasceu em Posse, Goiás, cujo nome de batismo era Paulo Balduino de Sousa Décio. Ao se tornar religioso dominicano recebeu o nome de Frei Tomás. Realizou seus estudos no Seminário Menor, na Escola Apostólica Dominicana em Juiz de Fora, MG e os estudos secundários, no Colégio Marista Diocesano de Uberaba. Coursou filosofia em São Paulo, Teologia em Saint Maximin, na França, onde fez o mestrado. Em 1950, voltou a Uberaba e lecionou filosofia na FISTA. Em 1957 foi nomeado superior da missão dos dominicanos em Conceição do Araguaia, no Pará, onde conviveu com a realidade indígena e sertaneja. Estudou e aprendeu a língua dos indígenas Xicrin, do grupo Bacajá e Kayapó. Em 1967 foi nomeado Bispo de Goiás e procura adequar-se aos apelos de Medellín (1968) e define novas formas de organização e estratégias de luta junto aos lavradores, movimentos nacionais pela reforma agrária e apoio às famílias sertanejas. Dom Tomás participou do processo de criação do CIMI, em 1972 e da Comissão Pastoral da Terra (CPT), em 1975, nas quais teve atuação de destaque. Relatos de pessoas que conviveram com ele, durante seu

bispado, afirmam que sem usar o autoritarismo, ele fazia valer sua autoridade. Um destes companheiros de luta pelos direitos humanos foi Dom Pedro Casaldáliga, espanhol, que chegou ao Brasil em 1968; juntamente com Dom Juvenal Roriz assessoravam os Cursilhos de Cristandade. A atuação destes religiosos junto às comunidades e movimentos sociais geraram perseguições e investigações do governo militar, confirmados nos autos do Serviço Nacional de Informações da Polícia Federal, que traduzem a forma de condução dos processos diante da perpetuação de um sistema de opressão, controle e institucionalização do poder.

No documento da Polícia Federal, SNI- datado de 24/06/1976, encontra-se a citação de Irmã Marta Rodrigues Silva, referindo-se a irmã dominicana da Congregação de Monteils, priora da comunidade de Conceição das Alagoas que assumia um trabalho de evangelização e conscientização das comunidades indígenas e moradores ribeirinhos do Rio Araguaia, em parceria com os bispos. No período de 04 a 07 de março de 1976, realizou-se na Chácara dos frades dominicanos, em Conceição do Araguaia, o I Cursilho de Cristandade, que foi totalmente investigado pelos militares e encontra-se também registrados neste documento o nome dos participantes e coordenadores. Outro documento confidencial revela que neste mesmo local, em julho de 1976 houve uma reunião do clero e suspeitaram de um possível treinamento de tiros.

Em 13 junho de 1979, realizou-se na Diocese de Volta Redonda, na cidade de Arrozal, Estado do Rio de Janeiro o Encontro Latino-americano de Movimento Operário da Ação Católica – MOAC-, reunindo em torno de 70 líderes religiosos e leigos brasileiros, paraguaios, chilenos, bolivianos e peruanos. A relação dos participantes, coordenadores, objetivos e pauta do encontro estão nos arquivos do Serviço Nacional de Informações; Informe nº 039/ 119/ARJ/79. Ao analisarmos, encontramos o nome de Irmãs Dominicanas de Monteils que residiam no Rio de Janeiro. Percebe-se que as ações da Igreja eram investigadas e monitoradas pelo Serviço da Polícia Federal que buscava provas concretas para as prisões e fatos que comprovassem ações contrárias ao regime militar vigente.

Documentos históricos e oficiais da Igreja Católica registram que o Padre Francisco Lage Pessoa, (1917-1989) conhecido como Padre Lage, professor universitário, em Belo Horizonte, fundou sindicatos rurais e incentivou a reforma agrária no país. Pe. Lage orientava um grupo de jovens católicos da JUC e JOC, jornalistas, dentre eles, Lúcio Nunes, Jair de Sá (desaparecidos na ditadura militar) e Herbert José de Sousa que mais tarde se tornaria conhecido como Betinho. Eles criaram um periódico semanal, sob a

orientação de Padre Lage, para divulgação de suas ideias, imbuídos da religiosidade e influência de Jacques Maritain e Emmanuel Mounier com o título: “*Testemunho Cristão*”. Afirmar-se que pela eloquência de Padre Lage e seu envolvimento com o movimento sindical, tornou-se um militante pelo país. Esteve presente em Uberaba, em um comício político, assistido por Padre Prata e Pe. Eddie Bernardes, professores da FISTA e coordenadores do movimento estudantil na cidade. Este fato se encontra registrado na Ata de Inquérito Militar, de 03 de junho de 1964, pela Comissão de Inquérito da Polícia Militar de Minas Gerais. Padre Lage ficou preso por um ano. Exilou-se no México e no retorno abandona o sacerdócio, casa-se e continua com sua luta política por seus ideais. Faleceu em 07 de abril de 1989.

Toda a América Latina viveu, na década de 70, momentos de terror, repressões e perseguições à Igreja e aos Movimentos Sociais, provocados pela condução do Departamento de Estado Norte-americano nos governos de Richard Nixon e Gerald Ford (1969-1977). Segundo os documentos da “Declaração de Santa Fé”, em 1979, e do “Instituto de Religião e Democracia”, coordenado pelo teólogo Michael Novak, eles defendiam o capitalismo como sistema adequado para combater a pobreza e a tirania. Este posicionamento gerou novas tensões, debates e conflitos na Igreja latino-americana. Um dos padres que se opunham a esta concepção capitalista e considerado pioneiro na sistematização da Teologia da Libertação foi o padre dominicano Gustavo Gutiérrez, peruano, com vasta produção teológica-pastoral acerca dos rumos do Vaticano II. Ele apresenta uma nova maneira de refletir a fé em meio à luta por uma sociedade justa e fraterna. Frei Gustavo Gutiérrez fundou em 1974, em Lima, o Centro Bartolomeu de Las Casas, com a finalidade de promover palestras, cursos, estudos e publicações teológicas que atualmente é chamado de Instituto Bartolomeu de Las Casas sendo referência internacional. Segundo Frei Betto, irmão de congregação dele, Frei Gustavo possui vasta publicações de livros, teses e artigos sobre os princípios e metodologia da Teologia da Libertação. Algumas, em parceria com outros teólogos de destaque neste contexto como Leonardo Boff, Hugo Assmann, João Batista Libânio, Juan Luís Segundo, José Míguez Bonino e Elsa Támez.

Nos depoimentos dos egressos da FISTA confirmamos a presença destes teólogos e escritores em suas referências como parte integrante do “capital cultural” da instituição, aqui compreendido segundo Bourdieu, como posse de bens culturais que proporcionam maiores possibilidades de acesso ao conhecimento, são bens materializados como os livros, hábitos de visitas a museus e galerias, viagens e outros.

Para o teólogo LIBÂNIO (2012) foram muitas as contradições internas na Igreja, entretanto ela consegue dar um passo. O próprio povo cristão tornou-se protagonista de sua missão nas comunidades de base. As CEBs revelavam um novo modelo de Igreja que era oposto ao conceito clerical ou elitista, traduzia uma espiritualidade como *Igreja dos pobres*.

Nesta realidade, percebe-se que a Igreja enfrenta um novo desafio. Diante de tanta repressão, tortura, morte e exílios, ela abandona a posição narcisista de lutar em defesa de seus próprios direitos como o ensino, o culto e ritos. Passa a se preocupar com a defesa dos direitos humanos daqueles que são pobres, indefesos e sem voz. A Igreja Católica enfrenta, neste contexto, o medo de que a reforma agrária aconteça, assim como a implantação do comunismo no país. Os religiosos que faziam parte da ala tradicional, conservadora, não aceitavam, com bons olhos, a tantas mudanças na Doutrina Social da Igreja, dados registrados nos sites da CNBB- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Os movimentos universitários, sociais, líderes religiosos e leigos não se contentam apenas denunciar a violação dos direitos, contudo procuravam refletir sobre as três ideologias que imperavam nos sistemas sociopolíticos do mundo: o liberalismo capitalista, o coletivismo marxista e a Doutrina da Segurança Nacional. Percebe-se nos depoimentos autobiográficos dos alunos egressos da FISTA que estas três ideologias estavam presentes nos debates e nas bibliografias dos educadores. Assim como a nova visão que se fortalecia com *O Documento de Puebla*, de 1979, no México; não se afastava da linha traçada por Medellín, acima de tudo manifestou-se a respeito da educação para a América Latina- AL. Para o teólogo Beni dos Santos, Puebla não trata de uma exposição de princípios doutrinários, com conceitos e citações, mas sim, “*um documento com linguagem simples, que teve a pretensão de denunciar, anunciar e convocar o povo latino-americano para uma ação de comunhão e participação*”. O método teológico-pastoral que estrutura o Documento é conhecido e divulgado até os dias de hoje: *Ver* a realidade, *julga-la* com os critérios da fé e *agir* pastoralmente.

O sociólogo Dr. José Oscar Beozzo (1984) em sua análise sobre Puebla e a realidade Latino-americana reconhece que houve luzes e sombras em seu processo histórico. Luzes para o colonizador espanhol e português que na América fizeram desabrochar sua civilização, cultura e religião. As sombras ficaram para os povos indígenas (ameaçados de genocídio físico e destruição cultural) e os povos africanos (ofendidos e humilhados em sua religiosidade e cultura). O Documento de Consulta não registra uma linha sequer a esta questão. Ele reflete a questão histórica e conflituosa da

Igreja: *“Será que a mesma falha teórica e prática que no passado impediu que, infelizmente, o problema dos escravos africanos não merecesse suficiente atenção evangelizadora e libertadora da Igreja, não continuam sem revisão em profundidade?”* (PUEBLA, p.18) Sabe-se da existência de mecanismos do passado que colaboraram com a Igreja e o poder colonizador na perpetuação da economia escravista durante décadas. Como explicar a prática em quase todas as congregações religiosas masculinas e femininas, vindas para o Brasil, no final do século XIX e durante a Primeira República que se recusavam receber candidatos da cor negra ou mesmo mulatos?

Beozzo (1984) analisa em sua obra; *“Cristãos na universidade e na política”*, com sutileza as entrelinhas existentes nos quatrocentos anos de discriminação aberta ou velada em relação às culturas negras e indígenas. Exemplifica a prática de escravismo na economia, em que a Igreja fazia parte, assim como utilizava do braço escravo em seus conventos, casas paroquiais, propriedades agrícolas e outros demonstrando uma prática ante evangélica: excludente. A Ordem Dominicana foi uma que perpetuou essa situação até a década de 70, alterando com a implementação das orientações do Concílio Vaticano II. A primeira Congregação feminina a receber postulantes de cor foi a das Irmãs de Jesus Crucificado, fundada somente em 1928. Entretanto, os dados históricos mostram que estas irmãs eram admitidas para as funções de oblatas, isto é, desempenhavam suas funções nos serviços gerais de cozinha, lavanderia, limpeza do convento e nunca para a função hierárquica das Irmãs e Madres. Na Ordem Dominicana, na Congregação de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, até mesmo o hábito, suas vestes, eram diferenciadas, assim como o lugar onde se sentavam para as orações, cantos, refeições e formação ao longo do noviciado.

Inúmeros relatos e documentos da Congregação registram que as postulantes de cor branca e com poder aquisitivo maior, chamadas irmãs de coro, se dedicavam à educação; eram encaminhadas para o noviciado na França. Estas possuíam dotes que as mantinham em Paris, durante o período de formação docente. As demais, denominadas irmãs conversas, dedicavam-se aos trabalhos domésticos e manuais, aos doentes, a formação era local, em Uberaba, no Colégio Nossa Senhora das Dores, com aulas de francês e latim, para que pudessem rezar juntas com as demais religiosas. Esta divisão revela hierarquia social existente na Ordem, decorrente da cultura e da classe social a qual as irmãs pertenciam. Fato que incomodou a muitas e provocava situações de conflitos internos. Algumas freiras e frades dominicanos chegaram a abandonar a vida religiosa, como relata em seu depoimento (informação pessoal), a ex - freira dominicana, Zélia

Maria Assunção Theodoro, professora aposentada da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro:

Desde Monteils existia esta divisão. As francesas eram as mais ricas. Para entrar tínhamos que dar um dote, na época, vinte mil, as roupas de cama e os tecidos para a confecção dos hábitos. Não era obrigada a dar, porém aquelas que não davam, iam para os serviços de limpeza”. [...]. Até o avental para as atividades era diferente para as de coro e conversas. Lembro-me do Externato São José, uma escola dominicana para pobres onde nós dávamos aula durante o Magistério. [...]. Eu deixei o convento na época da Madre Bernadete, ela era muito rígida. Eu estava em Brasília e fui embora para o Rio de Janeiro, onde tinha conseguido um trabalho na Universidade. Durante o voo, encontrei-me com um padre que me indagou: Irmã Nely, por que você deixou o convento? - Porque eu entrei. A gente só sai de um lugar por onde entramos. Muito tempo depois, analisei e vi que entrei com sonhos, desejo de ser santa, de purificar... E a parte humana está acima do espiritual, dominando o ser humano. Muita contradição. [...]. Naquela época, o hábito era mais importante que a gente. A batina tinha um valor, um sentido. [...]. No dia da tomada de hábito, era na presença do Bispo Dom Alexandre., ele sentava numa poltrona no altar. A gente chegava, fazia a genuflexão e deitava-se no chão, durante o canto da Ladainha. Ele dava um sinalzinho e a gente levantava. Era drástica a coisa. Ele dizia: ‘No século, vosso nome era Zélia Maria Assunção de Andrade, na Ordem vos chamareis Irmã Maria Nelly do Santíssimo Sacramento. (THEODORO, 2018³)

Percebe-se que havia um ritmo sob os moldes da cultura francesa. As Irmãs não tinham liberdade de escolha. O nome de batismo era mudado e a escolha era feita pela Ordem que comunicava no momento da solenidade. Tudo feito dentro de uma época, um contexto de vida em que as pessoas aceitavam. Zélia Maria entrou no convento em 1950 e ficou até 1968, foram 18 anos de convivência e descobertas de caminhos que a levaram a decidir pela mudança. Viveu o contexto da ditadura e da busca de liberdade de expressão: “...a gente vai adaptando aos processos de evolução. Quando me lembro da inocência que a gente vivia, digo até ingenuidade, não tinha abertura, a gente não questionava. Quando fôssemos questionar, achávamos que era pecado”. (THEODORO, 2018)

³ Informações fornecidas por Zélia Maria Assunção Theodoro, em 14 de julho de 2018, em depoimento informal, na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

O depoimento de Zélia nos remete às pesquisas e reflexões de Bourdieu (1974): “*Se o mundo social me é suportável é porque eu posso me indignar*”. Ele apresenta conceitos acerca da sociedade e “*da função da sociologia que é revelar ou desvelar e não denunciar*”. São fatos ocultos, inconscientes ou mesmo implícitos, que ao serem explicitados trazem a compreensão dos fundamentos das ações. Estes fundamentos se relacionam com as dimensões coletivas e individuais do espaço social. Neste sentido, ele apresenta o conceito de *habitus*, isto é, explica as ações dos indivíduos, reconhece os modos de incorporação de padrões sociais num processo de interiorização, que obedecem às normas do lugar e da classe social onde o sujeito se encontra. Nesta relação há a produção de novas respostas sob a forma de ações ou práticas sociais.

Neste contexto, percebe-se a força da linguagem, onde há a necessidade de historicizar os discursos literários, analisar o momento em que foram constituídos e as condições sociais nas quais foram apropriados ou interpretados. Segundo Bourdieu (1974), é fundamental compreender como se produzem as práticas culturais, sejam elas de interpretação, circulação, de aprovação ou consumo.

No depoimento de Zélia Maria Assunção Theodoro transparece as oposições sociais no espaço físico, levando-nos a considerar seu ponto de vista como forma de produção de modos para se compreender a “miséria do mundo”. Ela nos relata:

Tudo era controlado, até mesmo as leituras. Se pegássemos um livro bom para ler, histórias bonitas, que muitas vezes, não eram religiosas, passavam pelo crivo da diretora e eram lidos durante o momento das refeições. As leituras eram feitas em francês. Acredito que era para ninguém entender nada, principalmente as irmãs conversas. Jantávamos em silêncio. Duas noviças serviam o jantar, passando as travessas. Por ordem hierárquica, primeiro a madre diretora, as vices, as irmãs de coro. As Irmãs conversas, lá no fundo, as últimas a se servirem... (THEODORO, 2018)

Relatos como este, não aparecem de forma explícita em documentos históricos de consulta em preparação às Conferências de Medellín ou Puebla. Alguns historiadores e teólogos, como Beozzo (1984), lamentam a falta de alusões e debates sobre as angústias que afligiram a tantos religiosos e leigos por longas décadas. Angústias produzidas pelo abuso de poder, causadas pela repressão sistemática ou seletiva, violação da privacidade, pressões, torturas, desaparecimentos de pessoas e insegurança total.

Outro teólogo, Jean Comby, em seu livro “*Para ler a História da Igreja II, do século XV ao século XX*” (1994) analisa a trajetória da Igreja após o Concílio Vaticano

II e constata-se um recuo das práticas religiosas, das referências cristãs e dos comportamentos. Houve uma diminuição na presença dos leigos nas missas dominicais, no número de batismos de crianças e um dado significativo na redução do clero.

De 40.000 padres seculares em 1965, passa-se para 36.000 em 1975 e para 28.000 em 1985. As ordenações anuais que atingiam em 1950 em torno de mil, caem para 500 em 1968 e para 100 nos últimos anos. Surpreendente é o número de padres que abandonaram suas funções sacerdotais para casar-se ou engajar-se em movimentos sociais ou políticos, em torno de 5.000 a 6.000. Outro dado interessante é o número de divórcios: 01 em 10 casamentos em 1979, 01 em 05 casamentos em 1979 e 1 em 03 em 1985. (COMBY, p.220)

As interpretações a este cenário são diversificadas e há teólogos que consideram nesse recuo da religião uma consequência da aceleração do fenômeno de secularização. A Igreja não compreendeu a nova sociedade que se estruturou fora de seus limites. Outros situam no ano de 1960 com a iniciativa “infeliz” do Concílio e instaurou-se a crise. Para estes, uma minoria de teólogos, liturgistas e leigos de movimentos de Ação Católica mudaram os rumos e perderam a confiança das massas populares: complicou-se o acesso aos sacramentos e aos cultos. Para os integrantes ativos do Concílio, houve uma má interpretação ao Vaticano II e admitem que a Igreja sofreu um contragolpe da crise global da civilização ocidental. Surgiram debates de encantos e desencantos, lutas e buscas de novos caminhos.

A partir dessa busca de compreensão sobre as práticas culturais, principalmente ligadas a formação docente na FISTA, no período da ditadura militar (1964 a 1985) procuro analisar e discutir as causas que levaram um grupo de educadores dominicanos a se posicionarem contra o regime militar e a assumirem o apoio a Aliança Libertadora Nacional. É fundamental situarmos a estrutura da Igreja no Brasil e da América Latina, neste recorte temporal, com enfoque nas décadas de 60 a 80, analisando as diversas relações da Igreja com o poder público, como o fizemos anteriormente. Vale salientar que a participação dos dominicanos e outros sacerdotes na militância social e política já acontecia desde 1940, com a Ação Católica. Muitos autores, como LIBÂNIO (2012), consideram que a partir deste fato iniciou-se a divisão ideológica dentro da Igreja: conservadores de direita e os progressistas de esquerda.

Em Uberaba, os padres e religiosas, docentes universitários ligados a FISTA são citados na imprensa local, nos arquivos do DOPS e até mesmo dentro das

congregações como progressistas e muitas vezes caracterizados comunistas e subversivos. Foram eles: Padre Cirilo, Cônego Valim, Frei Tomás Balduino, Monsenhor Genésio, Monsenhor Juvenal Arduini, Padre Eddie Bernardes, Padre Flávio, Padre Geraldo Magela, Padre Giovani, Padre Olímpio, Padre Raimundo e Padre Vicente. Todos estão listados nos Arquivos da Polícia Política, datados nos acervos do ano de 1964 a 1982; demonstrando que estes religiosos assumiam publicamente a nova concepção da Igreja Católica por meio da Teologia da Libertação. Eles tinham o apoio de Dom Alexandre Gonçalves do Amaral e de Dom Benedito Ulhôa Vieira. O relatório confidencial do Departamento de Polícia Federal, do Estado de Minas Gerais, datado de 15 de setembro de 1981, faz referência a Dom Benedito de Ulhôa, Monsenhor Juvenal Arduini e aos alunos da FISTA sendo Joaquim José de Miranda Borges e Patrícia Pontes Zaidan. Os informes neste documento trazem também o nome da Irmã Angélica Pereira de Almeida, dominicana de Monteils, professora de Língua Portuguesa e Literatura do Curso de Letras e Jornalismo da FISTA, na década de 70. Ir. Angélica era considerada pelos militares como subversiva, pois coordenava a criação e impressão dos periódicos confeccionados na FISTA: “*Sagarana*” e “*Exceção*”. Na mesma época, Madre Maria Georgina, diretora da FISTA, foi citada, porém não encontramos registros nos autos do DOPS, o que nos leva a acreditar que não tiveram provas físicas após a investigação. Entretanto, Monsenhor Juvenal Arduini, professor de Sociologia e Filosofia da FISTA, foi autuado, sofreu perseguições, como mostram os documentos do SNI, Serviço Nacional de Informações. Suas disciplinas eram consideradas pela intelectualidade católica, fundamentais para a formação universitária. Para os educadores católicos a filosofia traria contribuições, conhecimento para que os jovens descobrissem os caminhos dos saberes. Monsenhor Arduini escreveu diferentes textos, artigos e ensaios referentes às ideias e propostas de Jacques Maritain, entre eles destacamos: “Jacques Maritain” livro publicado em 1946 pela Editora Agir no Rio de Janeiro; o artigo “Atualidade de Maritain”, publicado em 1946 pela revista “A Ordem” no Rio de Janeiro; “Novo Livro de Jacques Maritain”, publicado em 1967, pelo jornal “Correio Católico” em Uberaba.

Monsenhor Arduini fazia parte uma camada social privilegiada. Segundo Bourdieu, capital cultural institucionalizado (BOURDIEU, 1988, p.74-75). Ele possuía diplomas acadêmicos, formação cultural e experiência universitária que o habilitava a lecionar filosofia e outras disciplinas na área de ciências humanas e ser referência aos seus alunos. Atendendo a demanda universitária de Uberaba e ao projeto educacional da Igreja, ele foi professor-fundador de outras instituições de ensino: em 1954 na Faculdade

de Medicina do Triângulo Mineiro; em 1966 na Faculdade de Ciências Econômicas; em 1975 na Faculdade de Zootecnia, lecionando até 1985. Ele afirmava que no “ano (1966), fui chamado para lecionar na Faculdade de Odontologia do Triângulo Mineiro. Do período de 1957 a 1962, fui professor de um curso de Extensão Universitária na Escola de Direito. Em 1972, fui professor de Sociologia da UNIUBE” (SILVA, 1994, p.192).

A trajetória educacional e intelectual de Monsenhor Arduini mostra que uma disposição individual “*é uma variante estrutural dos demais (...), o estilo pessoal não é senão um desvio em relação ao estilo próprio de uma época ou de uma classe*” (BOURDIEU, 2002, p.174). Sua atuação no campo acadêmico lhe garantiu uma identidade diante do contexto da época: oposições de classes sociais, regime militar, debates dos diferentes modelos educacionais com questionamentos como: “*qual era o compromisso social da Universidade*”? Para ele, a princípio, a universidade era um espaço cultural onde se produzia e se comunicava o saber sistematizado. A universidade era:

[...] o lugar da pesquisa da realidade e da hermenêutica do sentido. É o Campus amplo onde se debatem questões nacionais e mundiais de relevante valor. E é também o laboratório onde se ensaiam projetos para a sociedade que procura superar o arcaico status quo, através de transformação postulada pelas necessidades alarmantes da massa popular. Somente assim, a universidade cumprirá tarefa científica e pedagógica aliada ao intransferível compromisso político-sócio-econômico. A universidade é chamada a promover constelação científica, tecnológica e axiológica que habilite o homem brasileiro a ser sujeito efetivo de seu destino histórico (ARDUINI, 1992, p.19).

Nessa década de 60, os alunos universitários discutiam muito as reformas do ensino superior à luz de uma educação mais comprometida com a democracia e a justiça social. Os debates na FISTA utilizavam como referencial as obras de Monsenhor Arduini, tais como: “Temas Sociais” (1964), para compreender aspectos sociais, políticos, econômicos e religiosos problematizados pelo autor; “Homem-Libertação” (1968), em vista de conhecer os fundamentos do existencialismo cristão presentes no conceito de educação; e “Destinação Antropológica” (1989), para compreender suas teses acerca da educação e da universidade no Brasil. Ele reconhecia sua influência intelectual no campo universitário de Uberaba o que nos leva a crer que foi determinante a presença dos jovens na Missa Universitária, instituída com os sacerdotes progressistas Padre Prata e Padre Flávio Silva. Os folhetos e roteiros da Missa Universitária foram registrados e autuados pela Polícia Federal, com grifos em palavras e frases, supostamente analisadas como subversivas. Afirmam que “a missa

fugia totalmente dos padrões tradicionais da Liturgia com pregações fazendo referência a Karl Marx e Paulo Freire". Os agentes destacam fragmentos de sua homília nas missas aos universitários que traduzem sua linha de pensamento e ideologia pautados na Teologia da Libertação:

Senhor, venho ver tua face, na face dos universitários. Também na face dos operários que rompem o silêncio e agitam contra o salário mínimo que cria a fome". [...] " O egoísmo, o medo, o latifúndio, o poder do mais forte fecham os caminhos do Evangelho e da História"; " Universitários: o sangue de Cristo esmagado pela injustiça não é piedosa rotina ou rito vazio. Este sangue clama por nossa definição, em favor da justiça e da libertação". " Escuta o clamor dos que são expulsos de suas terras, escuta a angústia dos desempregados e dos amedrontados, escuta o choro das crianças subnutridas... (SNI, Informação nº 0097/19/AC/82)

Os documentos confidenciais trazem as acusações dirigidas a religiosos que por meio da imprensa escrita, livretos, boletins e panfletos buscavam a conscientização das pessoas para os problemas sociais do momento e na concepção dos agentes federais e da Polícia Militar eram vistos como "*doutrinação esquerdista*".

Os registros e acervos bibliográficos encontrados nos arquivos dos conventos mostram que a Ordem Dominicana atuava de forma diferente em relação ao golpe militar, pois tinham uma tradição de militância política de abrigar os refugiados. Os frades dominicanos que tinham a participação mais ativa e comandavam algumas operações contra os militares, eram: Carlos Alberto Libânio Christo (Frei Betto), Fernando de Brito (Frei Fernando), Ivo Lesbaupin (Frei Ivo) e Tito de Alencar Lima (Frei Tito). Todos eles eram alunos universitários da USP- Universidade de São Paulo.

Figura 07- Momento do julgamento (1969) dos frades dominicanos: da esquerda para a direita: Frei Fernando Brito, Frei Betto, Frei Ivo e Frei Tito Alencar. Acervo Particular das Irmãs Dominicanas de Monteils.

Fonte: Acervo dos Padres Dominicanos de Perdizes – SP

Eles foram presos e condenados a 04 anos de prisão na Penitenciária de Presidente Prudente, em São Paulo. A luta de resistência ao sistema e a tortura durante a prisão e o exílio são relatados no livro de Frei Betto, “Batismo de Sangue” (1982). Na opinião de Frei Betto uma das ações feitas pelos dominicanos era abrigar os perseguidos políticos em locais seguros e colaborar, sobretudo, com aqueles militantes que corriam risco de prisão, de tortura e morte. (BETTO, 1982).

A carta de Frei Blanquard OP, redigida em 22 de outubro de 1974, em Roma, referindo-se ao martírio de Frei Tito, como “... a opressão suportada até o extremo limite” também nos revela os possíveis motivos que o levaram ao suicídio:

Quem provocou a morte de Tito foi aquele que morava nele, no seu íntimo mais profundo e que representa, na pessoa de Fleury, um sistema que desde o Brasil se expande para toda a América Latina, nos fazendo lembrar o que conhecemos na Europa durante o nazismo. As torturas não nascem casualmente, são produtos de um sistema e se desenvolvem dentro da lógica de um determinado sistema. (1974, Roma)

Ao longo desta pesquisa deparei-me com várias manifestações orais, estudos, artigos e teses sobre a ditadura militar com referência e análises da vida e missão de Frei Tito Alencar, dentre as quais estão relacionadas nos Apêndices: Instituições Católicas. Chamou-me atenção o objetivo da criação do Museu dedicado a ele em Fortaleza, sua terra natal. Registram nos atos de criação que não desejam o “resgate da memória”. Muito pelo contrário, o que interessa é a “*potência de futuro encontrada no passado*”. A história continua, a luta é permanente. São estudos, reflexões e busca das verdades para que haja esperança e firmeza nos valores vivenciados por uma classe social. Para a sociedade hoje,

o museu de Frei Tito, onde estão seus restos mortais, vindos da França, representa uma “*memória aberta para acolher a intensidade de vida que frei Tito deixou para nós*”. (BETTO, 1982)

Durante o período de repressão, os conventos dominicanos de São Paulo, Juiz de Fora e Uberaba foram invadidos várias vezes pelos militares à busca de militantes considerados subversivos. Em Uberaba, os universitários e líderes católicos eram motivados por Monsenhor Juvenal Arduini, Frei Marcelo, Padre Thomaz Prata, Padre Flávio Silva e Padre Eddie Bernardes, com quem os alunos mantinham debates, “*verdadeiros serões, aos sábados à noite, nas dependências da Faculdade de Direito*”. Ilda de Almeida Ciriani vivenciou intensamente este período de pressões militares à greve dos bancários e dos sindicatos. Seu marido, José Ciriani, bancário, era aluno de Psicologia de Monsenhor Juvenal Arduini, na Faculdade de Odontologia. Como educador e pastor, Monsenhor presidia celebrações dominicais junto aos bancários, anunciando a esperança. As reuniões com universitários da FISTA, da FIUBE e outras faculdades, juntamente com os bancários eram feitas, com discrição e reserva, na Casa do Rosário, situada no pátio da Igreja São Domingos. A Casa do Rosário foi um espaço de cultura e proteção que os frades dominicanos ofereciam a muitos estudantes e trabalhadores que eram perseguidos pelo regime militar.

O período de maior efervescência foi o ano de 1963, quando Frei Carlos Josaphat lançou no dia 17 de março, o semanário “*Brasil Urgente*”, precursor de jornais como *Movimento*, *Opinião e Versus*, na imprensa alternativa. O semanário aparece como um projeto de mobilização social, de construção da hegemonia em círculos de formação de opinião. Um jornal independente que pregava uma revolução que, embora pacífica, partia do lema “*custe o que custar, doa a quem doer*”. Aliados da Frente Nacional do Trabalho, do advogado Mário Carvalho de Jesus, os dominicanos buscavam o ato religioso como “*anúncio*” e o ato político a “*denúncia*”. Frei Carlos Josaphat, em entrevista ao trabalho de pesquisa de doutorado de Wellington Teodoro da Silva (PUC Minas/UFJF), em 02 de março de 2007, revela que o Jornal “*Brasil, Urgente*” foi inspirado na imprensa católica clandestina, na França. Foram influenciados por: Emmanuel Mounier com sua perspectiva humanista personalista e comunitária; Jacques Maritain com o movimento de economia e humanismo ligado ao Padre Lebreton e a todos os que buscavam a renovação francesa no âmbito bíblico, ecumênico e litúrgico. Para Frei Carlos, no Brasil, esta renovação no campo da evangelização era compreendida na seguinte dimensão dominicana:

[...] uma compreensão de que o evangelho não deveria apenas ser uma doutrina religiosa apresentada aos trabalhadores, mas ir ao encontro deles para ajudá-los na luta libertadora, que não devia ser feita pelo ódio, pelo comunismo, etc; mas por uma inspiração humana, cristã (JOSAPHAT, 1963, p.86).

Segundo Frei Carlos, os metalúrgicos só aceitaram os dominicanos e o semanário quando viram que “*Brasil Urgente*” foi o único a defender uma greve que fizeram no ABC Paulista. Nesse período, os estudantes da USP e outras universidades superlotavam a igreja de São Domingos, em Perdizes, para ouvir pregações inflamadas dos frades. Estima-se que as homilias e palestras eram ouvidas por cerca de 1.000 pessoas, momentos de intelectualidade paulistana com ouvintes de outros estados em visita a São Paulo. Uma das entrevistas publicadas no semanário pelo presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), Vinícius Caldeira Brant, intitulada “*UNE: aliança povo-estudantes assusta classe dominante*” caracteriza a visão do momento estudantil da época e traz dados do contexto social, político e econômico brasileiro do período em questão. Segundo Brant:

Se analisarmos a realidade brasileira atual (...) com o desenvolvimento econômico capitalista feito à custa dos desequilíbrios que o caracterizam, e a progressiva integração da burguesia na área imperialista, veremos que os problemas do povo só se resolverão através de transformações mais profundas. As classes dominantes procuram encontrar esquemas para corrigir o desequilíbrio, esperando com isso amainar as tensões e manter a estrutura. [...] considero que a perspectiva fundamental da vida de um cristão leigo, no século XX, é a do engajamento histórico. Nossa participação no campo temporal, que especificamente nos cabe, é um instrumento de aproximação de todos os homens com Cristo e sua mensagem. Não é uma atividade propriamente apostólica no campo confessional, mas que se desenvolve através da Cristo finalização de que nos fala Congar. A participação na vida política nacional (...) torna-se assim, um dever que decorre precisamente do engajamento cristão. (Brasil Urgente, maio, 1963)

O estudante da UNE, cita Congar como referência deste engajamento cristão e humanista. Ives Marie-Josephat Congar OP (1904- 1995) foi teólogo dominicano

francês, um dos peritos conciliares do Vaticano II, considerado um dos maiores eclesiólogos do século XX que abriu a eclesiologia católica ao ecumenismo e à reforma da Igreja.

O golpe militar fechou o jornal dos dominicanos com 55 edições. O último número saiu, por coincidência, em 31 de março de 1964, quando Frei Carlos partiu para a Suíça, por pressão da ala conservadora da Igreja. Para Silva (2008) o “*Brasil, urgente*” constituiu-se como expressão do catolicismo de esquerda que surge a partir de seu cotidiano de militância, que manifestava em seus artigos fidelidade à tradição apostólica romana, uma consciência histórica e a consciência da história, como proposta de revolução cristã.

Neste contexto, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) se fortalecia com a liderança de Carlos Marighella (1911-1969) considerado o mentor das ações guerrilheiras feitas pela Aliança Libertadora Nacional- ALN. Carlos Marighella aproximou-se dos dominicanos, em São Paulo, em 1967, no convento em Perdizes, durante uma reunião de estudantes, onde se apresentou como: “*um professor interessado em conhecer melhor a renovação da Igreja Católica*” (BETTO, 1982, p. 65).

O debate, segundo Frei Betto, foi em torno da história da Igreja e da visão política e social dos cristãos. No final do encontro, o professor entregou a ele “*uns livrinhos*”. Os dominicanos identificaram ao ler o conteúdo que se tratava das obras de Carlos Marighella. Seus escritos versavam como Manual de Guerrilha Urbana. A partir deste dia, os freis aproximaram-se do guerrilheiro e do grupo ao qual o mesmo liderava: ALN (Aliança Libertadora Nacional). A ALN tinha como objetivos derrubar a ditadura militar, formar um governo revolucionário do povo, expulsar do país os norte-americanos, expropriar os latifundiários e melhorar as condições de vida dos operários (BETTO, 1982).

Artigos sobre a ditadura militar e o período republicano afirmam que agentes do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) infiltram na ALN, levando informações ao delegado Sérgio Paranhos Fleury. Este descobriu o apoio que os frades dominicanos ofereciam aos movimentos contrários a Segurança Nacional. Os primeiros a serem presos foram os Frades Fernando e Ivo que foram levados ao CENIMAR (Centro de Informações da Marinha), onde passaram por interrogatórios e seções de choques elétricos e pau-de-arara. O plano do delegado Fleury para prender Marighella era torturar os dominicanos e assim eliminar o apoio que os membros da Igreja manifestavam ao movimento revolucionário. Além das torturas, os freis foram submetidos a ofensas para

desmoralizá-los diante da sociedade e dos dogmas da Igreja, como afirma FICO: “*Padres e bispos eram acusados de romper o celibato eclesiástico*”, (FICO, 2004, p. 179). No final de 1969, Carlos Marighela foi morto numa emboscada feita pelo delegado Fleury, os dominicanos foram levados a público pelas autoridades e considerados pela imprensa da época como colaboradores da morte do líder guerrilheiro. Os movimentos religiosos de esquerda consideraram os dominicanos como traidores.

Figura 08- Livro organizado por Frei Betto: Diário de Fernando

Fonte: <https://www.estantevirtual.com.br/livros/frei-betto/diario-de-fernando-nos-carceres-da-ditadura-militar-brasileira/2586516331>

Segundo o relato de César Vanucci (2004), jornalista de Uberaba, ex-professor da FISTA, na década de 70, todo este movimento nacional era acompanhado de perto pela Igreja local que organizava grupos de militância política, muitas vezes, com apoio da Arquidiocese na direção do Bispo Dom Alexandre Gonçalves do Amaral. A FISTA inserida no contexto universitário passou a ser objeto de investigação por parte dos militares. Vários professores e religiosas dominicanas e maristas foram submetidos a interrogatórios e foram obrigados a mudar a rotina e algumas ações acadêmicas por serem considerados “*agitadores e de crime contra a Nação*”.

O Professor Padre Thomaz de Aquino Prata foi perseguido pelo Serviço Nacional de Informações (SNI) que mantinha agentes informantes dentro da FISTA e outras instituições católicas. A secretária escolar da FISTA, Ir. Teresinha Fernandes confirmou, em conversa informal, da realização de matrículas de militares durante o período de 60 a 80, sendo que estes permaneciam na instituição por tempo determinado, muitos assistiam às aulas, fardados, outros eram observadores da rotina e formação de alguns professores e alunos. As aulas e missas de Padre Prata foram gravadas e durante o interrogatório policial apresentavam detalhes do discurso das homilias e exigiam explicações. No dia 03 de junho de 1964, Padre Prata foi intimado ao interrogatório de 05 horas junto aos coronéis do Exército Nacional Tenente Coronel José Gomes Rodrigues de Albuquerque e Capitão Márcio Nicolini, além de assessores jurídicos e sargentos datilógrafo e testemunha. Ele foi acusado de subversão e comunista juntamente com Monsenhor Juvenal Arduini, ambos professores de Sociologia e Filosofia da Faculdade.

Ao ler o relatório militar publicado na Revista Memórias, Número 01, 2015, Superintendência do Arquivo Público de Uberaba e Arquidiocese de Uberaba sobre Thomaz de Aquino Prata- Padre Prata; abrem-se inúmeras possibilidades de releitura do contexto da época e da prática docente humanista da FISTA exercida por seus alunos e professores. Durante o interrogatório foram feitos questionamentos sobre as reuniões frequentes que eram realizadas nas casas de alunos da FISTA e citam o caso do médico Dr. Rubens Jácomo que confirmou as reuniões secretas feitas em sua residência com a anuência de seu filho Antonio José Jácomo, membro da JEC. No relatório militar consta que o filho tenha criticado o pai, afirmando que não sabia por que residiam num palacete onde sobravam quartos havendo tanto pobre sem casa. O Capitão afirma que estas ideias foram incutidas pelas aulas de Sociologia de Padre Prata. Este responde ao coronel que o objeto formal de sua disciplina é o fato social global, a realidade social. De maneira perspicaz, discorre sobre sua postura pedagógica:

Para que a indução sociológica seja autêntica, não se pode fugir à observação e interpretação da realidade. Frequentemente, todos os problemas sociais repercutem dentro de uma sala de aula. Os alunos vivem num ambiente social, observam leem jornais, ouvem rádio, sentem os problemas sociais. É mais que natural que esses problemas surjam em sala à procura de uma solução. Uma coisa é orientar os alunos, outra seria levar os alunos à subversão. Que os alunos da

Faculdade sejam esquerdistas é uma afirmação inteiramente destituída de fundamento. [...]. Onde elementos leigos veem subversão, há apenas um estudo da realidade e uma procura de solução dentro dos princípios cristãos e democráticos. A propósito estou chegando da Faculdade de Filosofia. Aqui está o livro de texto usado por mim: “ Introdução à Sociologia” de Fernando Bastos e Ávila. (Revista Memórias, p.112).

Para se compreender melhor a importância destes documentos e a trajetória social que os envolvem nos remetemos ao conceito de campo, que neste trabalho investigativo é o campo educacional, o ensino superior. É relevante o conceito de campo, pois nos remete ao espaço onde os agentes investigados se movem e estabelecem suas práticas. De acordo com Bourdieu (1989), o conceito de campo possibilita a análise sobre as formas como os agentes envolvidos em determinado tipo de atuação se posicionam e estabelecem disputas em torno daquilo que confere as formas de capital no campo em que atuam. Os agentes se posicionam a partir de disputas em torno de interesses específicos, práticas e discursos considerados como legítimos no interior do universo em que se movem. O campo educacional é espaço marcado pelo universo simbólico do conhecimento e construção do mundo, segundo Bourdieu (1974) . Nesse sentido, são pertinentes considerações sobre o conceito de capitais, dentre os quais o que se refere à posse de conhecimentos educacionais legítimos como fator de distinção, de diferencial, isto é, a posse de capital cultural. Além desse capital, há que se considerar o capital social decorrente das relações sociais ao longo da vida.

A FISTA insere-se neste contexto de busca do conhecimento humano, promovendo a ação pastoral junto aos membros da comunidade universitária. São preponderantes os relatos dos ex-professores e ex-alunos em testemunharem o diferencial da instituição: *“formávamos educadores e não apenas professores...”*

CAPÍTULO II: HISTÓRIAS CONECTADAS: ELOS DE TRANSFORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SABERES E PRÁTICAS ENTRE OS EGRESSOS DA FISTA

Ao investigar as concepções e práticas educativas vivenciadas nas Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino - FISTA, principalmente, nas décadas de 60 e 70, período de sua consolidação no campo do ensino superior, deparamos com produções e debates historiográficos que trazem abordagens teórico-metodológicas das ciências sociais referentes ao desenvolvimento cultural e econômico nas sociedades capitalistas.

Apresentam questionamentos sobre linhagens e estilo de pensamento, uma revalorização de conexões e transferências entre sociedades, culturas e espaços. Compartilham da necessidade de ampliar os objetos de análise para além do Estado nação e escapar do eurocentrismo. Para Jürgen Kocka (2012), a Global History oferece uma alternativa historiográfica ao buscar objetos de pesquisas capazes de estabelecer relações além-fronteiras, assim como conexões transnacionais nos seus mais variados conteúdos temáticos, tais como história da globalização, migrações, ambiental, institucional, leis e outros. Pesquisadores defendem a interação e a circularidade de ideias como um meio eficaz para a escrita e a compreensão de uma história global.

Neste contexto, António NÓVOA (2009) se empenha em construir um mapa da história comparada: uma das formas possíveis. Não é absoluta, é um ponto de partida. Por meio da observação de um dado objeto é possível emergir desta as categorias de análise. O método dialogando com sua teoria, levantando semelhanças, diferenças,

influências, sempre questionando: Com que finalidade? O quê? Para quê? O que pode aportar o objeto de pesquisa?

Percebe-se esta relação quando antropólogos e historiadores trabalham juntos. Buscam conhecer a totalidade de todas as civilizações possíveis e imagináveis, cujo discurso histórico deve ser construído em forma de obra. Segundo RICOEUR (2007), há um ambiente já edificado, as releituras do passado são outras tantas reconstruções, às vezes ao preço de custosas demolições: construir, desconstruir e reconstruir são gestos familiares para o historiador. Este, na qualidade de comparativista, deve ser singular e plural e pode adquirir a competência de micro comunidade histórica antropológica.

O filósofo francês Paul Ricoeur (2007) nos esclarece que o jogo de escalas, um exercício de liberdade metodológica, tem como finalidade as relações de proporção comparáveis às da cartografia. A ideia de variação de escala, não são os mesmos encadeamentos que são visíveis quando mudamos de escala. Não há redução de escala e sim encadeamentos diferentes em configuração e em causalidade. Comparar entre si as visões de mundo que emergem de níveis diferentes de escalas, sem que essas visões possam ser totalizadas. A atividade comparativa coloca em perspectiva os valores e as escolhas da sociedade à qual se pertence; um olhar crítico sobre nossa própria tradição, aprender a viver com os outros, caminhar para o desapego de si mesmo.

A diversidade social, cultural e econômica na sociedade globalizada se mostra inserida num processo de expansão do capitalismo europeu e norte-americano. Percebe-se um confronto cultural de hábitos e costumes, marcados pelos fluxos “das gentes e das coisas”: encontros culturais em zonas de fronteiras. O desafio é definir os conjuntos que se enfrentam. Alguns autores nos ajudam a refletir sobre este fenômeno: [...] “ *por intermédio de qual alquimia as culturas se misturam? Em que condições? Em que circunstâncias? Segundo quais modalidades? Em que ritmo?* ” (GRUZINSKI, 2001, p.18).

A historiografia transnacional, pela etimologia da palavra, sugere conexões e interações, não simplesmente comparações. Estudiosos de processos históricos transnacionais norte-americanos e europeus criticam a inabilidade do método comparado em capturar as diversas “interconexões”, fronteiras políticas convencionais, Estado nação. A rejeição ao método comparativo é equivocada segundo alguns autores: ela ajuda a compreender os paralelos e contrastes de processos históricos que podem ser limitados por entidades concretas como os estados nacionais. Segundo Cooper (1996), “*Comparação sugere as múltiplas possibilidades, caminhos e becos sem saída que*

existem dentro da história de forma mais ampla. Uma abordagem global e interativa à história precisa de comparação e a comparação precisa de uma análise global e interativa” (COOPER, 1996. p.1135).

Para melhor compreensão da forma como analisar o processo histórico da formação docente humanista na FISTA, a partir das representações sociais, que de certa forma, são práticas que nos revelam o universo cultural de uma comunidade, de uma classe, nos remetemos às reflexões de Roger Chartier (1989). Sua obra refere-se ao desenvolvimento de noções interpretativas, cabendo ressaltar as ideias de representação, prática e apropriação. Por meio da prática de um grupo intelectual e suas estratégias discursivas apresenta a concepção de *"história da cultura"*. Basicamente, o objetivo de Chartier reside em *"identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler"* (CHARTIER, 1989, pp. 16-17). Para tanto, ele reflete sobre os esquemas intelectuais que orientam a apreensão do universo e sobre *"as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado"* (CHARTIER, 1989, p. 17). Ele sustenta a vinculação das *"modalidades do agir e do pensar"* aos *"laços de interdependência que regulam as relações entre os indivíduos e que são moldados, de diferentes maneiras em diferentes situações, pelas estruturas de poder"* (CHARTIER, 1989, p.25). Nesse sentido, a leitura passa a constituir um ato concreto, onde a interpretação é determinada por um conjunto de aspectos sociais, culturais e institucionais.

Percebe-se que a história deve ser compreendida como a identificação de diferentes espaços, histórias dos contatos, dos encontros, das aculturações e das mestiçagens. *"Cada escala tem sua própria regra"*. São diferentes maneiras de ver o mundo, dependendo da perspectiva do olhar. Assim, há uma relação entre uma técnica de observação micro histórica e uma descrição macro antropológica. O importante é a escolha de um marco de estudo capaz de tornar visíveis as histórias conectadas que relacionaram populações, culturas, economias e poderes. (SUBRAHMANYAM, 1994)

Nesta linha de pensamento é imprescindível que tenhamos a sensibilidade, a observação e cuidado perante os fatos e perceber nestes a correlação, os *"laços de interdependência"*. Fundamental neste momento, reafirmar questionamentos anteriores referentes às concepções e valores que permearam a prática educativa da FISTA: Quais eram os sujeitos? Quais as culturas e histórias que se conectavam?

Um sinal desta conexão estabelecido no percurso desta investigação concretizou-se em outubro de 2018, durante minha estadia na Casa Mãe da Congregação

das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, no Largo de São Domingos, em Benfica, Lisboa, Portugal. Neste lugar cresceu e viveu Madre Teresa de Saldanha (1837-1916), fundadora da Congregação, em 1877. O convento de Benfica traduz sua história de vida, a figura feminina que não cedeu à indiferença de uma sociedade, às adversidades locais e testemunhou sua fé cristã e amor aos pobres. A tenacidade de Madre Teresa de Saldanha se expressou na vivência mística da arte, na educação formal, na solidariedade e no carisma (*Fazer o Bem sempre*).

Ao analisarmos a “*Polyanthéa comemorativa do 50º aniversario da Fundação Dominicana no Brasil*”, de 1931, um fato interessante faz referência a biografia e atuação de Madre Teresa Saldanha Oliveira e Sousa. Nascida em 04 de setembro de 1837, em Lisboa, seus pais João Maria de Saldanha Oliveira e Sousa e Isabel Maria de Sousa Botelho, Terceiros Condes de Rio Maior. Em sua ascendência era sobrinha neta do Marquês de Pombal. Dessa forma, percebe-se que Madre Teresa de Saldanha procede de família com origens nobres, muito atuantes na sociedade portuguesa até ao final da monarquia. Constam nos registros da Congregação que em Portugal, as famílias que usam o apelido Oliveira descendem do casamento do 1º Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782) com a condessa Leonor Ernestina de Daun, da nobreza austríaca. O mesmo acontece com o nome Saldanha de origem espanhola. O bisavô de Madre Teresa de Saldanha, João Vicente Saldanha Oliveira e Sousa recebeu o título de Conde do Rio Maior, criado pela rainha Dona Maria I, por decreto de 18 de novembro de 1802. (COSTA, 1937)

Segundo a pesquisa historiográfica de Costa (1937) referente aos Primeiros Marqueses de Pombal, alguns ascendentes figuram na História de Portugal pela posição na Igreja, pela ação social, pela atuação na política e nas letras. Destacam-se: Dom Manuel de Saldanha, Dom Antonio de Vasconcelos e Sousa, Dom José Luís de Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos, 1º conde, avô materno de Teresa de Saldanha, o qual dedicou-se às letras, foi ministro em Portugal e embaixador em vários países. Os documentos afirmam que sua família era católica e liberal, sofrendo as consequências do exílio. O 4º Marquês de Pombal, Marechal Duque de Saldanha (1790-1876) tio avô de Madre Teresa, foi célebre em várias companhias militares nas lutas liberais e em congressos católicos.

O artigo historiado na ““*Polyanthéa comemorativa do 50º aniversario da Fundação Dominicana no Brasil*” relembra que foi Marquês de Pombal quem assinou o decreto de extinção das Ordens Religiosas em Portugal e no Brasil, em setembro de 1759.

Com certeza, não imaginaria que em 1859, um membro de sua família fundaria uma Associação Protectora de Meninas Pobres, com a finalidade de educar e promover a camada feminina mais desfavorecida. Esta Associação abriu e subsidiou dezenas de escolas em Lisboa e região. Em 13 de novembro de 1868, enfrentando enormes dificuldades, restaura a vida religiosa em Portugal e clandestinamente, funda a primeira Congregação portuguesa: Irmãs de Santa Catarina de Sena. Em 1877 adquire a Casa de Benfica e vive neste local durante 33 anos. Em outubro de 1910, a revolução republicana perseguiu aos religiosos e todas as casas foram fechadas, as Irmãs exiladas e dispersas. Permanecem em Lisboa, apenas duas irmãs com Madre Teresa vivendo refugiadas, clandestinamente, porém orientando as demais que partem em missão para diferentes países: Brasil, Estados Unidos, Bélgica e Espanha. Mantém de forma organizada a Congregação garantindo que as irmãs se mantivessem unidas e firmes na missão evangelizadora. Esse fato nos remete aos princípios e valores da Ordem Dominicana presentes nas Constituições das Congregações: a audácia evangélica, o estudo sistemático e disciplina institucional.

Os estudos investigativos de Artur Villares (2003) sobre a história das congregações religiosas em Portugal, no século XX, revelam que os religiosos e religiosas nunca abandonaram na totalidade o país, apesar das violentas perseguições de que foram alvo. Mesmo durante a Primeira República, o movimento congreganista, com o apoio popular, *“sobreviveu metamorfoseando-se, reestruturando-se e robustecendo-se a partir da Primeira Guerra Mundial, com tal dinamismo e vitalidade que só assim se pode compreender a sua súbita irrupção com o Estado Novo”*. (VILLARES, 2003, p. VIII) O autor conclui que a experiência acumulada de décadas de perseguições e o espírito de organização, disciplina, perseverança e iniciativa das Congregações Ativas que eram ligadas ao ensino e à assistência, permitiram que aliadas à cumplicidade das populações, sobrevivessem, continuassem em regime de semiclandestinidade, com seus membros trajando vestes comuns, abandonando o hábito de religiosas.

No Brasil, as Irmãs da Congregação Santa Catarina de Sena fundam em 16 de julho de 1911 o Colégio Nossa Senhora do Amparo, na cidade de Amparo, em São Paulo. Posteriormente, ampliam a missão educativa de crianças e jovens em São Paulo, Campinas e Limeira. Atualmente, a congregação está presente em vários países, como Brasil, Espanha, Bélgica, Angola, Moçambique, Paraguai, Albânia e Timor Leste. Madre Teresa viveu até sua morte (08 de janeiro de 1916) lúcida, com atenção e interesse perante os acontecimentos da Igreja e do mundo. Era conhecida pela imprensa portuguesa como

a Santa dos tempos modernos. Após o Vaticano II, a figura dos fundadores das congregações tornou-se objeto de estudo, de aprofundamento, como fonte de renovação, de atualização dos diferentes carismas presentes na Igreja Católica. Para Rita Maria Nicolau (1996), pesquisadora da vida de Madre Teresa Saldanha “*avivar a memória da sua inspiração e carisma fundacional, para escutarmos a sua voz profética e atualizarmos*”. Segundo, Rita Nicolau, atual Madre Geral da instituição, o processo de canonização de Madre Teresa decorre em Roma. (NICOLAU, 2006)

Na Casa Mãe, em Benfica, em maio de 1885, Madre Teresa Saldanha acolheu por três meses as primeiras irmãs missionárias francesas, de Bor, designadas para presidir os trabalhos de fundação da Ordem Dominicana no Brasil. A cidade escolhida para acolhê-las foi Uberaba, no Triângulo Mineiro. Uberaba é considerada pelos historiadores, o berço dos dominicanos no Brasil. Para que as seis novas missionárias conhecessem um pouco da língua do país, ficaram hospedadas, em Lisboa, por três meses, estudando a língua portuguesa. As seis missionárias eram: Irmã Maria Eleonor (Marie Eugénie Cazes), Irmã Maria Reginalda (Marie Julie Rech), Irmã Maria Otávia (Emilie Panis), Irmã Maria Juliana(Marie Mailhes), Irmã Maria Hidalgarda (Rose Gaillard) e Madre Marie Joseph (Heloise Aubelais). Dentre estas missionárias está Madre Maria José, fundadora do Colégio Nossa Senhora das Dores- CNSD, em outubro de 1885. Durante minha visita ao bairro de Benfica tive a oportunidade de conhecer o museu da Congregação apresentado pela atual Madre Geral, Irmã Rita Maria Nicolau. Ela cedeu-me um documento inédito: a carta de agradecimento das irmãs missionárias francesas a Teresa Saldanha, datada de 01 de junho de 1896, onde relatam “*o pequeno fruto da nossa missão*”: os esforços na construção do Colégio, as primeiras alunas internas, os desafios e a expansão para a diocese de Goiás. Ao longo da carta, percebe-se gratidão e sinais de vitalidade, ousadia e comprometimento cristão. Estas primeiras irmãs que chegaram a Uberaba enfrentaram muitos problemas e desafios diante de uma sociedade conservadora. Fato comprovado com o recorte do Jornal Lavoura e Comércio, datado em 04 de agosto de 1933, em que noticia o falecimento da Madre Maria José, fundadora do CNSD. O artigo relata sua origem francesa, a separação da família com apenas 26 anos de idade para assumir durante 48 anos sua missão em terras brasileiras. O Jornal relata:

Si a humildade de Mére M. Joseph cobriu sempre com o véu do silêncio caridosos tudo quanto lhe custaram os alicerces dessa majestosa construção que nossos olhos embevecidos hoje contemplam, podemos nós soerguer uma pontinha desse manto,

para melhor admirarmos as virtudes heroicas por ela praticadas
(LAVOURA E COMÉRCIO, 04/08/1933).

Madre Maria José sofreu muitas perseguições e privações, enfrentou preconceitos, reconhecidos pela imprensa local da época:

[...] muitas vezes, nem mesmo suas filhas suspeitavam todo o amargor do cálice que seus lábios sorviam: sua alma benevolente guardava para si todo sofrimento”[...] Muitas gerações de moças –filhas de Uberaba, filhas do Triângulo- tiveram a felicidade de conviver com ela, haurindo nessa intimidade as virtudes que fazem as verdadeiras “mulheres fortes (LAVOURA E COMÉRCIO, 04/08/1933).

As virtudes de Madre Maria José se fazem presentes também em outras religiosas educadoras que se ao longo dos anos estudaram, foram internas e trabalharam no Colégio Nossa Senhora das Dores e na FISTA.

Outra atividade que devo compartilhar pela sintonia e interconexão com o objeto de pesquisa em questão foi minha participação no “*Colóquio: Rastos Dominicanos, de Portugal para o Mundo! 600 anos da Província Portuguesa*”, em Lisboa, nos dias 09 e 10 de outubro de 2018. O encontro foi organizado pelo Instituto Santo Tomás de Aquino- ISTA, criado pela Província Portuguesa dos Frades Dominicanos (Ordem dos Pregadores), em 1954, para ajudar ao desenvolvimento da sua primordial missão de estudo e reflexão teológica.

O ISTA realizou este Colóquio em parceria com a Academia da Marinha, Academia Portuguesa de História, Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Os conferencistas de diferentes universidades e centros de investigação, Lisboa, Coimbra, Porto, Évora, Minho e do Brasil, apresentaram abordagens distintas, em linhas de investigação recentes, com dados inéditos sobre a presença dominicana na América Latina e no mundo. Houve uma multiplicidade de áreas temáticas desde a História, à Arte, à Literatura, à Espiritualidade, à Teologia, à Pedagogia, Didática e Semiótica/Textualidade. Destacaram os Dominicanos e as fundações Dominicanas Femininas durante a Idade Média, os Dominicanos no período Moderno, os grandes nomes de dominicanos da Cultura Portuguesa, a importância dos percursos e as missões no Brasil, África e na Ásia. Alguns conferencistas apresentaram abordagens com propostas de diálogo entre a pintura e a escultura a partir das obras de Luís de Morales às fachadas dos Mosteiros e igrejas Dominicanas no contexto onde havia uma articulação

entre a arte e a arquitetura. Fizemos uma visita guiada ao Convento de São Domingos de Benfica e à Igreja de Nossa Senhora do Rosário que nos permitiu ter o contato direto com as estruturas e com temas contemporâneos ligados à educação. Nesse contexto, a biografia e a atuação pedagógica de Madre Teresa de Saldanha na história da educação foram evidenciados pela transversalidade de sua atuação. Os acervos presentes no Museu da Congregação revelam traços pertinentes e correlacionados ao Museu da Capela, de Uberaba, que apresenta acervos e arquivos referentes aos saberes e práticas vivenciadas por ex-alunos e professores egressos da FISTA.

Outra conferência de destaque no Congresso em Portugal foi “ *Rastos dos frades dominicanos no Brasil entre 1889-1945: a construção de uma caminhada*” com o Prof. Dr. Paulo de Assunção da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Ele apresentou a trajetória dos dominicanos iniciando por Uberaba e suas conquistas em terras brasileiras por meio da evangelização por meio da educação de base. Ressaltou a presença feminina na formação docente humanista de várias gerações, em diferentes estados brasileiros, referindo-se a FISTA, nas décadas de 60 e 70. Salientou a necessidade de exploração sistemática de fontes dominicanas e um estudo aprofundado das mesmas garantindo maior visibilidade a tantos caminhos percorridos.

A participação no Congresso Internacional confirmou a carência de pesquisas no âmbito da história das instituições confessionais que explicitassem as concepções, os princípios e práticas da formação docente humanista. Assim, neste processo de levantamento de práticas e análise dos acervos referentes à formação e profissionalização dos professores da FISTA, deparamos com a atuação de Irmã Maria Loreto Gebrim. Ela foi uma das fundadoras da FISTA, em 1949. Doutora em Geomorfologia pela Universidade de Sorbonne, em Paris, e doutorado em História e Geografia pela PUC do Rio de Janeiro, dedicou-se durante anos na formação docente da FISTA, além de várias universidades de Uberaba e Triângulo Mineiro. Foi a primeira professora de Geografia do ensino superior na região. Estudou e conviveu, na França com o filósofo e paleontólogo Teilhard de Chardin (1881-1955). No Rio, foi aluna de Dom Hélder Câmara em Didática, com quem aprimorou a arte de ensinar. Como educadora, orientou pesquisas e excursões geológicas, com viagens que viabilizaram a coleta de amostras geológicas de minerais, rochas, fósseis e outros materiais. As coletas enriqueceram os laboratórios de geografia e geologia de várias instituições escolares, assim como da FISTA que foi reconhecido pelo MEC, como referência na década de 70.

Figura 09- Registros de Ir. Loreto referente a seu trabalho de organização do Museu, 2015

Fonte: Museu da Capela CNSD.

Como docente, participou do XVIII Congresso Internacional da União Geográfica, no Rio de Janeiro, em agosto de 1956. A seguir, farei um relato de sua participação e integração com outros professores e agências internacionais: investimentos na formação docente universitária. Ir. Loreto Gebrim faleceu em 2015, com 97 anos, lúcida, compondo músicas e traduzindo textos franceses para sua congregação religiosa das Irmãs Dominicanas de Monteils.

Figura 10 - Acervo de rochas e minerais de vários países organizados por Irmã Loreto.

Fonte: Acervo do Museu da Capela CNSD.

Os registros acima demonstram aspectos relevantes da formação docente humanista: a fidelidade ao saber, à qualidade acadêmica, a seriedade e compromisso com a essência do conhecimento. Mesmo com a idade avançada, 97 anos, contribuía para a construção do acervo do Museu.

2.1- CURSO DE ALTOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS: ESSENCIALMENTE DE ESTUDOS COMPARATIVOS, ALÉM-FRONTEIRAS.

A História das Ciências tem contribuído para as novas perspectivas historiográficas que se lançam à análise das conexões para além do Estado nação. A existência de diversas redes globais de produção de conhecimento científico, formadas por indivíduos, instituições e objetos, o campo mostra como as fronteiras nacionais passam a ter importância secundária quando se pretende fomentar novas relações científicas entre países.

Os catálogos de teses e dissertações da CAPES, ANPED e DEDALUS (USP) apresentam pesquisas com análises de congressos e eventos com uma devida compreensão teórica como contribuição para a história da ciência relativa aos espaços institucionais. Percebe-se que os congressos assumem o papel de fortes espaços de socialização acadêmica e de reforço do capital científico de uma área do saber.

Um grupo de professores franceses, representando as ciências sociais e humanas, período pós-guerra, foi chamado para uma cooperação Brasil/Europa para a criação da Universidade de São Paulo (USP), em 1934. Georges Dumas, médico, eminente professor da Faculdade de Paris, é então um ator primordial dessas relações. Na sua obra encontra-se a origem da primeira missão científica francesa. A primeira de uma série que determina as colaborações entre França e Brasil. Vários cientistas passam pelo Brasil, essa “*terra do futuro*”, e Pierre Deffontaines é um deles, assim como o mais reconhecido, Pierre Monbeig.

Nesse sentido, propõe-se uma breve reflexão a respeito de um evento histórico e de grande impacto na geografia brasileira, com as presenças de Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig, em 1956, no Rio de Janeiro. Ambos se tornaram amigos e parceiros de Irmã Loreto Gebrim, irmã dominicana docente da FISTA. O evento de aproximação dos docentes brasileiros e franceses foi o Curso de Altos Estudos Geográficos, promovido pelo Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil, da Universidade do Brasil, com a colaboração da CAPES (Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e o patrocínio da Fundação Rockfeller. O seu objetivo primordial era estimular o desenvolvimento da pesquisa geográfica nas Universidades brasileiras e o aprimoramento do corpo docente destas. Os participantes, regularmente matriculados, foram dispensados de suas atividades pelo MEC, com “*vistas aos elevados objetivos culturais do curso*”.

O discurso de encerramento do Curso foi proferido pela geógrafa Irmã Loreto Gebrim que falou em nome dos 37 professores universitários de 15 Estados brasileiros. O XVIII Congresso Internacional da União Geográfica, realizado de 09 a 18 de agosto de 1956, na cidade do Rio de Janeiro, trouxe ao Brasil as maiores figuras da geografia mundial. A abertura do XVIII Congresso teve como ponto central a relação entre a geografia e as políticas territoriais, demandas assumidas pelo próprio IBGE. Tal relação foi explicitada no discurso proferido pelo Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, para quem, se o Brasil atingira uma “*consciência geográfica plenamente amadurecida*”, cabia aos “*homens de ciência*” realizar o que JK chamaria de um “*extraordinário projeto de vida prática*”.

O XVIII Congresso Internacional possibilitou aos professores universitários brasileiros a oportunidade de um contato mais demorado com alguns mestres, a cargo dos quais se instituiu o curso intensivo de nível de pós-graduação: Curso de Altos Estudos Geográficos. A iniciativa se tornou possível graças a uma contribuição generosa da

Fundação Rockefeller e um convênio firmado entre o Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil e a CAPES. A Fundação Rockefeller forneceu os recursos para a remuneração dos professores visitantes e despesas do curso e a CAPES o custeio das bolsas de estudo, destinadas aos docentes universitários brasileiros, procedentes dos Estados.

O curso de seis semanas teve início em 22 de agosto de 1956. As aulas teóricas eram todas as manhãs, às tardes reservadas para estudo e trabalhos práticos. Foram realizadas pequenas excursões de fim de semana, com trabalho de campo especializado, pesquisas, relatórios sob a orientação dos docentes visitantes. O corpo docente formado por 07 (sete) professores estrangeiros sendo: Prof. Dr. Carl Trool, fito geógrafo alemão, Prof. Dr. Erwin Risz, cartógrafo norte-americano, Prof. Dr. Pierre Monbeig e Pierre Deffontaines, ambos especialistas em Geografia Humana, e também franceses, Prof. Dr. Pierre Birot e Dr. André Cailleux, geomorfólogos e Prof. Dr. Orlando Ribeiro de Portugal.

Em seu discurso de encerramento do curso, Ir. Loreto Gebrim ressalta que o mesmo foi para o Brasil o que o XVIII Congresso Internacional da União Geográfica foi para o mundo. Concorreu para o engrandecimento deste ao propiciar a elevação e unificação da metodologia geográfica nas cátedras de muitos Estados, almejando um maior entendimento entre os professores de todos os cantos do país. Ressaltou o ambiente de cordialidade reinante e agradeceu a cada um dos professores que deram um novo impulso à geografia no Brasil. Salientou o papel que cada educador desempenhou, lembrando que a geografia moderna tornou cada vez mais uma disciplina científica. Por meio dela o geógrafo trava com a natureza uma espécie de diálogo de que nasce a interpretação de uma paisagem.

Um dos professores de destaque foi Pierre Deffontaines: doutor em Geografia pela Sorbonne, fundador do Instituto de Geografia da Faculdade Católica de Lille, desempenhou importante papel no desenvolvimento da geografia em nível superior, tanto no Canadá (Universidade de Laval), quanto no Brasil (Universidade de São Paulo e antiga Universidade do Distrito Federal). Ele ocupou posição de grande destaque entre os que cultivam o campo da geografia humana, sendo diretor de uma coleção dedicada a este ramo.

2.2- PIERRE DEFFONTAINES, MEDIADOR DE SABERES E RELAÇÕES

Pierre Deffontaines é considerado uma referência nas relações científico-culturais num espaço atlântico repleto pelos numerosos intercâmbios internacionais. Seus trabalhos foram essenciais nos países onde trabalhou. Em primeiro na Espanha, na Catalunha, assim como na América do Sul, em particular no Uruguai e na Argentina. No Canadá francófono, a sua obra é fundamental na história da geografia canadense onde a influência francesa foi fundadora. Comprovam-se as influências do trabalho de Deffontaines na exportação da sua geografia assim como o impacto das viagens em seu pensamento. As suas práticas profissionais, sociais e culturais colocam em evidência vários aspectos inovadores na sua obra quando estudadas no âmbito das relações atlânticas (MACHADO, 1999)

Sua personalidade e formação inicial desempenharam um papel importante no processo de exportação/importação do saber e do conhecimento. Deffontaines não é só um exportador cultural, visto que se encontra também de maneira sensível influenciado pelos países que visita e estuda. (FÁVERO, 2000a)

Pierre Deffontaines viaja ao Brasil várias vezes ao longo de sua carreira: fundador da cátedra de geografia em São Paulo em 1934 e no Rio de Janeiro entre 1936 e 1939. Regressa novamente para pesquisar ou entreter relações com os seus colegas brasileiros, dar conferências e palestras, participar em vários congressos e explorações geográficas. Centros Universitários da França, Espanha e Suíça conservam grandes quantidades de seus documentos iconográficos, manuscritos e documentos administrativos. Confrontados com documentos privados e familiares inéditos, pode-se extrair uma leitura original do papel de Deffontaines nas mudanças de modelos culturais entre França e Brasil. (FÁVERO, 2000a)

Essas fontes arquivísticas, confrontadas com os documentos brasileiros, permitem pensar de outra maneira o homem e a sua obra na diplomacia cultural francesa. Possibilitam identificar a influência de Pierre Deffontaines no Brasil quer na administração como na epistemologia da geografia. Durante as Excursões programadas e realizadas ao longo do Curso de Altos Estudos Geográficos, o vemos como sujeito atuante sobre o professor e sua prática científica. O discurso de Irmã Loreto Gebrim, sua aluna, comprovam este aspecto:

Caracterizado por uma admirável penetração de espírito, um entusiasmo e uma jovialidade perenes, o Professor Deffontaines justifica o axioma: 'o geógrafo não envelhece'. De fato, ele sabe cativar, mesmo quando fala dos rebanhos de gado, porque sua curiosidade científica o levou a percorrer uma grande parte da América, colhendo dados, compulsando

documentos. Por isto pode trazer-nos tantas ideias inéditas sobre este assunto, que nenhum livro jamais explorou: a vida pastoril na América Latina. Verdadeiro geógrafo, continuador de Jean Brunhes de quem foi discípulo, nada lhe passa despercebido. [...] Professor inato, Deffontaines sabe que é necessário velar pela semente para que a árvore cresça e produza frutos. Eis porque fundou durante o curso, um Secretariado para o estudo da vida pastoril em nosso país. Este Secretariado terá uma função muito interessante, porque incentivará as pesquisas e coordenará todas as iniciativas sobre este assunto. (1956, acervo pessoal de Irmã Loreto)

Figura 11- Irmã Loreto, Pierre Deffontaines e Ir. Virginita numa das excursões do XVIII Congresso Internacional da União Geográfica, em 1956.

Fonte: Acervo pessoal de Irmã Loreto – Museu da Capela do CNSD

As excursões, previstas dentre as atividades do XVIII Congresso, resultaram na confecção de guias que, mesmo concebidos em uma abordagem estritamente clássica, resultaram em um material muito mais difundido do que as comunicações do evento. Ir.

Loreto dá uma entrevista ao Jornal CORREIO DA MANHÃ, RJ sobre a excursão realizada e os estudos comparativos na prática:

Pude nessa excursão ir várias vezes de uma a outra Escola, em poucos segundos: lado a lado estavam os mestres geomorfólogos Birot e Cailleux. O que um atentava na paisagem poderia ser logo depois ajustado e comparado com observações do outro. Troll revelou-se um notável naturalista. Infelizmente, o tempo foi pouco para estudar a fundo a Ilha de São Sebastião sob o ponto de vista de sua evolução morfológica [...] Não perdi de vista, porém, as observações dos geógrafos 'humanos' (nem por isso somos 'desumanos'...) Birot deu-nos uma lição de modéstia e objetividade científica quando opôs restrição a uma hipótese que ele mesmo formulou sobre a formação do relevo na costa paulista. Quem ante a Ciência, é subjetivo não pode ser geógrafo. Há que subjugar os preconceitos pessoais, os postulados ante aquilo que se vê e examina. (Correio da Manhã – RJ – 26 de agosto de 1956)

Ao longo do Congresso o Jornal deu uma cobertura especial. Na edição de 13/8/56 a notícia de uma grande exposição cartográfica no Instituto de Educação, com mapas que eram “bonitos como quadros”. No dia seguinte, pág. 11, publica uma entrevista com o geógrafo português Orlando Ribeiro, no Brasil pela terceira vez, que elabora uma comparação entre as cidades do Brasil com a de Portugal e ele interpreta que Ouro Preto (MG) é a cidade mais portuguesa do mundo! Na matéria do dia 18/8/56, pág. 07, ao término do congresso, os jornalistas publicam depoimentos pelos quais “... *Em breve o Brasil ocuparia lugar de destaque no Mundo*”.

As notícias publicadas, a postura e visão dos professores universitários são reveladoras da importância da circulação de ideias, da difusão do conhecimento nas viagens pedagógicas e investimentos feitos pelas organizações internacionais, principalmente a Fundação Rockefeller.

2.3- FUNDAÇÃO ROCKFELLER: COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

A Fundação Rockefeller atua como agência de fomento, a partir da ideia de cooperação internacional, isto é, troca de saberes entre os financiadores e os receptores da doação. A cooperação internacional é um fenômeno em expansão, cresce com as

atividades científicas. Pesquisadores de países em desenvolvimento tem se beneficiado dessa cooperação, pois a colaboração envolve um número significativo de programas: desde pesquisas na área de ciência, de tecnologia, conferências e reuniões científicas, compras de equipamentos, formação profissional e a concessão de bolsas de estudos para instituições estrangeiras.

No começo do século XX, a Fundação Rockefeller, fundamentou-se por um estilo de atuação voltada para a doação, sem fins lucrativos, em atividades científicas, em universidades e institutos de pesquisa, diante do crescimento da importância e das necessidades da ciência e da tecnologia. As diferentes ênfases antes e pós-guerra são a marca da atuação da Fundação Rockefeller. As áreas de saúde pública, medicina e educação são praticamente exclusivas até o período da guerra. No pós-guerra há uma mudança de orientação: o apoio às ciências físico-químicas e naturais aumentou progressivamente, assim como a área da agricultura. (FARIA, 2006)

Entre os anos de 1940 e 1970, a Fundação investiu fortemente na área da genética, particularmente na pesquisa agrícola. Aumentou sua filantropia em larga escala com a chamada "Revolução Verde" no México. O Brasil também participou desse processo de modernização da agricultura que liberou recursos significativos para a criação ou desenvolvimento de áreas científicas no país. A USP foi o local escolhido para total apoio. A Rockefeller apoiou programas de pesquisas, concedeu bolsas de estudos para o exterior e financiou a compra de equipamentos de última geração. Entre os anos de 1950 e 1980, a Rockefeller pauta sua atuação por uma orientação política conservadora, promovendo centros e programas de controle e planejamento populacional, como o Population Council. Tinha como objetivo um melhor entendimento dos fatores relacionados ao crescimento demográfico, além de programas de planejamento familiar, e de formação de especialistas na área da reprodução. (FARIA, 2006)

Desta forma, percebe-se uma cartografia do campo, do território a ser trilhado. A presença marcante da Fundação Rockefeller na viabilização do XVIII Congresso Internacional da União Geográfica sinaliza claramente a importância que este órgão tinha para a educação brasileira. Havia uma articulação de elos entre a burocracia nacional com a internacional. Não é surpresa, por exemplo, após a realização deste congresso, vários foram os educadores brasileiros que tiveram oportunidade de especializações no exterior! Dentre estas, Ir. Loreto Gebrim oportuniza à FISTA, cursos com docentes franceses e portugueses. São processos, circulações e hibridações, interdependências que ligam o passado ao presente, histórias conectadas.

Analisaremos, a seguir, alguns relatos de alunos e docentes da FISTA das décadas 60 e 70 que validam a preocupação e empenho das gestoras da instituição com a pesquisa, a circulação de saberes e práticas nacionais e internacionais.

O depoimento da ex-aluna e ex-professora Dr^a Célia Laís Tahan Bittencourt, docente da UNICEUB- Centro Universitário de Brasília apresenta traços da memória intelectual da faculdade que confirma a busca da identidade profissional, da realização enquanto pessoa, mesmo diante de um contexto ditatorial. As diretoras tinham clareza que a conquista da autonomia e da libertação viriam pelo caminho de uma educação de ensino superior de qualidade, com rigor acadêmico aliado ao humanismo, sem proselitismo religioso. Dr^a Célia se expressa:

“Quando entrei na Faculdade de Filosofia, em plena ditadura militar, em 64, havia os alunos de esquerda, considerados comunistas e acreditavam na visão socialista do mundo. Eles sabiam que tinham o apoio das irmãs, mas não eram comunistas. Havia sim, um posicionamento ideológico. A turma era politicamente atuante. (Os alunos) pesquisavam, argumentavam, eram críticos diante do Estado Totalitário. Meus colegas desta época: Osmar, Vera Lúcia (pró-reitora em Brasília), Sônia Lamonier (assessora do MEC), Elizabeth Fantato (atuante em São Paulo). [...] A capacitação dos docentes era prioridade com os grupos de estudos. O que foi mais marcante nesta trajetória foi a visão humanística da formação; o aluno no social apesar das diferenças políticas fortes. Os alunos e professores eram amigos.” (SANTOS,2006)

Outro depoimento que legitima as relações sociais vivenciadas na instituição em questão, sinalizando os desafios e dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar reveladores de concepções e valores é o que profere a Prof^a Dr^a Vânia Maria Resende, ex-aluna e ex-professora da FISTA:

[...]. Para não ficarmos com a ideia de um tempo que foi muito bem vivido, mas construído com a complexidade que permeia as relações humanas tanto ontem, como hoje e sempre, havia também modos de condução, às vezes agressivos, desentendimentos, movimentos de turmas contra certos professores, ausência de diálogo ou medo de enfrentamento de um lado ou de outro (professor e aluno), em dadas situações. Tudo isso fazia parte e continua fazendo, já que os relacionamentos pressupõem conflitos, mas o mais importante é por na balança os efeitos de um processo pedagógico estruturado sobre uma filosofia de educação que valorizava a formação de professores na linha

humanizadora. O homem no centro do projeto de educação, no qual as irmãs dominicanas acreditavam e no qual elas investiram, levando com elas, na empreitada educacional, um grupo de leigos. (SANTOS, 2006)

Ao averiguar estes depoimentos percebe-se que as relações sociais no campo educacional influenciam na maneira como cada sujeito incorpora um conjunto de bens simbólicos, ou melhor, o capital cultural, que se torna patrimônio de sua identidade profissional. Para melhor compreensão nós apoiamos a fundamentação na categoria analítica da teoria social de Pierre Bourdieu (1998) referente ao capital cultural: ferramenta conceitual construída nos anos 60 para explicar as oportunidades desiguais de sucesso escolar de educandos em diferentes camadas sociais. Bourdieu (1988) sustenta em seus estudos que os alunos de classes sociais superiores herdaram de suas famílias um patrimônio cultural diversificado, com maneiras de pensar o mundo, domínio da língua culta, bens variados, disposições estéticas que se transformam “em vantagens”. Os conteúdos curriculares impostos, o sistema de avaliação e os produtos socialmente valorizados pelos grupos dominantes assumem uma ação de “violência simbólica” sobre os grupos dominados. Dissimula a realidade do privilégio social. Nesse sentido, a escola torna-se um fator de “reprodução” e não de democratização da sociedade. Ele defende a noção de capital cultural na análise dos determinantes sociais da produção intelectual e do corpo docente da universidade francesa. Os mecanismos de consagração e seleção de um grupo se tornam evidentes na conversão de seu capital cultural em excelência acadêmica. (NOGUEIRA, 2017)

Assim, as diferenças de cargos, de posições assumidas pelos indivíduos estão ligadas ao processo subjetivo de incorporação de disposições e competências, isto é, na maneira distinta de possuir ou usufruir os bens culturais. Este conjunto de bens simbólicos pode manifestar-se de forma institucionalizada como atestado e reconhecimento de competências culturais adquiridas (diplomas, certificados escolares); como posse de bens materiais que representam a cultura dominante (livros, galerias de arte, acervos de museus, laboratórios, bibliotecas...) e disposições ou predisposições duradouras que se tornam propriedades físicas incorporadas: (posturas corporais, habilidades linguísticas, competências intelectuais). A argumentação de Bourdieu sobre a aquisição do capital cultural, segundo Maria Alice Nogueira (2017), a família tem um papel determinante na manutenção da ordem social, na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais. Um lugar de acumulação de capital: *“De tal modo que as famílias cultas transmitiriam a seus descendentes, um conjunto socialmente legitimado de recursos,*

competências e disposições de natureza diversificada que rendem a eles lucros materiais e simbólicos em diferentes mercados sociais. ” (NOGUEIRA, 2017, p.106)

É fundamental ressaltar que a proposta sociológica de Bourdieu busca compreender os processos de diferenciação social, existentes nos diversos campos, explicitando os mecanismos que legitimam as desigualdades sociais. Estes mecanismos, traduzidos como capitais (econômico, cultural, simbólico, social, político) permitem elaborar estratégias de manutenção, reprodução e transmissão do patrimônio dos agentes, grupos ou instituições. Neste sentido, esboçaremos a seguir, a relação dos capitais no processo de construção da identidade institucional da FISTA, assim como a profissionalização docente de seus egressos, referentes à organização dos museus escolares e a pedagogia do olhar presente no cenário das exposições universais.

2.4- MUSEUS PEDAGÓGICOS E ESCOLARES: ESPAÇOS DE DIFUSÃO DOS SABERES NA FISTA

O século XIX, com as atenções voltadas para Paris, França, é o espaço que traz a germinação e desenvolvimento da modernidade. É considerado o século das invenções, das palavras que se expandem e se projetam: inovações científicas, ideologias, materialidade da escola, construção de identidades, a ideia dos “museus como catálogos do futuro”. Produz-se uma cultura visual, aprende-se pela visão do outro provocando a pedagogia do olhar. Ver o mundo pelos olhos do outro, do inusitado. Assim, surgem as grandes exposições universais que serviram para exibir as forças dos Estados, autores do cenário internacional. As mesmas estimulavam o patriotismo industrial, o orgulho nacional além da publicidade e as relações internacionais como instrumento político. Encontros que promoviam o intercâmbio de ideias e cultura. Lugares de iniciativa, incentivo ao progresso industrial e científico: espaços privilegiados de construção da modernidade.

Estudos historiográficos trazem dados da presença da América Latina em Grandes Exposições da segunda metade deste século. Nas revistas e periódicos europeus, especialmente franceses, nota-se a presença de outros países, ressaltando-se que “*a pacificação, a reconciliação dos antagonismos sociais é um tema recorrente do imaginário das Exposições*” (RASSE, 1999, p.86) e que, além disso, elas constituem “*um espaço de lazer [...], mas de um lazer eminentemente didático*” (NEVES, 2001, p.4).

Segundo, a historiadora Alda Heizer (2005) as repúblicas latino-americanas e o Império no Brasil participavam das exposições com a finalidade de afirmarem a

nacionalidade, destacar suas diferenças e conquistar visibilidade na Europa. A primeira no Brasil aconteceu no Museu Nacional, RJ, marcada por um discurso marcadamente romântico. Os discursos de seus organizadores, analisados pela historiadora, demonstravam que o Brasil do Império pretendia se afirmar como uma nação nos trópicos, enquanto que as demais repúblicas latino-americanas apresentavam progresso científico e técnico, civilização e ordem. (HEIZER,2005).

Para que possamos aprofundar as práticas educativas empreendidas pelos professores egressos da FISTA, que estavam “conectados” com a história cultural da época em questão nos remetemos à reflexão feita por Mattos (2004) sobre *As lições de Joaquim Manoel de Macedo*, relator de documentos relevantes apresentados em Exposições:

[...] os historiadores de hoje procuram falar da vida dos homens em sociedade; os historiadores românticos falavam dos povos e das nações que constituíam. Os historiadores atuais quase sempre se servem da História para compreender as diferentes sociedades e culturas que compreendem a humanidade, os historiadores românticos procuravam explicar a formação de um povo e a origem de uma nação traçando uma espécie de biografia de um e de outro, de maneira a poder encontrar o lugar de cada estado nacional na História da humanidade (MATTOS,p.114).

No cenário das exposições universais surgiram os primeiros museus de educação e se popularizaram como os museus escolares. Aplicando o método intuitivo ou *Lições de Coisas*, os museus transpunham a pedagogia do ouvir para o do olhar, pois visavam o professor no ensino escolar por meio de objetos naturais, pedagógicos ou réplicas.

Assim, é fundamental compreender o contexto e como eram organizados esses museus escolares nas instituições dominicanas ligadas às Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino (FISTA), coordenada por educadoras preocupadas com uma formação docente humanista. Observando as diversidades dos museus e o contexto das décadas de 60 a 80, questiona-se: Como eles eram apresentados e quais práticas escolares suscitavam?

2.5- A PEDAGOGIA DO OLHAR PRESENTE NOS MUSEUS ESCOLARES

Figura 12: Alunos em visita ao Museu observam a exposição geomorfológica de Irmã Loreto

Fonte: Arquivo do Museu da Capela – CNSD-

As Exposições Universais provocaram grandes movimentações econômicas, políticas, sociocultural e científica, com uma pluralidade de significados, envolvendo a economia e estimulando a Revolução Industrial. Elas fomentavam a indústria, o comércio e a conquista do mercado nacional e transnacional. Estes acontecimentos dinamizavam as inovações técnicas, com grandes acontecimentos no campo da cultura de massa no século XIX. Dentre os marcos destacam-se:

- ✓ 1851 – Primeira exposição telegráfica por cabos submarinos;
- ✓ 1876, na Filadélfia, o telefone de Graham Bell funcionou pela primeira vez;
- ✓ 1893, em Chicago, inauguração da 1ª linha telefônica interurbana: Chicago/ Nova York.

Os organizadores eram portadores de uma visão positiva do progresso e não deixavam de sublinhar as diferenças entre os países que se apresentavam nesses eventos. As Exposições organizadas no continente sul-americano não ficaram fora desse quadro, porém, com escassa produção historiográfica.

Ao analisar os quadros de premiações dos países latino-americanos nesses grandes eventos, é possível perceber o grau de envolvimento das comissões locais e da importância dessa participação para determinados grupos. Ressalta-se o Brasil, na Exposição de Paris de 1889: classificou-se em terceiro lugar na tabela de premiações, antecedido pela Argentina e pelo México.

Vale ressaltar neste momento as contribuições teóricas de Moysés Kuhlmann Jr. (1996) referentes às raízes da historiografia educacional brasileira (1881-1922) por meio das várias publicações divulgadas durante as Exposições Nacionais e Internacionais

no final do século XIX e início do século XX. A primeira, no ano de 1881, refere-se a Exposição da História do Brasil, uma mostra bibliográfica realizada no Rio de Janeiro, na Biblioteca Nacional, sendo organizada por Benjamim Franklin Ramiz Galvão. Ramiz Galvão esteve presente em vários acontecimentos relativos às exposições e à educação, até o ano de 1922. A Exposição inaugurou-se em 02 de dezembro de 1881, data de aniversário do imperador Dom Pedro II, “*como estratégia publicitária para inauguração de eventos que vinculavam sua imagem à promoção de medidas modernizantes*” (KUHLMANN, 1996, p.161). Nesta mostra bibliográfica a história foi dividida em duas seções: uma literária e outra artística. A Instrução Pública é a primeira parte da classe da História Literária e das Artes que contempla aos grupos: Associações Científicas, Literárias, Bibliografia, Crítica e História da Arte. O Catálogo listava inúmeras fontes historiográficas como: livros e artigos sobre educação, relatórios, memórias, regulamentos e estatutos de escolas, conferências, pareceres e projetos de lei. Segundo Kuhlmann (1996), o Brasil também marcou presença no cenário da Exposição de Paris, em 1889, com a publicação do livro *Le Brésil en 1889*, de Santa- Anna Nery, em que demonstrava o crescimento das escolas públicas e privadas.

É fundamental lembrar a análise feita por este pesquisador referente aos Relatórios Preliminares do Congresso Internacional do Ensino, realizado em Bruxelas, na Bélgica, em 1880. São relevantes os aspectos da sua organização e seus objetivos relacionados à educação da criança. O congresso pretendia elucidar as questões sociais e pedagógicas relacionadas ao ensino de todos os graus. O Comitê Geral foi composto por representantes dos seguintes países: Alemanha, Bélgica, Brasil, Chile, Dinamarca, Espanha, EUA, França, Itália, Países Baixos, Portugal, Rússia, Suécia, Noruega e Suíça. Debateram variados temas educacionais dentre estes: os programas, o método intuitivo, a teoria de Friedrich Froebel (um dos primeiros educadores a considerar a primeira infância como uma fase decisiva na formação das pessoas), os materiais didáticos, as construções escolares, os museus escolares. A difusão internacional de concepções e instituições educacionais ganhava impulso com os congressos profissionais, em que representantes dos diversos países legitimam modelos de integração às “*nações civilizadas*”. (KUHLMANN, 2002). Ressaltaremos a seguir algumas obras publicadas e congressos realizados durante as Exposições Nacionais e identificados, pelo pesquisador, como iniciativas de elaboração da história educacional brasileira, em sintonia com os fatos históricos da vida social e institucional do país.

Conforme Kuhlmann (1999) relata, em 1922, as produções historiográficas se multiplicaram decorrentes do centenário da independência do Brasil. No Rio de Janeiro, realiza-se a *Exposição comemorativa do Centenário da Independência do Brasil (1822-1922)* inaugurada no dia 7 de setembro de 1922 e se prolongou até o dia 24 de julho do ano seguinte. Foi realizada no mesmo ano de outros eventos relevantes para a história brasileira, como a Semana de Arte Moderna, a fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e a Revolta do Forte de Copacabana. No contexto de pós 1ª guerra mundial, a Exposição representava o desejo de renovação, de progresso e liberdade: anunciar ao mundo as riquezas existentes no país nos campos das ciências, das artes, da indústria e as possibilidades de exploração das mesmas. (KUHLMANN, 1999)

No campo educacional, a exposição resultou na produção de um livro de quatro volumes com cem páginas cada capítulo. A obra, intitulada *Livro do Centenário* foi organizada por Ramiz Galvão. Um dos capítulos, redigido por José Veríssimo Dias de Matos, descreveu sobre os períodos do Brasil Colônia (1500-1822) ressaltando a atuação dos jesuítas, Pombal e o subsídio literário; e a vinda de D. João VI. Referente ao Império (1822-1889) destacou o ensino mútuo lancasteriano; na República (1890- 1899 – estado atual) o autor faz referência à criação do Ministério da Instrução Pública. (KUHLMANN, 1999)

Outro livro relevante foi “*Comemorações em Honra do Centenário da Independência do Brasil*” reunindo os principais artigos publicados pela imprensa na cidade de Porto Alegre. Destaca-se o capítulo de Décio Coimbra com o título: “*A Instrução Primária no Rio Grande do Sul (Resenha Histórica)*” no qual o autor apresenta a ordem regional em três períodos: a dominação portuguesa (1737-1822), a independência e o Brasil Monárquico (1822-1889) e o Brasil Republicano (1889- 1922). A obra traz dados estatísticos relativos a número de escolas públicas e privadas, despesas com a educação primária desde 1845. Ramiz Galvão também organizou a publicação do “*Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro*” com informações e fotos sobre a instrução pública. (KUHLMANN, 1999)

A obra considerada referência para Kuhlmann (1999), por ser subsídio para “*uma futura história da pedagogia no Brasil*”, foi “*Cem Anos de Instrução Pública*” redigida por Sud Menucci como artigo para edição comemorativa do jornal *O Estado de São Paulo*. Menucci (1932) enfatizava a necessidade de se escrever a história da educação brasileira tendo como referência bibliográfica Rocha Pombo e sua *História do Brasil*. Ele lamentou a inexistência de um Ministério da Educação e a ênfase dada ao ensino superior

em detrimento ao ensino primário que se encontrava “*em desleixo geral*”. Apresentou dados estatísticos em sua obra que foram publicados nos anais do Congresso Interestadual de Ensino Primário, ocorrido em 1921, um dos eventos preparativos do Centenário. Elaborou uma análise comparativa entre os estados brasileiros anunciando aquele tempo presente como um marco histórico da República, “*um momento de superação das precariedades*”. (MENUCCI, 1932, p.54)

Em 1922, no Rio de Janeiro, aconteceram dois eventos significativos para a história da educação: III Congresso Americano da Criança e I Congresso de Proteção à Criança nos quais, Arthur Moncorvo Filho divulgou seu livro: “*Histórico da Proteção à Infância no Brasil (1500- 1922)* ”. Moncorvo era médico, fundador do Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro (IPAI- RJ), em 1889; e do Departamento da Criança no Brasil. O livro citado acima trata do ensino primário, da assistência e do atendimento à saúde da criança. Em relação à educação refere-se ao “Parecer de 1882” de Rui Barbosa em que explicitou a necessidade do Estado assumir total responsabilidade para com a oferta da educação, desde o jardim de infância até o ensino superior, buscando garantir o acesso das camadas populares. Para a universalização do ensino defendeu a gratuidade, a laicidade do ensino e a sua obrigatoriedade, organizando a primeira proposta de um sistema nacional de ensino. (KUHLMANN, 1999)

López-Ocón Cabrera (1998), em seu texto sobre a América Latina nas Grandes Exposições, apresenta os quadros de premiação e a ocupação geográfica dos países latino-americanos em duas exposições francesas na segunda metade do século XIX, afastando qualquer dúvida sobre a participação desses países em eventos de tal porte (LÓPEZ-OCÓN CABRERA, 1998, p.67-89).

As exposições provocaram o desenvolvimento de disciplinas emergentes como a estatística e a antropologia. Ao ordenar as classificações das enciclopédias ambulantes houve um estímulo ao trabalho estatístico com dados mais precisos, assim como a normatização de instrumentos de análise e observação. A partir daí debates aconteceram para a internacionalização do sistema métrico para pesos e medidas, em 1875. Contribuíram para a mundialização da ciência, pois atuaram como lugares de transformação de ciências aplicada, despertando em outros países a tecnologia como a era do vapor e da eletricidade. Tornam-se instrumentos pedagógicos para suprir lacunas no sistema educativo, surgindo novas disciplinas emergentes como a agronomia, meteorologia, paleontologia e arqueologia.

Na primeira e grande exposição universal celebrada no Hyde Park de Londres, contou apenas com produtos exóticos dos países da América Latina: Brasil, Colômbia, Chile e México.

Nota-se, entretanto, uma ausência de pesquisas sobre a presença nas Grandes Exposições do período, o que reforça a afirmação de Weinberg (1979) a respeito da escassez de trabalhos considerando essa temática e do significado da participação desses países nos referidos eventos. Segundo esse autor, embora nas últimas décadas tenha havido um crescente interesse pela função da ciência e da técnica nas transformações da sociedade – especialmente na América Latina –, há uma ausência de estudos sobre congressos e reuniões científicas em que conste a presença de países latino-americanos nas Exposições Internacionais (WEINBERG, 1979, p.25). O que se nota é que uma consagrada historiografia sobre a América Latina se refere a essa região, na maioria das vezes, como um bloco único – concepção herdada de uma escrita da História que reforça a presença de um passado colonial estático, em que os acontecimentos se deram com “majestosa lentidão”.

Tanto a Argentina quanto o Brasil desejavam, por meio de sua participação, afirmar sua nacionalidade, escolhendo o que e como se apresentar. A Argentina evitava qualquer marca cultural autóctone – como às relacionadas aos indígenas, símbolos da barbárie –, tinha como intuito afirmar-se um país branco, rico, civilizado, para evidenciar sua diferença em relação aos países da América Latina.

Com relação ao Brasil, os comissários que organizaram sua última participação como regime monárquico em uma Exposição (a de 1889, em Paris) – dentre eles Eduardo Prado e o Barão de Tefé – pretendiam destacar a diferença do Império das repúblicas latino-americanas – para eles, lugar da desordem e da barbárie. As repúblicas latino-americanas e o Império do Brasil organizaram suas próprias Exposições – as quais precederam suas participações nas Universais – envolvendo instituições de diferentes contornos, como as associações industriais, comerciais e os museus.

Além disso, nas últimas décadas do século XIX, havia um intercâmbio efetivo entre as instituições de diferentes países da América Latina, e os museus tiveram um papel de destaque nessas trocas em razão de seu vínculo com as universidades e por terem tido, em sua origem, a participação de sociedades científicas e culturais, como aconteceu no México e na Argentina (LOPES, 2000, p. 228-229).

Lopes (2000) destaca que, no Brasil, o Museu Nacional, ao organizar a Exposição de Indústria com o material proveniente da Comissão Científica de

Exploração, trazido por Ferreira Lagos, seguiu o tipo de organização realizada pelos europeus. Segundo a autora, o sucesso da exposição foi importante para a realização da primeira Exposição Nacional, preparatória para a de Londres de 1862, quando o Império participou pela primeira vez oficialmente (LOPES, 1997, p.127). De acordo com Lopes (1997), é importante frisar que, ao ampliar suas relações internacionais, “*o museu também participou ativamente das exposições nacionais e universais, que se multiplicaram a partir de meados do século passado*” (LOPES, 1997, p.126).

Ao organizar Exposições provinciais, preparatórias e nacionais, o Império do Brasil não ficou de fora das Grandes Exposições no exterior, na segunda metade do século XIX. Ao contrário: esteve presente nas de Londres (1862), Paris (1867 e 1889), Viena (1873), Filadélfia (1876), Buenos Aires (1882) e São Petersburgo (1884). Sua presença em exposições anteriores se deu por meio de representantes – enviados especiais –, como no caso da Exposição Internacional inglesa de 1851 e da Universal de Paris, de 1855.

Nos catálogos e relatórios elaborados especialmente para esses eventos – ou sobre eles – nota-se uma preocupação com a escolha, classificação e exposição dos produtos, como madeiras, máquinas utilizadas nas fazendas de café, quadros, louças, minerais e cocares de índios. Tudo era exposto sob o olhar de um imperador curioso e desejoso de apresentar um império preparado para entrar no hall das nações ditas “civilizadas” e que, segundo ele e seus seguidores, ao contrário das recém-repúblicas latino-americanas, viviam na mais perfeita ordem.

No entanto, os cidadãos das províncias do Império Brasileiro viviam um momento caracterizado pela alternância de poder entre liberais e conservadores; pelo aumento das tensões na região da bacia do Prata; pelo desenvolvimento da cafeicultura que, ao mesmo tempo que trazia um equilíbrio, promovia o fortalecimento da escravidão; e pela confirmação da manutenção da grande propriedade e do monopólio num quadro de mudanças e de permanências.

Moreira de Azevedo (1887), ao escrever sobre as Exposições nacionais, afirmava o seguinte:

[...] atendendo à importância dessas festas industriais, sua influência sobre a moralidade do povo e sobre o ensino pratico de todas as classes sociais, colligimos algumas notícias das exposições celebradas no Rio de Janeiro [...] (AZEVEDO, 1887, p.261-271).

Desta forma, percebe-se a importância das exposições e feiras que traziam por meio dos materiais impressos as inovações educacionais, a produção de artefatos como mobiliário, modelos de edifícios, instrumentos técnicos, livros, manuais e outros. O público alvo eram os docentes responsáveis pela escolarização das classes populares. Educadores que se preocupavam com a excelência acadêmica, elemento fundamental da formação docente assumida pelas Irmãs Dominicanas de Monteils, desde sua fundação na França até às instituições escolares no Brasil, dentre essas a FISTA. Havia um cuidado com a preservação da memória, da aquisição do saber e valorização das práticas presentes nos museus escolares. Nesse contexto, aprofundaremos as concepções do carisma dominicano registradas no Museu da Capela do CNSD, em especial as coleções didáticas de Ir. Loreto Gebrim, docente da FISTA.

2.6-A DIFUSÃO DOS SABERES E OS MUSEUS ESCOLARES

Figura 13: Museu da Capela – Colégio Nossa Senhora das Dores

Fonte: Catálogo do Museu da Capela

O termo museu escolar é “polissêmico”, pois pode ser organizado de diferentes formas: museus para guarda de objetos em armários, coleção de quadros parietais, gabinetes e espaços em salas de aula.

Os primeiros museus escolares procuravam ser vitrines das novidades e saberes produzidos no campo educativo, desde teorias e métodos de ensino, livros, coleções de materiais (alguns para estudos experimentais em educação), mobiliário e normas de higiene. Por sua vez, os museus escolares (coleções de materiais sobre ciências da natureza, adequados às lições de coisas e podendo incluir dados etnográficos e de

geografia humana), pensados para as escolas, deram origem a orientações didáticas e à produção editorial de quadros parietais impressos como conjuntos de frascos com amostras diversas: sementes, minérios, rochas, pequenos animais embalsamados.

Os debates realizados na disciplina *Museus Pedagógicos e Escolares no Final do Século XIX: Aspectos de Uma História Transnacional da Educação* apresentaram inúmeras reflexões sobre o desenvolvimento dos museus escolares e despertaram-me para uma investigação mais específica do acervo do Museu da Capela, assim como buscar a origem dos materiais pedagógicos da FISTA, a metodologia utilizada pelos professores para sua utilização e a percepção dos alunos egressos sobre a prática docente.

Cabe ressaltar neste momento, melhor compreensão referente ao significado da palavra arquivo utilizada neste trabalho investigativo. O termo “arquivo” é polissêmico, utilizado com múltiplos sentidos nas áreas das ciências, artes, administração, direito e pessoas no cotidiano. Identificamos sua definição em alguns dicionários de línguas modernas a fim de conhecer quais os usos mais aceitos deste termo no campo da historiografia.

No Dicionário contemporâneo de língua portuguesa Caudas Aulete deparamos com seis significados para o termo “*arquivo*”, sendo que um deles refere-se ao sentido atribuído à Informática:

- 1. Conjunto de documentos ou elementos de informação, em diversos tipos de suporte (manuscritos, impressos, fotográficos, fonográficos etc.) guardados e conservados, ger. com registro que permita sua fácil localização e consulta, mantidos sob a guarda de uma pessoa ou de uma instituição.*
- 2. P.ext. Qualquer conjunto de elementos de informação (anotações, fotografias, recortes) assim guardados e preservados.*
- 3. Lugar, entidade, instituição etc. onde se guardam esses documentos e elementos de informação.*
- 4. Móvel próprio para se guardar documentos, de forma a conservá-los e permitir fácil localização e acesso.*
- 5. Fig. Repositório: Aquele homem é um arquivo de todas as anedotas de sua terra.*
- 6. Inf. Conjunto de dados (textos, imagens, sons, animações, rotinas, programas etc.) gravados e armazenados como uma unidade independente e identificável.*

[F.: Do gr. archeîon, pelo lat. archivum, i. Hom./Par.: arquivo (sm.), arquivo (fl. de arquivar).]

Percebe-se nesse dicionário a origem do termo em grego e em latim.

No *Diccionario de la lengua española (DRAE)* da Real Academia Española o termo *archivo* tem oito definições dentre as quais duas delas se referem a qualidades de pessoas. Este dicionário apresenta também a origem do termo em grego e latim:

Del lat. *archīvum*, y este del gr. ἀρχεῖον *archeîon*.

1. m. Conjunto ordenado de documentos que una persona, una sociedad, una institución, etc., producen en el ejercicio de SUS funciones o actividades.
2. m. Lugar donde se custodian uno o varios **archivos**.
3. m. Acción y efecto de **archivar** (¶ guardar documentos en un **archivo**). Entregó la documentación para proceder a su archivo
4. m. Acción y efecto de **archivar** (¶ dar por terminado un asunto). El juez ordenó el archivo del caso.
5. m. Inform. Conjunto de datos almacenados en la memoria de una computadora u otro dispositivo electrónico, que puede manejarse con una instrucción única.
6. m. Col. **oficina**.
7. m. p.us. Persona a quien se confía un secreto o recónditas intimidades y sabe guardarlas.
8. m. p.us. Persona que posee en grado sumo una perfección o conjunto de perfecciones. Archivo de la cortesía, de la lealtad.

Para melhor compreensão das fontes historiográficas realizamos também consultas referentes ao termo *acervo*, nos dicionários em português, espanhol e francês:

O Dicionário contemporâneo de língua portuguesa Caldas Aulete informa o substantivo masculino *acervo* vindo do latim *acervus*, com os seguintes significados:

1. Conjunto, reunião, grande quantidade (de algo)
2. Conjunto de obras, produções etc. de uma instituição ou organização (*acervo* fonográfico; *acervo* iconográfico)
3. Conjunto de bens de propriedade pública ou particular que compõem um patrimônio.: o *acervo* cultural da cidade de Ouro Preto
4. Jur. Coleção dos bens que constituem uma herança.
<http://www.aulete.com.br/acervo>

No Dicionário Caldas Aulete o termo *acervo* é expresso na modalidade analógica com os seguintes léxicos:

- ✓ Acervo: grandeza, reunião, livro e propriedade.

No *Diccionario de la lengua española (DRAE)* da Real Academia Española o termo *arcervo*, do latim *acervus*, apresenta os seguintes sentidos:

1. m. Conjunto de valores o bienes culturales acumulados por tradición o herencia.
2. m. Haber que pertenece en común a varias personas, sean socios, coherederos, acreedores, etc.

3. m. *Montón de cosas menudas. U. t. en sent. fig. Un acervo de problemas, de cuestiones.*

acervo comunitario

1. m. *Der. Conjunto de prácticas, decisiones y criterios con los que se han venido interpretando y aplicando los tratados constitutivos de las Comunidades Europeas.*

acervo génico

1. m. *Biol. Conjunto de genes de una población acumulados durante un tiempo determinado.*

Observa-se que as definições em espanhol são mais amplas e trazem concepções relativas a bens culturais, a práticas comunitárias e experiências pessoais acumuladas durante um determinado tempo.

Verificamos também, as concepções do termo em francês, no Dictionnaires de Français Larousse que informa a definição no singular: *Pièce, document d'archives*. Amplia também a definição para a área da informática: **1.** *Ensemble de fichiers qui ont été sauvegardés sur un support de stockage, sous forme compressée ou non.* **2.** *Ensemble de données mises à la disposition du public pour être téléchargées via Internet.*

Concluimos que em todos os dicionários consultados encontramos elementos comuns, em relação ao termo arquivo como conjunto de documentos, lugar, conservação, guarda e instituição. A significação do termo em relação à informática é coerente com as formas de registrar as atividades e preservar os documentos, pois vivemos hoje no mundo da tecnologia da informação e comunicação. O dicionário analógico de Carlos Aulete apresenta, de forma sintética, o campo léxico do termo “arquivo” que se identifica com o uso que o empregaremos na análise a ser feita sobre o Museu da Capela do CNSD:

✓ Arquivo: memória, registro, depósito.

Para melhor apreendermos o sentido da memória relacionada ao termo “arquivo” torna-se necessário refletirmos sobre as contribuições da historiadora francesa Arlete Farge (2009), a partir de sua obra sobre a produção do conhecimento historiográfico: “*O sabor do arquivo*”. O título é provocativo e seduz o leitor, isto é o historiador, a desvendar, a descobrir nas entrelinhas do arquivo os elementos constitutivos da prática da pesquisa e seu papel na história da escrita. A narrativa, em forma de ensaio, contempla os comportamentos e identidades das classes populares na França no século XVIII assim como as relações entre homens e mulheres e reflexões sobre o fazer

historiográfico. Farge (2009) descreve de maneira detalhada e sensorial as relações que ocorrem no ambiente do arquivo, a rotina burocrática para o acesso ao objeto da pesquisa e os desafios sonoros para desenvolver o ofício de pesquisadora. Os arquivos são vestígios e lugares: “[...] *verão ou inverno é sempre gelado...*” (FARGE, 2009, p. 9) À medida que são saboreados no percurso da pesquisa eles se tornam singulares e complexos, são “*fundos de arquivos*”. A autora ressalta “[...] *felizmente não esgota nem seus mistérios nem sua profundidade*” (FARGE, 2009, p. 12). Nesse sentido, apresenta a materialidade do arquivo utilizando diferentes gêneros, visto que a autora parte da narrativa para o literário quando traz elementos da prática do pesquisador:

Nas salas de arquivos, os cochichos enrugam a superfície do silêncio, os olhos se perdem e a história se decide. O conhecimento e a incerteza misturados se ordenam em uma ritualização exigente onde a cor das fichas, a austeridade dos arquivistas e o cheiro dos manuscritos servem de balizas para um mundo sempre iniciático. Além do manual de instruções, sempre ubuesco, encontra-se o arquivo. A partir daí começa o trabalho. (FARGE, 2009, p. 55)

O cotidiano da pesquisa do historiador no arquivo é considerado como uma dimensão da construção do seu sabor. Um sabor que se transforma em saber, por meio da simplicidade e do despojamento, sem pressa. Farge afirma: “[...] *não será demais dizer a que ponto o trabalho em arquivos é lento, e o quanto essa lentidão das mãos e do espírito pode ser criativa.* ” (FARGE, 2009, p. 59). Ela traz indagações sobre as relações entre o arquivista e o historiador, os olhares de ambos sobre os arquivos, suas representações mútuas, meios de fomentar, sustentar e eventualmente desbloquear diálogos. “*Paciência de leitura; em silêncio, o manuscrito é percorrido pelos olhos através de numerosos obstáculos.* ”, (FARGE, 2009, p. 59). Ela pontua alguns obstáculos que dificultam o trabalho do observador do arquivo como: defeitos nos documentos, sujeição a intempéries, depósito em porões úmidos.

A autora oferece variadas percepções sobre posturas metodológicas na abordagem dos documentos, possibilidades cujas escolhas implicam diretamente na qualidade da escrita da história: das operações mais simples à paciência na leitura do manuscrito (“... *ao realizá-las, fabrica-se um objeto novo, constitui-se outra forma de saber, escreve-se um novo ‘arquivo’*”), da coleta e classificação dos dados existentes ao cuidado com as “*armadilhas e tentações*” que derivam do “*estar absorvido pelo arquivo a ponto de nem saber mais interrogá-lo*”. (FARGE, 2009, p.64)

Outro elemento importante que ela define é a citação vista como indicador de ajuda ao texto, “ajustes de frases mais pertinentes” que podem gerar novas situações na produção: *“Pode também surgir como uma surpresa tendo como tarefa de surpreender, deslocar o olhar e romper evidências: é a citação-ruptura [...]”, “[...] a citação às vezes dá um descanso, propõe uma pausa, uma praia talvez.”* (FARGE, 2009, p. 69).

Nesse sentido, ela afirma: *“A história não é jamais a repetição do arquivo, mas desinstalação em relação a ele, e inquietação suficiente para interrogar incessantemente sobre o porquê e o como de seu fracasso no manuscrito.”* (FARGE, 2009, p. 75).

Portanto, a obra de Arlete Farge convida o leitor a aproximar-se do ambiente do arquivo, a desvendar os caminhos dos hábitos da pesquisa, do distanciamento, das indagações e confrontos com o discurso. Ela conclui sua obra acentuando:

Com certeza há meio, pela simples escolha das palavras, de produzir abalos, de desmentir evidências, de inverter o habitual fio indulgente do conhecimento científico. Com certeza, há meio de ir além da restauração morna de um acontecimento ou de um objeto histórico, marcando lugares onde o destino se desfez, produzindo ausência lá onde reinaram certezas. (FARGE, 2009, p. 118-119).

Com a preocupação de aprofundarmos as relações entre sujeitos, instituições, documentos e arquivos, especialmente ligados a formação docente humanista, faremos a seguir uma análise dos museus escolares como espaços de construção de saberes e práticas educativas.

Como já relatamos, as Exposições Universais no século XIX foram vitais para a construção da identidade cultural dos países latino-americanos. Destacamos dois eventos de relevância para o campo educacional, em especial aos museus escolares: a Exposição Universal de Viena (1873) e a Exposição Universal de Paris (1878). Nestas Exposições já apareciam museus feitos pelos professores ao lado de outros produzidos pela indústria, com vistas ao fornecimento das escolas. Eram constituídos por quadros parietais, estruturados por campos de saber, acompanhados por conjuntos de frascos com produtos relativos às diferentes componentes das lições de coisas: produtos alimentares, de diferentes indústrias, materiais de construção, matérias-primas usadas no aquecimento e na iluminação, minerais e fósseis, herbários, gravuras de insetos, mamíferos, aves e peixes, produtos químicos usuais, miniaturas ou gravuras de aparelhos da física e de instrumentos agrícolas.

O museu escolar era um conjunto de materiais didáticos para o ensino das ciências da natureza e compreensão das indústrias e trabalho a elas associadas, desde a agricultura à extração de minerais ou à produção de objetos comuns. Esse conhecimento era considerado relevante para a cultura das populações e os quadros tanto podiam revestir as paredes como ser pendurados segundo o tema a estudar pelos alunos.

O museu pedagógico não foi apenas uma proposta, mas uma realidade concreta na França e em diversos países. Obedecia a um princípio de atualização permanente pela realização de estágios no estrangeiro e conferências, com intuítos formativos; a uma aliança com o setor da produção de material didático. Não era um museu histórico, mas um centro de difusão de materiais, métodos, de visibilidade e demonstração da vida das escolas.

A partir de pesquisa em catálogos no Google Acadêmico encontrei informações sobre a Casa Deyrolle, conhecida há décadas por seus quadros educacionais. A Casa, fundada desde 1831, por Jean-Baptiste Deyrolle e seu filho Achille dedicaram-se à venda de insetos e materiais para colecionadores de História Natural. Em 1866, muitas instituições de Entomologia (estudo dos insetos) são criadas em toda a Europa, devido ao crescente interesse em observar e colecionar insetos e animais trazidos de várias partes do mundo, que enriqueciam os acervos dos museus, à medida que as viagens internacionais se popularizavam. Entre os séculos XVI e XVII a prática de formação de coleções com elementos raros e exóticos difundia-se pela Europa, denominada de Gabinete de Curiosidades. Estas coleções eram conservadas pela nobreza, aristocracia, humanistas e artistas com a finalidade de suprir o desejo de descoberta do mundo. Uma de suas características era a variedade de objetos vindos de várias partes do mundo. Neste contexto, Émile Deyrolle, neto do fundador, investe na Taxidermia e na publicação de obras especializadas em fauna e flora. A concepção de Émile sobre a educação é precisa sobre a busca da essência do conhecimento que perpassa a pedagogia do olhar: *“A educação através dos olhos é a que menos se cansa de inteligência, mas essa educação só pode ter bons resultados se as ideias gravadas na mente da criança são rigorosamente precisas.”* Algumas décadas depois, já com muitas publicações traduzidas e distribuídas em escolas e centros de pesquisa de mais de 120 países, a Deyrolle se tornava referência mundial na produção de material pedagógico em torno das ciências naturais.

Emille Deyrolle desenvolveu uma variedade de materiais de ensino, modelos anatômicos em pessoal, peças de biologia e placas de parede: lições de botânica, zoologia, geografia, história, mineralogia e outros. Com a técnica de taxidermia, “dar forma à pele”,

montava e reproduzia animais para exibição ou estudo. Eram ferramentas para a educação ambiental, pois além da conservação, era uma alternativa de lazer e cultura para a sociedade. A Casa oferecia cursos de ciências naturais a estudantes, atraindo artistas, pintores, escritores e visitantes: exposições de artes e eventos em seus salões. Fascinava os artistas surrealistas em Paris, como Salvador Dalí, André Breton e Man Ray, clientes assíduos em busca de inspiração. Era conhecido como “*gabinete de curiosidades*”, pois sua missão permanece até hoje: contribuir para a educação, destacando o foco pedagógico em todas as suas atividades. Investe em taxidermia e publicação de obras especializadas em fauna e flora. (RAFFAINI, 1993).

Figura 14: Amostra dos animais em taxidermia utilizados nos laboratórios e salas ambientes da FISTA

Fonte: Museu CNSD

2.6- “MUSEU DA CAPELA”, ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

As Irmãs Dominicanas da Congregação de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, preocupadas com a valorização do patrimônio histórico fundaram, em 1985 o “Museu da Capela”, instalado dentro da capela do Colégio Nossa Senhora das Dores,

inaugurado em 1895. O Museu, considerado como espaço de produção do conhecimento, abriga mobiliário, vários materiais didáticos vindos da França, da Alemanha, Portugal, uniformes das alunas, mapas, documentos da Congregação, milhares de fotografias, objetos sacros coleções de rochas e minerais trazidos da França, por Ir. Loreto. Destaca-se a presença de inúmeros objetos fabricados pela Casa Deyrolle , **adquiridos pelas Irmãs para as salas ambientes do CNSD e da FISTA.**

Figura 15: Etiqueta dos animais em taxidermia, origem D'Emile Deyrolle- Paris

Fonte: Museu da Capela – CNSD

Ao longo de 40 anos, Ir. Loreto compôs um acervo a partir de sua atuação docente como pesquisadora, especialista na produção de conhecimento à luz do carisma dominicano. O acervo contém amostras de minerais, rochas magmáticas, metamórficas e sedimentares. Encontram-se também fósseis, curiosos objetos arqueológicos, etnográficos, biológicos e históricos. A coleção didático-científica está organizada em vitrines de exposição, levando-se em consideração a composição química, a formação, a origem, a proveniência e outros critérios estabelecidos por ela. Grande maioria dos itens foi coletada em regiões brasileiras, porém, há várias amostras originárias da França, da Bélgica, da Itália, da África, da Austrália e outros. Encontra-se também nas vitrines o material de trabalho de Irmã Loreto, utilizado em suas aulas e excursões com os alunos na busca de rochas e fósseis. Da mesma forma que se visualizam relatórios e portfólios, jornais, periódicos que registravam os conhecimentos adquiridos pelos alunos universitários, além de inúmeros álbuns fotográficos.

Figura 17- Material pedagógico de uso diário de Irmã Loreto Gerbrim

Fonte: Museu da Capela

Outro acervo do “Museu da Capela” que nos chama a atenção são as “*cabeças étnicas*”. Percebe-se que os museus escolares primaram pelo ensino através do concreto representado em figuras impressas. Como a questão racial no Brasil estava em discussão desde os fins do século XIX e princípio do século XX em museus nacionais, que contribuíam com materiais didáticos e espaços para com os museus de escolas, a tendência era que esta discussão acabasse incorporada ao espaço escolar, por meios didáticos. Inicialmente as imagens em pranchas e gravuras eram usuais. Algumas novas tecnologias, tais como os projetores foram anexados aos espaços dos museus escolares, com a ideia de melhor ensinar através dos sentidos. Os bustos que surgem de forma didática entre a década de 20 e 30 e ainda hoje podem ser visualizados, foram materiais pedagógicos incorporados das discussões acadêmicas do século XIX.

A FISTA, uma instituição confessional, trazia em sua proposta pedagógica princípios de sua origem francesa, onde a discussão sobre as tipologias humanas utilizava de análise de imagens, preferencialmente as tridimensionais, recorrentes e de longa duração. Na França e nos Estados Unidos também são relevantes as contribuições dos teóricos da educação ao Método Intuitivo, aplicado em grande escala nos museus escolares brasileiros. Estas imagens tridimensionais em gesso, pintadas à mão, exercitariam a capacidade sensorial dos alunos de uma forma mais aprimorada,

socializando os saberes eruditos que circulavam nas instituições de pesquisa, museus de ciências e outros. Conclui-se que estes objetos de ensino foram expressão máxima de um movimento de estudos dos tipos humanos que percorreu todo o final do século XIX. Algumas inquietações surgem em relação aos usos pedagógicos das *cabeças étnicas* e de como eram utilizadas em relação ao método intuitivo, nas instituições de ensino.

No momento do surgimento dos museus escolares no interior das escolas normais, teorias estavam povoando as discussões dos intelectuais da educação. Eles postulavam sobre a existência de diferentes tipos humanos, cuja determinação se comprovava pela relação ou ação de vários genes na espécie. Estas discussões contribuíram para o fortalecimento de uma interpretação sobre a existência de uma raça ideal, desejada à sociedade e justificada sob os prismas científico-biológicos, onde os comportamentos humanos passam a ser gradativamente encarados como resultado imediato de leis naturais e biológicas.

Essas teorias de cunho racial influenciaram a educação, seja pela adoção de métodos e condutas, ou pela construção curricular por meio de práticas adotadas no campo educacional, pertencente ao chamado currículo oculto.

O currículo oculto representa uma dimensão implícita no processo educacional não mensurável e informal, que fazem parte do cotidiano escolar transmitindo experiências que reforçam o aprendizado sociocultural, na inter-relação professor aluno e o saber. Philip Jackson foi o primeiro teórico e educador americano a utilizar esta expressão “*currículo oculto*”, em seu livro “*Live in Classroom*”, em 1968, onde faz referências às características subjetivas e estruturais do ambiente de aula que contribuem ou influenciam no processo de educação enquanto socialização. (GONÇALVES, 1994)

Segundo Perrenoud (1996), o currículo envolve três dimensões presentes no cotidiano escolar. A primeira é a chamada prescritiva, que é aquela que nasce de uma análise da realidade do processo educacional em um determinado contexto, chegando até as práticas orientadas por tal prescrição desenvolvidas no cotidiano da sala de aula. Há ainda a dimensão real, o resultado do planejamento do professor e as contribuições dos alunos. A terceira é a dimensão oculta, que emerge de situações não previstas e que corroboram para formação sociocultural do indivíduo. Perrenoud (1996) afirma que as situações de aprendizagens presentes no ambiente escolar nas quais os alunos se apropriam de conhecimentos que não estão previstos ou não prescritos, chamados de conhecimentos implícitos, sugerem que eles adquiram certos princípios de conduta,

normas sociais e modos de pensar. Essas aprendizagens, que são apreendidas no domínio do não dito, mas da ação, constituem-se no conteúdo do currículo oculto ou escondido. Perrenoud (2000) assegura que a abordagem a partir do currículo real, ou seja, a partir da operacionalização do currículo prescrito e da experiência de vida, tem reflexos na função social do professor, uma vez que, para ele, “*se ensinamos o que somos, segundo uma fórmula que convém tanto à educação quanto à sociedade, o primeiro recurso da escola seria o grau de cidadania dos professores*” (PERRENOUD, 2000)

Libâneo (2008) complementa a função do currículo oculto sendo:

O currículo oculto representa tudo o que os alunos aprendem pela convivência espontânea em meios às várias práticas, atitudes, comportamentos, gestos, percepções, que vigoram no meio social e escolar. O currículo está ‘oculto’ porque ele não é prescrito, não aparece no planejamento, embora se constitua como importante fator de aprendizagem. (LIBÂNEO, p.172, 2008).

As reflexões e análises feitas sobre o currículo oculto tornam-se concretas nos registros existentes nos arquivos do Museu da Capela e nos depoimentos de professores e alunos egressos. A perspectiva humanista presente no currículo oculto é expressa no depoimento de Irmã Virginita, a religiosa que mais se empenhou pela fundação da FISTA, entretanto não assumiu a direção por questões de hierarquia eclesial da Congregação. Ela sempre esteve à frente da consolidação da instituição por meio da aquisição (doação) do terreno para a construção da sede própria, da implementação da biblioteca como centro de cultura ou convivência fraterna dos grupos de estudos e debates com a comunidade educativa. No processo de implantação da biblioteca, sem recursos financeiros, recorria aos órgãos governamentais, às livrarias das capitais como Belo Horizonte e São Paulo. Sempre confiante na proteção divina não se abatia diante das provocações de algumas religiosas de sua comunidade que diziam: “*Você inventou, aguenta.*” Em seu depoimento, realizado em fevereiro de 2005, articula o currículo oculto ao seu testemunho de vida:

Não há possibilidade de uma escola sem livros. Se uma escola não pode viver sem livros, uma escola superior não pode viver sem uma biblioteca especializada e ao mesmo tempo totalizada[...]. Quando eu escrevia para as Secretarias de Estado já pedia: se houver algum livro de história de seu Estado e sobre o trabalho de vocês, podem me mandar. Mas não se esqueçam a

história tem vida. E vida com as pessoas não podem vir, então me arranjam bonecos vestidos a moda de sua região. Umas responderam imediatamente. Tudo o que foi recebido, eu fui fichando[...]. Os alunos trabalhavam muito no estudo, com seriedade. Havia uma exigência. O Bom Deus ajudava demais, não podia deixar de ser diferente. (SANTOS, 2006)

Assim, a FISTA construiu uma biblioteca especializada em diferentes áreas do conhecimento, salas ambientes com acervos regionais e laboratórios equipados para a pesquisa e estudo. Desta forma, a educação ganhou relevo e a massificação impôs transformações nos sistemas de ensino. A consciência da mudança levou a um cuidado particular com a constituição de coleções e criação de novos espaços de aprendizagem da educação. A formação de professores ganha destaque e a história da educação marca presença. Reforçou-se a necessidade de preservação da herança educativa.

Conclui-se que os museus escolares aparecem como os lugares privilegiados para o recolhimento, conservação, estudo e exposição desses artefatos do passado educacional. Em geral, como instituições culturais foram questionadas e se abriram a outros setores sociais, inserindo-se progressivamente no campo das indústrias culturais. Foram mediadores para a construção do conhecimento e de sentidos a serviço de uma política educacional, como presenciamos no Museu da Capela que agrega concepções da formação docente humanista da FISTA.

Figura nº 18: Ir. Loreto ministrando aula em seu laboratório de Geomorfologia – Década de 70

Fonte: Acervo pessoal de Irmã Loreto

No capítulo seguinte, discutiremos elementos constitutivos desta formação humanista à luz das reflexões de Michel de Certeau e Pierre Bourdieu que nos trazem contribuições na análise e compreensão dos depoimentos dos egressos que instituíram a Revista “*Série Estudos*”: periódico criado pelo Departamento de Letras da FISTA, em 1965, para valorização da pesquisa e estudos da instituição.

CAPITULO III - A CULTURA E A CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO DOCENTE HUMANISTA DAS FACULDADES INTEGRADAS SANTO TOMÁS DE AQUINO

Torna-se fundamental nesse processo investigativo aprofundar o aporte teórico na perspectiva da cultura e da construção de saberes e práticas inovadoras, visto que os depoimentos autobiográficos nos sinalizam que a instituição escolar em questão foi um marco referencial na história da educação no Brasil por meio do currículo humanista e da identidade profissional de seus alunos e professores egressos.

No âmbito dos estudos sobre a história das instituições escolares, a formação docente é assumida por educadores que acreditaram e investiram na educação, em diferentes partes do mundo, com temáticas do homem como centralidade. Pesquisas e debates concebem o processo de conhecimento como uma prática da liberdade e a pedagogia como uma prática dialógica, utópica e libertadora.

Estes educadores e intelectuais entendem a escola como um lugar educativo privilegiado: espaço coletivo da utopia e da reinvenção de uma nova prática social, de uma cultura. Dentre eles, destacamos Michel de Certeau, Edward Palmer Thompson e Carlo Ginzburg que se aproximam e distinguem na forma inovadora de apresentar a cultura das pessoas ordinárias como narrativa, na circularidade do conhecimento cultural,

traços significativos na cultura do outro. Eles procuram caminhos para interpretar práticas culturais estranhas que se aproximam por uma corrente antropológica, valorizando a perspectiva interdisciplinar.

Ao vislumbrá-los, compreendemos claramente a aproximação com as concepções, saberes e práticas vivenciadas na instituição em questão. As contribuições e reflexões feitas acerca das obras de Michel de Certeau nos trazem novas perspectivas para a formação docente no ensino superior.

Escrever história, nesse sentido, implica o esforço em acessar os significados do vivido para oferecer um relato de espaço, isto é, uma narrativa sobre um percurso teórico-metodológico sobre algo empírico. Tanto nos relatos tidos como fontes, como nos que os profissionais da narrativa historiográfica, percebem-se a necessidade de convencimento, do outro e de si mesmo, da existência de uma região. Para Michel de Certeau, a principal evidência da dinâmica lugar/espaço se dá também nas narrativas, nos relatos de espaço. *“Os relatos efetuam, portanto, um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares. Organizam também os jogos das relações mutáveis que uns mantêm com os outros.”* (CERTEAU, 1994, p. 200 e DELEUZE, 1997, p.203)

Michel de Certeau, jesuíta francês, da Companhia de Jesus, estudioso da mística e das correntes religiosas dos séculos XVI e XVIII, trouxe contribuições significativas para a historiografia e reflexões sobre a multiplicidade cultural, as práticas sociais e as teorias da História.

Em 1964, foi um dos membros fundadores da Escola Freudiana de Paris, na França, dirigida por Jacques Lacan, onde permaneceu até 1980. Uma característica marcante ao longo de sua vida: ouvir o outro. Pela escuta ele busca caminhos que compreendam a alteridade, *“ver que o outro se constitui pela palavra”, “o outro se torna outro, no momento em que se enuncia”*.

Percebe-se ao longo da obra de Michel de Certeau que o outro se produz pela linguagem, se enuncia pelo que expressa. Torna-se outro quando se manifesta como pessoa que fala, numa relação dialógica. Ele permeia vários caminhos do conhecimento sem tomar nenhum deles como referência. Ele produz na História, na Psicanálise, na Filosofia, o que o torna conhecido além das fronteiras dos historiadores fora do âmbito cristão. Anticonformista e perspicaz questiona a lógica das instituições universitárias, a Igreja e o Estado. Para Michel de Certeau, o historiador possui como função dar voz ao não dito. Por meio do campo teórico metodológico o profissional da História constrói e

confere sentido a um determinado acontecimento ou artefato, o qual sendo visto fora do seu contexto não apresentaria uma informação relevante. Ao analisar a História como uma disciplina permite-se pensar que ela faz parte de um lugar social.

Nessa linha de pensamento alcançamos uma aproximação de concepções e valores expressos por Michel de Certeau e a história da Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils a partir da filosofia de vida da fundadora Madre Anastasie. Segundo os registros e estudos feitos por Marie-Vincent Bernadot (1883-1941), padre dominicano francês da província de Tolouse, em sua publicação de 1916, em francês, a vida de Madre Anastasie traz dados essenciais para compreensão do carisma dominicano. Em 2016, nas comemorações dos 800 anos da Ordem Dominicana, a Congregação publica a segunda edição, em português. A tradução foi feita por uma equipe de irmãs que peregrinaram pelos lugares onde nasceu e viveu a fundadora. A partir da leitura do livro percebe-se que Madre Anastasie se dedicou à fé, ao cultivo da espiritualidade, ao estudo, ao ensino, à aprendizagem significativa e ao próximo. Para ela era essencial o hábito de leitura, da pesquisa na biblioteca da paróquia e estudava a vida dos santos, biografias, a história da França entre outros. Esta prática de leitura contribuiu para a ampliação do conhecimento pessoal, da comunidade e tornou-se uma exigência entre todas as religiosas da Congregação, perpassando séculos. Como princípios essenciais do processo educativo, Madre Anastasie acolhia as crianças e jovens em sua individualidade, educando pela palavra, pela escuta e pelo olhar atento à diferença. Sem seus estudos, quando jovem professora, sempre que possível, recolhia-se à leitura e à reflexão como elementos fundamentais à compreensão dos textos bíblicos. Em sua prática educacional, como mestra e educadora, buscava promover a todos, explorando uma educação cooperativa e transformadora nas pequenas escolas que ela passou a fundar nas aldeias vizinhas de Tizac, na França. (BERNADOT, 2016)

Para Irmã Glycia Maria Barbosa, diretora por 10 anos, de 1968 a 1977, a formação docente da FISTA nasceu enraizada nos princípios herdados de São Domingos e Madre Anastasie. Ela os expressa, em seu discurso informal de comemoração dos 70 anos da FAFI/FISTA, realizado em Uberaba, no dia 26 de outubro de 2019: *“Com Domingos temos o compromisso com a Verdade. Com Anastasie sentimo-nos na obrigação do estudo sério e do cuidado de fazer tudo com o máximo de perfeição possível. A FISTA é a realização concreta desses princípios”*. (26/10/2019)

Esta prática de educar com amorosidade, promovendo a todos, respeitando as diferenças e emancipando para a autonomia e participação na comunidade tornaram-se

elementos essenciais do cotidiano escolar da FISTA. A estrutura curricular se compunha na prática, construindo-se no processo de organização dos saberes, nas regulações que se fizessem necessárias, articulados com os princípios da instituição e as experiências nela vividas. Os depoimentos dos egressos da FISTA, referentes à formação docente humanista e a construção da identidade profissional, são reveladores de um diferencial na prática educativa no período em questão. A Dr^a Maria de Lourdes de Melo Prais, ex-aluna e professora da FISTA, consultora do Instituto Paulo Freire, assessora pedagógica e ex-secretária de educação de Uberaba nos relata:

Durante anos, a FISTA foi como que uma árvore, local onde começamos a construir o nosso “ninho profissional”. Não duvido de que, por mais altos que sejam os voos alçados, cada um carrega no peito marcas deixadas por essa Instituição. Ali também, nos ensinaram não só a amizade, mas a tolerância, estratégia ímpar para a obtenção de um convívio saudável, para atingirmos a tão sonhada unidade em meio a tanta diversidade essencialmente humana.
(JORNAL DA MANHÃ, 01/11/2019)

Michel de Certeau nos ajuda a compreender como as pessoas conseguem captar cada momento histórico na multiplicidade de seus componentes. Observar e elucidar o presente. “*Inventar o possível*” ocupar um espaço de movimentação onde possa surgir uma liberdade. As práticas do espaço, as maneiras de frequentar um lugar e abrir ali uma possibilidade de interesses e prazeres: arte de manipular e comprazer.... Conferir às pessoas comuns, ordinárias, um lugar social. (CERTEAU, 2003). Nessa perspectiva, compreendamos o percurso da instituição em questão, em sua trajetória de 31 anos (1949 a 1980), abrindo possibilidades de construção de práticas e saberes essenciais à profissionalização docente.

3.1- LUZES NA FORMAÇÃO DOCENTE HUMANISTA

Segundo Michel de Certeau (1994): “*Todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço. (...) tem a ver com as táticas cotidianas, faz parte delas (...)*” (CERTEAU, 1994, p.200). Se considerarmos as práticas cotidianas como falar, ler, circular, fazer compras ou preparar refeições, entre muitas outras, são também táticas, estratégias. (CERTEAU, 1994, p. 47).

Quando ele trabalha no Ministério da Cultura, em Paris, como consultor de Políticas Públicas, sustenta que a melhor política era inventariar as práticas culturais do povo. A cultura está em todo lugar, nos fazeres ordinários, assim estuda a vida cotidiana, reconhece a vida do outro, a alteridade. O outro num lugar, num tempo, num espaço cultural. Para tal, sugere a epistemologia da distância. O distanciamento de nosso ofício e dos outros; pois consigo compreender o outro quando abandono a falsa familiaridade com o próximo. O reconhecimento do estranhamento ajuda a produzir o conhecimento antropológico. Nesse sentido, há uma operação historiográfica, a técnica do domínio, do conhecimento e de um lugar onde a arte vai acontecer. A arte do envolvimento de um lugar, um conjunto de procedimentos, a habilidade do saber fazer. Envolve um lugar de produção onde as ferramentas existem, o domínio de uma técnica pelo sujeito. (CERTEAU, 2003)

O autor tem uma maneira própria de ler a história cultural e social enquanto entrecruzamento das disciplinas e dos métodos, associando à história, antropologia os procedimentos da filosofia, linguística e psicanálise. Ele não buscava um sincretismo, mas desejava captar cada momento histórico em sua multiplicidade, seus conflitos e contradições. Em seus estudos frisa que é necessária a utilização de uma teoria para as produções historiográficas, assim evitando a construção de dogmas. O pensamento do autor é importante para relativizar as ideias sobre os objetos de estudo e não criar na escrita histórica uma tendência à produção de verdades. (CERTEAU, 1982)

Os debates e leituras referentes a obras de Certeau contribuíram de maneira significativa ao meu objeto de pesquisa com referência ao campo documental. Analisamos que não é possível reproduzir o passado, mas há a possibilidade de produzir, recuperar a condição da pessoa como sujeito. É possível dialogar com os documentos, com as fontes, com o lugar de produção de uma época. Vislumbrar os contextos de produção do objeto. Ter inventividade, caso tenha uma sólida formação teórica como ferramenta e saber operar com a mesma. Sabe-se que a narrativa não é um acessório de trabalho do operador, ela é a prática, que está presa num tempo e lugar.

A escrita da História faz parte de uma prática social, pelos pensamentos de Certeau. Para o autor ela está controlada pelas práticas, as quais são frutos de diversos interesses do lugar social. Assim, uma das funções da História enquanto escrita está na sua função de passar valores e assumir um caráter didático. Certeau argumenta que a escrita acaba por fazer a história, como também por contá-las, sendo de interesse ao caráter de valor, conhecimento para a sociedade (CERTEAU, 1982, p. 95). Nessa linha

de pensamento, relembramos o depoimento de Irmã Laura Chaer, ex-professora da FISTA, de 1960 a 1979, que ao retornar do curso de aperfeiçoamento na Espanha assume aulas de Teoria da Literatura, Latim, Francês e Espanhol. Havia nas relações sociais um desejo de compartilhar saberes e práticas. No início da década de 60, na Faculdade não havia espaço específico para a comunidade religiosa. Elas tiveram de se adequar entre as salas de aulas. Irmã Laura Chaer e Irmã Loreto Gebrim fazem memória aos desafios e atos de resiliência que as cinco religiosas (Ir. Raphael, Irmã Esther, Madre Tarcila, Irmã Laura Chaer e Irmã Loreto Gebrim) tiveram que enfrentar para manter a instituição, ou mesmo na convivência com outras freiras que não tinham a mesma formação que elas. Os desafios foram diversos para atender às exigências e princípios da Congregação Dominicana. Ir Loreto esclarece:

Na Faculdade não tinha lugar para todo mundo. Muitas vezes na sala que eu dava aula de Geografia, tinha um mapa mundi do tamanho de uma mesa, com dois blocos de cimento. Eu punha um duratex em cima, punha meu colchão e dormia em cima do mundo. No outro dia, encostava atrás da porta, organizava tudo e ia dar aulas. (SANTOS, 2006

Figura 19- Irmã Loreto em sua sala de aula, com a turma de 1968 sendo três alunas: Sônia Cecílio, Cacilda Freitas e Maria Teresa Sírío Costa.

Fonte: Acervo particular de Irmã Loreto Gebrim.

Em relação ao lugar institucional e a prática vivenciada pelos docentes, no período em questão, Irmã Laura Chaer, Irmã Loreto Gebrim e Luís Alberto de Miranda afirmam em seus depoimentos que na FISTA eles aprenderam a ser honestos

intelectualmente. Exercitaram a estudar, a pesquisar, a ter criatividade e originalidade para ministrar suas disciplinas. A biblioteca era o espaço da descoberta, do conhecimento e estudo permanente. Todos os professores primavam pela excelência e a seriedade acadêmica. Eles citam como referências nacionais e internacionais professores que ministraram curso para os alunos na década de 60 e 70: Prof. Dr. Antonio Soares Amora (USP) de Literatura Portuguesa; o escritor João Miguel Mohama, o ministro Jarbas Passarinho, Prof. Alceu Amoroso Lima e outros. (SANTOS, 2006)

Segundo Certeau: “*A escrita da história se constrói em função de uma instituição*” (CERTEAU, 1982, p. 66). Desta forma, os relatos autobiográficos tornam-se um espaço de reconstrução da identidade profissional que permite ao sujeito explicitar seu lugar social, suas relações com os outros, seu processo de formação, suas memórias, enfim, “*modos específicos de representação*”. Nesse sentido, os relatos revelam múltiplas experiências, nos permitem refletir sobre a “*instituição escolar enquanto lugar de homogeneização dos comportamentos*”. É fundamental considerar a relação da instituição com o contexto social no qual se insere, observando os fatores organizacionais, políticos, religiosos e econômicos que se influenciam mutuamente. Pensar a história dentro de condições particulares e específicas, com as suas múltiplas atividades, necessidades e interesses diferenciados. (CERTEAU, 2003)

O depoimento da ex-diretora da instituição, Madre Maria Georgina, abre o caminho para esta imersão. Quando lhe perguntaram sobre a FISTA, ela respondeu: “*A FISTA ofereceu a seus alunos um embasamento firme. Não é efêmera a vida de árvores fortes. Se tiveram vitalidade para florir, permanecerão pela multiplicação de sementes. E sementes sadias dão frutos sadios*”.

Madre Maria Georgina, dominicana da Congregação de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, França, assim a definiu. A formação docente dos alunos egressos estava fundamentada nos princípios dominicanos da Ordem. Ela era docente na área de Literatura, investiu em sua formação acadêmica e de seus alunos, no âmbito da cultura popular e cursos de especialização como: Literatura Francesa, Literatura Portuguesa com o Prof. Fernando Mendonça, Jornadas Pedagógicas em parcerias com grandes universidades como a Católica de São Paulo, UFMG, USP, UNICAMP e outras de referência nacional e internacional, como evidenciam alguns dos certificados de Madre Maria Georgina, nos anexos.

A biblioteca era a alma da instituição, com muitos livros em francês, grego, latim, espanhol e inglês. A ditadura militar boicotava as traduções, o que provocou a

formação de grupos de estudos, de debates e cursos onde havia um posicionamento ideológico. As traduções só chegaram à biblioteca após a ditadura, via Portugal. Muitas turmas eram politicamente atuantes, pesquisavam, argumentavam, eram críticos diante do Estado Totalitário. O ambiente na Faculdade e a postura das Irmãs abriam espaços para a capacitação docente e discente. Vários alunos fizeram especializações na França, Portugal, Bélgica e Espanha, incentivados pelas Irmãs e com bolsas de instituições estrangeiras como Fundação Rockefeller, Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa e Coimbra) e outras, recebendo grandes doações de livros e enciclopédias para o acervo da biblioteca. Segundo a aluna Célia Tahan Bittencourt, do Curso de História, de 1964 a 1968, os livros mais lidos foram de Caio Prado e Celso Furtado.

Figura 20 -Biblioteca da FISTA- A bibliotecária, postulante, na catalogação dos livros.

Fonte: Acervo do Museu da Capela

O ex-aluno e professor da instituição no período de 1968 a 1980, Dr. Evandro da Silva Martins assevera que o vestibular era exigente, com provas escrita e oral com uma banca de três professores: Luís Alberto de Miranda, Ir. Georgina e outra irmã. O trote era cultural, com apoio do Centro Acadêmico Paulo Calmon, com apresentações de peças teatrais e músicas em latim. Um diferencial para a época em plena ditadura

militar. A sala dos professores era um espaço de encontro, de convivência onde dialogavam sobre ações coletivas: “*O que vamos fazer com aquela turma?* ” Com turmas pequenas, os professores eram comuns em diferentes Áreas do Conhecimento: Geografia, História, Química, Filosofia, Pedagogia, Letras, Jornalismo. Eles escolhiam um texto e cada professor o aprofundava com uma abordagem: histórica, linguística, científica, filosófica e outras. No final a avaliação era em conjunto, segundo Prof. Evandro: “*Hoje se fala em interdisciplinaridade, nós já fazíamos naquela época, na avaliação do ensino superior*”. No curso de Letras não havia especialização na década de 60 e os docentes eram “obrigados” a conhecer várias áreas como: semântica, fonologia, estilística, morfologia e sintaxe. Fato que garantia uma visão integral do campo linguístico, uma excelência acadêmica. (SANTOS, 2006)

De acordo com a documentação, registros em atas e diários, o número de alunos por turma era pequeno, em média, 20 alunos, porém com atendimento nos turnos matutino, vespertino e noturno. Entre o corpo discente havia uma predominância do sexo feminino. Algumas turmas de Pedagogia ou Filosofia encerravam o curso com apenas três ou um aluno, sem perder a qualidade das aulas e a carga horária. Confirma-se tal fato com o quadro de formatura da turma abaixo:

Figura 21: Quadro da Turma de 1968 - Única formanda de Filosofia: Elsie Barbosa

Fonte: Acervo do Museu da Capela

Os alunos dos cursos noturnos eram, na maioria, trabalhadores e havia gratuidade, parcelamentos ou descontos de acordo com suas necessidades. Muitos alunos pagavam suas mensalidades com a prestação de serviços, na própria Faculdade, atuando na biblioteca, na recepção ou outra atividade que melhor adaptasse as suas habilidades. Irmã Glycia, diretora de 1967 a 1977, nos revelou em conversa informal que em na década de 70 houve um acréscimo significativo no número de alunos na FISTA, totalizando 1.173 estudantes nos diferentes institutos. Segundo ela, um dos motivos foi a concessão de assinaturas de promissórias para aqueles alunos que não podiam pagar as mensalidades e demonstravam bom desempenho acadêmico. Ela declarou que tinha um cofre na secretaria onde guardava essas promissórias com o apoio do tesoureiro Sr. Nassim. No final do ano de 1973 eram tantas que pediu ao tesoureiro que queimasse todas, possibilitando a muitos alunos o término de seus cursos.

Vale ressaltar o depoimento da ex-aluna e professora Ms Zilma Burgiato Faria que sustenta a análise dos elementos da formação docente humanista, com o rigor acadêmico, a profissionalização e os valores decorrentes desta prática:

Nós trabalhávamos e estudávamos, isso nos ajudava a ganhar a fidelidade em nossa relação profissional. O vestibular para a entrada na Faculdade foi muito exigente. Várias prestaram, apenas quatro alunas foram aprovadas: Querubina, de Uberlândia, Maria José do Estado de São Paulo e Maria Ubaldina do Rio de Janeiro. Fiquei sozinha no final, a única formanda em Pedagogia do ano de 1959. Terminei em 03 anos com o Bacharelado. Atuei inicialmente como professora de Psicologia da Educação e Sociologia Educacional. Tive mestras que me ajudaram muito como Irmã Heloisa com a Didática Geral, Ir. Ester, Ir Ana Edite. Elas tinham alguns princípios básicos, uma convicção, havia uma identidade com os mesmos ideais, todos se aceitavam. Aquelas que estavam no comando, acreditavam no que faziam. Aprendemos a trabalhar com ideal, a descobrir o outro como ser humano, a lidar com os excluídos. Irmã Éster e Ir. Heloisa sedimentaram o trabalho da Didática. Nossa formação era séria, os livros eram em francês. Na década de 60 já falávamos em alocação de diferentes habilidades e conhecimento, já discutíamos Taxionomia de Bloom, os elementos sociais da Didática, seu campo específico. (SANTOS, 2006, p.209)

Zilma Burgiato Faria (2006) ressalta em seu testemunho profissional as leituras e debates feitos com as obras originais, em francês e italiano. O aluno era

motivado a envolver-se na obra, a aprofundar-se na temática discutida. Assim, acontecia uma educação séria, comprometida com o fazer, aliando a teoria e a prática. Segundo ela, “*O professor era instrumentalizado a diagnosticar a realidade e a realizar um acompanhamento sistemático*”. Nesse sentido, nos pautamos nas contribuições de Michel de Certeau (1974) que reflete sobre o intercâmbio de bens culturais e nos esclarece: “*Para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas sociais, é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza.*” (CERTEAU, 1974). Havia nas relações interpessoais dos egressos da FISTA um sentimento de pertença e fidelidade ao carisma dominicano: “*contemplar e dar ao outro o fruto de sua contemplação*”. Segundo a aluna Zilma Burgiato Faria (2006):

O teor da formação docente da FISTA estava enraizado numa educação social. Havia um cuidado e equilíbrio para lidar com o poder. Ser sempre um professor com humildade. Tínhamos uma prática de leitura que nos levava a refletir sobre o papel do professor. Realizamos um trabalho de liderança na comunidade com diferentes grupos sociais. Algo muito saudável para os alunos, um trabalho sistemático e criterioso que os levou a se comprometerem com a vida e a sociedade. Aprenderam a buscar novas intervenções no próprio fazer educativo. (SANTOS, 2006)

Pode-se exemplificar como práticas culturais e intervenções sociais as atividades realizadas pelos alunos e professores nas montagens de apresentações artísticas, peças teatrais, publicações de livros, periódicos e jornaizinhos. Uma das docentes que se destaca nesse campo é a Dr^a Vânia Maria Resende, escritora, doutora em Letras pela USP, especialista em Literatura Brasileira e Literatura Infantil e Juvenil, atuante nas áreas de promoção da leitura, com premiações nesta área, concedidos pela UBE- União Brasileira de Escritores (SP), Ministério da Cultura, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, PROLER- Programa Nacional de Leitura e outros. Em entrevista à Revista do Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino, publicada em *Leia Escola*, Campina Grande, v. 14, n. 2, 2014, pelos entrevistadores José Hélder Pinheiro Alves (UFCG) e Raquel Beatriz J. Guimarães (PUCMG), a Dr^a Vânia Resende lembra sua trajetória profissional destacando sua formação inicial na FISTA, na década de 70. Ela formou-se em 1974 em Letras e foi convidada por seu Prof. Dr. Luís Alberto de Miranda para ser sua monitora, que a incentiva a participar de um curso de 02 semanas de Literatura Infantil e Juvenil, na UFMG. Até então, a

Literatura Infantil não fazia parte do currículo como disciplina. Como monitora e posteriormente como docente, apropriou-se da visão panorâmica da Literatura introduzindo um semestre no programa de Literatura Infantil, que “*seria fonte e instrumento de formação de leitores, entendendo que, bem usado, poderia preencher os vazios existentes e corrigir inadequações.*” Em sua visão, os programas não discutiam questões como *o que fazer e como fazer*, tratando-se de Literatura e Ensino Fundamental, nos cursos de graduação. Desta forma, “*sem instrumentalizar, saíam da universidade, sem referência, sentiam-se desorientados e angustiados.*” Essa preocupação já era discutida, desde 1966, com a professora universitária, Dr^a Nelly Novaes Coelho, com apresentação de iniciativas metodológicas para o ensino da literatura. Vânia Resende relembra seu percurso e a construção de sua identidade no campo literário a partir de laços firmados com educadores de referência, a determinação diante dos desafios da época, a saber:

No decorrer do meu percurso profissional, tive o privilégio de me enriquecer em contatos e experiências com ela, e cheguei também a estreitar laços com Lúcia Pimentel Góes, que foi sua discípula; as duas sedimentaram um trabalho afinado na disciplina Literatura Infantil na USP. Absorvi da Lúcia (que produziu contribuições importantes com pesquisas, aulas, criações teóricas e literárias) análises pioneiras de cunho semiótico; ela foi minha orientadora no doutorado, defendido em 2004. 1980 foi marcante com a realização, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e a Faculdade de Educação/ UFRJ, do I Encontro de Professores Universitários de Literatura Infantil e Juvenil, fomentando um pensamento reflexivo coletivo sobre a importância da disciplina nos cursos de Letras, Pedagogia, Biblioteconomia, Psicologia, e no Curso de Magistério. Daí resultou um documento encaminhado a diversas instituições universitárias, propondo a inclusão da Literatura Infantil. Os ANAIS produzidos pela FNLIJ registram 42 presenças, incluindo os observadores; dos 24 especialistas presentes, 20 apresentaram comunicações, que constam do documento, pondo em evidência caminhos do e para a Literatura Infantil. A baixa representação de professores universitários da disciplina no evento revelou o cenário da época; quanto à representação de professores do interior, ficou reduzida a minha presença e à apresentação da minha comunicação intitulada “Iniciação ao estudo da Literatura Infantil e Juvenil. (LEIA ESCOLA, p.10, 2014)

Percebe-se em sua narração o pioneirismo da FISTA, em 1980, ao garantir representatividade em eventos nacionais e a contribuição para o fomento da reflexão coletiva sobre a inclusão da Literatura Infantil e Juvenil como disciplina no curso de Letras. A docente atribui como desafio apenas o esforço pessoal “*como que uma defesa da sua validade, um cavar espaços, para que ganhasse terreno e adeptos.*” Neste processo de reconhecimento a disciplina ganha visibilidade por meio de benefícios pedagógicos e culturais ao Curso de Letras e à sociedade como um todo. Ela expõe em seu depoimento:

Tudo o que provinha da disciplina, de novo, criativo e produtivo, foi profícuo, e gerador de uma boa relação com outras disciplinas, promovendo, também, o diálogo da academia com a comunidade e as escolas de Ensino Fundamental e Médio, por meio, sobretudo, de ações e projetos de extensão. (LEIA ESCOLA, p. 11, 2014)

Os registros nos arquivos da Congregação Dominicana apresentam certificados de participação de alunos do Instituto de Letras, no período em questão, em cursos, concursos literários com premiações e publicações de livros, como as antologias infanto-juvenis “*Vinícius de Moraes*”, semanas culturais e pedagógicas, encontros com escritores e montagens de peças teatrais como “*Morte e Vida Severina*” de João Cabral de Melo Neto e peças infantis de Maria Clara Machado.

Figura 22: Convite da peça “Morte e Vida Severina” encenada em 21 de novembro de 1975, na “Noite da Poesia Brasileira da Modernidade”, pelos alunos do Curso de Letras.

Fonte: Acervo particular da Prof^ª Dr^ª Vânia Maria Resende

No folder acima, deparamos com nomes de ex-alunos pertencentes ao elenco que atualmente atuam no campo da arte, da música, artistas plásticos, jornalistas, educadores que trazem em suas memórias afetivas e intelectuais momentos vivenciados naquele período da década de 70 que marcaram suas trajetórias profissionais. A peça citada, *Morte e Vida Severina*, foi publicada em 1956, destaca-se entre as várias obras do poeta João Cabral de Melo Neto, considerada por muitos críticos como a sua produção de maior valor artístico. Em o TUCA- Teatro da Universidade Católica de São Paulo- realizou a montagem no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, após percorrer a Europa. O folder de divulgação feito na FISTA pela direção da peça traduz concepções da época em que se busca a identidade do homem brasileiro num contexto capitalista e repressor. Questões latentes como o latifúndio, o êxodo rural, a reforma agrária, a seca e a fome foram refletidos a partir da palavra, da linguagem artística e existencial. Um trecho do folder caracteriza este aspecto de conscientização da realidade por meio do diálogo com a arte e a religiosidade, pois o sentido religioso da mensagem natalina se inverte, quando o bem e o mal, são substituídos pela Vida e Morte:

[...] A peça se define como Auto de Natal Pernambucano que deixa evidenciar a personalização dramática de um sujeito coletivo e passivo- a gente sem nome, retirante, que deixa o sertão para baixar com o rio até o Recife. [...] São Severinos todos os retirantes que o latifúndio e a seca escorraçam da terra. A palavra, assim, perde o caráter de substantivo e o ser que ela designa a sua existência: 'Severino' torna-se adjetivo que qualifica a existência negada. A Severinidade de uma situação social carente designa também todo elemento que dela participa. (1975, acervo particular de Vânia Maria Resende)

O diretor da peça em questão, o artista plástico e músico de reconhecimento nacional Prof. Hélio Ademir Siqueira, esteve presente no encontro de ex-alunos, ex-professores, colaboradores e gestores da FISTA, no dia 26 de outubro de 2019, no CETA- Centro de Espiritualidade Tomás de Aquino, onde se reuniram 175 egressos para celebrar os 70 anos da instituição. O slogan escolhido para a convocação dos discentes e docentes foi a frase provocativa de Monsenhor Juvenal Arduini, proferida durante a comemoração dos 50 anos, em 1999: “*A FISTA, não foi, a FISTA é, ela continua viva, por meio do*

testemunho de seus egressos! ” Nesse encontro constatou-se um sentimento de pertença entre os egressos até os dias atuais. Muitos se consideram educadores dominicanos que procuram testemunhar os princípios dos fundadores São Domingos de Gusmão e Madre Anastasie em suas trajetórias profissionais. A declaração do Professor Hélio, aluno nos anos de 1974 a 1978, no caderno “Memórias e Sonhos”, organizado para registros dos depoimentos, demonstra esse aspecto de fidelidade ao carisma dos fundadores:

Ontem me senti totalmente revigorado porque reencontrei uma parte de mim que estava perdida. Não que tivesse esquecido esse passado criativo e produtivo de tantos compartilhamentos e aprendizados. Ontem reencontrei pessoas que me impulsionaram para uma vida de riscos sem volta que foi meu total encontro com a arte. Frequentar as aulas da FISTA foi encontrar um caminho movediço de viver na corda bamba, assim como a arte exige. Foi lá que encontrei pessoas abnegadas que, com total desprendimento e sabedoria me impulsionaram para uma vida criativa e cheia de deslumbramento. Essas pessoas são tantas irmãs, colegas e professores que hoje estou inflado de orgulho por ter vivido parte de minha vida com eles. (27/10/2019)

Outro testemunho que faz parte do levantamento de experiências relevantes referentes a profissionalização docente dos egressos foi publicado no Jornal da Manhã, pela ex-aluna Jacira Rodrigues Mendonça Pereira, Turma de Pedagogia, 1968. Ela expressa as práticas e a construção de sua identidade docente, a seguir:

Percebi a responsabilidade na continuidade dos princípios e valores que ali foram plantados e o quanto eles estiveram presentes na minha caminhada profissional. O que parecia adormecido, nunca dormiu, esteve comigo em órgãos e instituições públicas estaduais, federais e privadas de educação, por onde passei, a FISTA esteve sempre presente, assim como estudante no mestrado da PUC-SP. Na época não se falava em educação holística, mas vivia-se ali o pensamento filosófico do sujeito humano, que não é apenas pensante, com atenção às suas ações, sentimentos e vivências. Uma educação que ampliava espaços, que nos levava à uma observação crítica e construtiva, que valorizava a ética, o diálogo, o respeito às diferenças, o compromisso com a verdade e com a justiça social. (JORNAL DA MANHÃ, 03/12/2019)

Nesse encontro, com a convocação: “*FISTA? Presente!* ”, estavam presentes ex-diretoras (Irmã Glycia Maria Barbosa e Elsie Barbosa), ex-alunos, professores e colaboradores das cidades de Belo Horizonte, Brasília, Igarapava (SP), Goiânia, São Paulo e Uberaba. A equipe organizadora confirmou a presença de ex-alunas desde a fundação da FAFI sendo:

- ✓ **1949 a 1953:** Paulita Vasconcelos
- ✓ **1954 a 1958:** Terezinha França Resende
- ✓ **1959 a 1969:** 17 alunas presentes
- ✓ **Década de 70:** 52 alunos presentes. Sendo 175 participantes, os demais não informaram a data ou período que estudaram na instituição.

A proposta apresentada e assumida pelos presentes foi para que haja um diálogo permanente por meio de círculos de cultura, rodas de conversas sobre publicações e artigos que serão publicados quinzenalmente no Jornal da Manhã, pelos especialistas, ex-alunos e professores versando sobre suas práticas educacionais. As reflexões atualizadas em diferentes campos do conhecimento possibilitarão a construção de saberes pautada na formação docente humanista.

Outro depoimento que traduz características da profissionalização docente da FISTA quanto à fidelidade aos princípios dominicanos, à busca da essência do saber, do conhecimento compartilhado possibilitando ao aluno uma autonomia para trilhar caminhos inusitados; foi da ex-aluna e professora da instituição Dr^a Elisa Angotti Kossovich. Ela é graduada em Letras Modernas, Mestrado em Literatura - Université d'Aix-Marseille III (Droit, Econ. Et Sciences) (1967). Doutorado pela Universidade de São Paulo (1984) e Pós-Doutorado pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (1989). Atualmente prepara uma livre docência na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), atua com ênfase em Ciências Sociais na Educação, Antropologia Educacional, Cultura e Aculturação. Elisa (2005) comenta sobre sua militância política na FISTA na década de 60, sua atuação artística no grupo de teatro chamado NATA, nas reuniões da JUC, nos grupos de pesquisa que a motivaram a trilhar o campo acadêmico. Ao término da Graduação, em 1964, foi contemplada com sua colega de turma a uma bolsa de estudos do governo francês, a qual lhe oportunizou conhecer os movimentos estudantis comunistas da França. No retorno, afasta-se da militância e se dedica a profissionalização docente, considerando que sua formação docente humanista era na linha do existencialismo cristão ligado a Gabriel Marcel, Jacques Maritain e outros. Para ela, este humanismo garante um diferencial na formação: a capacidade de perceber

as diferenças. Elisa Angotti afirma que tem consciência desta sua habilidade perante seus colegas pedagogos ou sociólogos que, às vezes a criticam pelo “apego às pessoas”. Para ela, é um traço do humanismo cristão presente em sua percepção educacional. Ela narra que a filosofia de trabalho da instituição garantia uma independência intelectual, uma criticidade diante da realidade, assim como transmitiam uma confiança no potencial dos alunos.

Esses valores foram explicitados por Elisa, perante a análise do fato ocorrido em 1965, quando foram escolhidas à frente de outros concorrentes para a bolsa de estudos, para uma especialização em Aix-en-Provence, na França. Elisa rememora: *“Ficamos sabendo depois em contato com outros brasileiros em Aix-en-Provence, com bolsas de estudos que tinham vindo da USP, na ocasião tinham dito: ‘O que elas têm que minhas orientandas não têm? Em que elas são melhores?’ ”* Questionamentos que traduzem a discriminação acadêmica com alunas de uma Faculdade desconhecida do interior de Minas Gerais. Elisa afirma: *“Fomos e fizemos tudo o que tinha que fazer, as orientações, as trajetórias, os estudos dentro de nossas possibilidades.”* (SANTOS, 2006).

Segundo Ir. Glycia, no final da década de 70 a FISTA recebeu do MEC, o reconhecimento como o primeiro lugar nos índices de desempenho no Ensino Superior do Estado de Minas Gerais.

Como religiosas, as Irmãs Dominicanas de Monteils eram estudiosas de Michel de Certeau. Identificavam-se com ele, pois seu discurso revela uma preocupação com o futuro, porém com os pés fincados no presente. Perceber os sujeitos, com perplexidade, diante dos fatos, com coragem para refletir e argumentar criticamente: *“A tomada da palavra”*, em maio de 1968. Retomar a palavra que estava nas mãos de algumas lideranças sindicais, pela possibilidade de outros assumirem o sujeito dos discursos. A palavra se verticaliza e ganha as ruas. Maio de 1968 representa a liberdade de falar. Nunca se falou tanto, libertação dos discursos nas instituições dando ao autor maior notoriedade: o estudioso caminhante, inquieto, que busca incansavelmente a centralidade da linguagem da palavra.

Nessa conjuntura, os alunos e professores da FISTA vivenciavam o clima da ditadura militar. Ao analisar a organização curricular da FISTA, percebe-se que os professores e alunos, em diferentes níveis, eram formados para uma visão do conhecimento como prática da liberdade, em que as ações pedagógicas traziam o homem como sujeito do processo conscientização. Dr. Evandro da Silva Martins, ex-professor e ex-aluno nos confirma:

Em plena revolução, em 1969, havia filosofia na Letras. A Madre Alexandra é quem dava. Lembro-me que um dos livros que estudamos foi o Homem-Libertação. Período de repressão, em que houve a prisão dos meninos em Ibiúna, o congresso a UNE, onde prendeu gente até de Uberaba (17/04/2005).

O currículo é um espaço privilegiado no qual se corporificam formas de conhecimento e de saberes e está intimamente ligado à formação docente. O currículo humanista traz em sua essência a matriz da pedagogia da existência vinculada à vertente fenomenológico-existencialista.

Nesta linha de pensamento, Certeau, na década de 70, esforça-se fortemente a fugir da ordem vigente, com reflexões sobre o livro: “Reprodução” (Bourdieu e Passeron); muito discutido nas academias: a escola como reprodutora do Estado e da ordem vigente. Abre espaço, caminhos e possibilidades nesta questão com reflexões sobre os professores como sujeitos, inseridos num lugar, tempo e espaço que tem liberdade de renovar, reinventar seu lugar, questionar o vigente. O professor pode agir de maneira astuciosa, fazer uso de táticas que lhe permitem suscitar uma prática de conscientização e mudança. Compreender como os sujeitos se movem no mundo: conhecer as estratégias (o cálculo das relações de força) e agir de forma astuciosa, a arte de usar as táticas. As táticas são artes de dar golpes, depende do tempo, é a maneira de aproveitar a ocasião e captar as possibilidades de ganho.

Michel de Certeau aprofunda sua teoria neste campo das práticas do espaço como sendo as maneiras de frequentar um lugar e abrir ali possibilidades de interesse. Em suas viagens pela América Latina, principalmente no Brasil, em plena ditadura, teve a experiência e contatos com a cultura popular, com as diferentes manifestações religiosas, a arte do povo rural, os saberes e cultos dos indígenas, com as universidades e movimentos sociais. Neste período, as lutas e as desigualdades se ocultavam sob a ordem estabelecida. Como pensador e religioso, ele recusa a ideia de fidelidade, justamente por ver no desvio a força criadora da crítica. Neste sentido, recusa a fidelidade e passa a “fazer com”, a “pensar com”. (CERTEAU,2003)

As fontes históricas revelam intensa exploração da força de trabalho assim como uma concentração de renda nas mãos de poucos. Os meios de comunicação de massa transmitiam uma ideologia de um “Brasil-potência” com slogans como: “*Este é um país que vai para a frente*”; camuflando uma realidade, uma estratégia de hegemonia adotada pelo regime militar.

Percebe-se que esse sentimento de pertença traz à tona uma memória coletiva e reforça a coesão social pela adesão política ao grupo que se torna uma comunidade. O pensamento de Certeau se faz presente nesta reflexão quando apresenta como preocupação principal de seu trabalho o conhecimento histórico. Ele dá ênfase ao ordinário, aos pequenos processos e mudanças. Os grandes acontecimentos são resultados de pequenas mudanças. “*O que faz uma ponte ruir não é o rachar da sua estrutura, mas a ferrugem que o consome num processo lento e constante*”. Assim, são as pessoas. Elas resistem à estrutura social, passo a passo, paulatinamente elas racham o poder que lhes oprimem. O autor em questão dá ênfase a antidisciplina. Não se preocupa com a estrutura da sociedade, mas com as formas cotidianas de resistência a sociedade. As pessoas estão o tempo todo criando alternativas de driblar o que a sociedade lhes impõe e determina para poderem alcançar seus objetivos. (CERTEAU, 1994)

É importante reafirmar as contribuições de Bourdieu referentes às resistências no espaço social. Essas não se definem apenas pela dimensão econômica. Para ele, o modo como se distribuem as diferentes formas de poder numa determinada sociedade será fundamental para definir este espaço por meio dos diferentes tipos de capital. Além do capital econômico, ele enfatiza os capitais cultural e simbólico: a posse da cultura legítima e institucionalizada (NOGUEIRA, 2017, p.178). As pesquisas empreendidas por Bourdieu o convenceram da multiplicidade de fatores que entram em jogo nas tomadas de posição, no interesse ou desinteresse dos sujeitos numa determinada sociedade. Charle (2017) nos esclarece o caminho metodológico a seguir:

[...] deve-se reconstruir com paciência a rede das relações entre os grupos e o espaço estrutural do campo intelectual que orientam as opiniões preconcebidas. Convém, igualmente, produzir uma microsociologia das trajetórias e do habitus em conflito para analisar plenamente os modos de compromisso dos intelectuais em uma dada conjuntura ou em determinado período. (CHARLE, p. 237, 2017)

Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron publicaram, em 1964, o livro: “*Os herdeiros: os estudantes e a cultura*” onde descreveram os mecanismos e processos pelos quais o sistema de ensino legitima os privilégios sociais e lamentam a representação desigual das diferentes classes sociais no ensino superior. Eles consideram a escola como espaço real da democratização da cultura, entretanto, vezes inúmeras vezes ela ignora as

desigualdades iniciais diante da cultura, *“não reconhece que existem alunos com déficit cultural, que não podem ser percebidos da mesma forma, como categoria homogênea.”* (MEDEIROS, p.220,2017). Outro dado discutido pelos autores Bourdieu e Passeron refere-se à questão de o espaço escolar contribuir ou não para acentuar as desigualdades frente à cultura pela integração no meio estudantil. *“Os contatos entre os estudantes que objetivem trocas de experiências para a transmissão de informações técnicas e de incitações intelectuais são raros”* (MEDEIROS, p.221, 2017). Essa necessidade dos alunos se constituírem enquanto grupos independentes e integrados que priorizam a partilha de saberes em suas práticas pedagógicas foram condições básicas percebidas no corpo discente da FISTA.

Vale ressaltar a reportagem do Jornal *A Gazeta* de São Paulo, em 15/05/1959, intitulada: *“Uberaba: importante centro estudantil do Triângulo Mineiro”*. O artigo descreve a visita dos alunos do Curso de Jornalismo da Faculdade “Cásper Líbero” da capital paulista a cidade de Uberaba, numa atividade de intercâmbio cultural com o Centro Acadêmico Dom Alexandre da FISTA. O texto jornalístico descreve o ambiente universitário da cidade mineira, com cinco faculdades: Medicina, Direito, Engenharia, Odontologia e Filosofia. Narra, em especial o Instituto de Jornalismo da FISTA, primeiro curso inaugurado em Minas Gerais, com apoio dos jornais locais: “Correio Católico” e “Lavoura e Comércio.” Para acolher aos alunos de diferentes regiões as Irmãs Dominicanas mantinham um pensionato feminino que segundo a reportagem era *“organizado segundo os colégios universitários suíços: ambiente arejado e compreensivo permite-lhes ter no pensionato um núcleo social e cultural dos mais atraentes e populares da cidade”*. Segundo o artigo as alunas do curso expuseram uma das vantagens deste espaço escolar: *“o enriquecimento da personalidade e aquela segurança moral que lhes permite levar a outras cidades e aos próprios alunos uma mensagem de confiança e destemor diante das maiores dificuldades na vida prática.”* O Centro Acadêmico era responsável pela edição mensal do jornal “O Coruja”. O texto encerrou-se com uma citação que referenda as práticas e valores vivenciados pela formação docente humanista na instituição em questão: *“Alicerçadas suas concepções numa justa hierarquia de valores, tendo essa grande facilidade de coesão e penetração, os estudantes dos cursos superiores aproveitam em todos os sentidos essa época de estudos.”* (A GAZETA, 15/05/1959)

Figura 23 - Artigo publicado em *A Gazeta*, de São Paulo, em 15/05/1959, relativo ao Curso de Jornalismo da FISTA.

Fonte: Arquivo da Capela do CNSD – Jornal A Gazeta de 15/05/1959, SP.

As reflexões feitas nos levam a vislumbrar uma concepção antropológica de currículo em que o conhecimento, o saber e a cultura tendem essencialmente a humanizar as relações entre os sujeitos. Nessa perspectiva, catalogamos alguns testemunhos de ex-alunos e professores da instituição em questão que pautam suas práticas educativas em metodologias que buscam a descoberta do ser humano, a valorização da essência do ser por meio da educação. O relato autobiográfico, realizado em 25/03/2006, da Profª Ms. Maria Teresinha de Souza Pádua, docente universitária na UCG- Universidade Católica de Goiás e UFG- Universidade Federal de Goiás, em Metodologia do Ensino Superior, nos demonstra o caminho percorrido, as experiências do cotidiano onde a responsabilidade por um estudo sério e reflexivo era uma exigência da docência dominicana. Na sala dos professores, as irmãs sempre deixavam um livro aberto sobre a mesa. Nos intervalos das aulas, alguns professores ou alunos, motivados pela curiosidade ou fatos do contexto social e político, faziam a leitura e resenha do mesmo, que posteriormente era debatido nos pequenos grupos. Não havia obrigatoriedade, era opcional e nos horários disponíveis. A Profª Maria Terezinha foi aluna e posteriormente docente na FISTA, no período de 1963 a 1970, com experiência na JUC, na presidência do Centro

Acadêmico e voluntária no Projeto de Alfabetização de Adultos, no Externato São José. Ela nos relata sua prática cultural:

A gente apresentava a resenha e começava o debate do livro. Foi na época que saiu 'A Educação como prática da liberdade', e a 'Pedagogia do Oprimido' e depois foi banido, barrado. Naquela época a gente já estava discutindo o que era educação bancária, o que era educação libertadora, a concepção de uma e de outra. Porque a gente estava alfabetizando adultos e não crianças. (SANTOS, 23/05/2006)

O Externato São José, educandário administrado pelas Irmãs Dominicanas, com gratuidade para as crianças empobrecidas, funcionou de 1948 a 1980. Os professores eram voluntários e bolsistas do Colégio Nossa Senhora das Dores ou da FISTA.

Figura 24- Fachada da entrada do Externato São José, localizado ao lado do CNSD.

Fonte: Acervo do Museu da Capela do CNSD

O Projeto de Alfabetização de Adultos, citado acima pela professora Maria Teresinha, refere-se ao método de alfabetização desenvolvido pelo educador Paulo Freire, em 1963, que questionava o sistema tradicional de alfabetização, o qual utilizava a cartilha como ferramenta da didática para o ensino da leitura e da escrita. As cartilhas eram elaboradas para todo o país, no órgão central, sem preocupar-se com a diversidade

regional e a realidade dos educandos. No novo método, os vocábulos escolhidos no processo de letramento faziam parte do contexto do aluno, palavras do cotidiano, geradoras de significados e vida. O educador deveria saber ouvir o educando em suas experiências e por meio delas elaborar seu roteiro de ação, com materiais que apresentassem sentido para a vida dos alfabetizandos, proporcionando momentos de reflexão, durante os círculos de cultura, nomenclatura utilizada por Freire (1989). Este método levava à conscientização numa dimensão social, política e educacional. Nos anos 60 a educação de adultos no Brasil obteve ações importantes com apoio da Igreja Católica e de outros grupos organizados que se propunham a alfabetizar a população por meio de projetos como: Movimento de Cultura Popular (MCP), o Movimento de Educação de Base (MEB), o Centro Popular de Cultura (CPC) e a Cruzada ABC.⁴

Em 1964, com o golpe militar, os movimentos foram extintos. Em contrapartida, criou-se o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), instituído pela Lei 5.379 de 15 de dezembro de 1967 no governo do presidente Arthur da Costa e Silva. Entretanto, divergia ideologicamente da pedagogia de Paulo Freire que concebia o analfabeto como sujeito de sua alfabetização. No MOBRAL, o método era definido a partir de estudo das necessidades humanas básicas por uma equipe técnica definida pelas normas padrões da língua culta. Rezende (2013) sustenta que a intenção era captar maior número de analfabeto às salas de aulas improvisadas com o propósito de alfabetizá-lo em um tempo curto (cinco meses). Por meio dos meios de comunicação de massa, foram convocados indivíduos para fazerem parte do movimento que extinguiria o “*mal do analfabetismo*”. Assim, as cartilhas e os materiais didáticos tornaram-se instrumentos de difusão ideológica, pois fortaleciam o regime autoritário impedindo que postulados contrários pudessem se sobrepor aos ideais militares, além do encaminhamento de mão-de-obra para o mercado de trabalho. A educação foi orientada segundo às intencionalidades do governo ditatorial. Nas entrelinhas dos livros, músicas, material didático foram incutidas mensagens de veneração aos heróis nacionais, patriotismo, civismo, exaltação ao governo. (FÁVERO, 2006) Para Chartier (1990), o objeto impresso sempre buscou instaurar uma ordem, almejada pelo olhar da autoridade que o encomenda ou permite a sua publicação e circulação. Com a recessão

⁴ Na década de 60, surgiram diversos movimentos de educação popular procurando a emancipação dos setores desfavorecidos e denunciando o caráter ideológico presente nas diretrizes educacionais oficiais. Ver: FREITAS, M.F. *Educação de jovens e adultos, educação popular e processo de conscientização: intersecções na vida cotidiana*. Educar em Revista. Curitiba. n.29. 2007.

econômica iniciada nos anos 1980 tornou-se inviável a continuidade do programa que demandava altos recursos.

As alunas da FISTA envolvidas no Projeto de Alfabetização de Adultos eram orientadas pela Profª Geni Chaves que adaptava o método de Paulo Freire a realidade do perfil dos adultos analfabetos: açougueiros, pedreiros, donas de casa, construtores, empregadas domésticas e funcionários do Colégio Nossa Senhora das Dores. O adulto não tinha a visão global como a criança, “*ele parte dos pedaços para o todo*”. A Profª Maria Teresinha nos esclarece:

Ensínávamos pela silabação. O que nós fazíamos: a gente ganhava da Prefeitura papel e agulha de máquina de costurar. A gente chegava da Faculdade e fazia, em grupos, o stencil. A gente aprendia com a Irmã Laura, nas aulas de Português, quais eram as dificuldades da alfabetização e a gente ia fazendo as sílabas a partir destas dificuldades; pela linguagem do povo. Na época era a Copa do Mundo: as palavras eram: Pelé, bola, pelota. Era dentro deste contexto que era o auge: a Copa. Trazíamos tudo no carbono, ia para casa e picotava tudo com aquela agulha grossa nos sentidos horizontal e vertical. A gente dava as tirinhas para eles que picotavam os grupos e ali eles construía as palavras. Tudo em letra de imprensa, depois que eles passavam para as letras de mãos dadas, a letra cursiva”.
(SANTOS,2006)

Ela nos informa em seu depoimento que todo o processo de construção da matriz era feito manualmente, com o mimeógrafo de gelatina. Utilizavam cinco quilos de açúcar, folhas de gelatina incolor e um pouquinho de água. Preparavam em uma forma do tamanho de uma folha A20 e colocavam para gelar. Empregavam uma caneta tinteiro hectográfica para fazer a matriz e virava na gelatina. Tirava a matriz, cuidadosamente para que ficasse gravado. Esticava-se em uma corda e dependurava com um alfinete de roupa, para secar. As aulas e provas eram feitas e picotadas nas folhas de gelatina. Um esforço que deixava as unhas das docentes pretas ou azuis, porém o desejo de ver o outro aprender, de ensinar a ler e escrever eram essenciais: “*Tira a palavra da garganta dele!*”.

Figura 25 - Alunas do Externato São José na década de 60 - Momento do lanche

Fonte: Acervo do Museu da Capela do CNSD.

A professora citada lecionou em duas realidades diferentes, uma para alunos da elite uberabense, privilegiados, outra, para empobrecidos e excluídos no Externato São José. Espaços que possibilitaram a ela ser educadora, trocar experiências, aliar a teoria à prática, diversificar e cruzar as metodologias, estratégias a partir da prática compartilhada: ações do método Montessori (a normalização, o silêncio interno, a roda de conversa) que foram adaptadas ao conjunto da Alfabetização de Adultos.

Nesse aspecto nos fundamentamos nas pesquisas de Bourdieu que na década de 60, analisa a formação e a reprodução das elites, sobre o sistema francês das *Grandes Écoles*. Segundo Frédéric Lebaron, (2017, p.167) as *Grandes Écoles* são escolas de formação das futuras elites sociais, um ramo do ensino superior elitizado, cujo acesso é destinado a um número reduzido de alunos da classe popular. Segundo Bourdieu (1994) as elites estão ligadas à cultura enquanto conjunto de disposições interiorizadas, um patrimônio linguístico e comportamental, que facilita o sucesso escolar e possibilita também estilos de vidas específicos. Estes contribuem para a permanência da desigualdade social. Bourdieu define as “elites” ou “grupos dominantes” em termos relacionais, isto é, a partir dos diferentes âmbitos de capital: econômico, cultural, social e simbólico. As elites sociais são apreendidas considerando a diversidade de recursos que as caracterizam. Para Bourdieu (1974) as classes sociais apresentam critérios de pertencimento, os quais variam entre classes, determinando que as distinções simbólicas aconteçam dentro de determinados limites estabelecidos por coerções econômicas. Trata-se de um critério elitista, e que serve para conformar um grupo seletivo. Ele formaliza a noção de “campo do poder”, compreendida como a sociologia da classe dominante.

Considerava que a escala da análise pertinente não é o indivíduo, mas o espaço posicional que lhe confere suas propriedades. Um espaço de posições estruturado por uma distribuição desigual de capitais, cujo acúmulo constitui um conflito de poder. Ele enfatiza que as propriedades sociologicamente relevantes dos indivíduos ou das instituições dependem da posição que elas ocupam na estrutura social. O espaço social se define a partir do modo como se distribuem numa dada sociedade diferentes formas de poder, ou seja, diferentes tipos de capital. Nesse âmbito, ele argumenta a importância do capital cultural, isto é, a posse da cultura legítima ou dominante, nas suas formas incorporada, objetivada e, sobretudo, institucionalizada. (NOGUEIRA, 2017)

Nessa perspectiva, retomamos o depoimento da Prof^a Maria Terezinha que sinaliza o capital cultural de seus professores na FISTA, os quais interferiram em sua identidade profissional, em especial, na maneira como sair do senso comum e adquirir uma consciência crítica. Ela relata o caminho metodológico utilizado por Monsenhor Juvenal Arduini, que se traduz pela prática reflexiva, um traço da formação docente humanista:

Monsenhor Juvenal começava a aula de Psicologia Vocacional perguntando o que a gente pensava do homem, da alma, do espírito. A partir daí ele via e tirava de nós, com o diálogo, uma definição mais elaborada. Primeiro ele tirava o que a gente tinha de acervo, depois ele vinha reconstruindo a aula, no diálogo, e organizando o pensamento da gente. (SANTOS, 2006)

Vale ressaltar que a melhor aprendizagem é aquela que desafia, provoca questionamentos e busca soluções. Uma prática que referenda a teoria. Um movimento que impulsiona a seriedade acadêmica, a pesquisa, a inovação e a criatividade no ato de educar. Portanto, vivemos numa travessia, com viagens, inventando o possível, com relações e redes de operações no campo da credibilidade, das possibilidades, novas práticas educativas que garantam aos sujeitos a busca do conhecimento como forma de libertação.

3.2- REVISTA “SÉRIE ESTUDOS”: MARCO REFERENCIAL NA FORMAÇÃO DOCENTE DA FISTA

A Revista “*Série Estudos*” era uma publicação acadêmica, com artigos e resenhas de educadores de diversas universidades, na área de língua e literatura, idealizada pelo

Departamento de Letras, com a coordenação do ex-professor Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães, no período de 1972 a 1986.

3.2.1- Um olhar sobre as práticas educativas, caminhos para a construção da identidade docente

A memória e formação docente universitária das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino revelam uma preocupação com a construção de conhecimentos e saberes fundamentados num pensamento intelectual aberto à pesquisa, à diversidade, enraizados em princípios do humanismo cristão.

De acordo com as pessoas que conviveram diretamente com o corpo docente da instituição, afirma-se que a relação professor-aluno era estabelecida nos princípios de moderação, respeito, abertura às diferenças e reconhecimento das habilidades e talentos de cada um. Sem favoritismos arbitrários, as irmãs dominicanas incentivavam, selecionavam, a partir da monitoria, os alunos que iriam substituí-las em seus cargos de docência, com um aprofundamento na área. Abriam as portas para a profissionalização de qualidade que foi assumida por vários educadores, dentro de suas limitações e desafios da época. Os conflitos, discriminações e diferenças sociais estavam presentes, fator natural de uma comunidade educativa, sem prejuízos maiores para as relações interpessoais.

Antonio Nóvoa traz inúmeras reflexões sobre a vida e ação dos professores. Ele apropria-se de sua experiência pessoal, de seu saber historicamente construído, da busca do conhecimento e socializa, reflete, provoca no coletivo uma nova organização do pensamento. A abordagem de NÓVOA sobre o professor reflexivo contribui para a caracterização do corpo docente da FISTA que, a partir dos relatos demonstrou uma relação com os alunos de exigência, de rigor acadêmico que iniciava na própria seleção criteriosa para o ingresso na faculdade. Havia um cuidado com o conhecimento enquanto saber em construção. Certo rigor do trabalho intelectual com uma exigência na produção intelectual. O processo seletivo era fundamentado na qualidade, o vestibular reprovava, dando ao professor a liberdade de ação, uma exigência no acompanhamento e no modo de fazer: prático e reflexivo.

NÓVOA chama a atenção para este aspecto importante no processo de formação: *“Desta forma, fazer história como conhecimento e como vivência é recuperar a ação dos diferentes grupos que nela atuam, procurando entender por que o processo tomou*

um dado rumo e não outro; significa resgatar as injunções que permitiram a concretização de uma possibilidade e não de outras (NÓVOA 1992, p.22). ”

Segundo NÓVOA, não se constrói a formação docente por acumulação de cursos, técnicas ou conteúdo. A formação só se efetiva e produzirá frutos se for por meio de um trabalho reflexivo, analítico das práticas. Um movimento dinâmico, um exercício permanente de reconstrução da identidade pessoal, que pressupõe uma relação aberta com o saber. Valoriza o cotidiano pedagógico e discute a importância que as “histórias de vidas” podem adquirir nos estudos sobre a formação docente.

Os referenciais da história oral nos remetem a importância das memórias subterrâneas, parte integrante das culturas minoritárias e dominadas. Segundo Pollak (1988), as memórias subterrâneas opõem-se a memória nacional, oficial e “*prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio*”. O silêncio revela aspectos importantes dos momentos históricos, sinaliza as contradições e crises sociais, como nos anos 1960 a 1970, no Brasil, em que a ditadura militar interferiu decisivamente na memória nacional. Neste período, os educadores, profissionais liberais e principalmente os estudantes universitários opunham-se aos ideais capitalistas, a uma sociedade majoritária alheia aos propósitos de uma educação libertadora.

Nesta linha de pensamento, percebe-se que a formação docente da FISTA se pautava na reflexão sobre as causas e consequências sociais da luta de classe, das relações de poder e dominação no espaço social, nos campos: espaços de posições, lutas e disputas. Sabe-se que há leis específicas para cada campo. Para conhecê-las, é preciso que se compreendam os lugares de onde se produz o conhecimento: as instituições, o Estado, os agentes e suas relações.

A educação, os sistemas de ensino e as ações pedagógicas que ocorrem no interior das famílias e no cotidiano escolar ocupam um lugar central na teoria social e nas pesquisas do sociólogo francês Pierre Bourdieu. A abrangente teoria sociológica de Bourdieu trata a educação como componente fundamental do processo de constituição do mundo social, elaborando alguns conceitos como *habitus*, prática, estratégia, campo, capital cultural, violência simbólica e reprodução social. Pierre Bourdieu nos apresenta uma visão clara das representações sociais: como cada agente desenvolve as suas formas de “*percepção, pensamento e ação*” por meio das quais se realiza a apreensão do mundo e a orientação das condutas práticas no dia-a-dia e suas relações com os outros agentes. Bourdieu defende a concepção de que as representações sociais são influenciadas pelas ideias, valores, crenças e ideologias existentes anteriormente em uma sociedade, e que se

fazem presentes na linguagem que utilizamos para nos comunicar, nas religiões e no chamado senso comum que compõem o *habitus* de cada agente, e também as concepções que circulam entre os participantes dos campos sociais, grupos profissionais e classes sociais.

Percebe-se que as representações sociais possuem uma origem histórica, coletiva, pois quando agimos e interagimos com outros indivíduos possuímos a capacidade de formular e reformular nossas próprias representações e assim orientar os pontos de vista particulares que elaboramos sobre a realidade e as decisões práticas que adotamos. Pierre Bourdieu nos esclarece:

As representações dos agentes variam segundo sua posição (e os interesses associados a ela) e segundo o seu habitus como sistema de esquemas de percepção e apreciação, como estruturas cognitivas e avaliatórias que eles adquirem através da experiência durável de uma posição no mundo social.
(BOURDIEU, 1994, p. 158)

Os sistemas escolares através dos currículos impõem significados sobre como devem se dar as relações no espaço escolar e sobre os conteúdos que deverão ser trabalhados como relevantes e dignos, definindo assim o que pode ser considerado irrelevante ou simplesmente desnecessário de estudar. Esse aspecto das lutas entre as representações no sistema escolar se expressa na definição da língua oficial de um país, por exemplo, *“através da imposição da língua “nacional”, o sistema comum de categorias de percepção e de apreciação capaz de fundar uma visão unitária do mundo social”* (BOURDIEU, 1994, p. 111).

Para Bourdieu (1994) o sistema escolar confirma e reproduz as desigualdades *“de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais”*. Como ensinou, apenas ao conhecermos os mecanismos que fazem com que a educação escolar contribua para a reprodução das desigualdades e privilégios é que poderemos trabalhar para construir alternativas pedagógicas críticas e reflexivas que os minimizem ou até mesmo os neutralizem, como sugerem alguns princípios pedagógicos propostos ao longo de sua obra.

É preciso conhecer o *habitus* como história incorporada: seu tempo, seu modo de existência. Há um modo próprio de existência em cada espaço, *habitus*. Santo

Tomás de Aquino, na Suma Teológica, o traduz para o latim com o sentido de “disposição durável suspensa”, situada entre a “*potência*” e a “*ação propositada*”. Bourdieu amplia o conceito propondo como meio de “*romper com a dualidade do senso comum entre indivíduo e sociedade*”, na intenção de captar a “*interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade*”. Era preciso superar o subjetivismo na sociedade; ter disposições para a ação: *habitus*: estruturas estruturadas, aptas a funcionar como estruturas estruturantes. São aspectos estruturantes da realidade, onde o agir dos agentes está intimamente relacionado a sua socialização, que assume forma (s) corporificada (s) por meio dos *habitus*, que se expressam nas atitudes, gostos, opiniões, habilidades, valores e disposições. Como o sujeito incorpora o mundo exterior e torna tudo isto seu pensamento e depois passa a intervir na realidade? Em que condições (quem? Como? E por quê?) os professores da FISTA produziram o periódico “Série Estudos”?

3.2.2- Considerações sobre as relações de forças vigentes no interior da FISTA na década de 70

A história das instituições escolares é marcada pela discordância entre o *habitus* dos grupos ou dos indivíduos, resultado das estruturas sociais existentes e as novas condições emergentes que implica na elaboração de estratégias de defesa diante dos conflitos. Segundo Bourdieu (1994) a história e a sociologia são ciências sociais indistintas. A análise sociológica de um campo é uma forma de apreender, ao mesmo tempo, a história estrutural de tal campo e as relações de força entre os polos, assim como avaliar a dinâmica dos indivíduos ou dos grupos em competição, em movimento constante, em função não só das lutas, mas também da posição desse campo no espaço social global, em especial, o campo do poder e a conjuntura geral. (CHARLE, p.223, 2017). Assim, apreendemos a análise do periódico “Série Estudos” como fonte de pesquisa para o estudo das relações de força existentes nos campos no interior da FISTA.

Na historiografia educacional a investigação de periódicos é relevante (BASTOS, 2013; CATANI, 2003; FERNANDES, 2004) com estudos que privilegiam os periódicos educacionais voltados à difusão das modernas teorias pedagógicas ou à organização do professorado e analisam os discursos ou a materialidade dos impressos, as representações, processos de circulação, apropriação e a constituição do campo educacional. As referências voltam-se à história cultural, na vertente de Roger Chartier, à sociologia de Bourdieu, à chamada corrente pós-estruturalista. Outra fonte de inspiração

na produção brasileira foram os repertórios analíticos destinados a inventariar os periódicos educacionais publicados na França e Portugal (CASPARD, 1981, 1991; NÓVOA, 1993; BASTOS, 2013).

As revistas pedagógicas, manuais e periódicos traduzem os modos pelos quais os saberes eram produzidos, socializados e difundidos entre os professores. Por ser material de circulação entre as instituições escolares divulgava informações, práticas consideradas exitosas, conteúdo específico e críticas impostas pelo sistema vigente.

A instituição dominicana abria espaços para grupos de estudos, criação de jornais e revistas, cursos extracurriculares e os debates polêmicos como as reformas sociais de base, a universitária e a agrária. O ex-aluno e ex-professor Eduardo Roberto Junqueira Guimarães, atualmente assessor e membro da Reitoria da Universidade de Campinas – UNICAMP – assegura que a formação política fazia parte do cenário brasileiro e de Uberaba:

Fui presidente do Diretório Acadêmico em 1967, acho que até 69. Assumi várias funções no Diretório, membro responsável pelo setor de Comunicação e do jornal “O Coruja”. Fui presidente do Centro de Estudos de Português, um centro de pesquisa que integrava a área de Literatura Portuguesa. Fui presidente da Academia Latina que era uma instituição de alunos relativos ao ensino de Latim. Fui diretor do Departamento de Letras inclusive, nessa época, fundei uma publicação que se chama “Série Estudos”. (SANTOS, 30/05/2006).

A publicação *Série Estudos* citada pelo Professor Eduardo Roberto Junqueira Guimarães foi iniciativa sua, no ano de 1972, durante sua gestão, como Diretor do Departamento de Letras. Este, criado em 1965, deixou registrado em suas atas a “*necessidade de um trabalho em conjunto para melhor entrosamento das diversas cadeiras e melhor aproveitamento por parte dos alunos*”. Sua criação visava valorizar os estudos e pesquisas dos professores do Departamento. As ações desenvolvidas no Departamento foram primordiais para a criação e divulgação do periódico.

3.3 - O ciclo de vida da revista “Série Estudos”

A preocupação com a formação acadêmica de qualidade nos leva a refletir sobre o trabalho docente e a construção de identidades à luz das ideias de Martin Law.

Num primeiro plano, o autor analisa em seu texto: “*O trabalho docente: Interpretando o processo de trabalho de ensino*”, (2001) o trabalho docente por meio de mudanças nas escolas, em relação ao uso da tecnologia, em procedimentos de avaliação e a proletarianização da função. É fundamental compreender as relações sociais no campo educacional que se traduzem em diferentes categorias. Há um movimento dinâmico neste contexto. O trabalho do professor passa por mudanças sutis ao longo dos anos, com influências das relações de poder que perpassam as esferas administrativas e pedagógicas. Muitas mudanças que contribuíram para perda da identidade do trabalho docente, desvalorização profissional e burocratização do conhecimento. A política do processo de produção nas escolas traduz as intenções do Estado em controlar sua força de trabalho educacional.

A identidade do professor é constituída a partir da gestão do sistema educativo, a partir das publicações oficiais, artigos sobre a mudança na educação, nos relatórios, programas de formação, intervenções estatais e discursos públicos. Uma identidade marcada pela ordem pública e regulamentação estatal. Ao longo dos anos essa identidade fica atrelada ao contexto social, político e às práticas pedagógicas. Numa sociedade globalizada, com mercado de oferta, modelo de consumo, há uma sinalização para a produção da identidade docente: transfere-se do nível nacional (dos discursos oficiais) para o nível organizacional da escola (procura-se: professores disciplinados, motivados, responsáveis e sociais). Um discurso importado da sociedade capitalista dominante, uma linguagem de produtividade empresarial, qualidade total, onde o desempenho e recompensa são atributos essenciais, diferenciando das ideias de serviço nacional, estatal. Até que ponto os professores estão abertos a esta nova forma de construção de suas identidades? Os educadores têm consciência deste processo ou fazem parte das “massas”?

Os depoimentos do criador da revista “Série Estudos” nos ajudam a refletir sobre essas questões, quando na década de 60, em plena ditadura militar, a FISTA empenhava-se por um diferencial: independência intelectual dos alunos. Segundo Dr. Eduardo Guimarães:

[...] *Havia muito essa questão da independência dos alunos, a necessidade dos alunos se dedicarem fortemente a ler, a pesquisar e envolver, inclusive nos procedimentos de avaliação. Todos os cursos de graduação terminavam com uma monografia específica, para cada disciplina daquele*

período. Era uma exigência muito forte. (30 de maio de 2006)

A Faculdade tinha um regulamento de universidade feito nos moldes das regras da década de 40: formar pessoas de alto nível na escala acadêmica. Entretanto, não formou doutores, como as demais da época, como a USP, UFMG e UFRJ. Desta forma, no momento da mudança perdeu espaços, ficou para trás, pois não qualificou o seu corpo docente, através dos mecanismos que ela tinha para qualificar. Na década de 60, mudam as regras, a universidade é obrigada a mudar seu regimento e tira-se esse direito de formar doutores, a não ser que tivesse os cursos de pós-graduação na nova forma da lei. Refere-se a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 4024/61, como resultado do Manifesto *dos Educadores: Mais uma vez convocados*, publicado em 1959 – vinte e sete anos após o Manifesto dos Pioneiros (de 1932). Esse Manifesto teve a participação de diversos educadores e intelectuais liberais, dentre eles Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Florestan Fernandes, Paulo Freire, além de contar com a assinatura de outros signatários.

Posteriormente, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 5.540/68, estabelece a autonomia didática, administrativa e financeira para todas as universidades, tanto públicas como particulares. A Constituição criou um instrumento que permitia ao setor privado escapar dos controles do Conselho – era o de se transformarem em universidades. O Conselho Federal de Educação exerceu um excessivo controle burocrático sobre a expansão e a organização do setor privado.

No âmbito universitário, com mudanças na estrutura organizacional, a FISTA empenhava-se em manter sua qualidade acadêmica por meio da produção e registro de sua prática educativa. Em 1972, lançou-se o primeiro volume da “*Série Estudos*”, com a temática “Sobre Língua e Literatura” com textos de professores do Departamento de Letras: Eduardo Guimarães, Evandro Silva Martins, Regina Stela Bessa e Marco Antônio Escobar. Os textos eram produções advindas dos cursos, debates, pesquisas e discussões no interior da Faculdade. A publicação anual foi interrompida no período de 1973 a 1975, com a saída de Eduardo Guimarães para São Paulo, para sua pós-graduação, na Universidade de São Paulo, onde realizou o mestrado em Linguística.

Figura 27: Capa do primeiro volume da Revista “ Série Estudos”

Fonte: Acervo particular da pesquisadora

O Prof. Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães iniciou seu curso de Letras, na FISTA em 1966, tendo sua formação em linguística uma marca extremamente estruturalista. Sua professora, Ir. Heloisa Seixas Leite, com rigor e cuidado que tinha nas aulas, no detalhe, lhe ensinou a operação de análise. Eduardo revela que hoje, não tem nenhuma dificuldade em pensar qualquer sequência linguística, “*deste ponto de vista, é uma operação normal de análise*”. Em 1976, a diretora Irmã Glycia Maria Barbosa sugeriu a ele que retomasse a publicação que chegou até o número 12. Dr. Eduardo Guimarães realizou o doutorado (1979) em Letras pela USP.

Outro aspecto significativo advindo do depoimento e atuação de Eduardo Roberto Junqueira Guimarães remete-se ao “*modo de organização da juventude*”. Houve na FISTA uma formação de lideranças devido ao critério elevado de seleção dos alunos. O próprio vestibular era exigente, selecionava certo perfil. Com a presença do corpo docente qualificado, bem formado, foi possível ensinar a pensar, a levar em conta alguns valores essenciais ao ser humano. Nessa perspectiva, o professor citado complementou:

Toda instituição formadora que tem sucesso no que ela faz, ela permanece nas orações que ela fundou. [...] quando digo ensinar a fazer significa ensinar a pensar, a analisar.... Não é dar um conceito, isto significa isso. Não, ensinar a fazer. Portanto, pensar, realizar coisas, tomar decisões, descrever, analisar, interpretar.... Acho que isso é um traço importante que ela tinha. E qualquer boa instituição tem. É claro que ela tinha de um certo modo afetado por alguma característica

particular. [...]talvez isso seja o traço que permaneça em muita gente. O que às vezes as pessoas aprenderam não foi exatamente esta noção do humanismo no sentido de que o homem é o centro do conhecimento, o homem é o objeto fundamental do conhecimento. Mas é a noção de que você tem que levar em conta um valor e depois você ensina a fazer. Nesse sentido, como você pensa, como você interpreta as coisas, como você analisa as coisas, como você descreve coisas, lida com as pessoas, fazer, seja o que for (SANTOS, 30 de maio de 2006).

Este traço humanista confere à instituição uma prática consistente, uma vivência que possibilitava ao educando uma linha de pensamento firme, isenta do aspecto catequético. Havia liberdade de pensamento, o que confere a FISTA um caráter universitário, uma universidade de fato, de pensamento intelectual aberto que respeitava a pluralidade. A comprovação da convivência com outros valores foi relatada também pelo Prof. Evandro Silva Martins, da UFU:

E veja o ecumenismo da FISTA: realizou-se o congresso nacional de esperanto, na biblioteca e tivemos inclusive a palestra de um dos grandes líderes espírita do país Divaldo Pereira Franco; que falou sobre os problemas da linguística daqui e da chamada espiritualidade. (...) O que eu acho bonito é isso a FISTA abriu as portas, abriu o salão lá e tivemos gente do Brasil todo e alguns do exterior falando em esperanto. Muita gente esqueceu, mas gosto de guardar na memória estas boas coisas (SANTOS, 21/04/2005, 2006).

O Professor Eduardo Guimarães era coordenador do Departamento de Letras, com reuniões mensais, para a discussão dos problemas, planejamento das atividades culturais, promoção de cursos de especialização, acompanhamento sistemático das promoções do Centro de Estudos Portugueses. Vários cursos com repercussão regional foram promovidos pelas áreas de Linguística e Literatura, a saber:

- ✓ “Semana de Letras” – 30 de agosto a 04 de setembro de 1971. Nesta semana o Prof. Eduardo Guimarães refletiu sobre “Vanguarda” na Literatura.
- ✓ “História do Teatro Mundial” com os professores contratados: Otto e Florence Buchsbaum.
- ✓ “I Encontro de Professores de Português da Região” – 11 de setembro a 09 de outubro de 1971.

- ✓ “Curso de Linguística Construtural” – de 15 a 20 de maio, ministrado pelo Prof. Geraldo Mattos, doutor e livre – docente de Língua Portuguesa da Universidade Federal e Universidade Católica de Curitiba.
- ✓ II Encontro de Professores de Português da Região, de 23 de setembro a 14 de outubro de 1972, com a participação de 170 professores. Este encontro foi marcado com comunicações sobre a prática do ensino da língua e a criatividade na exploração da linguagem no cotidiano escolar.

Muitos outros encontros foram feitos, em parceria, com outras faculdades e instituições de ensino superior.

Em 1977, Ir. Heloisa Seixas Leite, então diretora do Departamento de Letras apresentou o terceiro volume da *Série* que ampliou a participação de outras universidades na temática sobre linguagem e valorizava os estudos e pesquisas dos professores da FISTA, como Eduardo Guimarães e Vânia Maria Resende. Ressalta-se em sua apresentação o reconhecimento do esforço realizado pela Faculdade na busca de uma formação docente humanista:

[...] *A realização máxima de um professor está na vitória de seus discípulos. E eu, hoje, fazendo um retrospecto de minha caminhada me sinto realizada vendo meus alunos de ontem, brilhando hoje, em cátedras de escolas superiores, numa opção lúcida e crescente pelos valores da pessoa Humana (Estudos, 1977, p.9).*

Nos onze volumes seguintes, o coordenador amplia a participação de especialistas de outras universidades brasileiras que divulgaram pesquisas e estudos pertinentes ao estudo crítico da língua. Destacam-se: Francis H. Aubert (USP), Eni Orlandi (USP), Marta Steinberg (USP), Maria Beatriz Luti e Maria Bernardette de Oliveira (UFRN), Maria Stela Gonçalves (USP), Peter Fry e Eduardo Guimarães (UNICAMP).

Os quadros abaixo apresentam o ciclo de vida do periódico, com base na análise de Fernando Papaterra Limongi, sobre a Revista Brasiliense e Caio Prado Júnior. **As tabelas 07 e 08** apresentam os principais colaboradores da “Série Estudos”, de 1972 a 1986, com o número de artigos publicados em cada volume. Oferece uma visão ampla de cada ano e o período de sua interrupção (1973 a 1975), em vista da ida do Professor Eduardo Guimarães para o Mestrado na USP. Uma “parada” que abriu novos caminhos e perspectivas, dando maior visibilidade à Revista. Outra interrupção foi no ano de 1980,

quando a FISTA foi acampada pela FIUBE – Faculdades Integradas de Uberaba. A partir do volume 07 a publicação ficou a cargo a FIUBE, porém com a mesma coordenação de redação.

Tabela 07 – Principais Colaboradores da “Série Estudos” - 1972 a 1980

Colaboradores	1972 (n.1)	1973	1974	1975	1976 (n.2)	1977 (n.3)	1978 (n.4)	1978 (n. 5)	1979 (n.6)	1980
Eduardo Guimarães	02	-	-	-	01	01	03	01	01	-
Evandro Silva Martins	02	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Regina Stela Bessa	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Marco Anton. Escobar	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Eni Pulcinelli Orlandi	-	-	-	-	01	02	03	01	01	-
Francis H. Aubert	-	-	-	-	02	01	03	01	-	-
Martha Steinberg	-	-	-	-	01		-	-	-	-
Maria Beatriz Luti	-	-	-	--	01	01	-	-	-	-
Maria Bernadette F. de Oliveira	-	-	-	-	01	01	-	-	-	-
Maria Stela Gonçalves	-	-	-	-	01	01	-	01	-	-
Maria Helena Carrasqueira	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-
Maria Teresa da Silva Fonseca	-	-	--	-	01	-	-	-	-	-
Geraldina P. Witter	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-
Vânia Maria Resende	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-
Carlos Alberto da Fonseca	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-
Elsa Maria M.P. Pullin	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-
José Alves Zanatta	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-
Maria Helena R. Lopes	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-
Maria Thereza O. de Melo	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-
Sylvia Ignez D. Megda	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-
Herman Parret	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-
João Wanderley Geraldi	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Mara Cristina Queiroz Franco	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-
Sírio Possenti	-	-	-	-	-	--	-	-	01	-
Haquira Osakabe	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-
Antonio Alcir Pécora	-	--	-	-	-	-	-	-	01	--
Maria Cecília Perroni Simões	-	-	-	-	-	-	-	-	01	--

Tabela 08 – Principais Colaboradores da “Série Estudos” - 1981 a 1986

Colaboradores	1981 (n.7)	1982 (n.8)	1983 (n.9)	1984 (n.10)	1985 (n.11)	1986 (n.12)	TOTAL
Eduardo Guimarães	01	-	01	-	01	01	04
Eni Pulcinelli Orlandi	01	--	01	-	-	01	05
Maria Cecília Perroni Simões	-	-	-	-	-	01	01
Marco Ant. Oliveira	01	-	-	-	-	-	01
Mário A. Perini	01	-	-	-	-	-	01
Rodolfo Ilari	01	-	-	-	-	-	01
Norma Hochgreb	01	-	-	-	-	-	01
Daisi Rocha B. Pazzaglini	01	-	-	-	-	-	01
Eloisa C. Lenzi	01	-	-	-	-	-	01
Maria Margarida de Andrade	01	-	-	-	-	-	01
Maria Del Pilar S. Martin	01	-	-	-	-	-	01
Sahda Marta Ide	01	-	-	-	-	-	01
Mary Aizawa Kato	-	02	01	-	-	-	03
Luiz Antonio Marcushi	-	01	-	-	-	-	01
Lúcia Kopschitz Xavier Bastos	-	01	-	-	-	-	01
Luiz Carlos Cagliari	-	01	-	-	-	-	01
Iara Bemquerer Costa	-	01	-	-	-	-	01
Leila Bárbara	-	01	-	-	-	-	01
Carlos Vogt	-	-	01	-	-	01	02
Kanavillil Rajagopalan	-	-	02	-	-	-	02
Ingedore Grunfeld Villaça Koch	-	-	01	-	-	01	02
Carlos Alberto Faraco	-	-	01	-	-	-	01
Cláudia T. G. de Lemos	-	-	-	-	-	01	01
Eleonora A. da Motta Maia	-	-	-	-	-	01	01
José Borges Neto	-	-	-	-	-	01	01
Célia Regina Carneiro de Toledo	-	-	-	-	-	01	01
Maria Francisca A. F. Lier	-	-	-	-	-	01	01
Ester Miriam Scarpa	-	-	-	-	-	01	01
Nina Virgínia de A. Leite	-	-	-	-	-	01	01
Fernando Taralho	-	-	-	-	-	01	01
Maria Luíza Braga	-	-	-	-	-	01	01
Maria Cecília Magalhães Mollica	-	-	-	-	-	01	01
Leonor Lopes Fávero	-	-	-	-	-	01	01

Ingedore G. Villaça	-	-	-	-	-	01	01
Silvana Serrani	-	-	-	-	-	01	01
Peter Fry	-	-	-	-	-	01	01
Tânia Conceição Clemente de Souza	-	-	-	-	-	01	01

A *Série Estudos* trouxe um salto qualitativo na história da formação docente da FISTA e foi referência para muitas universidades. Assim como o Centro de Estudos que tinha uma biblioteca de Literatura Portuguesa doada pela Fundação Carlos Bolbec. Os cursos de Poesia Portuguesa Contemporânea, de grande repercussão, contavam com a presença do Prof. Fernando Manuel de Mendonça da Universidade de Assis.

A **tabela 09** relaciona os nomes dos membros do Conselho de Redação, o período em que estiveram no Conselho editorial e o número de artigos publicados. Percebe-se que há uma estreita relação nestes números a partir do contexto de trabalho, de relacionamento pessoal, de aproximações na linha de pesquisa e grupos de estudos. Há uma abertura para outras universidades à medida que o diretor do conselho de Redação, Dr. Eduardo Guimarães está estudando no Mestrado e Doutorado da USP, abrindo novas possibilidades de interação e aprofundamento das temáticas.

Os principais coordenadores da *Série Estudos*: Eduardo Roberto Guimarães e Eni Orlandi possuem uma trajetória de formação muito próxima.

Tabela 09- Conselho de Redação

Membros	Período em que esteve no Conselho	Número de artigos publicados
Eduardo Roberto Junqueira Guimarães	1972 a 1986	12
Eni Pulcinelli Orlandi	1976 a 1986	11
Cláudia T. G. de Lemos	1985	01
Carlos Vogt	1983 a 1986	02

I- Eduardo Roberto Junqueira Guimarães:

Graduação em Letras pela FISTA (1969) e mestrado (1976), doutorado (1979) em Letras pela USP. Atualmente é professor titular da Universidade Estadual de Campinas. Foi professor visitante na Universidade de Paris III e da Universidade de Buenos Aires. Atua e desenvolve pesquisas nas áreas de semântica da enunciação e história das ideias linguísticas. Em semântica dedica-se ao estudo da designação e dos nomes, com atenção particular para os nomes próprios; ao estudo da argumentação; e à caracterização do

espaço de enunciação. Em História das Ideias Linguísticas tem trabalhado com a história dos estudos do Português, com a análise de noções e conceitos como civilização, empréstimo e história, com a política de línguas e com a análise histórica do estruturalismo. Dedica-se, também, a pensar a análise de textos a partir da semântica. É autor de grande número de artigos em periódicos brasileiros e estrangeiros e publicou livros como Texto e Argumentação; Os Limites do Sentido; História e Sentido na Linguagem (org.); Semântica do Acontecimento; História da Semântica: Sujeito, sentido e Gramática no Brasil; Análise de Texto; Un dialogue Atlantique (co-org.); History of linguistics 2002. Selected Papers from the Ninth International Conference on the History of the Language Sciences (co-org.). É membro de conselho editorial de vários periódicos especializados da área de Linguística e Diretor da Editora da Unicamp. (Fonte: Currículo Lattes)

II- Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi:

Formada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara (1964), mestrado em Linguística pela USP (1970), doutorado em Linguística pela USP e pela Universidade de Paris / Vincennes (1976). Foi docente na USP de 1967 a 1979, onde ministrou Filologia Românica, Linguística, Sociolinguística e Análise do Discurso Pedagógico. De 1971 a 1974 atuou na especialização em tradução na PUC /Campinas. De 1979 a 2002: docente no Departamento de Linguística UNICAMP, professora e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí e Prof. colaboradora do IEL (Instituto de Estudos de Linguagem) da UNICAMP. Publicou inúmeros livros na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: análise de discurso, linguística, epistemologia da linguagem e jornalismo científico. É pesquisadora 1A do CNPQ. (Fonte: Currículo Lattes)

III- Evandro Silva Martins:

Graduado em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino (FISTA), mestrado em Letras pela UNESP (1995) e doutorado em Linguística e Língua Portuguesa. Professor associado do Instituto de Letras e Linguística da UFU (Universidade Federal de Uberlândia), atuando com dicionário analógico, lexicografia, teorias e história da linguística, análise mórfica e morfologia. Vários livros publicados na área de Linguística. (Fonte: Currículo Lattes)

IV- Francis Henrik Aubert:

Graduado em Letras e Ciências Humanas, na Universidade de Oslo, Noruega (1965 a 1968). Realiza o doutorado de 1971 a 1975, na área de Semiótica e Linguística Geral. Atuação na tradutologia, práticas profissionais e linguística contrastiva. Em 1978 assume o Departamento de Linguística da USP até 1980. Em 1991 assume a livre docência na USP. De 1998 a 2000 atua como diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. (Fonte: Currículo Lattes)

V- Peter Fry

Antropólogo, nascido na Inglaterra. Professor de antropologia no Instituto de Filosofia, Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em Antropologia Social, em 1969, em London. Em 1970, veio para o Brasil lecionar na UNICAMP. Em 1971, juntamente com Antonio Augusto Arantes e Verona Stolcke criam o primeiro programa de pós-graduação em Antropologia Social no Brasil. Um grande volume de material de arquivo, cadernos de campo, material didático e fotografias destes professores e outros antropólogos, estão depositados no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), localizado na UNICAMP. Em 1983 torna-se chefe de Departamento de Antropologia. Vai para a UFRJ, em 1993, onde está até hoje. Desenvolve diversas pesquisas sobre política e democracia, em Moçambique, relações sociais no Brasil, sexualidade e religião. *“Antropólogos são cartógrafos da diferença cultural”*. Sua passagem pela Europa, África, Estados Unidos e Brasil lhe permitiu reconhecer uma variedade de formas de organização social e sistemas de representação, marcados pelos dilemas das metáforas raciais do mundo contemporâneo. Coordena a Revista do Centro de Estudos Afro-Asiáticos e relações raciais no Brasil. No livro *“Persistência da Raça”* (2005) recupera a concepção antropológica do mito, definindo-o não como falácia, mas como um ideal a ser alcançado; *“mito da democracia racial”*. *“O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente, é o meio da travessia”*. Guimarães Rosa. Trabalha a ideia de que tempos de crise são bons para iluminar processos e protagonistas. (Fonte: Currículo Lattes)

VI- Leila Bárbara

Graduação em Letras Anglo Germânicas (1960) e doutorado em Letras - Inglês (1971) pela PUC/SP. Atualmente é professora titular da PUC com estágios de pós-graduação em Reading e Liverpool (Inglaterra) e Lisboa. Tem experiência em várias áreas da Linguística. Dedicar-se à Linguística sistêmica funcional e utiliza metodologia da Linguística para a vida e o trabalho, com ênfase no português do Brasil. Atua na

Linguística aplicada, análise do discurso, linguagem dos meios de comunicação e do trabalho. Possui vários artigos em periódicos, anais de congressos e capítulos de livros publicados. (Fonte: Currículo Lattes)

VII- Mary Aizawa Kato

Graduação em Letras pela USP em 1957, mestrado em Estudo Linguísticos e Literários em Inglês pela USP (1959), doutorado em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem pela PUC-SP (1972) e pós-doutorado em Fulbright na Universidade de Harvard. Outros pós-doutorados: na UCLA, na USC, Nova York University e Maryland. Atualmente é professora titular aposentada da UNICAMP, voluntária na área de Linguística. Fundadora da Revista DELTA. Inúmeros artigos e livros publicados no Brasil e exterior.

(Fonte: Currículo Lattes)

VIII- Vânia Maria Resende

Graduada em Letras pela FISTA e doutora na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo- USP; especialista em Literatura Brasileira e Literatura Infantil e Juvenil. Autora de obras *como Literatura infantil e juvenil – vivências de leitura e expressão criadora, O menino na literatura brasileira*. Organizadora, pela Secretaria Municipal de Educação de Uberaba, de “Lendo e recriando o verde”; organizadora de *Crônicas colegiais – Quantas saudades do colégio vou levar!* Possui inúmeros artigos e capítulos em publicações da área. Vânia Resende é grande incentivadora da literatura nacional, sobretudo da educação e cultura no país, com a difusão do livro, da literatura brasileira adulta, infantil e juvenil e da leitura. São vários os prêmios recebidos por todo o território nacional durante o percurso de mais de 30 anos de batalhas, desde que iniciou a carreira como professora de Português e Literatura nos ensinos Fundamental, Médio e Superior, no Colégio Nossa Senhora das Dores e posteriormente na FISTA. Atualmente, integra o grupo de especialistas convidados pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, como ministrante de cursos na área de Literatura, Leitura e Formação de Leitores, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. É promotora de Leitura em várias cidades brasileiras, onde tem sido implantado o Projeto “Bibliotecas Comunitárias – Ler é Preciso”, do Instituto Eco futuro. O depoimento de Vânia Maria Resende revela o ambiente, os valores, a produção de conhecimento e experiências vividas na FISTA, assim como a importância do periódico “*Série Estudos*”:

Tenho registros valiosos, na memória, de experiências de montagem de peças, como Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto e outras infantis de Maria Clara Machado; festivais, recitais, concursos literários com premiações, publicações de livros e periódicos “Série Estudos”; antologias infanto-juvenis “Vinícius de Moraes”; semanas culturais e pedagógicas, encontro com escritores. Desde os anos de estudante no Curso de Letras o clima de participação cultural já era evidente e intenso. Seminários, concursos promovidos pelo Centro de Estudos Portugueses, exposições artísticas; ações do diretório acadêmico... Entrega total a pesquisas e leituras que nos levavam a passar noites estudando. (23 de agosto de 2005).

A Tabela 10 – Núcleo Central de Colaboradores- apresenta uma visão mais clara desta amplitude do periódico, por meio do levantamento da formação acadêmica e as Universidades de atuação dos colaboradores, assim como os conteúdos, temáticas desenvolvidas e áreas de publicação.

Tabela 10 - Núcleo central de colaboradores

Colaboradores	Universidade	Conteúdo das colaborações (temáticas)	Área de publicação
Eduardo Guimarães	FISTA – UNICAMP – PUC Campinas	Estudos linguísticos e as demais temáticas	Linguística, História das Ideias Linguísticas, Semântica da Enunciação
Evandro Silva Martins	FISTA – UFU	Língua e Literatura	Dicionário Analógico, lexicografia teorias e histórias da linguística.
Regina Stela Bessa	FISTA	Língua e Literatura	
Marco Anton. Escobar	FISTA - UFU	Literatura	
Eni Pulcinelli Orlandi	USP – UNICAMP	Todas as temáticas	Sociolinguística, Análise do Discurso Pedagógico, Ciências da Linguagem
Francis H. Aubert	USP – PUC SP	Estudos Linguísticos, Sobre a Linguagem, Foco e Preposição,	Tradutologia, Semiótica, Linguística Geral

		Sobre Semântica, Português: Estudos Linguísticos	
Martha Steinberg	F.F.L.C.H. USP	Estudos Linguísticos	Sociolinguística
Maria Beatriz Luti	UFRN	Estudos Linguísticos sobre a Linguagem	
Maria Bernadette F. de Oliveira	UFRN	Estudos Linguísticos sobre a Linguagem	
Maria Stela Gonçalves	USP	Estudos Linguísticos sobre a Linguagem	
Maria Helena Carrasqueira	USP	Estudos Linguísticos	
Maria Teresa da Silva Fonseca	USP	Estudos Linguísticos	
Geraldina P. Witter	USP	Sobre a Linguagem	
Vânia Maria Resende	FISTA	Sobre a Linguagem	
Carlos Alberto da Fonseca	USP	Sobre a Linguagem	
Elsa Maria M.P. Pullin	F. São Marcos	Sobre a Linguagem	
José Alves Zanatta	UFGO	Sobre a Linguagem	
Maria Helena R. Lopes	UFRN	Sobre a Linguagem	
Maria Thereza O. de Melo	UFRN	Sobre a Linguagem	
Sylvia Ignez D. Megda	F. São Marcos	Sobre a Linguagem	
Herman Parret	Fonds National Belge de La R. Scientifique	Sobre o Discurso	
João Wanderley Geraldi	UNICAMP	Português: Estudos Linguísticos	
Mara Cristina Queiroz Franco		Sobre a Semântica	
Sírio Possenti	UNICAMP	Sobre o Discurso	
Haquira Osakabe	UNICAMP	Sobre o Discurso	
Antonio Alcir Pécora	UNICAMP	Sobre o Discurso	
Maria Cecília Perroni Simões	UNICAMP	Sobre o Discurso	

Marco Oliveira	Ant.	UNICAMP	Português: Estudos Linguísticos	
Mário A. Perini		UFMG	Português: Estudos Linguísticos	
Rodolfo Ilari		UNICAMP	Português: Estudos Linguísticos	
Norma Hochgreb		USP	Português: Estudos Linguísticos	
Daisi Rocha B. Pazzagliani		USP	Português: Estudos Linguísticos	
Eloisa C. Lenzi		USP	Português: Estudos Linguísticos	
Maria Margarida de Andrade		USP	Português: Estudos Linguísticos	
Maria Del Pilar S. Martin		USP	Português: Estudos Linguísticos	
Sahda Marta Ide		USP	Português: Estudos Linguísticos	
Mary Aizawa Kato		PUC\SP	Linguagem Oral, linguagem escrita Sobre Pragmática	Estudos Linguísticos e Literários
Luiz Antonio Marcushi		UFPE	Linguagem Oral, linguagem escrita	
Lúcia Kopschitz Xavier Bastos		UNICAMP	Linguagem Oral, linguagem escrita	
Luiz Carlos Cagliari		UNICAMP	Linguagem Oral, linguagem escrita	
Iara Bemquerer Costa		FIDENE RS	Linguagem Oral, linguagem escrita	
Leila Bárbara		PUC /SP	Linguagem Oral, linguagem escrita	Linguística Sistemática e Aplicada e Linguagem dos Meios de Comunicação.
Carlos Vogt		UNICAMP	Sobre Pragmática	
Kanavillil Rajagopalan		PUC/SP	Sobre Pragmática	
Ingedore Grunfeld Villaça Koch		PUC /SP	Sobre Pragmática	
Carlos Alberto Faraco		UNIV. F. PARANÁ	Sobre Pragmática	

Cláudia T. G. de Lemos	UNICAMP	O Histórico e o Discursivo	
Eleonora A. da Motta Maia	UNICAMP	O Histórico e o Discursivo	
José Borges Neto	UFPR	O Histórico e o Discursivo	
Célia Regina Carneiro de Toledo	PUC/SP	O Histórico e o Discursivo	
Maria Francisca A. F. Lier	PUC/SP	O Histórico e o Discursivo	
Ester Miriam Scarpa	UNICAMP	O Histórico e o Discursivo	
Nina Virgínia de A. Leite	UNIV. GAMA FILHO	O Histórico e o Discursivo	
Fernando Taralho	UNICAMP PUC/SP	O Histórico e o Discursivo	
Maria Luíza Braga	UFF	O Histórico e o Discursivo	
Maria Cecília Magalhães Mollica	UFF	O Histórico e o Discursivo	
Leonor Lopes Fávero	PUC/SP	O Histórico e o Discursivo	
Ingedore G. Villaça	PUC/SP	O Histórico e o Discursivo	
Silvana Serrani	UNICAMP	O Histórico e o Discursivo	
Peter Fry	MUSEU NACIONAL	O Histórico e o Discursivo	Antropologia Social
Tânia Conceição Clemente de Souza	UFRJ - Museu Nacional	O Histórico e o Discursivo	

A **Tabela 11** resume as temáticas das publicações, ano a ano, em cada um dos 12 volumes com o número de artigos em cada um. Um detalhe interessante é o equilíbrio no número de artigos publicados em cada volume e a possibilidade de interlocução entre eles. Os autores que mais publicaram ao longo do ciclo de vida da Revista foram: Eduardo Guimarães, 12 artigos; Eni Pulcinelli Orlandi, 11 artigos e Francis Henrik Aubert, 08.

Tabela 11 - Temática das publicações

Ano	Temática	Número de artigos	Volume
1972	Sobre língua e Literatura	06	01
1976	Estudos Linguísticos	06	02
1977	Sobre a Linguagem	08	03

1978	Foco e Pressuposição	03	04
1978	Sobre Semântica	07	05
1979	Sobre o Discurso	06	06
1981	Português: Estudos Linguísticos	07	07
1982	Linguagem Oral, Linguagem Escrita	06	08
1983	Sobre Pragmática	08	09
1984	Linguística: Questões e Controvérsias	08	10
1985	Aquisição da Linguagem	07	11
1986	O Histórico e o Discursivo	08	12

Diante das reflexões feitas, conclui-se que o periódico “Série Estudos”, com um ciclo de vida relativamente curto, com 12 volumes, marcou a história da formação docente da FISTA. A análise minuciosa do periódico “mesclada” com os relatos dos gestores e colaboradores, numa perspectiva autobiográfica, possibilitou o redimensionamento das experiências de formação, a trajetória docente, as práticas educativas, suas memórias institucionais, memórias intelectuais e afetivas. O eixo norteador do periódico é a construção do conhecimento, do saber, de forma crítica, reflexiva, questionadora, com rigor e cuidado; aliando a linguagem e o discurso às dimensões do “*aprender a ser*” e “*aprender a fazer*”: uma formação docente humanista.

CAPÍTULO IV- PERSPECTIVAS SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE HUMANISTA À LUZ DA PRESENÇA FEMININA NO CAMPO EDUCACIONAL

Neste capítulo será feita a discussão sobre os itinerários da identidade docente a partir da análise das concepções e práticas construídas por educadoras dominicanas ao longo de suas vidas. Nesse percurso, não se pode perder de vista, a maneira como a formação docente humanista se manifesta na prática profissional de cada; assim como discutir as entrelinhas existentes nas relações sociais das comunidades confessionais.

Como já relatamos nos capítulos anteriores, as universidades, colégios e unidades educativas administradas pelas Congregações católicas mudaram os rumos na organização a partir das novas diretrizes e determinações do Vaticano II. Sabe-se que desde meados do século XIX havia um repúdio à civilização contemporânea (o racionalismo, socialismo, maçonaria, comunismo, a liberdade de imprensa, da religião, a separação da Igreja e Estado). Além desse aspecto, as ordens religiosas vivenciavam uma:

[...] revisão defensiva das doutrinas oficiais da Igreja em diversos ramos [...]. O movimento de reação eclesiástica desembocou numa série de iniciativas, que em longo prazo significam o fortalecimento organizacional e condições mínimas de sobrevivência política no acirrado campo de concorrência ideológica, cultural e religiosa, do mundo contemporâneo. (MICELI, 1985, p.38).

Segundo Sérgio Miceli (1985), o Vaticano investiu no revigoramento das missões religiosas, nos incentivos à nacionalização do clero e da alta hierarquia em áreas colônias de missão e em outros domínios territoriais que eram assolados pelos interesses políticos e comerciais europeus, principalmente na América Latina. Diante da mudança de ordem internacional, a Igreja reformula os conteúdos do apostolado católico que se encontravam obsoletos em relação aos protestantes que demonstravam avanços na prestação de serviços assistenciais e educacionais.

Miceli (1985) investiga sobre a relação entre a Igreja-Estado com a política expansionista adotada pelo Vaticano no Brasil por meio de uma postura “*patrimonialista*”, sem abrir mão dos princípios eclesiais de Roma e da partilha territorial entre as congregações e ordens mais próximas e leais a hierarquia da Igreja Católica. Era evidente “*a sólida aliança política-doutrinária com os grupos dirigentes favoráveis às pretensões católicas e cientes da colaboração ideológica eficaz que a Igreja estava em*

condições de prestar à consolidação da nova ordem social e política” (MICELI,1985, p.40).

No Brasil, diferente de outros países, havia espaços para as novas congregações “*empreendedoras*” investirem no campo educacional inexplorado em diferentes níveis de ensino, algo rentável a prestação de serviços educacionais. Os desafios que a elas se apresentavam referiam-se a escassez de pessoal religioso especializado, as dificuldades de adaptação e a concorrência com os protestantes.

No período de implantação do regime republicano a Igreja enfrenta uma reorganização institucional a fim de garantir autonomia material, financeira e doutrinária. Já não contava mais com os subsídios governamentais o que leva a desenvolver a prestação de serviços e atividades. Outro desafio foi a apropriação dos bens como os conventos, igrejas, seminários, terras, sedes de irmandades e residências. Tais pendências geraram inúmeros conflitos entre autoridades eclesiásticas, leigos e lideranças das irmandades que haviam se apoderado dos bens como barganha nas lutas políticas locais.

A separação Igreja-Estado não se tornou uma ruptura com os grupos dirigentes locais. Encontram-se registros de padres e bispos que assumiram cargos políticos ou mesmo funções de lideranças nos círculos oligárquicos, assumindo mandatos partidários e parlamentares.

A educação fora laicizada. A disciplina de Ensino Religioso foi eliminada dos currículos e os governos estadual e federal foram proibidos de subvencionar escolas religiosas. Entretanto, a política expansionista das ordens e congregações no campo educacional não se abalou e tornou-se prioridade a prestação de serviços às elites, apesar das sucessivas reformas de ensino no período republicano e concorrência com as instituições protestantes.

Neste período, acontece a criação de escolas secundárias femininas e masculinas, com apoio das oligarquias locais que investiram nas escolas confessionais entregues a autoridades diocesanas e ordens religiosas, principalmente estrangeiras. Eram feitas concessões de terrenos, doações, subsídios financeiros diretos ou sob forma de bolsas de estudos, contratos de serviços e principalmente, matriculando seus filhos a fim de garantir o sucesso desta política educacional. Este investimento viabilizou a importação de profissionais religiosos europeus disponíveis diante das repressões que vinham sofrendo em seus países de origem. Fato que contribuiu para o desenvolvimento organizacional da Igreja no Brasil, na formação, diversificação e expansão das instituições. (MICELI,1985, p. 60)

A literatura disponível sobre a história da Igreja no Brasil apresenta dados que os Estados de São Paulo e Minas Gerais possuíam os percentuais mais significativos como indicadores de expansão bem-sucedida da organização eclesiástica. Consta que Uberaba tornou-se diocese em 1907, (1985, p.65). “*Centro agropecuário, comercial e bancário, no Triângulo Mineiro, região dependente da esfera de influência paulista.*”

A política de implantação de novas dioceses, circunscrições, respeitou as fronteiras territoriais dos estados, levando em consideração o peso político, a contribuição econômica de cada unidade federativa, a influência, prestígio e potencial de mobilização dos católicos junto à organização eclesiástica. As ligações estreitas entre os dirigentes políticos e a hierarquia eclesiástica em Minas Gerais:

1. Grupo leigo: União Popular – mobilização pela imprensa, congresso e bases católicas pelo ensino de religião nas escolas públicas fora do horário normal.
2. 1909- União Popular com os padres redentoristas, em BH congregam operários e estudantes pela formação de Federação de Associações Católicas;
3. União da Juventude Católica, em 1915, em BH que em 1928 tornou-se uma organização nacional, em Uberaba era dinamizada pelo Bispo Dom Alexandre Gonçalves do Amaral;
4. O trabalho de mobilização alcançou outros campos de atividades: União dos Moços Católicos, sociedade beneficentes de trabalhadores que chegam a atingir católicos da elite estadual.

Em 1928 a instrução religiosa foi restabelecida nas escolas públicas. Para Sérgio Miceli a questão da divisão hierárquica no processo de formação da Igreja e das Congregações se processou no *campo do poder* com as seguintes relações sociais:

Portanto, pode-se explicar o processo de formação da alta hierarquia eclesiástica sob a condição de aliar os determinantes ligados à ordem geográfica, familiar e social, àqueles derivados do complexo e prolongado processo de conversão de seminaristas adolescentes em jovens presbíteros que, “levados adiante” como testemunha o sentido etimológico original da palavra prelado, acenderam as mais altas funções hierárquicas. (MICELI,1985, p.90).

Outro fator importante nas relações sociais dos leigos com a Igreja Católica perpassa na construção das identidades dos sujeitos, no capital cultural destes que está

diretamente ligado à formação educacional dos filhos e parentes que dependiam de favores e ajuda da Igreja, gerando um vínculo familiar. O pesquisador Sérgio Miceli nos esclarece:

Essas famílias católicas praticantes às voltas com uma sobrecarga de filhos e agregados, apelam à Igreja seja para aliviar o ônus da formação escolar da prole seja para lograrem alguma renda complementar aos minguados rendimentos paternos mediante a prestação de serviços de sacristia, assumidos pela mãe, por mulheres da família ou pelo trabalho de coroinha exercido pelos filhos. Esses futuros prelados educados em famílias carolas, seguidores de preceitos religiosos da época, [...]se beneficiaram socialmente com as ofertas de proteção que lhes concederam seus parentes e amigos no clero, quer diretamente através da encomenda de serviços necessários ao culto- costura e reparo de paramentos, conservação de alfaia, limpeza da igreja, trabalhos de portaria, aulas etc. – quer mediante a concessão de bolsas de estudo e outras formas indiretas de auxílio pecuniário, chance de estudar no exterior que contribuem para acelerar a promoção no interior da carreira eclesiástica.(MICELI,1985, p.103).

Segundo a pesquisa de Sérgio Miceli (1985) várias pessoas se favoreceram dos benefícios concedidos a parentes e familiares. Havia também o grupo daqueles que tiveram total desamparo familiar pela morte dos pais ou perda dos arrimos materiais da família. Esses foram entregues a algum membro do clero, seminário ou ordem religiosa que assumiam a formação escolar e religiosa integralmente, em troca de se converterem a oblatas: testemunhas da generosidade organizacional. Foram citados na pesquisa do referido autor, os leigos oblatas incorporados à congregação com acepção aos donativos oferecidos à igreja como: terras, gado, ações e outros. (MICELI, 1985).

Após a ruptura Igreja/estado os bispos se preocuparam com o patrimônio e a construção de palácios episcopais para terem visibilidade e valorização social na época. A Igreja estabilizou suas fontes, recuperou seu patrimônio imobiliário, reconstruiu e modernizou suas casas de formação e seminários.

A Igreja Católica viabilizou-se como empreendimento religioso e como organização burocrática. Segundo Miceli, como órgão burocrático apresenta inúmeras características de uma burocracia (delimitação específica das áreas de competência e hierarquização regulamentada das funções, codificação de regras que regem a atividade

profissional, racionalização dos instrumentos de trabalho) e opõe-se objetivamente à seita assim como organização ordinária (banal e banalizante). (MICELI, 1974)

Podemos exemplificar este *campo de poder* e suas relações no século XIX, com a trajetória de vida de Dom Silvério Gomes Pimenta (1840 - 1922). Negro, enfrentou inúmeras injustiças e preconceitos, entretanto vence a todos pelo estudo, pela busca de saberes e práticas que lhe garante o reconhecimento e a inserção no campo do poder. Ele era órfão de pai, trabalhando numa sapataria em Congonhas do Campo, utilizava folhas de embrulho para produzir anotações de estudo nos horários livres. Pelas mãos de seu padrinho de crisma, D. Antônio Ferreira Viçoso entra para o Seminário de Mariana. Torna-se professor, reitor, poeta, poliglota e orador sacro dedicado à educação cristã. Foi o primeiro bispo condecorado na Academia Brasileira de Letras.

Segundo (SILVA,2004) em 18 de outubro de 1897, quando era bispo da cidade de Mariana, Minas Gerais, convidou aos Irmãos Maristas, congregação religiosa de origem francesa do fundador São Marcelino Champagnat, para assumirem uma obra educativa em Congonhas do Campo. É fundamental observar que São Marcelino desde a fundação do Instituto Marista assumiu uma espiritualidade apostólica em vista das necessidades de seu tempo junto das crianças e dos jovens empobrecidos: “*formar bons cristãos e virtuosos cidadãos*”. Uma prática educacional comprometida com as dimensões religiosa e civil que se espalhou por 78 países dos cinco Continentes.

Os primeiros Irmãos Maristas chegaram ao Brasil, em 1897 para iniciar os trabalhos de educação e evangelização. No dia 4 de dezembro de 1902, os cinco primeiros Irmãos Maristas, todos franceses, chegaram a Uberaba para assumirem uma escola da diocese, que funcionava onde atualmente é o Colégio Marista Diocesano. Os Irmãos Maristas em parceria com as Irmãs Dominicanas de Monteils, em 1944, fundam o Instituto de Cultura com o apoio de Monsenhor Juvenal Arduini e Dom Alexandre Gonçalves do Amaral. O Instituto, em 1949, com o incentivo do escritor Alceu Amoroso Lima, se transformou na FIFA / FISTA como referência na formação regional de professores. (SANTOS, 2006). Percebe-se nesse percurso as articulações e entrecruzamentos relativos à docência e a história das instituições confessionais em os Minas Gerais e no âmbito local.

Vale ressaltar nessa análise a teoria sociológica de Bourdieu no que se refere à legitimidade da posição do sujeito no campo, que nos permite compreender como a autoridade política se perpetua sem recorrer, necessariamente, à coação. A autoridade torna-se legítima por ser aceita e reconhecida pelos membros de uma sociedade. Este

pensamento está relacionado ao propósito de Bourdieu, que busca determinar os mecanismos que fazem os dominados aceitarem diferentes formas de dominação, e como os dominados aderem ao posicionamento dominante para manter a ordem estabelecida. Com a nomenclatura de construtivismo estruturalista ou de estruturalismo construtivista, Bourdieu preconiza que há estruturas objetivas, construídas socialmente, que podem coagir a ação dos indivíduos. (BONNEWITZ, 2003, p. 24).

Segundo Beozzo (1984), a Igreja contribuiu amplamente para a unificação do sistema político republicano e para a manutenção da ordem vigente, por meio de sua atuação e envolvimento nos diversos campos. A criação e gestão dos estabelecimentos de ensino primário, secundário, agrícola e profissional converteram a instituição eclesiástica no maior e mais importante empresário da rede de ensino privado, exercendo o controle de 70% das instituições em funcionamento nos finais dos anos 20. (BEOZZO, 1984, p.290)

Ao ler o livro, *“A economia das trocas simbólicas”* (1974), organizado por Sérgio Miceli, apreendemos as pesquisas de Bourdieu publicadas em um artigo de 1971, em que estuda as condições de surgimento de um *“mercado de bens simbólicos”* que é correlato ao processo de autonomização dos campos literário e artístico em relação ao clientelismo e ao mecenato. No campo religioso, essa economia dos bens simbólicos forneceu o respectivo modelo aos campos de produção cultural. Ele mostra que a Igreja é um empreendimento econômico que se nega a reconhecer as relações de trabalho existentes em seu interior e no recurso ao voluntariado. *“As relações de produção e exploração dentro da Igreja são eufemizados através do modelo das relações familiares, ao qual é tomado de empréstimo o ideal de fraternidade.”* (SAPIRO, p.57, 2017)

Esses elementos nos possibilitam desvelar estruturas de relações objetivas entre o campo religioso e o campo de poder, como nos esclarece Sérgio Miceli:

A afirmação decorre de dois fatores e processos: a) a autoridade e a força temporal que as diferentes instâncias religiosas dependem diretamente do peso dos leigos por elas mobilizados na estrutura das relações de força entre as classes; b) em consequência, a estrutura de relações objetivas tende a reproduzir, embora sob forma disfarçada. Entretanto, de uma ordem estabelecida não significa que elimina as tensões e os conflitos entre poder político e poder religioso. (MICELI, 1974, p.164)

Observa-se a perpetuação da discriminação nas relações institucionais, em especial, na Congregação Nossa Senhora do Rosário de Monteils, no período anterior ao Vaticano II. Discutiremos também a questão da identidade feminina por meio dos relatos autobiográficos de educadoras que demonstram as divergências nas relações de trabalho, na divisão de classes sociais e bens simbólicos.

4.1- A PERCEPÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NAS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS E NA CONSTRUÇÃO DO “SER SUJEITO”:

Sabe-se que os saberes construídos sobre o feminino partem inicialmente de uma concepção patriarcal das relações humanas na família: à mulher cabia o papel de ser submissa ao homem e à procriação. O passo de libertação feminina foi promovido pela própria Igreja Católica, segundo Vieira (2013) quando a mesma possibilitou que a mulher recusasse o casamento imposto pelos pais e pudesse ingressar no convento. Muitas mulheres deram o primeiro passo de resistência e altruísmo com a inserção na vida religiosa. O depoimento de Irmã Loreto Gebrim a uma entrevista do Jornal da Manhã de Uberaba/MG (15/05/2011) comprova essa exigência das famílias na escolha vocacional das filhas:

Deus, sei que está em toda parte, quero fazer uma promessa. Farei meu voto de virgindade e nunca vou me casar’. E foi isso. Um médico muito inteligente, 10 anos mais velho, que depois foi governador de Goiás, Hosanah de Campos Guimarães, quis se casar comigo pouco antes de eu entrar para o convento [...] já que os homens de origem árabe decidem pelos filhos [...]. Eu vim para Araxá com meu irmão, com pretexto de descanso, mas escolhi o convento e quando comuniquei a meu pai, ele quase morreu. (JORNAL DA MANHÃ, 15/05/2011)

Assim, é importante neste percurso investigativo ressaltar as relações sociais fundadas nas diferenças percebidas entre sexos, que dão significados às relações de poder. Experiências como esta elencada acima nos remetem às contribuições de Bourdieu referentes ao campo universitário que é considerado por ele um espaço social específico, uns lócus de relações institucionalizadas, delimitadas com objetivos e finalidades distintos onde se instala uma verdadeira luta para classificar o que pertence ou não ao campo. Bourdieu explicita o campo do poder como rede cruzada de ligações estruturais e funcionais que entrelaçam o espaço das escolas de elite com o das classes dirigentes, segundo suas articulações. As escolas são consideradas organizações encarregadas do

trabalho de consagração das divisões sociais, definem o espaço social regulando as oportunidades e trajetórias de grupos e indivíduos por meio do capital econômico e o capital social. A aquisição de títulos educativos constitui-se novo modelo de dominação.

Vale aprofundar reflexões sobre a identidade feminina nas instituições religiosas e educacionais, por meio da análise das categorias presentes no discurso como identidade profissional, formação docente e resistência.

Percebe-se que por meio do discurso os sujeitos expressam suas condições socioeconômicas, sua posição ideológica, o significado da instituição em suas vidas, o capital cultural, capital simbólico, *habitus* (práticas e representações). Considerando os espaços das instituições educacionais e confessionais, um dos aspectos que nos chamou a atenção foi o silêncio estabelecido como valor e regra de vida dos sujeitos, principalmente nas escolas confessionais. As práticas nas instituições religiosas femininas são exigentes e requerem até mesmo uma desconstrução de modelos pré-estabelecidos.

Em relação às técnicas institucionais da educação destacamos o escolástico dominicano Santo Tomás de Aquino, um homem de seu tempo que seguiu os métodos medievais de leitura (*lectio*), debate (*disputatio*) e repetição oral (*repetitivo ou praedicatio*), práticas que ainda suscitam interesse do educador. Para ele, o ato de ensinar significa colocar a imaginação a serviço da compreensão. O professor não substitui os processos intelectuais dos alunos, porém pode assisti-los de várias maneiras. Um elemento indispensável, segundo ele, é a conversa entre aluno e professor, o diálogo, o fenômeno da linguagem como fonte de profundas descobertas filosóficas. Em carta de sua autoria “*De modo studendi*”⁵ traduzida por Victor White (1949) ele aconselha aos frades dominicanos *o como estudar*. Recomenda o cultivo do silêncio como pressuposto da vida intelectual. Explica que a sabedoria não deve ser entendida somente como conhecimento que advém do estudo, mas como um saber (*sapere*, na língua latina) que se experimenta, se saboreia. A sabedoria não pressupõe apenas uma dimensão intelectual, mas está integrada ao todo da existência, com apelos ao silêncio, à vida de oração, à amabilidade, à humildade e à pureza de consciência. Observa-se o alcance semântico da palavra “estudo” em latim “*studium*”, mais abrangente: amor, afeição, a atitude de quem se aplica a algo pelo amor. (LAUAND, 1994). Assim, o ato de estudar requer o silêncio

⁵ Martin Grabmann - em seu *Die Werke des Hl. Thomas von Aquin*, Münster, Verlag der Aschendorffschen Verlagsbuchhandlung, 2a. ed., 1931, p. 372-373 - considera o *De modo studendi* um opúsculo autêntico. Contra as reservas, opúsculos de que dificilmente se pode duvidar de que o autor seja o Aquinate (*S. Thomae Aquinatis: Opuscula Omnia cura et studio R.P. Petri Mandonnet*, vol. IV Paris, Lethielleux, 1927) Victor White, em seu *How to study*, 2a. ed., Oxford, Blackfriars, 1949.

produtivo, criativo que parte da pessoa, “*uma construção amorosa*”. No cotidiano das instituições, tradicionalmente o silêncio era impositivo; nos dias atuais é comunicação, produção de conhecimento, fornece poder e contribui positivamente nas relações sociais.

Nesse sentido, São Tomás de Aquino afirma que a pessoa humana necessita compreender sua natureza: “*A graça supõe a natureza*” [...] “*E a graça é um dom absolutamente gratuito que ajuda a natureza a agir bem*”. A dimensão essencial do ser humano, sua natureza, é dom gratuito de Deus. O ser humano torna-se cada vez mais humano quando se permite encontrar consigo mesmo, buscar sua essência, a graça, isto é, a gratuidade de agir segundo sua vontade. A liberdade de ação para o bem, para o aperfeiçoamento, para o desenvolvimento pleno de sua identidade humana. Cada ser humano, seja ele homem ou mulher, é sujeito de seu destino, têm direitos “inalienáveis” que se revelam no íntimo da natureza humana: a liberdade e a criatividade. Esta dimensão de profundidade nos leva a crer que o ser humano é um mistério desafiador, não se esgota em si mesmo, traz em sua essência um sentido antropológico-existencial de mistério e mística. Leonardo Boff (1996) analisa a palavra mística como adjetivo de mistério, como dimensão que alimenta as energias vitais para além do princípio do interesse, dos fracassos e sucessos. Um movimento que revela a integralidade do ser humano, que possibilita o dinamismo da resistência e o permanente desejo de libertação. Para Boff (1966) cresce a cada dia o número de pessoas que procuram descobrir em si as várias dimensões do mistério da vida, em fazer a experiência profunda com o que considera sagrado ou divino. Uma experiência que conduz ao engajamento, “*fruto da impossibilidade de permanecer indiferente ao sofrimento dos outros*”. (BOFF, 1966, p.11)

Há também outro sentido sociopolítico da mística, apresentado por estudiosos sociais e políticos, como Max Weber e Pierre Bourdieu (1989) quando discutem a mística como o conjunto de convicções profundas que mobilizam as pessoas e movimentos em prol da transformação da sociedade; que inspiram práticas, sonhos, projetos, modelos alternativos que sustentam a esperança diante dos fracassos históricos. Neste processo há “*uma mística que se recusa a aceitar a situação dada, uma mística geradora de energia orientada para a construção de um futuro melhor.*” (BOFF 1966, p.24)

Ao buscar relatos de ex-alunas e ex-professores da FISTA por meio do diálogo ou na escuta com mulheres e educadoras negras, percebe-se uma mística que é a própria vida delas tomada em sua radicalidade e profunda densidade. Cada uma expressa, com consciência, a estrutura real das institucionais confessionais, os valores e contra

valores de uma época. A mística nos provoca a ouvi-las e analisar nas entrelinhas os desafios, que mulheres, como elas, foram capazes de encontrar-se, de indignar-se diante da exclusão e lutar por um lugar digno na sociedade.

4.2- MEMÓRIA DA VIDA INTELECTUAL DE MULHERES NEGRAS NO ÂMBITO DA CONGREGAÇÃO DOMINICANA DE MONTEILS

Na Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, o estilo de vida era cumprido de acordo com a hierarquia e o sistema de governo presentes nos conventos. A partir da citação de Bourdieu (2004) apreendemos elementos no espaço das instituições confessionais que traduzem a dimensão simbólica e social das práticas educativas ali vivenciadas:

Em outros termos, através da distribuição das propriedades, o mundo social apresentava-se, objetivamente, como um sistema simbólico que é organizado segundo a lógica da diferença, do desvio diferencial. O espaço social tende a funcionar como um espaço simbólico, um espaço como estilo de vida e de grupos de estatuto, caracterizados por diferentes estilos de vida. (BOURDIEU, 2004, p.160)

Um dos estilos de vida que nos chamou a atenção foi a questão racial presente nas congregações femininas. O ingresso da primeira religiosa negra à Congregação Dominicana, registra-se nos atos dos Capítulos Gerais, que a Madre Maria Egídia, do CNSD precisou submeter o pedido à autorização da Santa Sé, em Roma, pois contrariava os preceitos constitucionais da Ordem. Desta forma, a jovem Maria de Lourdes Leal (1912- 2000) que era interna do Colégio, no dia 07 de março de 1933 foi aceita no noviciado. Em 30 de abril de 1936 faz sua primeira profissão e recebe o nome de Irmã Filomena Leal, assumindo o compromisso de irmã conversa. A palavra *conversa* tem sua origem do latim *conversatio*, que inicialmente se usava para “viver com, encontrar com frequência”, formada por *com-*, “junto”, mais *vertere*, “virar, voltar-se para”. Portanto, a religiosa conversa é aquela que se volta para o trabalho doméstico, vive a serviço das demais irmãs de sua comunidade.

Com sua entrada de Irmã Filomena Leal à vida religiosa, as portas se abriram para outras jovens negras, motivando membros de sua família à vocação, por meio da convivência com os frades dominicanos na Fazenda do Rosário. Esta Fazenda era de sua mãe, Filomena Leal do Alemão, uma ex-escrava que havia recebido de herança de

Esméria Junqueira, latifundiária que não tinha filhos e a adotou. Nesse espaço social, Dona Filomena Leal educou seus 07 filhos e netos. Naquela época, os dominicanos realizam apostolado na zona rural, catequizando e divulgando a fé cristã. A presença e convivência com os frades estabelecem laços da família com o carisma dominicano permitindo que mais quatro membros da genealogia optassem pelo convento: Irmã Odete Leal, Irmã Luzia Leal, Irmã Martinha (monja) e Irmã Felicidade (monja beneditina). Todas ingressaram com o estilo de vida das irmãs conversas, com suas restrições e exigências, entretanto, aprenderam latim, francês, música e arte, garantindo a elas obter no “*campo de lutas simbólicas*”, o respeito e o reconhecimento. Em 1965, com as normas advindas do Vaticano II, Irmã Luzia (1926-2016) e Irmã Odete Leal fizeram o magistério, assumindo a docência nos Colégios onde atuavam como educadoras e religiosas missionárias, nas cidades do Rio de Janeiro e Conceição do Araguaia, respectivamente.

Figura 28- Alunas do Externato São José – educandário gratuito que acolhia às filhas de trabalhadores rurais e urbanos. Várias, estudaram posteriormente na FISTA, como bolsistas.

Fonte: Acervo do Museu da Capela do CNSD

Segundo Beozzo (1984), a denominação hierárquica de irmãs as categorizavam entre irmãs de coro ou conversa. As de coro ou professoras referiam-se àquelas que vindas da elite da sociedade, professavam de véu preto e como meta de vida a dedicação exclusiva à oração, ao estudo e ao governo da comunidade. As conversas com vestimentas brancas eram aceitas para desempenhar os trabalhos domésticos e assumir os cargos mais humildes. Por regra, elas deveriam pagar um dote menor que as professoras e não poderiam participar das eleições, nem exercer os cargos mais relevantes da comunidade. Além das vestimentas diferenciadas, o estilo de vida no convento, como os horários de oração, estudo e até mesmo os espaços no refeitório, na capela, ambientes de convivência e lazer eram distintos. As irmãs conversas não tinham a oportunidade de realizar o noviciado ou estudos no exterior, na França, como muitas religiosas (mulheres brancas e da elite) já citadas em outros capítulos deste trabalho. As irmãs conversas obtiveram direitos ao estudo e a interação com as demais de sua comunidade religiosa após a implantação das mudanças constitucionais do Vaticano II, em meados de 1966.

Figura 29- Irmãs de Coro em estudo durante o noviciado - 1957

Fonte: Acervo do Museu da Capela do CNSD

Vale a pena ressaltar que a primeira instituição confessional feminina, no Brasil, a acolher mulheres negras foi a Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado⁶. Esta foi instituída em Campinas, São Paulo, em 03 de maio de 1928, sendo fundadores Dom Francisco de Campos Barreto, bispo de Campinas, e Irmã Maria Villac. Segundo informações da Congregação, a Ordem estabeleceu um jeito novo, diferente das que existiam na época. O estilo de vida era ser presença na rua, no apostolado, não usar o hábito, mas o traje secular. Enquanto a maioria das religiosas não saía de casa à noite, as Missionárias faziam seu apostolado sem esta preocupação. O grupo inicial era composto de 11 jovens. Iniciaram a vida comunitária na casa da Família Villac: Hotel d'Europe, cedido à Congregação. O espírito de família foi sempre uma característica da Congregação, visto o slogan presente no site que apresenta uma nova visão da inserção das mulheres negras na vida religiosa: “NEGRAS? SIM, POR QUE NÃO?”

As Irmãs negras conquistaram novos espaços e estruturas no campo religioso. Em 11/02/1954 – foi criada a CRB - Conferência Religiosa do Brasil. Na Eleição da 1ª Diretoria, Madre Maria Villac foi eleita consultora. Em 1955 as Missionárias de Jesus Crucificado organizaram o Departamento de Estatística da Conferência dos Religiosos do Brasil, no Rio de Janeiro, departamento que deu origem ao CERIS, onde as Irmãs atuaram, também, até 1970. Atualmente, as Irmãs de raça negra e indígena têm seus momentos específicos, para aprofundarem as raízes de suas etnias, viver a espiritualidade afro-indígena e participar de movimentos e resgatar os valores de suas culturas.

Para desvendar as entrelinhas das relações sociais, da luta simbólica no processo de formação docente das mulheres negras ou empobrecidas nas instituições confessionais nos valem as informações pessoais da ex-aluna da FAFI/FISTA, Paulita Vasconcelos⁷. Paulita nasceu em 20 de abril de 1930. Foi a primeira aluna negra da Faculdade. Sua história de vida aproxima-se das similaridades entre a Igreja e as famílias de leigos que eram totalmente desprovidas economicamente e nela se identificavam e buscavam formação e assistência. Paulita nos relata seu percurso educacional, repleto de desafios, exigências, esforços e resiliência. Seu sonho, decorrente do acolhimento que recebeu das Irmãs Dominicanas era pertencer a vida religiosa. Entretanto, a resposta foi sempre negativa. Os motivos, segundo ela, residiam na cor de sua pele negra e na

⁶ A Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado disponibiliza dados históricos e do carisma congregacional no site <http://www.mjc.org.br/site/nossa-historia>, > Acesso em 18/06/2019.

⁷ Informações fornecidas por Paulita Vasconcelos em 01 de novembro de 2019, com dados obtidos de comunicações pessoais, correspondências e arquivos referentes a sua história de vida, na cidade de Uberaba, Minas Gerais.

paternidade: era filha de pai natural. Para o contexto da época era inconcebível ingressar na vida religiosa sem precedentes familiares aceitos pela sociedade. As mulheres ou homens de pele negra não eram aceitos nas Congregações Religiosas.

Paulita pondera que em seu registro de nascimento consta que nasceu em Araguari, MG, entretanto a veracidade da localidade é algo inconsistente. Sua certidão foi lavrada na sua presença, com dados extraídos de sua memória e acontecimentos narrados por vizinhos. Na época, tinha perdido sua mãe, era filha natural e ninguém lhe contava nada de sua origem, a não ser, a filha da cozinheira do hotel. Emocionada, afirma que ficou em sua memória afetiva o trágico enterro de sua mãe que, colocada em uma carroça para o funeral, foi acompanhada apenas por ela, uma jovem de apenas 15 anos. Um sentimento e imagem que a martirizou por décadas. Entretanto, recorda que neste dia chovia muito e uma senhora, costureira da alta sociedade araxaense, a vê, encharcada e totalmente desesperada no funeral. Esta senhora, a retira da rua e a conduz ao interior de sua casa. Ela sabia da história triste da menina negra que morava no asilo dos vicentinos com a mãe. Sua mãe, chamada Palmira Silva, mulher negra e bonita, era funcionária, cozinheira de um hotel de luxo, em Araxá. Em 1929, fica grávida do proprietário do Hotel, sendo despedida e colocada na rua. Sem familiares e moradia, foi acolhida pelo Asilo de São Vicente. Por ironia do destino, quando Paulita nasceu, a filha legítima do dono do Hotel, também dá à luz ao seu primeiro filho. O bebê necessitava de cuidados especiais e de uma mãe de leite. Palmira amamenta a criança. Seu gesto de generosidade, cativa membros da família que se aproximam dela, entretanto, jamais relatam a Paulita seus laços sanguíneos. Na infância, quando foi morar em Sacramento com sua mãe, frequentou um ambiente de estudo, pois sua mãe foi amamentar outra criança; o pai desta era diretor do Grupo Escolar de Sacramento. A esposa do diretor tocava piano, promovia recitais, contação de histórias, músicas... Fatos que fazem parte de sua formação inicial. O ambiente era propício para despertar nela habilidades e competências diferentes de sua origem. Paulita recorda e menciona em seu depoimento a frase dita por sua mãe a uma vizinha sobre o desejo que ela não se preocupasse em casar, mas sim, estudar. Paulita afirma: *“A frase de mamãe foi a luz para meu estudo. Eu não pensava em outra coisa, só queria estudar.”* (VASCONCELOS,2019)

Esta citação da depoente nos revela que tinha uma convicção interior para dedicar sua vida aos estudos, à vida intelectual. Sabe-se que muitas pessoas têm o direito de escolher um determinado estilo de vida, um caminho pessoal como o matrimônio, a vida religiosa ou viver de acordo com suas habilidades e virtudes.

Na adolescência, Paulita ingressa no Colégio das Irmãs Dominicanas, em Araxá, Colégio São Domingos, como bolsista, em período integral. Segundo ela, o currículo era uma “riqueza”, com disciplinas como Puericultura, Biblioteconomia, Literatura, Física e Química, Análise Lógica separada do Português e outras disciplinas clássicas. Estudava no Colégio e morava com as irmãs; inúmeras vezes, acolhida pelas colegas de aula onde dormia em suas casas. A presença de Irmã Carmelita Maria Miranda Cardoso em seu percurso de vida foi marcante, assume a figura materna, com a qual teve liberdade de: “*expor os fatos, de ouvir o que ela dizia, de questionar, de brincar, de chamar a atenção.*” Uma frase foi citada com ênfase, dita por Irmã Carmelita a ela: “*Você é uma pedra preciosa, mas está precisando de tanta lapidação*”. O carinho, cuidado e a maneira como a conduziu para assumir seu espaço, sua identidade são aspectos que Paulita menciona com gratidão pela religiosa que sempre a protegia e sinalizava o caminho a seguir. Ao término do Normal, vai para Uberaba, como interna, e ingressa na FIFA, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, em 1949, a primeira turma da Faculdade.

Figura: 28- Convite de formatura da turma- 1953

Fonte: Acervo particular de Paulita Vasconcelos

O convite confirma a presença marcante do Bispo Dom Alexandre Gonçalves do Amaral na solenidade, visto que o mesmo foi um dos articuladores da criação da instituição, teólogo, conferencista, liturgista, bispo da Ação Católica e defensor das religiosas, padres e jornalistas perseguidos no regime militar.

Figura 30- Relação das alunas Formandas: Turmas:1949-1953

Fonte: Acervo particular de Paulita Vasconcelos

Na relação de formandas encontra-se o nome da primeira religiosa a se formar na instituição, Irmã Regina Ziccardi. No fragmento abaixo, visualizamos os membros da direção da instituição, seus fundadores, como homenageados pelos formandos. A oradora da turma foi Paulita Vasconcelos, que guarda até a presente data o discurso proferido em 1953. (Anexo VII)

Figura 31- Fragmento do convite de formatura: homenageados e direção da FAFI

Fonte: Acervo particular de Paulita Vasconcelos

Ao término do Curso Superior, Paulita vai para São Paulo onde inicia sua carreira docente. Assumiu a direção escolar e diferentes cargos na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (Secção de Concurso para remoção de professores secundários, Presidente do Setor de Bolsas de Estudos, Serviços de Registros de Diplomas, Supervisora de Ensino nas Delegacias de Ensino do Estado de São Paulo (1961). Foi aluna da USP no Curso de especialização na área de educação com os docentes, Prof. Quirino Ribeiro de Andrade, Prof. Samuel Fromm e discussões com Caio Prado e outros, além de morar na Casa Universitária por algum tempo.

A cada desafio na profissão docente, ela afirma que levava consigo um aprendizado: diante de um problema ou dúvida de qual caminho seguir, lembrava-se das orientações de Irmã Carmelita: *“pergunte com humildade, pesquise em fonte fidedigna, aprender para se realizar a contento, senão você não produz.”* Nos cargos burocráticos assumidos na Secretaria, vivenciou situações no *campo do poder*, nas lutas simbólicas com as ordens religiosas, instituições de classe que queriam privilégios, entretanto, não abria mão das regras existentes. Sua prática profissional era:

Quando não posso, não é possível, não sou capaz, não sou habilitada e o problema é muito maior do que eu penso. É de outra alçada, eu passo para alguém mais habilitado. Temos que ser honestos, transparentes e não agir pelo status, pela facilidade de acessos, mordomias. Resolver a contento na base da lei. (VASCONCELOS,2019)

Percebe-se que não é entregar os pontos, não é fracasso, é lucidez, uma postura congruente com sua formação e percurso de vida. Paulita ressalta o nome de Dr. Gilberto Sampaio, consultor jurídico que contribuiu de forma relevante em sua profissionalização, *“conhecer as prioridades sem distinção de classes na repartição pública”*. Essa orientação do supervisor tornou-se uma prática em sua trajetória profissional: postura ética, sem privilégios ou concessões. Agir sem favoritismo, não transferir os problemas e sim resolvê-lo com as instâncias colegiadas. Ela afirma que buscava sempre a pesquisa como aprendizado para embasamento técnico de seus despachos e portarias que lhe competia. O diálogo compartilhado a ajudou a superar conflitos escolares e administrativos, principalmente no período da ditadura militar.

O relato de vida de Paulita nos conduz à reflexão sobre o sentido da vocação intelectual que se tornou uma premissa em seu percurso de profissionalização docente. A

obra “A Vida Intelectual”, produzida em 1934 pelo frade dominicano de filosofia neotomista Antonin-Gilbert Sertillanges, nos traz elementos que contribuem para a compreensão da atividade intelectual. O autor apresenta a vida intelectual como um estilo de ser, uma maneira de viver, como um corpo de valores que contribui para a construção da identidade do ser humano. O ato de estudar exige do sujeito uma disposição interior, virtudes, organização de seu tempo, espaço e métodos. Sertillanges (2015) sugere práticas fundamentais para a formação humanista como: manter o silêncio interior, valorizar suas virtudes necessárias (constância, paciência, perseverança), desapegar-se de si e do mundo; não se tornar um intelectual isolado e fora de seu tempo; cultivar as relações necessárias, cooperar com o próximo, simplificar, fazer tudo bem feito até o fim, não ir além das próprias forças; saber distrair-se saboreando as alegrias, confiança e fidelidade aos princípios. (SERTILLANGES, 2015)

Outra obra citada nos vários depoimentos de ex-professores e ex-alunos da FISTA é “*Homem- Libertação*” de Monsenhor Juvenal Arduini (1972). O livro focaliza o empenho de libertação empreendido pelo homem da atualidade, colocando-o como o centro consciente e ativo da história e da transformação social. Desta forma, é uma reflexão antropológica que analisa situações vivenciadas pelo sujeito e abre um horizonte de possibilidades para o ser humano assumir sua identidade. Dentre estes recursos estão a cultura crítica, a medicina antropológica, a educação, a palavra, a técnica, o poder criador, o trabalho e a fraternidade. Quando reflete sobre a vida intelectual nos sinaliza elementos de uma educação libertadora:

O homem é um ser capaz de responder. E a educação ajuda o homem moderno a responder às suas próprias interrogações. O homem é um ser que se questiona a si mesmo, experimenta a necessidade radical de descobrir-se e encontrar-se. [...] O homem é um libertador da história. A educação libertadora deve aparelhar o homem para celebrar sua emancipação real. A educação existe para o fazer o homem retomar as próprias raízes de sua historicidade, e para impedir que uma duvidosa tradição venha sufocar-lhe as forças libertadoras. (ARDUINI, Juvenal, 1972, p.124)

Nesse sentido, a ação educacional se realiza pela consciência, pela pesquisa, pelo trabalho e pela cultura. Cabe ao homem assumir este caminho e pronunciar-se diante dos acontecimentos, inquietar-se e não se acomodar. Na vida intelectual onde as concepções e práticas educativas estão vinculadas à formação docente humanista torna-se prudente ressaltar alguns princípios da Ordem dominicana. Estes princípios foram

perceptíveis nos depoimentos e documentos oficiais da FISTA e da Congregação, como o valor da organização, desde os primeiros frades e religiosas, que garantiu a originalidade e a unidade da Ordem Dominicana nestes 800 anos de existência (1216- 2016). Nas instituições dominicanas, sejam masculinas ou femininas, há a preocupação em criar um ambiente, um clima propício para o estudo, a oração e a reflexão com a finalidade da pregação. Pregação significa anunciar a palavra, a verdade cristã sempre em contato com o povo, com a realidade para se que promova a transformação social. Para que haja a vivência desta mística cristã vinculada ao social torna-se imprescindível que nos espaços sociais, seja convento, obra assistencial ou comunidade educativa haja um membro qualificado que seja o animador da vida intelectual da equipe. A função deste componente, expressa na Constituição da Ordem, é empenhar-se para que sua casa seja um centro de estudo teológico com irradiação na cidade ou região em que é implantado.

Desta forma, percebe-se nos colégios dominicanos que o estudo constitui um elemento integrante e indispensável na vida de cada membro da comunidade. O estudo, como exigência vital, é estabelecido por meio da preocupação que tem a Igreja Católica de transmitir, conservar, defender e aprofundar a mensagem da fé cristã. Para Frei Mateus Rocha, OP, (1998) o confronto da fé e da cultura exigia uma Ordem voltada ao estudo. A sua concepção e sua prática intelectual são características das dominicanas, marcadas ao longo dos séculos pela inspiração original: a fidelidade à Igreja, o empenho em compreender as virtualidades da Fé, defendê-la, aceitando os desafios e os problemas provenientes do desenvolvimento da própria cultura. (ROCHA,1988)

Nesse sentido, como já afirmamos, o estudo deve ser organizado, metódico, institucional, em contato com o meio universitário e aberto aos apelos e problemas da atualidade. Nas três primeiras décadas de existência da Ordem Dominicana o trabalho intelectual e o desejo de transformação social inspiram a Santo Alberto Magno e a São Tomás de Aquino, “jovens universitários” que assumem a originalidade:

Em seu ensino suscitava novos problemas e encontrava método novo e claro, de os resolver aduzindo argumentos novos em suas soluções. [...] Pois desde cedo possuía um julgamento tão seguro que não hesitava em ensinar e escrever as novas doutrinas que Deus se dignou inspirar-lhe de maneira tão nova. (TOCCO, in Vida de S. Tomás, cap.15)

Santo Tomás de Aquino é o protótipo do dominicano na dimensão do estudo. Estudo e contemplação. Pela seriedade intelectual estimulou o saber e a pesquisa nos

domínios do direito, da filosofia e das ciências naturais nas universidades. Nesse contexto, nos indagamos: o que caracteriza a formação humanista nas universidades?

Figura 32- Grupo de alunos em círculos de estudo na Biblioteca da FISTA- 1968

Fonte: Acervo do Museu da Capela do CNSD

Sabe-se que o papel do educador não é formar mão de obra especializada ou qualificada para o mercado de trabalho. Vai muito além deste propósito. Acredita-se que sua função é formar seres humanos dignos, alegres, dotados de consciência crítica, participantes ativos na construção de uma sociedade mais justa e sustentável. Para Frei Betto (2018) há critérios claros que sinalizam quando o sujeito revela em suas atitudes a formação humanista que recebeu e se esta é assumida como valor:

Não basta ter uma formação humanista. Heidegger teve uma formação humanista e, no entanto, apoiou o nazismo. Werner Heisenberg também recebeu uma formação humanista e, no entanto, colaborou com o projeto atômico da Alemanha nazista. Uma verdadeira formação humanista supõe encarnar valores como solidariedade, cooperação, luta por justiça, defesa de dignidade de todos os seres humanos e preservação ambiental. (BETTO, 2018, p.147)

Torna-se evidente a partir da história que “as universidades nasceram à sombra da Igreja como instituições humanistas”. Elas possuem uma multidiversidade de disciplinas e métodos de aprendizagem. O que a torna mais qualificada? A universidade precisa se submeter a um processo de autocrítica para que questione se os saberes construídos historicamente são indiferentes às reais necessidades da nação ou se é capaz

de dotar a sociedade de ferramentas teóricas e práticas para solucionar os problemas que a afetam. (BETTO,2018)

Figura 33- Turmas de 1973, em estudo na Biblioteca da FISTA

Fonte: Acervo do Museu da Capela do CNSD

Para melhor compreensão do saber *docente* que envolve questões de ordem pessoal, assim como possui uma abrangência social com características culturais e temporais, apresentaremos algumas contribuições pertinentes. Sabemos que os saberes curriculares interferem, interagem ou são ressignificados com os saberes e a experiência do educador ao longo de sua atuação profissional por meio da prática.

Nesse sentido os pesquisadores canadenses Maurice Tardif, Claude Lessard e Louise Lahaye afirmam que “*a docência é um trabalho cujo objeto não é constituído de matéria inerte ou de símbolos, mas de relações humanas com pessoas capazes de iniciativa e dotadas de uma certa capacidade de resistir ou de participar da ação dos professores*” (2005, p.35). Essa condição interativa da atuação não é irrelevante na análise das práticas educativas e da atividade docente, “*trata-se, pelo contrário do âmagos das relações interativas entre os trabalhadores e os trabalhados que irradia sobre todas as outras funções e dimensões do metiér (sic)*” (TARDIF; LESSARD,2005, p.35).

Tardif (2010) assegura que o saber docente deve ser compreendido por meio das relações mediadas pela prática. O professor constrói seus princípios norteadores para o enfrentamento das situações cotidianas. De acordo com Tardif, Lessard e Lahaye (1991, p.218), o saber do professor pode ser concebido como “*um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional, dos saberes das disciplinas, dos currículos e da experiência*”. Desta forma, os quatro

pilares fundamentais para Tardif (2010) são: os saberes pedagógicos, os saberes disciplinares, os saberes curriculares e os saberes experienciais.

Portanto, tornou-se fundamental neste capítulo conhecer e destacar pessoas e fatos que traduzem os princípios e concepções constitutivas da formação docente humanista. Foram elencadas mulheres educadoras que tentaram responder com seus acertos e fracassos, aos apelos de sua “vida intelectual” num determinado período.

Os depoimentos e relatos já apresentados nos levam a crer que conhecer o passado não significa copiar modelos de outros tempos nem mesmo imitar personagens que foram capazes de abrir novos caminhos num contexto específico. Conhecer a história de vida de mulheres educadoras é ter os olhos abertos para o futuro, num momento histórico que exige maior comprometimento com a educação de qualidade. Esta ação é importante para não ficarmos estáticos no saudosismo, na mera admiração, no orgulho, gratidão ou repetição estéril de práticas educativas. Todavia, é necessário abrir novas perspectivas, fazer-se presença autêntica na atualidade.

Nesse sentido, apresentaremos a seguir, as considerações finais relativas aos estudos sobre a formação docente humanista que foram entrelaçados a outros elementos, nos sinalizando uma profissionalização, com excelência acadêmica, comprovada nos relatos autobiográficos de ex-alunos e ex-professores, na releitura da documentação e nas concepções que perpassam a história, memória e gênero dos sujeitos ligados à instituição em questão

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils como parte integrante da Família Dominicana caracteriza-se, segundo os estudos e reflexões feitos até o presente momento, pela tentativa de fidelidade às intuições de seus fundadores, São Domingos e Madre Anastasie, assim como à vivência dos valores da cultura humanista.

Nos capítulos anteriores analisamos as concepções, práticas e desafios vivenciados pelas Congregações Religiosas na Europa e na América Latina. As Irmãs Dominicanas puderam percorrer distâncias e realizar obras que não estavam ao alcance da maior parte das mulheres fora da Igreja, como também, foi o caso em outras Ordens Católicas. Vindas do exterior, muitas freiras desbravaram territórios no país, criaram escolas e obras assistenciais quase a partir do nada, como foi o caso de Madre Maria José, fundadora do Colégio Nossa Senhora das Dores, em 1885. As Irmãs organizaram por sua própria iniciativa bibliotecas, museus, exposições nas instituições de ensino pelas quais eram responsáveis. Viajaram também ao exterior para aprimorar sua formação, mantiveram contato com homens influentes, trouxeram ao país novas ideias, práticas pedagógicas, materiais de apoio ao ensino. Suas obras se transformaram em instituições importantes, muitas vezes inteiramente administradas e dirigidas por elas. Apesar das restrições impostas às mulheres pela própria Igreja, também é fato que a Igreja lhes proporcionou oportunidades às quais, fora da Igreja, dificilmente elas teriam acesso. As trajetórias de vida das Irmãs Loreto Gebrim e Irmã Maria Virginita tornaram-se exemplos concretos de percurso privilegiado. Ambas vieram de famílias tradicionais em suas cidades, Formosa (GO) e Prata (MG), respectivamente, cujos pais desejavam que suas filhas fossem educadas em colégios internos para que assumissem com perfeição o papel social atribuído às mulheres: casar, ter filhos, cuidar da casa e da família. Raras exceções exercer alguma profissão relacionada ao cuidado: docência ou enfermagem, uma função que fosse permitida conciliar o trabalho e a maternidade. As duas religiosas que exerceram posições de liderança na FISTA conseguiram percorrer uma trajetória diferente das demais mulheres de seu convívio familiar e demonstraram o potencial feminino por meio do enfrentamento dos desafios, da seriedade intelectual e compromisso com o carisma dominicano; aspectos registrados nos documentos dos Capítulos da Província.

Nas atas do Quinto Capítulo Provincial, das Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, Província de São Paulo, realizada em Uberaba, de 10 a 13 de julho de 1978, registraram debates sobre o contexto de Igreja, Brasil, América Latina e da Congregação frente às perspectivas de trabalho em educação diante das perplexidades e desafios das mudanças advindas do Vaticano II e da Conferência de Medellín. As religiosas discutiam em suas Assembleias e encontros nas comunidades os obstáculos a serem enfrentados nos colégios e na FISTA, diante das exigências da Teologia da Libertação, pois as educadoras religiosas estavam assumindo como novo estilo de vida. Assim como, o regime político vigente provocava medo, insegurança, até mesmo omissão diante da missão evangelizadora.

Percebe-se uma dinâmica de descentralização do poder que abre espaços para uma vida comunitária comprometida com a luta pela justiça social e a transformação do mundo. Inúmeras religiosas, nas décadas de 70 e 80, foram motivadas a buscar uma presença mais efetiva junto aos empobrecidos, nos campos, nas periferias, nas favelas, nos meios populares em plena ditadura militar.

Houve uma mobilização e entrosamento dos centros universitários, como já citamos em capítulos anteriores, por meio dos movimentos e engajamento sociopolítico dos jovens cristãos: JUC, JOC, JEC e Ação Popular. A vivência e interação nos campos cultural e simbólico possibilitaram a construção da identidade profissional dos sujeitos envolvidos nestes movimentos. No campo da história das instituições educacionais analisamos diferentes relatos e histórias de vidas que nos permitiram elucidar princípios da formação docente humanista. Um destes refere-se à concepção e a prática dos estudos na vida intelectual. As instituições dominicanas, em especial a FISTA, desde sua fundação primou pela fidelidade ao carisma de São Domingos e Madre Anastasie. São Domingos de Gusmão (1170-1221) foi um homem que soube compreender e ler o contexto histórico de seu tempo e instituiu uma nova intelectualidade. Em 1203 quando percorreu a Europa de Castela à Dinamarca, deparou-se com uma sociedade repleta de hereges, principalmente os Cátaros e Albigenses que se diziam cristãos e contradiziam às Escrituras. Domingos coloca-se a caminho, atento à linguagem do mundo, à realidade, valoriza a simplicidade, a profundidade do ser humano e torna a mensagem cristã acessível aos menos favorecidos. Busca a essência dos mistérios da vida. Para tal, congrega à vida apostólica o estudo, à presença nas universidades. Assim, cativa tantos outros que assumiram o carisma pautado no estudo, na oração e trabalho. Dentre estes já

citados, Santo Tomás de Aquino, Santo Alberto Magno, Madre Anastasie, Madre Teresa de Saldanha e tantos outros doutores e santos católicos.

Assim, os espaços dominicanos foram construídos com este propósito de despertar saberes e práticas por meio do conhecimento da realidade, do testemunho e coerência com a Verdade (*Veritas*). Ao buscar o sentido do termo Verdade, nos dicionários clássicos, deparamos em grego com a prescrição de *alétheia* (*a* indica negação e *léthe* é esquecimento). Em outras palavras, o não-esquecido, o não-dissimulado, a realidade ou manifestação dos seres à visão intelectual dos humanos. Conhecer é ver e dizer a verdade que está na própria realidade, sendo assim, a verdade depende de que a realidade se manifeste. Em latim, verdade se expressa como *Veritas* e se refere à precisão, ao rigor e à exatidão de um relato, com detalhes e fidelidade.

Ao longo dos 800 anos (1216- 2016) de existência, a Ordem dos pregadores já na primeira metade do Séc. XIV, tem como brasão o termo *Veritas*, escrito o preto no branco, e a cruz como símbolo do cristianismo. As cores traduzem a diversidade, presença de todas as cores, pois todas as cores estão no preto e no branco. Para Família Dominicana (frades, religiosas, monjas e leigos) este é o brasão mundial, representa a certeza, a convicção, a busca da verdade a partir das limitações humanas.

Temos consciência que a Verdade, não é monopólio de ninguém. Entretanto, o ideal da Verdade é fator preponderante na história da Ordem Dominicana, e o caminho para efetivá-lo é a partir do estudo como a busca constante da Verdade. O estudo é um dos pilares da Ordem, como já apresentamos nos capítulos anteriores. A Ordem apostou no fator criador e impulsionador da criatividade, que é o estudo, o cultivo da inteligência, ao lado das catedrais e mosteiros com a construção da universidade, propondo um novo paradigma de educação.

Muitos foram os desafios e contradições existentes ao longo do percurso analisado neste trabalho investigativo. Os relatos autobiográficos apresentados, além de lugar de memória, constituíram-se como fonte histórica, pois nos trouxeram possibilidades de compreender e conhecer como se processou a construção da identidade de educadores do período de 1960 a 1980. Os documentos oficiais da Congregação, os depoimentos e os informes teóricos permitiram apreender as representações que influenciaram o pensamento da comunidade local e as contribuições para a construção da memória coletiva dos educadores egressos da FISTA.

Assim, ao reinterpretar o ciclo de vida da FISTA por meio dos relatos autobiográficos procuramos compreender as configurações atuais de memória e docência

em uma dada sociedade e a mobilização de referentes teóricos para o entendimento das implicações pessoais e coletivas na construção da identidade profissional de seus egressos. Optamos pelo método fenomenológico e hermenêutico de análise bibliográfica em que os depoimentos foram articulados com a reflexão sociológica de Bourdieu. Nessa perspectiva, o itinerário na realização deste estudo abriu perspectivas e possibilitou a compreensão das concepções da formação docente humanista. A caracterização do *habitus* dos ex-alunos e professores da instituição contribuíram para a concepção antropológica de currículo em que o conhecimento, o saber e a cultura tendem a humanizar as relações entre os sujeitos.

Desta forma, tornou-se necessário conciliar a abordagem individual em profundidade com a perspectiva coletiva, produzir uma descrição dos depoimentos de grupos peculiares (professores universitários, intelectuais “livres”, jornalistas, religiosas, artistas e outros), reposicioná-los nas conjunturas históricas específicas (a história da educação nas décadas de 50 a 80, a crise social e política do Brasil com ditadura militar, Vaticano II, manifestações e movimentos estudantis – maio de 1968); correlacionar fatos trans-históricos entre Brasil, França, Portugal e América Latina para melhor compreensão das práticas e concepções presentes na formação docente humanista da FISTA. No percurso de análise foi preciso identificar: ciência e compromisso, autonomia do pensamento crítico e vínculo com os movimentos sociais que resistiam às pressões da ditadura militar ou mesmo as imposições da Instituição Confessional. Percebe-se que havia um empenho pela defesa de uma seriedade intelectual na formação docente, um compromisso coletivo para que o ensino superior humanista fosse concebido como mola propulsora de emancipação e progresso social.

Por meio do aspecto metodológico, configura-se que a formação humanista traz em sua essência elementos que possibilitam conceber a educação como caminho para a libertação, para a busca da integralidade do ser humano. Uma busca que revelou a força feminina de mulheres pregadoras, anunciadoras da Palavra, do Evangelho que liberta, que sinaliza caminhos para a realização plena enquanto ser humano. Mulheres que foram protagonistas num contexto machista e preconceituoso, que por meio da educação feminina transformaram consciências e assumiram posições de liderança na Ordem Dominicana, em várias partes do mundo como: França, Portugal, Brasil e outros países da América Latina e Caribe.

Ao longo desta pesquisa, preocupamos e cuidamos para que a cultura da tradição não enveredasse pelo saudosismo, pela linguagem laudatória e estéril. Um esforço para

que a contemplação gerasse uma ação efetiva com o olhar no presente. Para que os sujeitos que construíram suas histórias neste espaço cultural pudessem se reencontrar e compartilhar os voos feitos em suas trajetórias profissionais. Por meio dos relatos autobiográficos e fontes históricas confirmaram-se nossas indagações quanto às concepções e valores presentes na identidade profissional dos egressos. Há uma convicção de um sentimento de pertença que ultrapassa a “memória afetiva” e se instala na “memória intelectual”, no compromisso com o conhecimento crítico, com os valores éticos e com a transformação social.

Na FISTA havia uma formação de lideranças devido ao critério elevado para se selecionar os alunos, construindo um certo perfil. Fator esse que esteve intimamente ligado ao fato da instituição possuir um corpo docente exigente, com excelência acadêmica. A direção e professores educavam, isto é, ensinavam a fazer. Ensinar a fazer significa ensinar a pensar, a analisar, a buscar soluções. Portanto, pensar, realizar coisas, tomar decisões, descrever, analisar, interpretar.... Estes foram traços fundamentais que a FISTA assumia como caminho metodológico para a construção de uma formação docente humanista.

O rigor acadêmico esteve aliado a liberdade de expressão, à pesquisa, à independência dos alunos e à necessidade dos alunos se dedicarem fortemente a ler, a pesquisar e envolver, inclusive nos procedimentos de avaliação. Todos os cursos de graduação terminavam com uma monografia específica. Caso o aluno cursasse oito disciplinas, ele teria que escrever oito trabalhos finais, além de todas as provas e trabalhos que eram exigidos no decorrer do ano letivo. Os educadores tinham liberdade de expressão, um pensamento intelectual aberto à pluralidade e convivência ecumênica com outras manifestações religiosas.

Identificamos a presença constante da cultura humanista ao longo da história da Instituição de Ensino Superior, revelando situações que repercutiram na identidade profissional dos egressos. Por um lado, o movimento estudantil, dado o diálogo entre uma educação crítica e a mobilização desse segmento como resistência política ao governo militar. Por outro, a emergência da Teologia da Libertação, movimento da Igreja Católica de enfrentamento às grandes desigualdades sociais da América Latina. Esse último fato resultou na recomposição do corpo docente da FISTA, visto que grande número de Irmãs Dominicanas, educadoras e gestoras nos Colégios e Faculdade, assumiram a opção pelos empobrecidos e foram viver nas periferias, juntando-se às suas lutas e necessidades.

O legado das Irmãs Dominicanas não ficou esquecido nas prateleiras dos achados e perdidos ou nas bibliotecas das instituições. Permaneceu em todos os espaços em que as Dominicanas passaram e na força que move a cada um dos egressos ao longo dos diferentes caminhos. Na visão dos ex-alunos e ex-professores eles perderam um lugar organizacional, porém não deixaram de demonstrar e de tornar viva a dignidade da Instituição FISTA. A experiência das práticas, o estudo com seriedade, o compromisso com o conhecimento acadêmico e a cultura humanista garantiram a construção de suas identidades profissionais. Os diretores e colaboradores da FISTA primavam por uma educação que ampliava espaços, que permitia uma observação crítica e construtiva, que valorizava a ética, o diálogo, o respeito às diferenças, o compromisso com a verdade e com a justiça social, mesmo diante dos desafios e entraves com o poder vigente nas relações sociais.

Portanto, as motivações e percurso feitos ao longo dessa investigação demonstram que as concepções, práticas e saberes vivenciados na FISTA continuam vivos e atuantes na identidade profissional de seus egressos que testemunham por meio de suas atitudes, posturas e produções do conhecimento de forma significativa estão em destaque nas universidades, faculdades, escolas, empresas e órgãos do governo ligados à educação, existentes em diferentes localidades do país e do mundo. Não temos a pretensão de esgotar todas as possibilidades de análise, visto que se torna provocativo para novas abordagens e mudanças nas atuais práticas da formação docente no ensino superior.

REFERÊNCIAS⁸

ABE- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. **O Problema Universitário Brasileiro**. Rio de Janeiro: A Encadernadora S. A., 1929.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Formação de professores no Brasil (1990-1998)** – Série: Estado do Conhecimento, n. 6; Brasília - MEC/Inep/Comped, 2002 https://www.faecpr.edu.br/site/documentos/serie_estado_conhecimento2.pdf > Acesso em 10 de junho de 2019.

ALVARADO PRADA, L. E. **Pesquisa Coletiva na Formação de Professores**. In: Revista de Educação Pública. Vol. 15, Nº 28, Cuiabá 2006.

AQUINO, TOMÁS. **Suma Teológica: Teologia - Deus - Trindade**. Vol. I. São Paulo: Loyola, 2009.

_____. **Verdade e Conhecimento: Questões Disputadas “Sobre a verdade” e “Sobre o verbo”**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

ARDUINI, Juvenal. **Homem-Libertação**. Edições Paulinas. São Paulo. 1972.

ANPED. **Anais ANPED** 26, 27, 28, 29, 30 Reuniões anuais. 2003-2007

AZEVEDO, M. de. **O Rio de Janeiro**. Sua história, monumentos, homens notáveis, usos e curiosidades. v.2. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1887.

BASTOS, Maria Helena Câmara. **Escritas estudantis em periódicos escolares**. Hist. Educ. (Online), Porto Alegre: ASPHE, v. 17, n. 40, p. 7-10. 2013.

BEOZZO, José Oscar. **Cristãos na universidade e na política**. Petrópolis: Vozes, 1984.

BONNEWITZ, P. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2003.

⁸ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023).

BERNADOT, Vincent. **Madre Maria Anastasie**. Jubileo 800, 1216-2016 Orden de Predicadores – 2ª edição em português, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. “**Esboço de uma teoria da prática**”. In: ORTIZ, Renato (org.) *Pierre Bourdieu*. São Paulo, Ática, 1994.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. In: MICELI, Sérgio (org.) Pierre Bourdieu. São Paulo: Perspectivas, 1974.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo, Brasiliense, 1988.

_____. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

_____. **Escritos de Educação**. NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

_____. BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil. Porto: Difel, 1989.

BETTO, Frei. **Batismo de Sangue**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 4ª ed., 1982.

BOFF, Leonardo e BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

BRASIL. *Constituição da Política do Império do Brasil (de 25 de março de 1824)*.

_____. **Decreto n. 21.241 – de 04 de abril de 1932**. Consolida as disposições sobre a organização do ensino secundário e dá outras providências. Senado Federal.

_____. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.

BROUCKER, José de. **As noites de um profeta: Dom Hélder Câmara no Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2008.

BRUNEAU, Thomas C. **Catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974.

CATANI, Afrânio Mendes; NOGUEIRA, Maria Alice; HEY, Ana Paula; MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de. (Organização). **O Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017

CATANI, Afrânio Mendes. **Origem e destino: pensando a sociologia reflexiva de Bourdieu**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

CATANI, Denice Barbara. **Educadores à meia luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CATANI, Denice Bárbara; BASTOS; Maria Helena Camara (Orgs.). **Educação em revista**. A imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, p. 5-10, 1997.

CATÃO, Francisco. **Aos trinta anos de Medellín**. Paulinas. São Paulo. 1998.

CARBÓ, Cristina, GIRAUD, François. **Entrevista a Michel de Certeau**. México, DF. Históricas, set/dic. 1982, p. 25-26 e 39-51.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. vol 1 Petrópolis, Vozes, 1994.

_____. A operação historiográfica. In: _____. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 65-119.

_____. A cultura e a escola. In: _____. **A Cultura no Plural**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003, p. 123-144.

_____. Ler: uma operação de caça. In. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**, p. 259-276.

CHARTIER, Anne-Marie, HÉBRARD, Jean. **A invenção do cotidiano: uma leitura, usos**. São Paulo, Projeto História, n. 17, nov. 1998, p. 29-41.

CHARTIER, Roger. Micro-história e globalidade. In: _____. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, 53-57.

_____. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988. 244 p. (Col. "Memória e Sociedade", coord. p/Francisco Belhencourt e Diogo Ramada Curto, v. 1

CALDAS AULETE, Aulete digital. Dicionário contemporâneo de língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete, versão on line.) Disponível em <http://www.aulete.com.br/arquivo> Acesso em 12/11/2019

CHARLE, Christophe. **Intelectuais**. In: CATANI, Afrânio Mendes ...[et al.]. (Orgs.) **Vocabulário Bourdieu**. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. História. In: CATANI, Afrânio Mendes ...[et al.]. (Orgs.) **Vocabulário Bourdieu**. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

COELHO, M. DE L. **Depoimentos de grandes mestres que fazem parte da história da UFMG**. Revista Docência do Ensino Superior, v. 6, n. 1, p. 245-264, 23 maio 2016. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/2113> Acesso em 21 de agosto de 2019.

COMBY, Jean. **Para ler a história da Igreja II: do século XV ao século XX**. Edições Loyola, São Paulo, 1994.

CONCILIO VATICANO II. *Gravissimum Educationis. Sobre a Educação Cristã*. Roma, 1965. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html . Acesso 15 jul. 2019.

CONCLUSÕES da Conferência de Medellín- 1968 - Texto Oficial. **Trinta anos depois Medellín é ainda atual?** São Paulo. Paulinas, 1998.

COOPER, Frederick. Race, Ideology and the Perils of Comparative History. **American Historical Review**. v.101, n.4, October 1996.

COSTA, Luís Moreira de Sá e. **Descendência dos 1ºs Marqueses de Pombal**, Edição, Composição e Impressão, Tipografia Costa Carregal, Porto, Portugal, 1937. Edição Única- 700 exemplares, numerados e rubricados pelo autor. (Nº 330)

CUNHA, Luiz Antonio, Reflexões sobre as condições sociais de produção da sociologia da educação: primeiras aproximações. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, 4(1-2): 169-182, 1992.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Vol 5. São Paulo, Ed. 34, 1997.

DEFFONTAINES, Pierre (1939): **Geografia humana do Brasil**. In: Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE. 1 (1,2,3).

DETIENNE, M. Construir comparáveis. In: _____. **Comparar o incomparável**. São Paulo: Ideias e Letras, 2004, p.45-68.

DUSSEL, Enrique. **História da Igreja Latino-Americana (1930 a 1985)**. Edições Paulinas. São Paulo. 1989.

FARGE, Arlette. **O Sabor do Arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.

FÁVERO, Maria de Lurdes de A. **Universidade do Brasil: das origens à construção**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Inep. v.1.2000.

_____. **Universidade do Brasil: guia dos dispositivos legais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Inep. v.2. 2000.

_____. **Faculdade Nacional de Filosofia: projeto ou trama universitária?** (1). Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1989.

FÁVERO, Osmar. **Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB–Movimento de Educação de Base 1961-1966**. Campinas: Autores Associados, 2006.

FREITAS, M.F. Educação de jovens e adultos, educação popular e processo de conscientização: intersecções na vida cotidiana. **Educar em Revista**. Curitiba. n.29. 2007.

FERNANDES, Ana Lucia C. *A santa causa da instrução e o progredimento da humanidade: revistas pedagógicas e construção do conhecimento pedagógico no Brasil e em Portugal no final do século 19*. Rio de Janeiro: PUCRJ, 2004. 220f. Tese (doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. >. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1476> Acesso em 13/09/2019.

FERREIRA, Taísa, *Expansão para o interior - Governo inicia processo de descentralização do ensino superior*, Revista Desafios do desenvolvimento, IPEA, 2010 Ano 7. Edição 58 - 26/02/2010 <http://www.ipea.gov.br/desafios/> . Acesso em 22/08/2019

FERREIRA, Wanderson Raposo. **Juvenal Arduini: Trajetórias do Intelectual da Educação em Uberaba-MG**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia. 2015.

FICO, Carlos. **O Brasil Republicanos: o tempo da ditadura**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FORALOSSO, Frei Mariano OP. **Democracia como valor evangélico na vida dominicana**. Subsídios de formação Dominicana. Carisma e Espiritualidade OP. 2010.

FRY, Peter. **A persistência da Raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África Austral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 350 p.

GARCIA, Ir. Jacinta Turolo, Guy Capdeville, organizadores. Bauru, SP: **EDUSC**; Brasília: UNIVERSA, 2001.

CASPARD, Pierre (dir.). La presse d'éducation et d'enseignement, XVIIIe siècle-1940. Répertoire analytique. Paris: INRP. Tome 1: AC, 1981, 560p.; Tome 2: D-J, 1984, 688p.; Tome 3: K-R, 1986, 566p.; Tome 4: S-Z, 1991, 762p.

GOMES, Tatiane de Oliveira, Rocha da Silva, Bruna, de Souza Baptista, Suely, de Almeida Filho, Antonio José, **Enfermeiras católicas em busca de melhores posições no campo da educação e da prática em enfermagem nos anos 40 e 50 no Brasil, no século XX**. Texto & Contexto Enfermagem [en linea] 2005, 14 (outubro-dezembro) Disponível: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71414406> > ISSN 0104-0707 . Acesso em: 18 de agosto de 2019.

GONCALVES, M. F. **Currículo Oculto e Culturas de aprendizagem na formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 1994

GRUZINSKI, Serge. **Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories**. Topoi, Rio de Janeiro, mar. 2001, p. 175-195. http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi02/topoi2a7.pdf. Acesso em 05/07/ 2018.

HEIZER, A. **Observar o Céu e medir a Terra. Instrumentos científicos e a Exposição de Paris de 1889**. 2005.204 fl. Dissertação- Doutorado em Ensino e História das Ciências da Terra. Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, 2005.

IGGERS, Georg. - **Desafios do século XXI à historiografia**. IN: História da Historiografia. Ouro Preto, n.4. mar/10, p.1005-124.

JOSAPHAT, Frei Carlos. **Evangelho e Revolução Social**. São Paulo: Duas Cidades, 1963. 3ª Edição.

Tomás de Aquino e Paulo Freire: pioneiros da inteligência, mestres geniais da educação nas viradas da história. Coleção dialogar. São Paulo: Paulus, 2016.

_____**Vaticano II: A Igreja aposta no Amor Universal.** São Paulo: Paulinas, 2013.

_____**Os Estudos na Ordem Dominicana. IN: Os Dominicanos.** Edição Comemorativa. Província Dominicana do Brasil. São Paulo. 1981.

KOCKA, Jürgen. Global history: opportunities, dangers, recent trends. **Culture & History Digital Journal**, v. 1, n. 1, p. 1-6, 2012.

KUHLMANN, Jr. Moysés. **As Grandes Festas Didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922).** São Paulo, 1996. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

_____**A circulação das ideias sobre a educação das crianças: Brasil, início do século XX.** In: FREITAS, M. C., KUHLMANN JR., M. (orgs.). **Os intelectuais na história da infância.** São Paulo: Cortez, 2002, p.459-503.

_____**Raízes da Historiografia Educacional Brasileira (1881-1922).** Cadernos de Pesquisa, nº 106, p.159-171, março /1999.

LEBARON, Frédéric; BLAVIER, P. **Classes et nations: quelle articulation à l'échelle européenne? Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 219, n. 4, p. 80-97, 2017.

LAUAND, Jean. **Sobre o modo de estudar - o De Modo Studendi de Santo Tomás de Aquino.** Cadernos de História e Filosofia da Educação. EDF-FEUSP, vol. II, No.3, 1994.

LAW, Martin. **Os Professores e a Fabricação de Identidades.** Currículo sem Fronteiras, v.1, n.2, pp.117-130, Jul/Dez 2001.

_____**O trabalho docente: Interpretando o processo de trabalho de ensino.** Teoria & Educação, vol.4, p.140-157, 1991.

LEIA ESCOLA, **Entrevista com a Prof^a Dr^a Vânia Maria Resende**, pelos entrevistadores José Hélder Pinheiro Alves (UFCG) e Raquel Beatriz J. Guimarães

(PUCMG), Campina Grande, v. 14, n. 2, 2014 – ISSN 2358-5870
<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/354/284> > Acesso em
20/10/2019

LIBANIO, João Batista. **Cenários da Igreja. Num mundo plural e fragmentado.** 5ª edição. São Paulo, Edições Loyola, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola. Teoria e Prática.** Goiânia, MF Livros, 2008.

LIMONGI, Fernando Papaterra. “**Marxismo, Nacionalismo e Cultura: Caio Prado Júnior e a Revista Brasiliense**”. Projeto em andamento- História das Ciências Sociais no Brasil, FINEP.

LOPES, Maria Antonieta Borges et. all. **Dominicanas: Cem anos de missão no Brasil.** Uberaba. Editora Vitória, 1986.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica.** Os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. Cooperação científica na América Latina no final do século XIX: os intercâmbios dos Museus de Ciências Naturais. **Interciência.** v.25. n.5, 2000, p.228-233.

LÓPEZ-OCÓN CABRERA, L. La exhibición del poder de la ciencia. La América Latina en el escenario de las Exposiciones Universales del siglo XIX. In: MOURÃO, J. et al. (orgs.). **O mundo ibero-americano nas Grandes Exposições.** Évora: Vega, 1998.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. In: **Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente.** São Paulo: Escrituras Editora, 1998.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos: história das instituições educativas.** Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MARÍN-DÍAZ, Dora. Cultive a felicidade. Em: **Autoajuda, educação e práticas de si. Genealogia de uma antropológica**. Belo Horizonte: Autêntica, p.p. 41-58, 2015.

MENON, Mariana Bernardo. **História da disciplina acadêmica Geografia em Uberaba (MG); a contribuição do relato oral da professora pioneira na formação de professores de Geografia na região do Triângulo Mineiro**, (artigo), Boletim Campineiro de Geografia, v.4, n.3, 2014.

MACHADO, Mônica Sampaio. **Uma contribuição à história institucional da geografia carioca**. In: Primeiro Simpósio de História do Pensamento Geográfico. UNESP/Rio Claro. 1999, p.147-151.

MARITAIN, Jacques. **Por um humanismo cristão** – Textos seletos. São Paulo: Paulus, 1980.

_____. **Humanismo Integral – Uma Visão Nova da Ordem Cristã**. São Paulo: Ed. Dominus, 1962.

MATTOS, S. R. de. **O Brasil em lições**. A história como disciplina escolar em Joaquim Manoel de Macedo. Rio de Janeiro Access, 2004.

MENNUCCI, **Cem annos de instrução pública (1822-1922)**. São Paulo: Salles Oliveira Rocha, 1932.

MICELI, Sergio. **A elite eclesiástica brasileira: 1890-1930. 1985**. 222f. Tese (livre-docência) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: > <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281349> . Acesso em 20/06/2019

MONLEVADE, João Antonio Cabral de. **Valorização salarial dos professores: o papel do Piso Salarial Nacional como Instrumento de Valorização dos Professores da Educação Básica Pública**. Campinas: Unicamp, 2000. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UNICAMP.

NEVES, M. S. de. **As vitrines do progresso**. O Brasil nas exposições internacionais. Rio de Janeiro: Puc-Rio/CNPq/Finep, 1986.

_____. A “machina” e o indígena: o Império do Brasil e a Exposição Internacional de 1862. In: HEIZER, A. e VIDEIRA, A. A. P. (orgs.). **Ciência, civilização e império nos trópicos**. Rio de Janeiro: p. 173-207. 2001.

NICOLAU, Rita Maria e CAMPOS, Maria Cecília. **Cartas de Teresa de Saldanha na Primeira República; 1910- 1915**. Irmãs Dominicanas de Sena. Alètheia Editores. 2006.

_____. **Teresa de Saldanha- Uma vivência cristã no feminino**, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia, 1996.

NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. *Espaço Social*. In: CATANI, Afrânio Mendes ...[et al.]. (Orgs.) **Vocabulário Bourdieu**. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

NÓVOA, Antonio. Modelos de análise em educação comparada: campo e o mapa. In: SOUZA, D.B. de & MARTINEZ, S.A. (ORG) **Educação comparada. Rotas do Além-mar**. São Paulo: Xamã, 2009, p.23-63.

NÓVOA, Antonio. **Inovações e História da Educação. Teoria e Educação**. Nº 6, 1992, p.221.

_____. **Profissão Professor**. 2ª Ed. Porto Editora, 1995.

_____. **Formação de Professores e Profissão Docente**. Universidade de Lisboa. 1991. <https://core.ac.uk/download/pdf/12424596.pdf> > Acesso em 15/08/2019

_____. **Vidas de Professores**. Porto: Porto Ed., 1992.

RASSE, P. **Les Musées à la Lumière de l'espace public**. Histoire, Évolution, Enjeux. Paris: L'Harmattan/Logiques Sociales, 1999.

OLIVEIRA, Ir. Maria Georgina dos Santos; SOARES, Regina Azevedo; LEITE, Heloisa Seixas. **Dominicanas de Monteils, Província Nossa Senhora do Rosário, Jubileu de Prata – 1970-1995**. Livro Comemorativo. São Paulo, 1997.

OLIVEIRA, Helena Rivelli de; JESUS, Diovana Paula de; BORGES, Eliane Medeiros. **As pesquisas sobre formação de professores nas reuniões nacionais da ANPED: que espaço há para a avaliação?** Revista Docência do Ensino Superior, Belo Horizonte, v. 9, e002550, 2019. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2019.2550> Acesso em 21/08/2019

PAULA, Eustáquio Donizeti de. **O regime militar (1964 – 1980) e o movimento de resistência dos professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino em Uberaba** – MG. 205f. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Uberaba, Uberaba, 2007.

PERRENOUD, P. **Pedagogia diferenciada: das intenções à ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

_____. **A Prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. **La construcción del éxito y del fracaso escolar**. Madrid: Morata, 1996.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.2. n.3, 1989, p.3-15.

RAFFAINI, P. T. **Museu Contemporâneo e os Gabinetes de Curiosidades**. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 3: p. 159-164, 1993.

<https://www.deyrolle.com/histoire/historique-de-la-maison-deyrolle/naissance-lfamille-deyrolle> . Acesso em 15/10/2019

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la langue española**. 22ª Edição. Madri. 2001, versão on line. Disponível em <https://dle.rae.es/?w=archivo&m=form> . Acesso em 12/11/2019

REVEL, Jacques. **Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado**. IN: Revista Brasileira de Educação, v.15 n.45 set/dez. P.434 – 444. 2010.

REVISTA EDUCAÇÃO E FILOSOFIA, v.18 – Número Especial- Maio de 2004. Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Educação, Departamento de Filosofia da Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais e Programas de Pós-Graduação em Educação. p.131.

RICOUER, Paul. Variações de escalas. In: _____. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007, p. 220-227.

ROCHA, Frei Mateus. **Um homem apaixonado pelo absoluto**. Editora: Duas Cidades.1988.

ROCKEFELLER, David. **Memórias**. Rio de Janeiro, Rocco (tradução de Ryta Vinagre). 2003

RUTA, Carlos Rafael. La negación de la Esperanza. Una aproximación al problema del tiempo en Meister Eckhart. In: Aná Mnesis – **Revista semestral de investigación teológica publicada por los frailes dominicos de la provincia de Santiago de México**, VIII – 1997

SAMPAIO, Helena. **Evolução do ensino superior brasileiro, 1808-1990**. Documento de Trabalho, 08/91. Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior da Universidade de São Paulo, 1991. <http://nupps.usp.br> >Acesso em 22/08/2019

SANTOS, Benides. Org. **Puebla- Análise perspectivas, interrogações**. Série – Teologia em diálogo. Estudos. Edições Paulinas, São Paulo, 1979.

SANTOS, Maria de Lourdes Leal dos. **Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino: um marco humanista na história da educação brasileira (1960 - 1980)** / Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia - 2006. 234 p.

SAPIRO, Gisèle. **Bens Simbólicos**. In: CATANI, Afrânio Mendes ...[et al.]. (Orgs.) Vocabulário Bourdieu. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p.57, 2017

SERTILLANGES, Antonin Dalmace. **A Vida Intelectual, seu espírito, suas condições, seus métodos**. Filosofia. 1ª Edição. Editora É Realizações, 2015.

<https://portalconservador.com/livros/A.D.Sertillanges-A-vida-intelectual.pdf> . Acesso 15/10/2019

SILVA, Décio Bragança. **A história viva de Uberaba – pensamento vivo de**. 1ª ed. Uberaba: Editora Vitória, 1994.

SILVA, Washington Abadio da. **A formação de "Bons Cristãos e Virtuosos Cidadãos" na Princesa do Sertão: O Colégio Marista Diocesano de Uberaba (1903-1916)**. 01/05/2004 153 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: Universidade Federal de Uberlândia.

SILVA, Wellington Teodoro da. **O Jornal Brasil, Urgente: experiência de esquerda no catolicismo brasileiro (1963/1964)**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Juiz de Fora- 2008. 344 p. <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/3365> . Acesso em 2/08/2019

SUBRAHMANYAM, Sanjay. A cauda abana o cão: o subimperialismo e o estado da Índia, 1500-1760. In _____. **Comércio e conflito. A presença portuguesa no Golfo de Bengala, 1500- 1700**. Lisboa: Edições 70, 1994, p. 151-173.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O Trabalho docente – Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.
_____. **Saberes docentes e formação profissional**. 10ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

_____. LAHAYE, L. **Esboço de uma problemática do saber docente**. 2001. Teoria e Educação. Porto Alegre, n. 4,p. 215-234.

TOCCO, GUILLELMUS de: **Vita Sancti Thomae Aquinatis**, C.15. Disponível: <https://www.ofielcatolico.com.br/2006/01/notas-biograficas-sobre-santo-tomas-de.html>
Acesso em 20 de agosto de 2019

TORREL, Jean-Pierre. **Iniciação a Santo Tomás de Aquino: sua pessoa e obra**. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2015.

VALLE, Bortolo. (Org) **Reflexões sobre alguns desafios da prática educativa**. CNC Rosário. 1992.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Para uma pedagogia do olhar: os museus escolares no fim do século XIX**. In: Vidal, Diana Gonçalves; Souza, Maria Cecília Cortez (Org.). *A memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 107-116. 1999

VIDAL, Diana Gonçalves. **Museus pedagógicos e escolares: inovação pedagógica e cultura material escolar no Império Brasileiro**. In: ALVES, Claudia; MIGNOT, Ana Chrystina (Org.). *História e historiografia da educação ibero-americana: projetos, sujeitos e práticas*. Rio de Janeiro: Quartet - Faperj - SBHE, p. 197-211. 2012.

VIEIRA, C.; BIAZETTO, F. C. B. **Escola: lugar de discutir religião?** In: Figueiredo, J. (org.), *Nkisi na diáspora*. São Paulo: Acubalin, 2013.

VICENTINI, Paula Perin; LUGLI, Rosário Genta. **História da profissão docente no Brasil: representações em disputa**. São Paulo: Cortez, 2009.

VILLARES, Artur. **As congregações religiosas em Portugal (1901-1926)**. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. Fundação Calouste Gulbenkian; Ministério da Ciência e do Ensino Superior. Porto, Portugal, 2003.

WEINBERG, G. **La Ciencia y la idea de progreso en La América Latina (1860-1930)**. In: SALDAÑA, J.J. (coord.) *Historia social de las ciencias en América Latina*. México: UNAM, p. 346-436. 1979.

WHITE, Victor. *How to study*, 2a. ed., Oxford, Blackfriars, 1949,

XAVIER, Libânia Nacif. **A construção social e histórica da profissão docente uma síntese necessária**. – Revista Brasileira de Educação v. 19 n. 59 out.-dez. 2014 <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v19n59/02.pdf> . Acesso em 22/09/2019

ZULUZAGA, O. (199). **Pedagogia e História**. Anthrópos, Siglo Del Hombre, p.p.25-43.

ZABALA, A. **A Prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICES

E

ANEXOS

APÊNDICE I - LEVANTAMENTO DE TESES E DISSERTAÇÕES - INSTITUIÇÕES CONFESSIONAIS

Consultas feitas à base da CAPES, *Dédalus* (USP), *C@thedra* (UNESP), *Lumen* (PUC/SP), *Acervus* (Unicamp), *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (ANPEd- Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação), *REDE ESTRADO* (Rede Latino-Americana de Estudos sobre o Trabalho Docente), *Cadernos de Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas) e *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (INEP).

Ano	Univers.	Título	Resumo	Observ.
2010	USP	<i>Processo de internacionalização do ens. Superior: estudo de casos múltiplos em um ensino superior confessional internacional.</i>	-Analisa o processo de internacionalização no contexto de instituições confessionais internacionais: motivações, obstáculos, contextos históricos.	EVERSON Muckenber g. Tese de doutorado
2010	Universidade Federal do Ceará	<i>Educar crianças e jovens à luz da fé e cultura: as Instituições Escolares Confessionais católicas na Sociedade Piauiense (1906 a 1973)</i>	História da Educação feminina piauiense, processo de reconfiguração dos papéis sociais, possibilidade de formação intelectual e profissional, manifestaram e produziram estratégias de mudanças na figuração social do Piauí.	SILVA, Samara Mendes Araújo. Doutorado em Educação

2004	UFU	<i>A formação de "Bons Cristãos e Virtuosos Cidadãos" na Princesa do Sertão: O Colégio Marista Diocesano de Uberaba (1903-1916)</i>	História das Instituições Educacionais, com o objetivo geral de conhecer o processo de criação e implantação do Colégio, a partir da confluência de vários fatores: investimento da Igreja Católica na educação, num contexto de longo confronto com as ideias positivistas da República nascente (1889), expressa na Reforma Benjamin Constant (1890), baseada nos princípios da liberdade e da laicidade no ensino.	SILVA, Washington Abadio da Mestrado
2011	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	<i>Relações entre os poderes político e religioso na construção de representações identitárias de instituições</i>	Período: 1995 a 2010 IESCC- 95 instituições mantidas pela Arquidiocese, Ordens, Congregações Católicas de 03 tipos: Pontifícias ou Eclesiásticas, Católicas.	Autora: Ana Maria Carvalho Metzler

		<i>de ensino superior de confessionalidade católica.</i>	Formação humanista e mercado competitivo-ser católico enquanto marca ou como explicitação de uma formação ético-cristã.	
2010	UFP – Pelotas	<i>História da Educação no Rio Grande do Sul, maçonaria e igreja anglicana: algumas imbricações, contradições e paradoxos (1901/1970)</i>	- Atuação conjunta das duas instituições pela educação Laica. Ligações da Igreja Episcopal Anglicana com a Maçonaria.	GUEDES, Berenice Lagos – Doutorado
2010	UFSC	<i>A Educação Católica no Ensino Público em Santa Catarina: Discursos e Acordos entre os Poderes Religioso e Laico. (1930/1937)</i>	- O poder simbólico de Pierre Bourdieu e o conceito de representação de Roger Chartier. Discursos de mobilização de D. Joaquim no jornal” O apostólo”.	NASCI-MENTO, Divino Flávio de Sousa. Mestrado
2010	UFJF- Juiz de Fora	<i>Universitários e religião:</i>	Revisa pesquisas que averiguam “desencantamento do mundo” e de secularização sobre a	SILVA, Gabriel Resgala. Mestrado

		<i>uma revisão bibliográ- fica.</i>	sociedade e indivíduos entre os universitários, investigando aspectos de sua religiosidade.	
2006	UNICAMP	<i>Eurípides Barsaunulfo: um educador espírita na Primeira República.</i>	História da Educação Brasileira, a figura do educador espírita, mineiro (1880/1918), fundador e diretor do Colégio Allan Kardec (Sacramento), primeira escola espírita no Brasil.	BIGHETO, Alessandro César. Mestrado
2000	USP	<i>Educação feminina numa instituição total confession- al católica: Colégio Nossa Senhora do Patrocínio.</i>	Reconstitui- ção dos fatos que deram origem ao Colégio, em Itu, SP, fundado e dirigido pelas Irmãs de São José de Chambéry, primeira instituição confessional católica feminina em São Paulo.	CUNHA, Maria Iza Gerth da. Mestrado
2012	PUC/SP	<i>Estado e Religião: a interferência da crença religiosa nas decisões político-</i>	- A reflexão histórico- filosófica leva à ponderação de que a neutralidade não significa aversão, a	SCALQUE TTE, Rodrigo Armoni. Doutorado em Direito

		<i>legislativas sob uma perspectiva histórico-filosófica.</i>	laicidade do Estado Brasileiro.	
2010	Universidade Federal do Ceará	<i>Ensino Religioso entre catequese e ciências da religião: uma avaliação comparativa do ensino religioso no Brasil e da aprendizagem em inter-religiosa na Alemanha.</i>	O ensino religioso e a formação de seus docentes no Brasil e na Alemanha. Ver- Julgar e Agir o tripé metodológico, com análise da matriz curricular do ER: inter-religioso, teológico e interdisciplinar.	BACKER, Michael Reinhard. Doutorado em educa/
2010	Universidade Federal de São João Del Rei	<i>A educação como propagadora e mantenedora da fé: representações das práticas educativas religiosas nos grupos escolares José Rangel e Delfim Moreira do município de Juiz de Fora - 1945/1960</i>	-Investigar como a Igreja utilizava a educação para difundir seu ideário e quais as estratégias utilizadas pela instituição católica para conseguir a reinserção do ensino de sua doutrina nos currículos oficiais.	.
		<i>Presença da Igreja</i>	Busca a origem da instituição na perspectiva do movimento renovador da	

2010	Universidade Católica de Santos	<i>no Meio Universitário: um estudo sobre a Escola de Jornalismo Jackson Figueiredo 1954/1974</i>	Igreja encetado por D. Leme, arcebispo do RJ (1921-1942). O liberalismo havia desenvolvido uma ótica de secularização anticlerical. D. Leme projeta a Universidade Católica: lideranças católicas, a imprensa católica que cristificariam a nação brasileira.	SILVA, Cláudio Scherer da. Mestrado em Educação
2010	UFMG	<i>De outras terras, nem sempre de outros mares. Experiências de inserção e afirmação de escolas confessionais estrangeiras: católicos e protestantes em Belo Horizonte na primeira metade do século XX.</i>	Duas instituições confessionais: católica e Batista onde foram observadas práticas educacionais, organizacionais, disciplinares entre elas; diferentes experiências com a reconstrução histórica, conflitos de ordem social e religiosa.	SANTOS, Hercules Pimenta dos. Mestrado
		<i>Educação e modernidade</i>	Análise do discurso	

2005	UFP - Paraná	<i>de: nas conferências as educacionais da década de 1920 no Paraná.</i>	modernidade nas teses do congresso de ensino primário e normal (Curitiba-1926) com o propósito de entender sua relação com a educação em 1920. Teoria de Michel Foucault.	BONA JÚNIOR, Aurélio. Mestrado em Educação.
2012	Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho	<i>O relativismo do pensamento o pós-moderno como legitimação para o ensino religioso na escola pública brasileira.</i>	Um estudo na perspectiva do materialismo histórico-dialético, como referenciais a autores marxistas da história humana.	DERISSO, José Luis. Doutorado em Educação
2012	Centro Universitário La Salle	<i>As políticas educacionais e o currículo a partir do ensino religioso.</i>	Analisar o processo histórico da Educação Brasileira nas políticas educacionais a partir do ER à luz da laicidade. As relações Igreja-Estado, as propostas curriculares do ER nos Estados de Santa Catarina e Goiás.	FUCHS, Henri Luiz. Mestrado
		<i>Coerências e ambivalências</i>	Analisa modelos e práticas do ER	ELEUTÉRIO, Sidney Cristóvão.

2012	PUC – São Paulo	<i>ias no ensino religioso escolar: um estudo do lugar do ensino religioso no projeto pedagógico de duas escolas distintas: Colégio Municipal Ana Elisa Lisboa Gregori e Colégio Franciscano São Miguel Arcanjo.</i>	nas duas escolas: a presença do ER na legislação e Constituições brasileira, identificação dos conflitos.	Mestrado Ciências da Religião
2012	FIB	<i>Laicidade e exercício da Liberdade Religiosa: previsibilidade nos sistemas internacional e constitucional de proteção e implicações da pluralidade religiosa no Brasil.</i>	A secularização X liberdade religiosa. Ao assumir-se laico, um Estado assume-se não confessional; esta secularização constitucionalizada, no Brasil, exprime o reconhecimento e a possibilidade de abertura a todas as crenças religiosas.	MOREZ, Francieli. Mestrado em Direito
		<i>O ensino religioso no ensino superior da</i>	Uma pesquisa bibliográfico-documental sobre a gênese	CARVALHO, Francisco

2012	PUC/SP	<i>educação adventista: presença e impasses.</i>	da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a pedagogia adventista, com propósitos evangelizadores, formação catequética/doutrinação na construção curricular.	Luiz Gomes de. Mestrado
2012	PUC/ Rio Grande do Sul	<i>Laicidade na relação Igreja-Estado e o acordo Brasil Santa Sé.</i>	O Vaticano II reafirmou a primazia da Igreja, reconheceu a liberdade religiosa como direito integrante da dignidade humana.	ALBERTO N, Genaceia da Silva. Mestrado em Teologia.
2014	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	<i>Religiosidade na escola: afirmações e silenciamentos.</i>	Busca compreender os espaços que diferentes manifestações religiosas ocupam no ambiente escolar; disputas hegemônicas, práticas de afirmação e silenciamentos.	GOMES, U.B. Mestrado em educação, cultura e comunicação em Periferias Urbanas.
2012	Faculdade Unida de Vitória -	<i>Monsenhor Alonso: um pioneiro no Ensino Religioso do Estado do Espírito Santo.</i>	Com a metodologia da História Oral, entende-se o pioneirismo de Monsenhor Alonso no Ensino Religioso. Influenciou a	RUBIM, Carlos Alexandre Silva. Mestrado

			LDB, Artigo 33 da Lei 9394.	
2015	FEUSP	<i>A presença oculta da religiosidade na prática docente,</i>	Identificação e análise da presença da religiosidade na escola pública a partir da observação de estratégias e mecanismos difusos.	VALENTE, Gabriela Abuhab. Mestrado
2012	Universidade Federal da Paraíba	<i>Ensino Religioso, representações sociais e formação docente: implicações sobre o processo de atuação do professor de ensino religioso.</i>	Aborda-se as representações sociais sobre formação docente e sua importância para uma prática no Ensino Religioso, sua trajetória histórica.	ANDRAD E, Girleine de Melo. Mestrado
FORMAÇÃO E HISTÓRIA DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS				
Ano	Univers.	Título	Resumo	Observ.
2013	USP	<i>Possibilidades e limites do PAE para a formação pedagógica do professor universitário.</i>	Compreender os elementos formativos do PAE/FEUSP, pesquisa de análise de 47 relatórios de estagiários.	ASSUNÇÃO, C.G. Dissertação
		<i>Grupo Escolar Mendes</i>	Análise política de	

2011	UFGD- Dourados	<i>Gonçalves: vicissitudes no processo de escolarização republicana na fronteira Brasil - Paraguai (1889/1931)</i>	implantação da instituição, as práticas cotidianas, princípios nacionalistas, laicidade.	TREVIZA N, Márcio Bogaz - Mestrado
2009	COOPPE/ UFRJ	<i>A gestão estratégica em uma universidade privada confession al: compreendendo se e como as intenções transformam-se em ações estratégicas.</i>	As Instituições de Ensino Superior (IES) não fazem uso da implementação de estratégias, as tentativas são questionáveis segundo a pesquisa bibliográfica. O contexto competitivo tornou-se acirrado.	LACERDA, Daniel Pacheco. Doutorado
2014	FEUSP	<i>A Pedagogia Universitária e suas relações com as políticas institucionais para a formação de professores da Educação Superior.</i>	Observa como o campo de conhecimento da Pedagogia Universitária se constitui e se relaciona; estuda a relação entre a formação e o desenvolvimento profissional docente, as motivações e legitimidades que levam as instituições a	TORRES, Alda Roberta. Doutorado em Educação.

			oferecer esses programas e espaços formativos.	
2003	FEUSP	Docência na Universidade: professores inovadores na USP.	Pesquisa com um grupo de professores da USP com o objetivo de procurar subsídios para a formação do professor universitário	CHAMLIAN, Helena Coharik
2013	FEUSP	<i>A pedagogia universitária nas propostas inovadoras de universidades brasileiras: Por uma cultura da docência e construção da identidade docente.</i>	A formação pedagógica do professor universitário, a constituição da identidade docente, e proposta inovadoras em 2 universidades: USP Leste e UFPR Litoral. A necessidade de aproximação da teoria/prática no que se refere à inovação.	COUTO, Lígia Paula. Doutorado
2015	FEUSP	<i>Decifra-me! Não me devore! Gênero e sexualidade e nas tramas das lembranças e nas práticas escolares.</i>	Analisa o lugar que ocupam as questões de gênero e da sexualidade na trajetória pessoal, profissional e nas práticas escolares dos docentes egressos/as do Curso Gênero e Diversidade	SILVA, Sirlene Mota Pinheiro da. Tese de doutorado

			na Escola (GDE) no estado do Maranhão. UFMA.	
2006	FEUSP	<i>Saberes em viagem nos manuais pedagógicos: construção da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970)</i>	Os manuais pedagógicos: questões relativas ao ofício de ensinar. Leituras para professores fundamentaram os modos pelos quais a escola foi concebida, o papel do professor, a estrutura organizacional da escola, as tarefas do aluno e os métodos para conduzir a aula. Produziram saberes e colaboraram para difundir o modelo de escolarização entre os professores.	SILVA, Vivian Batista da. Tese de doutorado
2012	FEUSP	<i>A formação do trabalho docente: um estudo das teorizações acerca das dimensões pessoais no exercício da profissão.</i>	Objetivou-se a estudar a produção e circulação das obras voltadas a professores da autoria de Augusto Cury e Gabriel Chalita, a posição dos autores no campo intelectual e	SILVA, Juliana de Souza. Dissertação de Mestrado

			educacional, conhecer as modalidades de apropriação das leituras destes autores.	
2011	FEUSP	<i>Do controle das paixões à maestria de si: um estudo acerca das práticas e das representações de moralização na escola pública paulista (1948-1978)</i>	Compreender a perspectiva sócio-histórica como foram configuradas e mobilizadas as práticas e representações de moralização na escola pública paulista em um período que compreende a democratização das oportunidades de educação e que alterou o modelo de escola que era mantido desde a época republicana.	SILVA, Katiene Nogueira da. Tese de Doutorado
2009	FEUSP	<i>Formas de escolarização secundária e sócio gênese de uma instituição escolar: o Ginásio Ruy Barbosa em Juazeiro –</i>	Analisa a história das relações sociais, culturais e políticas que condicionaram o processo de criação, instalação e desenvolvimento do Ginásio.	RODRIGUES, José Roberto Gomes Tese de doutorado

		BA (1953-1963)		
2011	FEUSP	<i>Um professor em dois mundos: a viagem do professor Luiz Augusto dos Reis à Europa (1891)</i>	Um mapeamento da viagem do professor primário, percurso e representações da cultura escolar estrangeira e brasileira que nos remeteram às questões no processo de escolarização, ligações históricas, usos dos modelos pedagógicos: mobílias escolares, projetos e os manuais de Portugal e Brasil.	PINTO, Inára de Almeida Garcia.
2000	FEUSP	<i>A reestruturação da educação superior no Brasil e o processo de metamorfose das universidades federais: o caso da Universidade de Federal de Goiás (UFG).</i>	Examina como se equaciona a questão da natureza, da identidade e do papel da UFG no quadro das atuais políticas de educação superior e das tensões e desafios: flexibilidade, competitividade e avaliação.	OLIVEIRA, João Ferreira de. Doutorado

2008	FEUSP	A expansão da educação superior rumo à expansão do capital: interface com a educação a distância.	Investiga a implantação da educação superior na modalidade de educação a distância no Brasil, sua expansão, planejamento, reestruturação do setor produtivo capitalista. Interesses voltados para o comércio internacional e privatização da educação.	SANTOS, Catarina de Almeida. Tese de doutorado
2007	FEUSP	Transformações na educação superior brasileira: presença e participação dos centros universitários do estado de São Paulo (1997-2006)	Estudo de caso: os centros universitários fazem parte de uma estratégia governamental da qual os centros representariam uma estratégia de atendimento da demanda por um ensino superior das massas e de caráter técnico-profissionalizante.	SANTOS, José Eduardo de Oliveira. Tese de doutorado
2011	FEUSP	<i>Um professor em dois mundos: a viagem do</i>	Um mapeamento da viagem do professor primário, percurso e	PINTO, Inára de Almeida Garcia.

		<i>professor Luiz Augusto dos Reis `a Europa (1891)</i>	representações da cultura escolar estrangeira e brasileira que nos remeteram às questões no processo de escolarização, ligações históricas, usos dos modelos pedagógicos: mobílias escolares, projetos e os manuais de Portugal e Brasil.	
2000	FEUSP	<i>A reestruturação da educação superior no Brasil e o processo de metamorfose das universidades federais: o caso da Universidade Federal de Goiás (UFG).</i>	Examina como se equaciona a questão da natureza, da identidade e do papel da UFG no quadro das atuais políticas de educação superior e das tensões e desafios: flexibilidade, competitividade e avaliação.	OLIVEIRA, João Ferreira de. Doutorado
2008	FEUSP	A expansão da educação superior rumo à expansão do capital: interface com a	Investiga a implantação da educação superior na modalidade de educação a distância no Brasil, sua expansão,	SANTOS, Catarina de Almeida. Tese de doutorado

		educação a distância.	planejamento, reestruturação do setor produtivo capitalista. Interesses voltados pra o comércio internacional e privatização da educação.	
2007	FEUSP	Transformações na educação superior brasileira: presença e participação dos centros universitários do estado de São Paulo (1997-2006)	Estudo de caso: os centros universitários fazem parte de uma estratégia governamental da qual os centros representariam uma estratégia de atendimento da demanda por um ensino superior das massas e de caráter técnico-profissionalizante.	SANTOS, José Eduardo de Oliveira. Tese de doutorado
2013	PUC Paraná	Docência universitária: relato de experiência com professores participantes de um programa institucional de formação pedagógica.	Descreve e analisa a experiência desenvolvida na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná com professores de graduação acerca das ações institucionais de natureza pedagógica, viabilizadas	ALTHAU S, Maiza Taques Margafi. Doutorado

			pelo Programa de formação para a docência no ensino superior.	
2013	FEUSP	Espaço formativo da docência do ensino superior: um estudo a partir do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE) da Universidade de São Paulo.	PAE: duas etapas: Preparação Pedagógica e Estágio Supervisionado em Docência. Investigar se o Programa tem-se constituído um espaço formativo para a docência no ensino superior.	CONTE, K.M. Doutorado
2012	Universidade Federal da Bahia	<i>Investigando o Culturas Escolares: a disciplina de Ciências em instituições escolares de Senhor do Bonfim/BA (1951-1975)</i>	Movimentos reformadores de ensino e políticas de modernização presentes na formação de professores de Ciências, ações de divulgação científica e produção de materiais pedagógicos.	SHAW, Gisele Lemos. Mestrado
	UFRJ	<i>A enfermagem e a aliança da igreja com o estado: escola de enfermeira Luiza de Marillac.</i>	Estudo histórico-social que tem como objeto as lutas das enfermeiras católicas por melhores posições no campo da educação e da	OLIVEIRA, Tatiana de (Dissert.)

			prática da enfermagem no Brasil. Recorte temporal: 1944- 1956.	
2015	USP	<i>Movimento estudantil e ensino superior no Brasil: a reforma universitária a no centro da luta política estudantil nos anos 60</i>	Esta pesquisa pretende demonstrar que a reforma universitária não só nasceu nos meios estudantis como foi a luta prioritária dos estudantes durante os anos 60.	SANTANA, Flavia de Angelis Doutorado
2014	UNIVERS. ESTADUAL DE CAMPINAS	<i>As noites da ditadura e os dias de utopia... O exílio, a educação e os percursos de Elza Freire nos anos de 1964 a 1979</i>	O trabalho analisa o exílio como consequência do terrorismo de Estado a partir do golpe civil militar de 1964 que depôs o Governo Goulart e instaurou a ditadura no Brasil. Sua caracterização se dá com a descrição, análise e interpretação dos percursos de Elza Freire entrelaçados ao de Paulo Freire seu esposo e seus filhos. O recorte vai entre 1964/1979.	SPIGOLON, Nilma Imaculada Tese

2017	UFG	<i>ESTADO DA ARTE DA LEITURA NO BRASIL: 2010 a 2015</i>	A busca na Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) resultou em um total de 438 produções sobre leitura, sendo 317 dissertações mestrado e 121 teses de doutorado. Os resultados apontaram que, para reflexões e discussões sobre leitura, as principais fundamentações teóricas se embasaram na perspectiva sociointeracionista de aprendizagem e abordagem histórico-cultural, da psicologia do desenvolvimento cognitivo de Vygotsky (1998, 2001, 2004)	SILVA, Gislene De Sousa Oliveira Disser. de Mestrado
2002	USP	<i>História da profissão docente no Brasil: representações em disputa.</i>	Procuram destacar o percurso da constituição da profissão docente enfatizando a ideia de que a profissionalização não se produz de	LUGLI, Rosário Genta. Tese - doutorado

			forma interna, mas enraizada no contexto e nos sujeitos-atores envolvidos nas relações de produção e manutenção da ordem social.	
<p align="center">TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS CATÓLICAS</p>				
Ano	Univers.	Título	Resumo	Observ.
2002	UFSC	<i>A Sociologia Espiritualista na formação dos professores em Santa Catarina nas décadas de 1930 e 1940.</i>	A sociologia espiritualista ou cristã, escritas por intelectuais como Alceu Amoroso Lima assim como o conteúdo da revista <i>Pétalas</i> (editada por aquele curso) e a existência do Clube de Sociologia Tristão de Ataíde(pseudônimo de Amoroso Lima) revelam a reação católica à sociologia ('cientificista' e 'naturalista').	DAROS, Maria das Dores Mestrado
2002	UFSC	<i>O discurso católico em</i>	Sobre o enfoque da teoria do	CASPARY, Alceu

		<i>Santa Catarina no período de 1960/1964 e sua relação com a legitimação do golpe de Estado</i>	discurso, a participação da Igreja Católica em Santa Catarina durante o processo político do período 1960/1964, dando ênfase aos discursos da hierarquia eclesiástica dentro dos princípios da romanização.	
2016	UFRJ	<i>PROFISSÃO, CARIDADE E FÉ: Trajetórias profissionais de professores em um contexto escolar filantrópico e o confessional em Teresina-Piauí (1957-2003)</i>	Este estudo debruçou-se sob os questionamentos em relação à constituição da identidade docente a partir da análise do lugar dos espaços institucionais, dos repertórios formativos/legais e seus modos de apropriação e recriação, das experiências subjetivas e das ações coletivas mobilizadas na fabricação da identidade de professores.	GONDINHO, Marta Rochelly Ribeiro Doutorado
			A pesquisa também teve	

2018	UFU	<i>O Orfanato Santo Eduardo e a assistência às crianças pobres em Uberaba – MG (1920 – 1964)</i>	como objetivo investigar a gênese e a trajetória das instituições criadas para dar assistência a essas crianças, com destaque para o Orfanato Santo Eduardo, criado em 1920 e existente ainda nos dias atuais. O recorte temporal estabelecido compreende o período de 1920, ano de instalação do Orfanato, a 1964, quando a política de assistência à infância no Brasil adquire novos desdobramentos com a criação da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor.	SOUZA, Marilsa Aparecida Alberto Assis Doutorado
1989	PUC/SP	<i>Universidade católica no Brasil: elite intelectual para a restauração da igreja.</i>	O presente estudo recupera as origens do projeto de criação das Universidades Católicas, no contexto do amplo	CASALIO, Alipio Marcio Dias Doutorado

			<p>programa de restauração da Igreja no Brasil, sob a liderança do Cardeal do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme (1921-1942). A principal conclusão deste estudo foi a do caráter elitista e reformista do projeto de formação de elites intelectuais católicas laicas.</p>	
<p>INSTITUIÇÕES CATÓLICAS – FORMAÇÃO DOMINICANA</p>				
2014	Univers. Estad. Mato Grosso do Sul	<p><i>Educação católica e presença dominicana em Goiás (GO): a cultura escolar no Colégio Sant'Anna (1940-1960)</i></p>	<p>A pesquisa teve como foco, o Colégio Sant'Anna, primeira instituição de ensino confessional direcionada à formação da juventude feminina na Cidade de Goiás/GO. Objetiva-se, com este estudo, examinar a presença da Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa</p>	<p>CAMARGO, Kenia Guimaraes Furquim</p> <p>Dissertação de Mestrado</p>

			Senhora do Rosário de Monteils em terras goianas, assim como pesquisar a gênese e história dessa instituição, como também a cultura escolar presente nas relações docentes e pedagógicas.	
2002	PUC/SP	<i>A atuação Política da Ordem Dominicana na Cidade de São Paulo no Período de 1963 a 1973.</i>	Este trabalho compreende a participação dos jovens dominicanos de formação francesa na década de 60 no campo político e social na cidade de São Paulo. Esses religiosos tiveram como preocupação principal o cumprimento das determinações das encíclicas papais, do Concílio Vaticano II e mais tarde a Conferencia de Medellin.	MAGALHÃES, Mariza Catarina Mestrado
		<i>Ação Pastoral</i>	Esta dissertação trata da inserção de	ALVES, Luís Antônio

2008	C.UNIV. ASSUN-CÃO- SP	<i>das Irmãs Dominicanas em Salto da Divisa, MG, de 1993-2005</i>	uma comunidade de irmãs dominicanas, em Salto da Divisa, Minas Gerais, no período de 1993 a 2005, com o objetivo de estar mais próxima do povo, de seus problemas e aspirações. Dentre os sinais de mudança, certamente, podemos citar o crescimento da consciência religiosa, uma espiritualidade e marcada pelo agir eclesial, a construção de casas em mutirão, a formação de grupo de direitos humanos, a criação de uma rádio comunitária, na defesa e proteção do meio ambiente e a luta por indenização.	Mestrado Irmãs da Congregaç ão Romanas
2007	UNICAMP	<i>A “Ação Católica” e a Ação Popular</i>	Este texto busca analisar a construção e performance da “esquerda católica” e da	GAVIÃO, Fábio Pires Mestrado

		<i>(AP) nas lutas pelas reformas sociais (1960-1965)</i>	organização Ação Popular (AP) na luta pelas reformas sociais no Brasil no período de 1960 a 1965; dentro do contexto político que vai do final do governo JK ao Golpe de 1964.	
2003	USP	<i>Frades dominicanos de Perdizes: movimento de prática política nos anos de 1960 no Brasil</i>	A longa presença da Igreja Católica no Brasil foi marcada pelo permanente contato com as instâncias de poder do Estado. Lado a lado ou em campos opostos, mas sempre na condição de forças que se influenciaram mutuamente, essa relação encerra parte importante da história nacional. Esta pesquisa buscou apreender elementos políticos e religiosos que teriam causado atritos entre Estado/Igreja	SOUZA, Admar Mendes de Mestrado

			no período de 1954 a 1974. Partiu-se da concepção de que os discursos e as práticas de uma parte do catolicismo nacional em busca de uma reformulação econômica da sociedade, então fundamentada na lógica capitalista, seriam uma das causas dessas contradições.	
2012	Univers. Estadual de Maringá	<i>Frei Boaventura Kloppenburg e o Concílio Vaticano II na Revista Eclesiástica Brasileira (1959-1971)</i>	Frei Boaventura Kloppenburg foi um dos principais divulgadores do Concílio Vaticano II (1962-1965) no Brasil e seu trabalho na Revista Eclesiástica Brasileira tem papel determinante para a compreensão da recepção daquele evento em nosso país.	SCHLENKER, Rodrigo. Mestrado
2011	USP		O presente estudo pretende analisar de	FEIJÓ, Sara Carolina Duarte

		<i>Memória da resistência à ditadura: uma análise do filme Batismo de Sangue</i>	que forma o filme Batismo de Sangue (2006), do cineasta Helvécio Ratton, contribui para retomar e ampliar a memória sobre a oposição à ditadura militar desempenhada pelos frades dominicanos do convento de Perdizes, em São Paulo, nas décadas de 1960 e 1970. Nosso objetivo é explicar qual o papel dos chamados frades pregadores naquele período e como eles se envolveram com o líder comunista Carlos Marighella (1911-1969), criador da Ação Libertadora Nacional (ALN).	Mestrado
1996	UFG	<i>Os Dominicanos em Goiás e Tocantins</i>	Este estudo apresenta o trabalho missionário da Ordem dos	SANTOS, EDIVALDO O ANTÔNIO DOS

		<i>1881-1930: fundação e consolidação da Missão Dominicana no Brasil</i>	<p>Frades Pregadores (dominicanos) realizado em Goiás e Tocantins no período de 1881 a 1930, descrevendo a sua trajetória no Brasil Central e procurando aprofundar o significado apostólico e cultural de sua presença entre os índios e os sertanejos. Procura mostrar a contribuição dos dominicanos para a sociedade goiana, a relação dos frades dominicanos com o Movimento de Romanização da Igreja no Brasil e a evangelização pacífica desenvolvida por eles.</p>	Mestrado
2014	UFRJ		<p>Esta tese é uma análise comparativa da idealização, construção e repercussão de dois espaços</p>	<p>OLIVEIRA, Paola Lins de</p> <p>Tese</p>

		<p><i>Igrejinha da Pampulha, Capela do Rosário de Vence, controversi a pública, arte religiosa, arquitetura religiosa, obras-lugares.</i></p>	<p>religiosos: a Igreja de São Francisco de Assis da Pampulha, localizada na cidade de Belo Horizonte, capital do estado brasileiro de Minas Gerais; e a Capela de Nossa Senhora do Rosário, situada na cidade francesa de Vence, na região dos Alpes Marítimos. A Capela do Rosário, por sua vez, nasce no final da década de 1940 da parceria entre o frei dominicano Rayssiguier e o artista plástico Henri Matisse engajados na elaboração de um projeto inovador de edificação religiosa destinado ao Convento das Irmãs Dominicanas de Vence. Trata-se portanto de cotejar casos</p>	
--	--	---	--	--

			concretos nos quais está em jogo o tensionamento constante do paradigma moderno de separação e autonomia das instâncias religiosas, artísticas e políticas.	
2008	PUC Minas	<i>O Jornal Brasil, Urgente: experiência de esquerda no catolicismo brasileiro (1963/1964)</i>	Procura-se recriar a identidade de combate que o jornal possuía; suas estratégias de discurso, envolvimento do período político, compreensão religiosa cristã que elaborava acerca da política, da mudança social e da revolução.	SILVA, Wellington Teodoro da Tese de doutorado
TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE A FISTA – CNSD – DOMINICANAS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE MONTEILS				
Ano	Univers.	Título	Resumo	Obser.
2000	UFU	<i>A criação e a consolidação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo</i>	Pesquisa sobre a gênese das licenciaturas em Uberaba, propiciadas por uma instituição de ensino superior, de	Sebastião Jose de Oliveira Mestrado

		<i>Tomás de Aquino, em Uberaba, Minas Gerais: uma experiência singular da congregação dominicana no Brasil (1948-1961).</i>	caráter confessional católico dirigida pelas Irmãs Dominicanas. Constatou-se a importância do Instituto Superior de Cultura, criado em 1944 por um grupo de intelectuais, liderados por Monsenhor Juvenal Arduini, com o apoio do Bispo Diocesano Dom Alexandre Gonçalves do Amaral.	
2014	UFTM	<i>História da disciplina acadêmica Geografia em Uberaba (MG): a contribuição do relato oral da professora pioneira na formação de professores de Geografia na região do Triângulo Mineiro.</i>	FISTA: reflexão histórica da disciplina a partir do relato biográfico de Ir. Loreto Gerbrim – diretora da FISTA em 1948 e primeira professora de Geografia do ensino superior na região, fonte de cultura de saberes e práticas educativas.	MENON, Mariana Bernardo.

2016	UNIUBE	<p>A <i>Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras São Tomás de Aquino - FISTA e o curso de pedagogia em Uberaba, MG (1949-1955): história, educação e contextualização.</i></p>	<p>Objetivando pesquisar as razões da criação de um curso de Pedagogia na cidade de Uberaba/MG, trata-se de verificar se a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras era parte de um projeto nacional católico, bem como verificar os determinantes sociais, políticos e econômicos e de ordem institucional assumido pelas Dominicanas, além de indagar se atendeu a lógica das Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, ou se conseguiu ser uma proposta diferenciada à época.</p>	CARVALHO, Gleicimar Barcelos
2007	UNIUBE	<p><i>Regime militar, resistência e formação</i></p>	<p>Este estudo objetivou compreender e analisar como ocorreu a interferência do regime militar</p>	PAULA,

		<p><i>de professores na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino em Uberaba/MG (1964 - 1980)</i></p>	<p>brasileiro sobre o processo de formação de professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, FAFI/FISTA em Uberaba/MG, no período de 1964 a 1980, quando foi encampada pela FIUBE/UNIUBE. Durante sua existência, essa instituição confessional tornou-se referência regional na formação de professores, daí, o objeto dessa pesquisa se pautar na formação de professores da FISTA durante o regime militar.</p>	<p>Eustáquio Donizetti de</p>
2010	USP- Ribeirão Preto	<p><i>O ensino superior de enfermagem no município de Uberaba, MG: raízes da</i></p>	<p>Investigação histórico-social da institucionalização do ensino de enfermagem em Uberaba, de 1948 a 1970, sobre a</p>	<p>MELLO, Florêncio, Thaísa de</p> <p>Mestrado em Enfermagem</p>

		<i>institucionalização'</i>	origem e implantação da Escola de Enfermagem Frei Eugênio de nível superior. A atuação das Irmãs Dominicanas foi primordial, o campo simbólico, o aporte teórico de Karl Marx e Pierre Bourdieu.	
2013	PUC Goiás	<i>Carisma Dominican o e o processo educativo no Colégio Externato São José.</i>	O histórico da Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils e de sua atuação no contexto educacional, assim como a contextualização da educação católica no Brasil, em especial, a prática educativa do Colégio Externato São José, escola confessional católica da Congregação.	BARBOS A, Sandra Melo Mestrado
2004	UEP Júlio Mesquita Filho de Araraquara	<i>Educação secundária feminina em Goiás: intramuros</i>	Este artigo tem como objetivo destacar a expansão do	GONÇALVES, Ana Maria

		<i>de uma escola Católica (Colégio Sant"Ana - 1945/1937)</i>	ensino secundário em Goiás, no período de 1889 a 1945, através da organização de uma rede de escolas confessionais católicas. O Legado Educacional do Catolicismo em Goiás (1889/1957), que tem como objetivo mapear o processo de criação de uma rede de escolas católicas no estado, como parte do projeto católico ultramontano.	Doutorado
2002	UFU	<i>Por trás dos muros escolares: luzes e sombras na educação feminina (Colégio Nossa Senhora das Dores - Uberaba, 1940-1960)</i>	A história da educação feminina do Colégio NSD de Uberaba nos anos de 1940 a 1966, focalizando a instituição escolar como espaço de formação das alunas. Trata-se de uma reflexão sobre o ensino confessional católico	MELO, Moura, Geovana Ferreira de Mestrado

			oferecido pelas Irmãs Dominicanas.	
2008	UCG	<i>O Sagrado Coração de Porto Nacional</i>	Na cidade de Porto Nacional (TO) pelas lentes da memória de seus moradores sobre o Colégio Sagrado Coração de Jesus, fundado por irmãs dominicanas francesas em 1904. A chegada das religiosas, representantes do discurso sobre a civilização, pode ser interpretada como uma tentativa de domesticação do sertão. Os significados da memória coletiva são referências construídas e reforçadas, caracterizando um processo de constituição e afirmação de identidade.	BARROS, Mariana Sardinha Mestrado
2004	USP	<i>O ensino de arte na educação</i>	Esta pesquisa tem por objetivo	MELO, Roberta Maira de.

		<i>feminina no Colégio Nossa Senhora das Dores (1885-1973)</i>	verificar o modelo de ensino de arte na educação feminina no Colégio Nossa Senhora das Dores (CNSD), no período de 1885 a 1973, e contribui para a História do Ensino de Artes Plásticas no Brasil. O ensino de arte recebeu influências das correntesistas e liberalistas, de educadores e pesquisadores como Comenius, Pestalozzi, Dewey, Montessori, Anísio Teixeira e Perrelet.	Mestrado
2010	UFG	<i>Pobres, Doentes E Desvalidos : O Asilo São Vicente de Paulo na cidade de Goiás (1909-1935)</i>	O Asilo São Vicente de Paulo foi inaugurado em 1909, na Cidade de Goiás, construído por iniciativa dos confrades da Sociedade São Vicente de Paulo, a qual foi criada na França na	SOUZA, Rildo Bento de Mestrado

			<p>primeira metade do século XIX, por Frederico de Ozanam. Sob a direção interna das Irmãs Dominicanas, o asilo se tornou um espaço sagrado. Nosso objetivo é compreender o que representou o asilo para os três grupos diretamente envolvidos a ele, a saber: os Vicentinos, os Desvalidos e as Irmãs Dominicanas. Restringindo a análise aos espaços destinados a esses grupos, pretende-se analisar os reais interesses que estão por detrás da construção do Asilo São Vicente de Paulo.</p>	

TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE A IMPRENSA UBERABENSE

2018	UNESP	<i>O regime militar na perspectiva do jornal Lavoura e Comércio de Uberaba (1964-1968)</i>	O presente trabalho objetiva investigar se, durante o período 1964-1968, o periódico uberabense Lavoura e Comércio configurou-se como difusor da legitimidade do Estado arbitrário. Destarte, a pesquisa procura, também, compreender como se desenvolveram as relações de poder entre o regime militar e a imprensa, num período em que o modelo político exaltava as realizações do governo ditatorial para buscar legitimidade, ao mesmo	PAULA, Eustáquio Donizetti de Doutorado
------	-------	--	---	--

			tempo em que censurava os opositores e impedia a crítica dos cidadãos..	
TESE SOBRE A HISTÓRIA DA IGREJA CATÓLICA – (1960-1980)				
Ano	Univers.	Título	Resumo	Obser.
2012	USP	Contribuições da doutrina social católica ao mundo do trabalho: Brasil 1937-1967	A pesquisa em documentos elaborados por católicos sob o influxo da doutrina social teve por objetivo reconhecer as ações desses atores sociais no mundo do trabalho no Brasil.	CITINO, Adriana Gilioli Doutorado
ARTIGO REFERENTE À FORMAÇÃO DE PROFESSORES				
15/ 12/ 2015	UFRJ	<i>Ensino de história da educação nas universidades estaduais do Paraná: institucionalização, saberes e agentes (1962-1998)</i>	O problema da constituição histórica da disciplina História da Educação configurou a arquitetura do trabalho de tese, que assumiu a experiência particular de organização da disciplina História da Educação na Universidade Estadual de Londrina,	FAVARO, Marta Regina Gimenez Doutorado

			entre 1962 e 1998, assumida aqui, como referência para uma análise local e geral desse dispositivo no campo da Historiografia da Educação.	
TESE SOBRE HUMANISMO CRISTÃO – CURRÍCULO HUMANISTA				
Ano	Univers.	Título	Resumo	Observ.
2014	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca.	<i>Tentativa católica de modernidade: o conceito de pessoa humana e sua realização histórica (1960-1980).</i>	Procura demonstrar como a Doutrina Social da Igreja (DSI) firmou, entre os anos de 1960 e 1980, o seu conceito de pessoa humana. No Brasil, o conceito de pessoa humana expresso no ensino social católico se incorporou e orientou a prática do laicato católico e de setores da hierarquia eclesiástica, progressistas, em dois momentos distintos das	COSTA, Lucas Aparecido. Tese de doutorado

			décadas de 1960 e 1970. A existência da Juventude Universitária Católica (JUC) e do movimento social e semanário Brasil, Urgente (1961-1964), os quais, objetivando justificar suas opções políticas, lançaram mão de preceitos originários do catolicismo social – referência seja feita à contribuição de L. J. Lebreton, E. Mounier e, sobretudo, Jacques Maritain.	
ANPED – FORMAÇÃO DE PROFESSORES				
Ano	Univers.	Título	Resumo	Observ.
	UNILESTE MG	<i>Processos constitutivos da formação docente no ensino superior: um estudo de diferentes</i>	Este estudo aborda os professores do ensino superior acerca dos processos constitutivos da formação docente. Parte	SILVA, Maria Aparecida de Souza

		<p><i>dimensões da formação do professor.</i></p> <p>31^a Reunião Anual da ANPED</p>	<p>do pressuposto de que os atores sociais fazem apropriações das experiências vividas ao longo de sua trajetória de vida. Para investigar essas apropriações, enfatizou-se a análise de processos formativos vividos por nove professores do curso de Administração de Empresas, com diferentes tempos de experiência na docência e na área de formação, que atuam no Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, uma instituição da rede privada de ensino.</p>	
	FACSUL/ CESUR	<p><i>A planificação o docente no ensino superior:</i></p>	<p>O foco deste estudo centrou-se na hipótese de que a preparação do</p>	<p>MARTINS , Rosana Maria</p>

		<p><i>um estudo de caso.</i></p> <p>29ª Reunião Anual da ANPEd</p>	<p>docente para o ensino superior – restrita em nível de pós-graduação strictu sensu, conforme a LDB 9394/96 – prioriza a área específica do campo de atuação do profissional. Tal procedimento legal demonstra a falta de interesse e compromisso com a formação pedagógica, principalmente, do professor bacharel, como, também, influencia no desenvolvimento do plano de ensino.</p>	
	UEFS–NEPPU	<p><i>Profissionalidade docente: uma análise a partir das relações entre os professores e o contexto de trabalho no ensino superior.</i></p>	<p>Realizou-se uma investigação qualitativa com 15 professores que atuam em cursos de Medicina e Odontologia em uma universidade pública baiana. A coleta foi</p>	<p>Amali de Angelis Mussi – Elisa Carneiro Santos de Almeida</p>

		<p>37^a <i>Reunião Nacional da ANPED</i></p>	<p>realizada pela aplicação de questionários e casos de ensino e os dados apreendidos foram organizados com base nos descritores de profissionalidade definidos por Roldão (2005): especificidade da função, saberes específicos, poder de decisão e sentimento de pertença a um corpo coletivo. A análise indicou que a profissionalidade docente é resultante de um movimento dinâmico e complexo entre os saberes específicos e a ação dos professores, individual e coletiva, na condução de suas práticas laborais e as disposições dos contextos das instituições de ensino superior em</p>	
--	--	---	---	--

			que essas práticas se materializam.	
	FEUSP e IFSP - Campus Itapetininga	<p><i>A pedagogia universitária e suas relações com as instituições de Educação Superior: implicações da formação para a docência universitária.</i></p> <p>36ª Reunião Nacional da ANPEd</p>	<p>Objetivos específicos: analisar as concepções de formação que estão subjacentes aos programas de formação dos professores universitários vivenciados pelas instituições de Educação Superior; compreender os movimentos em curso em torno da Pedagogia Universitária, especialmente aqueles que se desenvolvem em espaços formais; estudar as motivações que levam as instituições a oferecer os programas de formação aos seus professores.</p>	Alda Roberta Torres –
	UNISINOS		O objeto de nosso estudo é	

		<p><i>Movimento social e escola no Rio Grande do Sul: um estudo no campo da história das instituições educativas</i></p> <p>29^a Reunião Anual da Anped</p>	<p>a relação estabelecida entre um movimento social importante na história rio-grandense, ou seja, o movimento ferroviário, e a questão educacional, mais especificamente as iniciativas do Departamento da Educação da Cooperativa dos Ferroviários do Rio Grande do Sul, culminando com o resgate de uma de suas experiências representada pela Escola Silva Jardim, de Porto Alegre/RS. Através da recuperação da história dessa escola, procuramos evidenciar as possibilidades investigativas desse campo que denominamos história das instituições escolares.</p>	CORSETT I, Berenice

	UF Pelotas	<p><i>Estado, Igreja e Educação – Urbi et Orbe</i></p> <p>28ª Reunião Anual da ANPed</p>	<p>Este trabalho investigou, dentro do processo de “romanização” da Igreja, o papel atribuído ao aparelho ideológico escolar. O período em análise (1830-1935) caracteriza-se, justamente, pela consolidação da hegemonia ultramontana. Em suma, perceber a vinculação e a pretensa ubiquidade do aparelho soteriológico e a instituição escolar na reconstrução da hierocracia católica.</p>	TAMBAR A, Elomar
FAE/UFM G/CNPq	<p><i>A tradição e a modernidade: a igreja católica e a articulação de um novo espaço para as mulheres 1930/1935.</i></p> <p>37ª Reunião Nacional da ANPED</p>	<p>Analisa as estratégias de atuação estabelecidas pela Igreja Católica com o objetivo de estimular a inserção da mulher no espaço público e sua intervenção</p>	<p>Adriana Duarte Leon Luciano Mendes de Faria Filho</p>	FAE/UFM G/CNPq

		no debate educacional, na primeira metade de 1930.		
18 de junho de 2019	<p>Universidade Federal de Juiz de Fora</p> <p>Publicado na Revista Docência do Ensino Superior Vol.09/2019</p>	<p><i>As pesquisas sobre formação de professores nas reuniões nacionais da ANPed, que espaço há para a avaliação?</i></p>	<p>Uma pesquisa tendo como objeto de análise os textos de pesquisas publicadas no GT08 – Formação de Professores nas Reuniões Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação no período de 2005 a 2015. A pesquisa mostrou que nenhum dos 335 textos apresentados nas dez edições mapeadas discutiu a avaliação educacional no contexto da formação de professores.</p>	<p>OLIVEIRA, Helena Rivelli de</p> <p>JESUS, Diovana Paula de</p> <p>BORGES, Eliane Medeiros</p>
2019	<p>Revista Docência do Ensino Superior Vol.09/2019</p>	<p><i>Memórias da construção e da reconstrução da</i></p>	<p>Contextualizar o lugar de docência desde a sua formação familiar até a</p>	<p>Ana Carolina Peixoto Medeiros – UFPernambuco</p>

	DOI: https://doi.org/10.35699/22375864.2019.2544	<i>profissionalização docente: minha experiência na disciplina de saberes e profissionalidade.</i>	atuação profissional foi o objetivo desse relato de experiência. Sou uma professora de Administração o que fui surpreendida por provocações sobre o plano ofício versus profissão versus vocação no exercício da minha formação.	
2016	Revista Docência do Ensino Superior , v. 6, n. 1, p. 245-264, 23 maio 2016.	<i>Depoimentos os de grandes mestres que fazem parte da História da UFMG</i>	Neste artigo, apresentamos os depoimentos de cinco professores aposentados pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Todos eles declararam que o trabalho docente passou a ocupar parte significativa de suas vidas. Destacaram a necessidade de ampliação da discussão sobre a questão da docência como um todo	COELHO, Maria de Lourdes

			e dos programas de formação de professores universitários.	
2014	Revista Brasileira de Educação v. 19 n. 59 out. – dez. / 2014	A <i>construção social e histórica da profissão docente uma síntese necessária.</i>	O estudo apresenta uma síntese da produção teórica que aborda o processo de construção social e histórica da profissão docente em circulação nos últimos trinta anos. Prioriza as publicações de pesquisas realizadas fora do Brasil, principalmente as de língua inglesa e francesa, mas que circularam entre nós com tradução para o português do Brasil ou de Portugal. Inclui também publicações em língua espanhola, bem como aquelas entre pesquisadores brasileiros e portugueses.	XAVIER, Libânia Nacif UFRJ - Rio de Janeiro, RJ, Brasil

APÊNDICE II - ENTREVISTADOS

Data e local do depoimento	Nomes	Identificação dos depoentes
17 e 25 de fevereiro de 2005, em Uberaba.	Irmã Virginita do Rosário OP – Ivone Camargos Rocha: nome civil	Profissão: Religiosa Dominicana – Professora universitária Idade: 89 anos. Estado civil: solteira. Local de atuação: CNSD e FISTA Função: 1ª diretora da FISTA e professora Formação acadêmica: Pedagogia e Especialização em Psicologia na Universidade Santa Úrsula do Rio de Janeiro, Formação Religiosa e Formação de Grupos, em Paris, França na Província de Monteils. Início da atividade docente: 1935 Religião: Católica Escola de origem: Colégio Nossa Senhora das Dores Observação: Faleceu em 2009.
17 de abril de 2005, em Uberaba, MG.	Padre Thomaz de Aquino Prata	Profissão: Padre e Professor. Data de nascimento: 22/12/1922 Falecimento: 2019 Atividades desenvolvidas: Professor de Filosofia, Capelão do Colégio São Paulo de Belo Horizonte, Assistente Eclesiástico da Juventude Universitária Católica. 1950 a 1951- Diretor do Colégio Cristo Rei de Uberlândia 1952- Professor no Seminário e na FISTA até 1955 1956 e 1957 – Extensão Universitária em Ciências Sociais, nos Estados Unidos, e pároco na Paróquia de Santa Mônica, na Philadelphia 1957 a 1975 – Professor na FISTA e na Faculdade de Filosofia de Uberlândia- Sociologia Geral, Sociologia da Educação, História da Educação e Religião Comparada

		1958 a 1960- Capelão no Colégio Marista Diocesano Pároco da Catedral de 1987 a 1989 e responsável pela Capela de São José, no bairro Tutunas durante 20 anos.
21 de abril de 2005, em Uberlândia, MG.	Evandro da Silva Martins	Profissão: Professor universitário. Idade: 52 anos Estado civil: casado Local de atuação: Universidade Federal de Uberlândia Função: Coordenador do Mestrado em Linguística Formação acadêmica: Letras na FISTA Doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1995)
13 de fevereiro de 2006, em Uberaba, MG.	<i>Irmã Loreto OP Ruth Gebrim: nome civil</i>	Profissão: Religiosa Dominicana – Professora universitária • Data de nascimento: 11 de fevereiro de 1918 • Falecimento: 25 de junho de 2015 • Naturalidade: Formosa • Local de atuação: CNSD, FISTA (professora e diretora) Faculdade de Ciências Econômicas do Triângulo Mineiro (professora e diretora) e UNIUBE (docente) • Função: 1ª professora da FISTA de Geografia • Formação acadêmica: Geografia, História e Teologia Especialização em Geologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Doutorado na Universidade de Sorbonne, na França • Início da atividade docente: 1936 – Disciplinas: Matemática, Português, Piano e Canto • Religião: Católica • Escola de Origem: Colégio São José – Formosa- Goiás
		• Profissão: Professora universitária • Data de nascimento: 29/11/1942 Estado civil: viúva. • Formação acadêmica: Pedagogia - Administração Escolar na FISTA.

26 de março de 2006, em Goiânia	<i>Maria Terezinha de Sousa Pádua</i>	<p>Orientação Educacional e Supervisão Escolar na Universidade Católica de Goiás; Especialização em Metodologia do Ensino Superior e especialização em Educação Brasileira na Universidade Federal de Goiás. (1972) Mestrado em Educação Brasileira na Universidade de Brasília na linha de Currículos e Programas. Mestrado em Psicopedagogia em São Paulo e Psicopedagogia avançada na Argentina (durante 04 anos)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atuação atual: Assessora da Pró-reitora da Universidade Católica de Goiás (UCG); professora de Metodologia do Ensino Superior, no curso de Gestão do Comando da Segurança Pública; Professora de Psicopedagogia na UCG; Docência Universitária em Rubiataba e na Universidade Federal de Goiás
30 de maio de 2006, em Campinas, São Paulo.	<i>Eduardo Roberto Junqueira Guimarães</i>	<p>Profissão: Professor universitário</p> <ul style="list-style-type: none"> • Data de nascimento: 06 de maio de 1948 • Estado civil: solteiro. • Escola de origem Colégio Estadual Marechal Humberto Castelo Branco • Local de atuação: FISTA, USP e UNICAMP • Função: Professor, Diretor de Departamento, Idealizador e Coordenador da Revista Série Estudos • Formação acadêmica: Letras – Francês • Início da atividade docente: 1968 • Religião: Católica • Função atual: Assessor e membro da Reitoria da Universidade de Campinas – UNICAMP- para Assuntos Culturais
15 de abril de 2006, em Goiânia, Goiás	<i>Luiz Alberto de Miranda</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Profissão: Professor universitário • Data de nascimento: 28 de outubro de 1940 • Naturalidade: Uberaba • Estado civil: solteiro.

		<ul style="list-style-type: none"> • Escola de origem: Colégio Marista Diocesano • Local de atuação: Professor no Departamento de Letras Anglo-Germânicas da Universidade Federal de Goiás; Professor de Literatura Americana, Literatura Inglesa e Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia Santo Tomás de Aquino de Uberaba. • Início da atividade docente: 1963 • Religião: Católica • Função atual: Aposentado na UFG - Universidade Federal de Goiás; Articulador de Festivais de Cinema e Arte.
16 de abril de 2016, em Goiânia, Goiás.	<i>Irmã Laura Chaer</i>	<p>Profissão: Religiosa dominicana e Professora universitária</p> <ul style="list-style-type: none"> • Naturalidade: Araxá • Filiação: Rosa Chaer e Zeferino J. Chaer • Escola de origem: Colégio São Domingos de Araxá • Local de atuação: FISTA e Universidade Católica de Goiás • Função: Professora e Diretora de Departamento • Formação acadêmica: Letras
25 de março de 2006, em Brasília, Distrito Federal.	<i>Célia Laís Tahan Bittencourt</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Profissão: Professora universitária • Naturalidade: Uberaba • Estado civil: solteira. • Escola de origem: Colégio Nossa Senhora das Dores • Formação Acadêmica: História – Na FISTA • Atuação: Coordenadora de História do Centro Universitário de Brasília – UNICEUB; - Assessora de Ensino de Graduação; -Professora de História Moderna e Contemporânea da Faculdade de Filosofia Santo Tomás de Aquino; Professora no Colégio Nossa Senhora das Dores.

23 de agosto de 2005, em Uberaba	<i>Vânia Resende Maria</i>	Doutora em Letras (Est. Comp. de Liter. de Língua Portuguesa), pela Universidade de São Paulo (2004). Graduada em Letras, Português e Inglês, pelas Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino (1974). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Infantil e Juvenil, atuando principalmente nos seguintes temas: formação docente, literatura brasileira e leitura.
14 de julho de 2005 – Uberaba	<i>Elsie Barbosa</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Profissão: Professora universitária • Data de nascimento: 13 de maio • Naturalidade: Uberaba • Local de atuação: CNSD, FISTA (professora e diretora). • Formação acadêmica: Pedagogia • Função atual: Vice-Reitora da Universidade de Uberaba-UNIUBE • Escola de Origem: Colégio Nossa Senhora das Dores
16 de maio de 2006, em Uberaba	<i>Zilma Burgiatto de Faria</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Profissão: Pedagoga e Professora universitária • Naturalidade: Uberaba • Estado civil: casada • Escola de origem: Escola Normal • Local de atuação: Colégio Nossa Senhora das Dores, FISTA, FIUBE, Vale fértil, SESI, Secretária Municipal de Educação de Uberaba (02 mandatos), Secretária Municipal de Ação Social de Uberaba, UNIUBE, • Início da atividade docente: 1957 Secretária de Educação do Município de Delta – MG.
30 de maio de 2006, em São Paulo, SP.	<i>Elisa Angotti Kossovitch</i>	<p>Profissão: Professora universitária</p> <ul style="list-style-type: none"> • Naturalidade: Uberaba • Estado civil: casada. • Escola de origem: Colégio Sion • Local de atuação: USP, Faculdade Medianeira, UNICAMP • Início da atividade docente: 1965 • Função atual: Professora universitária da UNICAMP e

		coordenadora do grupo de estudos e pesquisas em Educação e Diferenciação Sociocultural.
O1 de maio de 2006, em Uberaba, MG.	<i>Maria de Lourdes de Melo Prais</i>	Profissão: Professora universitária Naturalidade: Uberaba Estado Civil: solteira Escola de origem: Colégio Nossa Senhora das Dores Formação acadêmica: Doutora em Filosofia e História da Educação Local de atuação: Colégio Nossa Senhora das Dores, FISTA, UFU, Faculdade de Talentos Humanos de Uberaba, Instituto Paulo Freire; Secretária de Educação por dois mandatos, Prais & Prais Consultoria Educacional Ltda. Função atual: Assessora Pedagógica e Consultora Educacional.
17 de maio de Vulturejo, República Dominicana, em carta endereçada a pesquisadora.	<i>Glycia Maria Barbosa da Silva</i>	Profissão: Religiosa Nome de freira: Madre Alexandra Naturalidade: Uberaba Escola de Origem: Colégio Nossa Senhora das Dores Formação Acadêmica: Pedagogia e mestrado na Universidade Santa Úrsula no Rio de Janeiro; Professora na FAFI por 10 anos, (1956-1966) Diretora da FISTA de 1967 a 1977) Atuo na década de 80 e 90 nas inserções populares em Mato Grosso, Tocantins, Haiti e República Dominicana até 2015. Atualmente, coordena o Centro de Estudos Santo Tomás de Aquino (CETA), faz parte do Conselho Provincial e coordena o Projeto “Invisíveis” desenvolvido com os catadores de lixo da cidade de Uberaba.
14 de julho de 2018, na cidade do Rio	<i>Zélia Maria Assunção Theodoro</i>	Profissão: Professora universitária Nome de religiosa na década de 60: Irmã Nely Saída do convento: 1970

de Janeiro, RJ.		Escola de origem: Colégio Nossa Senhora das Dores Formação acadêmica: Normal, Pedagogia, Mestrado na PUC do Rio de Janeiro, diretora escolar e docente da PUC/RJ.
04 de novembro de 2019, em Uberaba, MG.	<i>Paulita Vasconcelos</i>	Profissão: Professora e assessora pedagógica Escola de origem: Colégio São Domingos de Araxá, MG Estado civil: casada Formação acadêmica: Pedagogia na FAFI em 1953, professora e diretora em Escolas Municipais de São Paulo; Atuou na Secretaria de Municipal de Educação de São Paulo (Secção de Concurso para remoção de professores secundários, Presidente do Setor de Bolsas de Estudos, Serviços de Registros de Diplomas, Supervisora de Ensino nas Delegacias de Ensino do Estado de São Paulo (1961).

ANEXO I – RELAÇÃO DOS DOCUMENTOS OFICIAIS, COMEMORATIVOS, PERIÓDICOS E IMPRENSA

I - DOCUMENTOS OFICIAIS

1. Atos do Quinto Capítulo Provincial – Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils. Província de São Paulo. Uberaba 10 a 13 de julho de 1978
2. BERNARDOT, Marie Vincent R. P. **La Mère Marie Anastasie** OP. Convent des Dominicaines, Monteils (Aveyron), 1916
3. LIMA, Irmã Rose. **Estudo sobre o meio de implantação das dominicanas de Bor, no Brasil**, trabalho mimeografado, tradução de Irmã Zoé Santa Cruz Machado, Brasília, 1974.
4. LOPES, Maria Antonieta Borges, BICHUETE, Mônica M. Teixeira Vale. **Dominicanas: Cem anos de missão no Brasil**. Uberaba. Editora Vitória, 1986.
5. Kelly, Gabrielle OP., Saunder, Kevin OP. **Valores da Educação Dominicana para o uso inteligente da liberdade**. Tradutora: Sonia Midori Yamamoto. São Paulo: Edições Loyola: Editora Unesp, 2015.
6. Livro de Registros de Correspondência da FISTA Anos: 1970 a 1980
7. Álbum de recortes organizado pelas Irmãs Dominicanas (1949- 1978) - Arquivo do Colégio Nossa Senhora das Dores. Museu da Capela.
8. Álbum de fotografias e artigos impressos da FAFI/FISTA- Museu da Capela
9. Cadernos Anastasianos – IV - Irmã Nívea Padim - 2015

II – DOCUMENTOS COMEMORATIVOS

1. OLIVEIRA, Ir. Maria Georgina dos Santos; SOARES, Regina Azevedo; LEITE, Heloisa Seixas. **Dominicanas de Monteils, Província Nossa Senhora do Rosário, Jubileu de Prata – 1970-1995**. Livro Comemorativo. São Paulo, 1997.
2. **Os Dominicanos**. Primeiro Centenário da Ordem no Brasil. Província Dominicana do Brasil. São Paulo- 1981.
3. **Polyanthéa** comemorativa do 50º aniversário da Fundação Dominicana no Brasil. 1989.
4. **Revista Memórias** – Thomaz de Aquino Prata: Padre Prata”. Superintendência do Arquivo Público de Uberaba – Número 01- Ano 2015.

5. ALVES, Luís Antonio OP, SANTOS, Maria de Lourdes Leal dos (Orgs.) **Passado e Presente, A aventura da Família Dominicana em Uberaba**. 3Pinti Editora e Gráfica. Uberaba, 2017.
6. BERNADOT, Vincent. **Madre Maria Anastasie**. Jubileo 800, 1216-2016 Orden de Predicadores – 2ª edição em português, 2016.
7. NICOLAU, Rita Maria e CAMPOS, Maria Cecília. **Cartas de Teresa de Saldanha na Primeira República; 1910- 1915**. Irmãs Dominicanas de Sena. Alètheia Editores. 2006.

III- PERIÓDICOS: JORNAIS E REVISTAS

1. “*Série Estudos*”- 11 volumes – 1972 a 1986
2. Informação – Centro de Estudos Portugueses – 2 – FAFI. Uberaba, 1972.
3. Dominicanas: 100 anos no Brasil – 1885-1985- 15 de junho de 1985. Uberaba- Minas Gerais. 08 páginas
4. O Coruja - jornal do Centro Acadêmico Dom Alexandre Gonçalves do Amaral
5. “**Brasil Urgente**”. – São Paulo
6. Jornal da Manhã
7. Correio Católico
8. Lavoura e Comércio

ANEXO III - RELAÇÃO DAS OBRAS SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE - ENSINO SUPERIOR

- 1- ABE- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. **O Problema Universitário Brasileiro**. Rio de Janeiro: A Encadernadora S. A., 1929.
- 2- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Formação de professores no Brasil (1990-1998)** – Série: Estado do Conhecimento, n. 6; Brasília - MEC/Inep/Comped, 2002
https://www.faecpr.edu.br/site/documentos/serie_estado_conhecimento2.pdf
Acesso em 10 de junho de 2019.
- 3- ALVARADO PRADA, L. E. **Pesquisa Coletiva na Formação de Professores**. In: Revista de Educação Pública. Vol. 15, Nº 28, Cuiabá 2006.
- 4- CATANI, Afrânio Mendes. **Origem e destino: pensando a sociologia reflexiva de Bourdieu**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.
- 5- CATANI, Denice Barbara. **Educadores à meia luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.
- 6- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Vol. 1 Petrópolis, Vozes, 1994.
- 7- _____. A operação historiográfica. In: _____. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 65-119.
- 8- _____. A cultura e a escola. In: _____. **A Cultura no Plural**. 3ª. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003, p. 123-144.
- 9- _____. Ler: uma operação de caça. In. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**, p. 259-276.
- 10- CHARTIER, Anne-Marie, HÉBRARD, Jean. **A invenção do cotidiano: uma leitura, usos**. São Paulo, Projeto História, n. 17, nov. 1998, p. 29-41.
- 11- CHARTIER, Roger. Micro-história e globalidade. In: _____. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, 53-57.
- 12- _____. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988. 244 p. (Col. "Memória e Sociedade", coord. p/Francisco Belhencourt e Diogo Ramada Curto, v. 1

- 13- CHARLE, Christophe. **Intelectuais**. In: CATANI, Afrânio Mendes ...[et al.]. (Orgs.) **Vocabulário Bourdieu**. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- 14- _____. História. In: CATANI, Afrânio Mendes ...[et al.]. (Orgs.) **Vocabulário Bourdieu**. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- 15- COELHO, M. DE L. **Depoimentos de grandes mestres que fazem parte da história da UFMG**. Revista Docência do Ensino Superior, v. 6, n. 1, p. 245-264, 2016. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/2113>
Acesso em 21 de agosto de 2019
- 16- KUHLMANN, Jr. Moysés. **As Grandes Festas Didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922)**. São Paulo, 1996. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
_____ A circulação das ideias sobre a educação das crianças: Brasil, início do século XX. In: FREITAS, M. C., KUHLMANN JR., M. (orgs.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002, p.459-503.
_____ **Raízes da Historiografia Educacional Brasileira (1881-1922)**. Cadernos de Pesquisa, nº 106, p.159-171, março /1999.
- 17- SAPIRO, Gisèle. Bens Simbólicos. In: CATANI, Afrânio Mendes ...[et al.]. (Orgs.) **Vocabulário Bourdieu**. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p.57, 2017
- 18- SERTILLANGES, Antonin Dalmace. **A Vida Intelectual, seu espírito, suas condições, seus métodos**. Filosofia. 1ª Edição. Editora É Realizações, 2015. <https://portalconservador.com/livros/A.D.Sertillanges-A-vida-intelectual.pdf>
Acesso 15/10/2019
- 19- FÁVERO, Maria de Lurdes de A. (2000a): **Universidade do Brasil: das origens à construção**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Inep. v.1.
- 20- _____. (org.): **Universidade do Brasil: guia dos dispositivos legais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Inep. v.2. 2000.
- 21- _____. (coord.): **Faculdade Nacional de Filosofia: projeto ou trama universitária?** (1). Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1989.

- 22- MENON, Mariana Bernardo. **História da disciplina acadêmica Geografia em Uberaba (MG); a contribuição do relato oral da professora pioneira na formação de professores de Geografia na região do Triângulo Mineiro**, (artigo), Boletim Campineiro de Geografia, v.4,n.3, 2014.
- 23- MACHADO, Mônica Sampaio. **Uma contribuição à história institucional da geografia carioca**. In: Primeiro Simpósio de História do Pensamento Geográfico. UNESP/Rio Claro. 1999, p.147-151.
- 24- FERNANDES, Ana Lucia C. **A santa causa da instrução e o progredimento da humanidade: revistas pedagógicas e construção do conhecimento pedagógico no Brasil e em Portugal no final do século 19**. Rio de Janeiro: PUCRJ, 2004. 220f. Tese (doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. >. Disponível em
- 25- <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1476> Acesso em 13/09/2019.
- 26- FERREIRA, Taísa, **Expansão para o interior - Governo inicia processo de descentralização do ensino superior**, Revista Desafios do desenvolvimento, IPEA, 2010 . Ano 7. Edição 58 - 26/02/2010 <http://www.ipea.gov.br/desafios/> Acesso em 22/08/2019
- 27- FERREIRA, Wanderson Raposo. **Juvenal Arduini: Trajetórias do Intelectual da Educação em Uberaba-MG**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia. 2015.
- 28- NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Espaço Social**. In: CATANI, Afrânio Mendes ...[et al.]. (Orgs.) Vocabulário Bourdieu. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- 29- NÓVOA, Antonio. Modelos de análise em educação comparada: campo e o mapa. In: SOUZA, D.B. de & MARTINEZ, S.A. (ORG) **Educação comparada. Rotas do Além-mar**. São Paulo: Xamã, 2009, p.23-63.
- 30- NÓVOA, Antonio. **Inovações e História da Educação. Teoria e Educação**. Nº 6, 1992, p.221.
- 31- _____ **Profissão Professor**. 2ª Ed. Porto Editora, 1995.
- 32- _____ **Formação de Professores e Profissão Docente**. Universidade de Lisboa. 1991. <https://core.ac.uk/download/pdf/12424596.pdf> > Acesso em 15/08/2019
- 33- _____ **Vidas de Professores**. Porto: Porto Ed., 1992.

- 34- ANPED. **Anais ANPED** 26, 27, 28, 29, 30 Reuniões anuais. 2003-2007
- 35- LIMONGI, Fernando Papaterra. “**Marxismo, Nacionalismo e Cultura: Caio Prado Júnior e a Revista Brasiliense**”. Projeto em andamento- História das Ciências Sociais no Brasil, FINEP.
- 36- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.2. n.3, 1989, p.3-15.
- 37- RAFFAINI, P. T. **Museu Contemporâneo e os Gabinetes de Curiosidades**. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 3: p. 159-164, 1993.

ANEXO IV - LEGISLAÇÃO

I- REFERENTE AO ENSINO SUPERIOR

- 1- **BRASIL**. Decreto n. 21.241 – de 04 de abril de 1932. Consolida as disposições sobre a organização do ensino secundário e dá outras providências. Senado Federal.
- 2- _____. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.

II- LEGISLAÇÃO ESPECÍFICA DAS ESCOLAS RELIGIOSAS

- 1- 1-CONCILIO VATICANO II. *Gravissimum Educationis*. **Sobre a Educação Cristã**. Roma, 1965. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/va_at-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html > Acesso 15 jul. 2019.
- 2- CONCLUSÕES da Conferência de Medellín- 1968 - Texto Oficial. **Trinta anos depois Medellín é ainda atual?** São Paulo. Paulinas, 1998.

ANEXO V

Discurso proferido por Paulita Vasconcelos no dia de formatura – 1953- 1ª turma

1
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino
Uberaba — Minas

Revmo Sr. Cônego Juvenal Arduini, nosso mui digno Paraninfo,
Revda. Madre Maria do Divino Coração, mui digna representante de
nossa Revda. Madre Diretora,
Roda de M. Virgínia do Rosario dd. via - diretora da Faculd.
Exmo Sr. Dr. Jorge Frange, nosso digno Fiscal Federal,
Dignas Autoridades Religiosas, Civis e Militares,
Dignos Membros componentes da Mesa,
Distinta Assembléia.

Todo trabalho produz frutos, cuja qualidade
está subordinada à natureza de sua causa.

Durante quatro anos, trabalhamos àrduamente no campo intelectual,
trocando idéias, adquirindo noções e princípios, retificando conceitos,
enfim, lançando em atividade tôdas as potências de nossa alma.

À sombra da dedicação constante de nossos mestres, seguimos o trilho
que nos foi apontado e a semente do saber, lançada em terreno sequioso
de produzir, brotou. Brotou vigorosa, livre de ervas daninhas (o zêlo
dos mestres impediram-nas) e agora, decorridos os anos e em tempo propí-
cio à colheita, eis-nos de posse de seus primeiros frutos!

Término de curso! Início de nova vida! Ainda que nos pareça inveros-
símil ou paradoxal, é amanhã que verdadeiramente começaremos o nosso cur-
so, pondo em prática todo o cabedal que a vida universitária nos legou.
Grande e trabalhosa é a nossa missão! Ao universitário cabe, no meio am-
biente social, um papel de muita responsabilidade. Nada se divulga com maio-
rapidez do que aquilo que pertence ao campo das idéias. Quem responderá
pela propagação das inúmeras ideologias malsãs?!... A quem caberá tirar de
doutrinas ambíguas, requintadas de ornato, a verdade pura, única realida-
de capaz de elevar e enobrecer o homem?!... Quem deverá manter a legítima
hierarquia de valores naturais e sobrenaturais, atualmente tão desfigura-
da pelo homem que coloca o seu fim na relatividade da matéria?!...
A quem competirá salvaguardar a verdadeira formação humana que, confundida
com o verniz frágil das aparências exteriores, tende a deformar caracte-
res ao invés de dirigir o aperfeiçoamento da personalidade?

Tôdas estas interrogações - e muitas outras poderiam
ser feitas neste sentido - têm uma única resposta: De direito, é o univer-
sitário o responsável. É ele a causa principal da questão em foco.

Filosofia, direito, medicina, odontologia, engenharia, pouco importa
o ramo seguido pelo homem, a sua responsabilidade estará sempre de pé
dentro do seu setor, fora dêle também, porque a ação humana tem uma reper-

cursão considerável, repercursão esta infelizmente pouco avaliada. Tal responsabilidade cresce na medida dos nossos conhecimentos. Não queremos chegar ao extremo de exigir que o universitário resolva todos os problemas do mundo, mas, que, resolvendo os de seu âmbito, os resolva bem, dentro de princípios honestos ditados pela reta razão e aclarados pela fé.

O mundo a ser enfrentado por nós é diverso daquele que se nos deparou ao concluirmos o ginásio ou ao recebermos o sonhado diploma de normalista. Nuvens doiradas, castelos multicores dentro de uma realidade por vezes pouco definida, era a única paisagem que se desenrolava ante nossa vida até então encerrada no âmbito exíguo de uma comunidade escolar.

Nossa visão de agora é outra. Não por sabermos que dias sombrios nos esperam pela vida afora; não por julgarem alguns que o nosso otimismo sadio foi corrompido pelo pessimismo que derrota e aniquila o ser humano. Isto jamais poderia acontecer. O que se verifica, em verdade, é que passamos da ilusão de ontem para a realidade por vezes chocante de hoje. Um novo horizonte surgiu despido de artifícios, ^{porque} e nele descobrimos a Verdade, antes empanada por sofismas venenosos que nosso espírito aceitava, incapaz como era de reagir.

Esta nova visão, mais ampla, menos subjetiva, mais real, confere-nos a grande responsabilidade a que há pouco fizemos alusão. O mundo moderno caminha, ou melhor, vôa. As maravilhas das ciências, surpreendem-nos. Que o espírito do homem moderno caminhe com igual fervor nas estradas do Bem. Há muita coisa a ser feita, muitos princípios são a serem observados. E, na ordem social, o princípio mais negligenciado e mais conculcado pelos homens de hoje é, sem dúvida, o da solidariedade humana universal, com tanta insistência defendido pelo Santo Padre Pio XII.

Negada tal solidariedade, já não há mais base sólida para a paz social. Cada homem e cada nação terá por única e exclusiva norma o seu interesse imediato. Pouco lhe importam as necessidades alheias. Dentro desta concepção, vemos além, povos que se batem numa ânsia de destruição, querendo substituir o direito pela força, a razão pelas armas. Adiante, é a sociedade que se degrada sob a mais refinada camuflagem e dentro de uma doutrina subversiva que dá primazia à existência material, comete as maiores loucuras, nada ficando a dever aos festins de Baco. Aqui é o homem que, indiferente ao desejo do infinito próprio à sua natureza, que, zombando da crença de seus familiares e calcando aos pés a sua consciência, não mais homem mas pseudo-homem, vive para a vida dos sentidos e é causa principal dos males reinantes na sociedade e no mundo.

... E o orbe continua sua caminhada a passos de gigante rumo ao abismo que o espera por certo.

É preciso que voluntários se levantem em meio à tormenta para preservar o mundo de uma ruína iminente. Esta destruição moral é mil vezes mais calamitosa que a desintegração da matéria. É da juventude estudantil, é da mocidade acadêmica que se espera o movimento de reorganização da sociedade. Não foi, compreendendo este problema, que nossos pais nos enviaram às escolas? Só Deus sabe e poderá recompensá-los pelos inumeráveis sacrifícios feitos por nós. Não podemos decepcioná-los, nem a nossos mestres, nem àqueles que de nós esperam muita coisa. Como filhos, lutemos pela causa de nossos pais, pelo nosso lar; como universitários, usemos dos direitos que nós foram conferidos e realizemos uma reforma de estruturas no meio ambiente em que vivemos; como homens, cidadãos de uma pátria livre, façamos prevalecer em nossas ações aquilo que nos caracteriza e especifica: a racionalidade.

Isto de maneira por demais sucinta, é a missão de qualquer acadêmico que, realmente, tem espírito universitário. Mas a esta plêiade de jovens que hoje aqui se encontra, uma outra tarefa lhe pesa sobre os ombros: somos universitários, mas, sobretudo, somos universitários CATÓLICOS. Debaxo deste título que tanto nos honra, o aspecto sobrenatural de nossa missão aparece em todo o seu vigor, com toda a sua pujança, timbrando as nossas ações com o sinete da cruz, carimbo único que confere entrada nos céus e marca a posse da verdade eterna.

Neste prisma, a pessoa humana significa o domínio da racionalidade e não da sensibilidade; significa o domínio da moralidade, da honestidade e não do utilitarismo, da ambição. Fora desta dignidade, só pode haver o degradante entrechoque das paixões onde mais goza quem for mais avançado na malícia. Acima dos caprichos e dos interesses mesquinhos do homem que transtornam a sociedade, há uma lei moral, soberana e universal, porque esta gravada na própria natureza humana. Quer queira, quer não, ante ela os homens se hão de curvar, agora ou na eternidade. Quem não quiser aceitar seu jugo no tempo, aceitá-lo-á fora do tempo; então, porém, não mais poderá corrigir a sua conduta, pois cada um colhe daquilo mesmo que semeou. (Gal. VI, 8)

Há dois grandes males para o homem: um, é viver de modo inferior ao humano; outro, é viver de modo apenas humano. Se o primeiro é um estado de degradação, o segundo é de estagnação. Por si o homem não pode transpor o humano e atingir uma dignidade superior que lhe é natural. Só pela graça de Deus ele conseguirá isto. Como cristãos, amantes portanto do ideal de santidade, o grande alvo que devemos ter em mira

5
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino
Uberaba — Minas

Fôrça para abraçarmos a cruz, e, firmados nela, darmos testemunho de tôdas as verdades cristãs. Que a Trindade nos conceda o dom do TEMOR DE DEUS para que reconheçamos em todos os tempos, sejam quais forem os revezes da vida, a infinita majestade de Deus.

Aos queridos pais e mestres, participantes da autoridade divina, nosso reconhecimento sincero, transbordante de afeição filial e perene gratidão. *O caríssimo padrinho, pai na ordem do espírito, nossos agradecimentos*

Nossa última palavra é dirigida à VIRGEM MARIA. A Ela, mãe solícita que sempre nos preservou das ciladas do mundo, guiando-nos por caminhos seguros, dirigimos nosso Magnificat entoadado com toda alma e coração. Seja-nos concedido, por seu intermédio, a graça de sermos apóstolas fiéis, portadoras do amor, garantas da verdade que conduz os cidadãos terrestres à pátria dos bem - aventurados!...

Finis

ANEXO VI

Diplomas dos cursos de Irmã Maria Georgina: May dos Santos Oliveira

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE LETRAS / CURSOS DE FÉRIAS

DIPLOMA

A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra atesta que May dos Santos Oliveira, de nacionalidade brasileira, inscrito no Curso Superior de Língua Portuguesa, em 1965, prestou as respectivas provas de exame, sendo aprovado com a classificação final de Sezassete (17) valores, em testemunho do que lhe é conferido o presente Diploma da sua aptidão para ensinar a Língua Portuguesa.

Coimbra, aos 19 dias de Agosto de 1965.

Bom, com distinção.

O Director da Faculdade de Letras

Manoel José de Faria

O Secretário dos Cursos de Férias

Alfredo Fernandes Martins

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
FACULDADE DE JORNALISMO "CÁSPER LÍBERO"
(CURSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA)

CERTIFICADO

May dos Santos Oliveira frequentou regularmente o Curso de Rádio, Televisão e Redação, organizado pela "Conferência dos Religiosos do Brasil", sob o patrocínio da Faculdade de Jornalismo "Cáspere Líbero" - da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, realizado nesta Faculdade, no período de 14 a 28 de Janeiro de 1964.

São Paulo, 28 de Janeiro de 1964.

20.º TAB.

Paulo Henrique

Director da Faculdade

20.º TAB.

Versalini

Secretário da Faculdade

Presidente da C. R. B.

F. Paulo

Director do Departamento de Imprensa da C. R. B.

FACULDADE DE FILOSOFIA SANTO TOMAS DE AQUINO - UBERABA - M. G.

=: ATTESTATION :=

Nous certifions que le professeur May dos Santos Oliveira
a suivi activement le programme de la JOURNÉE PÉDAGOGIQUE
SUR LANGUE ET LITTÉRATURE FRANÇAISES à la Faculté de Philosophie, Sciences et Lettres Saint
Thomas D'Aquin D'Uberaba, les 23, 24, 25 et 26 septembre 1968, avec le Concours du Service Culturel
de L'Ambassade de France au Brésil.

Uberaba, le 26 septembre 1968

G. M. Barbosa da Silva
MÈRE GARCIA M. BARBOSA DA SILVA
DIRECTRICE

Boely Gérard
M. GÉRARD BOELY
PROFESSEUR DÉTACHÉ A L'U.F.M.G.

M. André Souvestre
M. ANDRÉ SOUVESTRE
CHARGÉ DES QUESTIONS PÉDAGOGIQUES
SERVICE CULTUREL A. DE FRANCE

Centro de Estudos Portuguêses

— D A —

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS SANTO TOMÁS DE AQUINO
UBERABA ——— MINAS

Conferimos este diploma a May dos Santos Oliveira por ter frequentado o curso de Poesia Portuguesa Contemporânea
ministrado nesta Faculdade, no período de 7 a 8 de Outubro
de 1966, pelo professor Hernando Mendonça

Hernando Mendonça
PROFESSOR

U. Oliveira
DIRETORA DA F. A. F. L.

NOME DO ALUNO

May dos Santos Oliveira
PRESIDENTE DO C. E. P.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
«SANTO TOMÁS DE AQUINO»

UBERABA — M. G.

CURSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

ATESTAMOS que MAY DOS SANTOS OLIVEIRA
seguir o CURSO de PSICOLOGIA DA AUTENTICIDADE EXISTENCIAL
ministrado nesta Faculdade, no período de 20 a 24 de outubro
de 19 70, pelo professor Pe. JOÃO MOHANA

Professor

Aluno

Diretora da FAFI

FACULTÉ DE PHILOSOPHIE SCIENCES ET LETTRES SAINT THOMAS D'AQUIN
UBERABA — M. G.

CERTIFICAT D'ETUDES

May dos Santos Oliveira, professeur de français, a suivi
avec succès les JOURNÉES PÉDAGOGIQUES sur LANGUE ET LITTÉRATURE
FRANÇAISES, tenues les 2, 3, 4 octobre 1969 à cette faculté, avec le Concours
du Service Culturel de l'Ambassade de France au Brésil.

Uberaba, le 4 octobre 1969

MÈRE GLYCIA M. B. SILVA
Directrice

M. GÉRARD BOÉLY
Professeur détaché à l'U. F. M. G.

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro

O presente diploma certifica que o Sr. Jeremá Maria
Georgina cursou regularmente as
aulas do Curso de Extensão Universitária sobre Jornalismo
ministrado pelos Professores do Curso de Jornalismo

Rio de Janeiro, 18 de julho de 1958.

Frei Gregório, O.F.M.

J. A. Alonso y

Reitor
Walter Ramos Pizarro
Diretor do Curso de Jornalismo

Ic. Georgina e alunos da Fista

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
SERVIÇO INTERNACIONAL
CARTÃO DE BOLSEIRO

A Fundação Calouste Gulbenkian declara
 ter atribuído uma bolsa de estudo ao Ex.^{ma}
 Senhora Dr^a. D. May dos Santos Oliveira (Irmã
Maria Georgina)

para estudo da organização e funcionamento
das Faculdades de Letras em Portugal

em Portugal de 1 Junho de 1965
 o 30 de Novembro de 1965
 Pelo ADMINISTRADOR
G. de Aguiar

Coimbra